N

Malheiro Dias

CARLOS MALHEIRO DIAS

Cartas de Lisboa

TERCEIRA SERIE

(1905 - 1906)

LISBOA
Livraria Classica Editora de A. M. TEIXEIRA & C.^TA
20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

1907

CARTAS DE LISBOA

OBRAS

DE

CARLOS MALHEIRO DIAS

Filho das Hervas, romance, 5.º milhar . . .	800	réis
Telles d'Albergaria, romance, 2.º milhar . . .	800	»
Paixão de Maria do Céo, romance, 2.º milhar .	800	»
O Grande Cagliostro, romance, 2.º milhar . .	800	»
Amor de Mulher, romance, no prélo	800	»
Cartas de Lisboa, 1.ª serie	600	»
" " 2.ª serie	600	»
" " 3.ª serie	600	»

THEATRO

Corações de Todos, peça em 5 actos, esgotada.
O Grande Cagliostro, comedia em 4 actos, no prélo.

NO PRÉLO

Paixão de Maria do Céo, edição definitiva, totalmente refundida pelo auctor.

CARTAS DE LISBOA

(1905)

1 de setembro

Quando, com os primeiros calores de julho, a Lisboa elegante abandona a cidade, logo a camara municipal e as companhias do gaz, dos americanos e das aguas principiam uma methodica destruição das ruas e das praças, que todos os annos se renova, como um dever inherente á edilidade.

Durante o verão, Lisboa concerta-se para reapparecer remoçada de inverno. O verão é o seu quarto de *toilette*. N'estes mezes de calor e de poeira, quando os inimigos infinitamente pequenos do homem mais o ameaçam e o envolvem em nuvens traiçoeiras, que as ventanias do norte constantemente conservam em suspensão, a cidade despe-se, procede ás suas abluções mais secretas, limpa á luz do sol os seus intestinos fétidos, mostra sem pudor as suas chagas, desvenda sem escrupulo as suas arterias subter-

raneas. Póde dizer-se que, de julho a setembro, Lisboa está sob a acção de uma permanente mésinha, ou, melhor ainda, das quatro mésinhas, que as tres poderosas companhias e a camara municipal lhe manipulam annualmente. Na ausencia dos ricos, entretidos nas praias e nas thermas, a esplendida capital trata tambem de todas as suas visceras avariadas. Uma multidão de operarios occupa-se afadigadamente da sua saude abalada, como enfermeiros solicitos. Durante noventa dias, operam-a, cortam-a, retalham-a em todas as direcções, para que ella possa, em fins de outubro, receber condignamente os seus janotas, as suas lindas mulheres, as cantoras de S. Carlos, os novos tenores de S. Bento, as bailarinas do D. Amelia. Para que as parelhas de raça trotem sem fadiga pela Avenida, as prensas locomoveis alisam os novos macadames. Para que as novas avenidas appareçam illuminadas a luz electrica, desenrolam-se nas valas os cabos negros e viscosos como serpentes, que hão-de transmittir aos globos côr de leite os seus irradiamentos luminosos de astros, pelas noutes de chuva do inverno. Para que os ausentes a encontrem linda, os que não se separam d'ella vivem durante tres mezes na intimidade nauseante das suas miserias mais occultas. A cada passo é necessario parar para saltar um monte de cascalho, contornar uma funda cova. Por toda a parte se levantam os

passeios de mosaico, se abrem galerias e poços, se põem a descoberto canos de esgoto, canos de gaz, canos de agua, cabos electricos e fios telephonicos, sarjetas e syphões, bôcas de lobo e bôcas de incendio, e tudo exhalando um cheiro nauseabundo, que corrompe o ar já viciado, espalha miasmas deleterios na atmosphera, empallidece a face das creanças, opprime os pulmões da gente sã. O soar dos alviões e picaretas por toda a parte cobre o rumor habitual constituido pelo rodar dos trens e pelo canto dolente dos pregões.

Assim impudicamente desvendada, a cidade surge como um pavoroso monstro, deglutidor de energias e de vidas e invencivelmente corre-nos a espinha um arrepio ao presencear através que millenarias podridões, n'esse subsólo contaminado pela chimica de todos os detritos de vinte seculos, nos vem ter a casa a agua que bebemos, a luz que nos illumina, o calor que nos aquece! O espirito evoca as frescas e murmurantes fontes das serras, onde a agua brota, abundante e pura, para dessedentar os pastores, e invade-nos esse mesmo pasmo, mixto de agonia, de terror e de suffocação, que o *José Fernandes* d'essa sublime phantasia em que se aprouve repousar da satyra desdenhosa o espirito egregio do auctor incomparavel de *A Cidade e as Serras*, sente ao contemplar, das janelas do palacio de *Jacintho*, nos Campos

Elyseos, a babylonica confusão humana de Pariz e a vertiginosa furia destruidora com que a civilisação das cidades está exterminando a nobre especie.

Por estes dias de luz e sol, quando a natureza se encontra em perenne festa de abundancia, com as searas e as vinhas a amadurecer, é quando a cidade se mostra em toda a plenitude da sua miseria. É-lhe necessaria a chuva, são-lhe indispensaveis os ceus de chumbo, os dias curtos, as noutes interminaveis, para que ella revista o aspecto attrahente e a perfida belleza de velha cortezã, que ha mais de dous mil annos, por entre assaltos e cêrcos, terremotos e incendios, carnificinas e revoltas, enleia os homens e os devora.

Por isso tambem ha em todos os seus enclausurados a febre e o desejo latente de trahi-l'a e abandona-l'a, de lhe fugir e de esquece-l'a. Aos primeiros calores, os ricos deixam-a, os enfermos emigram e só lhe ficam fieis os que a miseria traz algemados ao seu carcere, os que o dever traz manietados á sua tarefa. Para esses, ha-de interpôr-se sempre, entre o olhar e o ceu, uma rêde de arames, o sólo ha-de ser sempre de pedra, o ar ha-de ser sempre impuro, a agua ha-de brotar sempre de torneiras e ser contada ao metro, a flôr ha-de ser sempre uma cousa que se compra, a arvore uma cousa que a camara municipal distribue e plan-

ta, as aves animaes que vivem e morrem em gaiolas. Os que n'ella nascem ficam como que eternamente divorciados da natureza, em contraste com os que n'ella apenas transitoriamente habitam e que por ella passam sem se prenderem no seu visco. Assim, a immensa colonia varina, a que Lisboa ainda não poude cortar as raizes que a prendem aos areaes reluzentes da Murtosa, ás planicies verdes e espelhantes de aguas da silenciosa ria, onde os bois pastam ao lado dos barcos que deslisam de vélas enfunadas. Com o seu pregão musical, com o peneirar agil dos quadris, com a elegancia esbelta do torso de phenicia, a varina trouxe comsigo, para Lisboa, a natureza e o paiz formosissimo do norte.

Esta semana ainda, acompanhando a procissão maritima dos cirios para a Senhora da Atalaia, ou bailando na romaria do Senhor da Serra, ella foi para o lisboeta um espectaculo de alegria e de força, de saude e de belleza. Ha muito que essas duas festas teriam decahido ou desapparecido, se essa romeira intrepida do norte lhes não tivesse trazido a animação e a fé do seu paiz natal. É ella, na travessia longa do Tejo, que enche os barcos onde se cantam as novenas. É ella, no arraial, quem bate as palmas, descalça o chinello e dansa o *vira*, com o peito coberto de corações de filigrana, um par de arrecadas nas orelhas, cordões de ouro ao pescoço, enfeitada como um idolo, emquanto a

saloiada, ao contagio da sua alegria, ensaia desgraciosamente passos ridiculos de polka. Na romaria do Senhor da Serra, só ella vai á ermida, ouvir a missa cantada e o sermão, cumprir os votos, e emquanto o operario merenda nos olivaes ou gasta a féria nas roletas do arraial, a varina arma uma dansa de roda, entôa uma cantiga e assim impede e salva a romaria de tornar-se uma outra feira de Alcantara ou Belem.

Não a corrompe nem a converte e deslumbra a cidade, que fica sendo para os seus sentidos de animal da natureza uma terra de exilio passageiro, enclausurante e feia, viciosa e maligna.

E é tudo quanto resta de genuinamente portuguez em Lisboa n'este principio de setembro: a varina esbelta e agil, que logo pela manhã acorda a freguezia somnolenta com o seu pregão sonoro de contralto.

O ultimo theatro fechou. Para distrahir o lisboeta, só o acampamento sordido dos barraqueiros de Belem, com as suas cem tavernas ao ar livre, permanece armado em frente do mosteiro dos Jeronimos.

Todas as noutes a gritaria dos politiqueiros e o vozear dos ébrios acordam os eccos da maravilhosa igreja, edificada como padrão da maior aventura que até hoje um povo praticou sobre a terra. E essa feira, entre obscena e pelintra, é a imagem fiel, em miniatura, d'esta Lisboa insipida do estio.

8 de setembro

Quiz o acaso que me encontrasse hoje no atrio do Museu Nacional de Bellas-Artes com alguns excursionistas allemães chegados pela manhã, e que preferem occupar as poucas horas da permanencia em Lisboa — o vapor partia para Cadiz ao anoutecer — n'uma visita aos quatro museus: dos coches, de artilharia, de archeologia e bellas-artes, separando-se dos companheiros de excursão, cujo programma, deploravelmente elaborado, consiste em passeios de carruagem através a cidade e uma visita a Cintra: a Cintra do Child Harold.

Eram seis, reunidos em volta de um gigante rosado e louro, de calção e blusa de *touriste*, um cravo vermelho na lapella, o monoculo entalado na orbita, que, n'um golpe de vista rapidissimo, fazia o inventario dos quadros em cada sala e sem hesitar caminhava para os melhores, não se dignando contemplar senão passageiramente os mais mediocres. Reconhecia-se logo, ao observar o prestigio exercido pelo guia sobre os companheiros, e a segurança com que ia fazendo a selecção quasi instantanea das numerosas télas, que era um espirito esclarecido e culto em cousas de arte, porventura um critico profissional, um colleccionador erudito ou um funccionario superior de academia ou de museu.

Por accionados, principiára por pedir o catalogo ao porteiro, que por accionados lhe fez comprehender a custo que ainda não tinha havido tempo, desde 1882 a 1904 — vinte e dous annos! — de elaborar tal documento. O que a estranha revelação causou de pasmo ao allemão, pude ajuiza-l'o na gravidade desdenhosa com que elle repetiu aos companheiros a noticia d'esse caso unico na Europa: um museu do Estado, um museu nacional, sem catalogo! Senti-me vexado, como imaginario cumplice do desleixo de uma academia, que apenas se torna notavel pela sua omnipotencia e pela sua inercia. Mas já o allemão, com serenidade, olhava em redor o pequeno atrio onde cabem todas as obras de esculptura do museu... O seu faiscante monoculo fita de longe, uma por uma, as estatuas, e eu quasi tenho um suspiro de consolação e de allivio ao vêl-o avançar, gravemente, para *A Viuva* de Teixeira Lopes, seguido pelo grupo de allemães, a quem elle faz notar — parece-me — o modelado magistral da figura e as linhas harmoniosas e amplas da composição.

Os allemães admiram, obedientes e silenciosos, andam em volta da estatua, escutando a prelecção do *magister*, que já se volta para o grande painel de azulejo com a vista panoramica da Lisboa antiga, examinando-o com uma attenção vivissima de agrado. Para o resto, um

volver de olhos desdenhoso, que me irrita, e logo passa á sala *Q*, onde ha duas regulares tapeçarias, nas quaes nem sequer se digna fitar o seu monoculo impertinente. E quando eu cuido que elle vai sahir, como entrou, impassivel e hirto, fico-me immovel de surpreza ao vê-l'o atravessar a sala, indicando aos amigos um soberbo tapete de Arrayolos, que pende da parede, e logo depois, de entre tudo o que enche a sala, descriminar dous bustos de Soares dos Reis, a proposito dos quaes fala acaloradamente e gesticula.

É agora a vez da sala *R* e os allemães boquiabertos rodeiam a reproducção em gêsso do maravilhoso pulpito de Santa Cruz de Coimbra, que o gigante louro parece de ha muito conhecer, talvez da obra do seu compatriota Albrecht Haupt. Ao seu olhar vigilante e perspicaz não escapam o Sileno do theatro romano de Lisboa, a estatua de mulher achada na Troia e os dous relêvos de marmore com cercadura de majolica. Mas depois do pulpito de Santa Cruz nada parece interessa-l'o devidamente alli, porque poucos minutos depois vou encontra-l'o já na sala *S*, embevecido diante das figurinhas de barro de Machado de Castro, emquanto dous dos companheiros passam methodicamente em revista a pequena collecção de armas e objectos archeologicos.

Como eu saiba que nada os deterá na esca-

daria, além das duas famosas metopes de Herculos Melampylos, resolvo ir esperar para a sala *A*, a dos pintores portuguezes contemporaneos, na natural impaciencia de assistir ao julgamento dos nossos artistas modernos pelo terrivel excursionista allemão.

Desisto de contar o que vi de flagelladora ironia e desdenhosa piedade, por detrás do vidro d'aquelle monoculo impertinente, no olhar agudo e azul do cicerone. Não é que em minha consciencia eu não acceite e compartilhe do seu juizo severo em frente *áquillo*... Mas porque é dever declarar-se que a culpa da injusta sentença, que todo o estrangeiro, sem excepção, lavra n'aquella sala sobre a arte portugueza contemporanea, pertence mais ao Estado do que aos auctores dos quadros, na sua maioria deploraveis. Com excepção de Columbano, que alli tem o *Santo Antonio* e a *Dama da Luva*, dos restantes pintores não se póde fazer juizo seguro e consciencioso pela obra exposta. Malhôa, que é hoje, em qualquer parte, um notavel pintor, está representado pelo *Interrogatorio de Pombal*, obra vasta, de arrojada concepção, mas inçada de defeitos, a maior parte inevitaveis n'um quasi estudante, que elle ainda era então. O mesmo se póde dizer do *Eros* e *Psyché* de Salgado: composição rebuscada e pretenciosa, com um detestavel colorido oleographico, pouco abonatoria do sólido talento do

decorador imaginoso da sala do Tribunal do Commercio, do Porto.

O allemão, que por certo lêra a obra do prussianno conde de Raczinsky, deve ter-se regosijado ao verificar a veracidade da sua apreciação á pintura portuguesa do principio do seculo XIX e ao constatar que os nossos progressos são nenhuns no principio do seculo XX.

A sala *B* é atravessada quasi sem paragem. Nem os retratos de Pellegrini, nem as flôres de Lasserre, nem os granadeiros de Dumaresq, nem o *Othelo* de Muñoz demoram a attenção do monoculo faiscante. E agora, outra vez, como se a opinião d'aquelle desconhecido fosse decidir o destino das artes portuguesas, senti um invencivel sobresalto, ao vêl-o parar no limiar da sala *C*, onde se acha exposta a maior parte da obra de Sequeira: *Apologia da Instituição da Casa Pia*, o esboço da *Promulgação da Carta Constitucional*, o *S. Bruno em oração*, as télas religiosas pintadas no mosteiro de Laveiras. Iria aquelle insolente allemão fulminar tambem com o seu desprezo ironico a obra, se bem que inferior ao seu genio, do maior pintor que produziu Portugal depois do Grão-Vasco? Não lhe mereceria o *Santo Agostinho* de Francisco Vieira Lusitano um breve olhar, sequer, de admiração? E foi para mim uma alegria indizivel quando, a meio da sala, o vi, depois de hesitar um momento, voltar-se para o grande painel de Sequeira,

voltar-se a seguir para o *S. Bruno*, abranger rapidamente, n'um olhar enlevado, toda a obra do grande artista, attribuindo-a sem errar ao mesmo pincel emerito. Houve um momento em que percebi distinctamente que elle notava aos companheiros attentos e contemplativos a tendencia tão caracteristica de Sequeira em alongar as figuras, por uma aspiração, nem sempre bem succedida, de crear e produzir a elegancia: essa elegancia preconceituosa do primeiro Imperio, obtida artificiosamente, na mulher, pelo uso da cinta curta e da saia de meia cauda. Sentado n'um dos bancos da sala, elle perorou aos allemães extensamente; e ás vezes levantava-se, com as mãos enfiadas no cinto da blusa, no exame meditado de cada pintura, fazendo a avaliação conscienciosa das tonalidades, do desenho, da harmoniosa sciencia das perspectivas e da disposição equilibrada das imagens, de tal arte que o porteiro, sahindo da somnolencia habitual, ao vêl-o assim interessado e enlevado estendeu o braço para a *Apologia da Casa Pia* e revelou o nome do pintor.

O allemão fez menção de agradecer, repetiu alto: *Sequeira*, com uma pronuncia barbara e dissonante, e arrastou atrás d'elle os companheiros para a sala immediata, onde apenas de notavel ha o desembarque de tropas, de Callot, e o estranho painel flamengo, representando Christo, Martha e Maria. Na sala *E*, o seu olhar

arguto e educado destacou logo os retratos hollandezes de Heem, o *Tobias e o Anjo* de Elsheimer, o *Martyrio de S. Pedro* de Caravaggio, a *Dansa aldeã* de Van Ostade, os quadros de Ary de Vois, de Van Roos, de Teniers, de Peter Neefs, de Van Brawer, de Bol, de Martin de Vos, demorando-se a examinar, entre surprehendido e reflexivo, o *Perseu e Andromeda*, que o catalogo lhe diria logo ser um estudo presumivel de Rubens, se houvesse um catalogo... O porteiro acode felizmente a tempo de apontar, na sala *G*, o *S. Jeronymo* de Alberto Durer, diante do qual o allemão estacára, interdicto e emocionado, no inilludivel presentimento de que se encontrava em frente a uma obra notavel do grande mestre allemão. E por tal fórma o absorve o *S. Jeronymo*, que mal olha para a formosissima *Santa Cecilia* de Caracci, para o retrato magistral de Vannuchi, para *A Virgem e o Menino Jesus* do Perugino, e dando, segundo me pareceu, bem pouco credito á authenticidade do *Christo com o triangulo*, que o porteiro, prelibando uma gorgeta, lhe diz ser de Vinci, como de facto é. Mas onde o seu pasmo cresce, e parallelamente se accentúa pela gesticulação e incessante encolher de hombros a sua rispida censura á falta imperdoavel do catalogo, é nas salas *H* e *I*, de paredes cobertas de pinturas primitivas e de gothicos flamengos, onde é impossivel destrinçar, entre os pro-

blematicos Memlings e Van Eycks, os quadros originalmente flamengos, os quadros portuguezes dos seculos XV e XVI, filiados n'essa eschola, aquelles que os pintores da Flandres vieram aqui pintar, aquelles que os nossos pintores foram pintar nos *ateliers* dos mestres estrangeiros. E ainda ao passar em revista as salinhas de artes ornamentaes, que constituem mais veridicamente um museu de arte religiosa, me parece comprehender que elle se exhaure em censuras justissimas ao desleixo inadmissivel de que resulta a ausencia de uma catalogação para uma colleção tão resumida de pinturas...

17 de setembro

O *flirt*, que a esposa espirituosissima de um dos nossos consules em França definia, uma d'estas noutes, no terraço do Casino Internacional do Monte Estoril, como *a arte de tudo prometter e de nada cumprir*, é mais do que nunca, a estas horas, o passatempo favorito da Lisboa que trabalha... em divertir-se. Com esse nome americano, dissimulado com esse titulo exotico, o anachronico namoro das burguezinhas do velho Passeio Publico resurge e triumpha nas reuniões matutinas da praia, no *passeio* elegante da Bôca do Inferno, nas va-

randas e salões dos casinos, nos jardins do Sporting, rehabilitado da sua macula romantica e aristocratisado em passatempo mundano. O *flirt*, deixou ao namoro todos os seus perigos e arrancou-lhe todos os encantos. De um duello de amavios fez um duello de epigrammas; de um desafio de galanterias fez um torneio de subtilezas. O *flirt*, se me é consentido corrigir a definição espirituosa da nossa consuleza, é a arte de tudo ousar sem affronta das conveniencias.

O povo prático, inimigo irreconciliavel da phantasia e do devaneio, que inventou essa dôce palavra, applicou-a, por horror ao circumloquio, á côrte de gentilezas a que os deveres mundanos obrigam ainda o descendente utilitario dos fogosos apaixonados da Renascença e dos amorosos gentis do Romantismo.

Nos Estados-Unidos, o *flirt* é a conversa futil, polida, mixto de familiaridade e ceremonia, com que o homem entretem o seu par n'uma valsa e a sua visinha n'um jantar. Praticado pelo americano ou pelo inglez, o *flirt* reduz-se a uma sciencia de salão, a uma arte de amabilidade e cortezia, a um jogo floral de graciosidades innocentes. O *flirt* é, emfim, para esses povos, que applicaram a moral ao amor, o divertimento da sympathia.

De estranhar seria que a raça latina, ao herdar do cosmopolismo mundano essa prenda innocente, a não tivesse adaptado ao seu ca-

racter e ás suas conveniencias. O *flirt* veio a proposito para dissimular esses prologos amoraveis, que descreveu tão terrivelmente Laclos, o amigo dos Orléans, nas *Liaisons Dangereuses.* O *flirt,* entre nós, veio modernisar o namoro e dar-lhe um passaporte mundano. Assim chrismado, o namoro invadiu os salões, viu-se investido das honras inesperadas de uma verdadeira instituição aristocratica. Limpo, na antecamara, de todas as sentimentalidades dos romances de Camillo, o namoro entrou de novo nas salas de baile, fez a sua apparição nos *raouts,* nos *five-o'clock,* nas *tea-parties,* nos *courts* de tennis, nos terraços dos casinos, nos toldos das praias, nos camarotes de S. Carlos.

O namoro, que fôra sentimental, poetico e piégas em 1840, passou a ser ironico, vicioso e sceptico em 1900. E como nada existe de novo no mundo, eil-o que reapparece «cavalleiro de Faublas». A coberto da impunidade de um titulo exotico, o namoro prosperou, foi ganhando em audacia o que perdia em innocencia. Sob essa pelle de cordeiro, o lobo entrou impavidamente em toda a parte.

Todos os obstaculos se desmoronaram á sua passagem. O *flirt* enthronisou-se na vida mundana, como o *cotillon* ou o *pas de quatre.* Se o morgado de Fafe visitasse agora Lisboa, não deixaria de notar, com severidade e surpreza, que as damas fizeram na sua ausencia notabi-

lissimos progressos na arte de namorar; e difficil seria convencel-o de que não passava de *flirt* o que tanto lhe similhava ser namoro. O inconveniente morgado teimaria em esquecer o nome americano para só attentar na acção portuguezissima e iria dizer para Fafe que o namoro era agora em Lisboa, com a dansa, uma prenda em moda na sociedade. Pobre morgado de Fafe, do tempo dos gargarejos nocturnos, dos mal-me-queres desfolhados, das declarações soluçantes ás Elviras, das entrevistas ao luar e dos segredos de amor! O seu espanto teria que ser dos maiores, se escutasse os terriveis themas que os Lovelace de agora vão buscar para as variações d'essa velha melodia que Musset ensinou a nossos paes! E não lhe seria preciso occultar-se por detraz de um reposteiro ou espiar ás portas ou collar o ouvido ás fechaduras. A sua presença não interromperia os namorados. Installado n'uma cadeira de verga, no terraço do Casino Internacional ou no Casino da Praia, bastava-lhe accender um charuto e fechar os olhos. Se tivesse encontrado nos ocios de Fafe vagar para lêr a *Physiologia do Casamento* de Balzac e um ou outro livro de Bourget, estaria preparado sufficientemente para decifrar os equivocos, as malicias e as maldades d'esses jogos de palavras pueris e venenosas, com que a *jeunesse dorée* corteja a mulher, sob o titulo exotico de *flirt*.

Estranho capricho da moda, que precisa de revestir o galanteio de epigrammas para adoptal-o, sem rebuço, na intimidade dos elegantes! Declarado o sentimento um vicio e a delicadeza um anachronismo, o que resta nas actuaes sociedades mundanas é apenas o aspecto exterior, a etiqueta e as fórmulas da velha cortezia. O envolucro ficou, mas o perfume evolou-se.

Um prégador sagrado, que tivesse de ser o director espiritual — a moda recommenda-os — d'esta sociedade pittoresca, que tão divertidamente espera em Cascaes pelo snr. Loubet, encontraria na Bôca do Inferno, *terminus* dos seus passeios, o symbolo da sua accentuada physionomia moral. A conversa é o melhor instrumento de avaliação para a cultura do individuo e da classe a que pertence. N'ella se reflectem, inalteraveis, as suas qualidades preponderantes e os seus defeitos originarios. A conversa é no homem o que a espuma é na agua: impureza se é corrupta, alvinitencia se é limpida. Para quem queira avaliar pelo canto a *avis rara* da nossa elegancia, aconselhamos uma visita ao terraço *smart* do Casino do Estoril. Ouvirá a algaravia hespanhola dos *croupiers* ao atravessar a sala de jogo e a algaravia sem nexo dos Lovelace ao atravessar a varanda, por entre uma assistencia vestida a primor nas melhores costureiras e alfaiates de Lisboa e Pariz. Na claridade dos arcos voltaicos, muitas das mu-

lheres lhe hão-de parecer, sem engano, gentilissimas e muitos homens, sem favor, correctissimos. O culto das apparencias não se perdeu de todo. Se os janotas já não usam as archi-célebres sobrecasacas do marquez de Niza, *architectadas* no Pool, e já não gastam ao toucador as duas horas de Garrett para as sábias combinações de uma gravata e de um collete, é porque a moda os libertou d'esses apuros lithurgicos da *toilette.*

Nenhum d'elles se exime ás prescripções consulares dos tres *gentlemen* insignes que, como é notorio, decretam hoje em Londres as modas masculinas. Se um Le Bargy ostenta no D. Amelia um collete vermelho, quarenta e oito horas depois ha um collete vermelho á varanda do Turff Club, outro collete vermelho na ante-sala das Necessidades, duzias de colletes vermelhos na mesa de talho do snr. Amieiro. O bigode á imperador Guilherme, a risca até á nuca, o lenço no punho, o chapéu Panamá, a polaina branca de Felix Faure, tudo o janota lisboeta tem usado, meticulosamente, resignadamente. E que dizer da mulher? Sem discutir, ella acceita todos os supplicios e todas as disformidades da moda, desde o espartilho direito até á saia enviezada. Um janota de S. Carlos seria um janota em *Covent Garden.* Uma lisboeta seria uma pariziense no *boulevard* dos Italianos. Mas, infelizmente, essas lindas figuras

decorativas da sociedade portugueza não limitam á *toilette* a sua subordinação ás modas de França e de Inglaterra. Falam em francez, namoram em americano, jogam em hespanhol. E, entretanto, quando o homem deixa um pouco de descanço á mulher com o seu *flirt* insipido, e a phantasia a liberta do artificialismo d'essa vida, cujas occupações teem todas nomes estrangeiros — *raout, garden-party, soirée, tea-party, five-o'clok, pic-nic, bal de têtes, tennis, cotillon*... — ainda se improvisam festas encantadoras, como o chá de quinta-feira passada, servido no recinto do Tiro aos Pombos, em Cascaes, pelas mais nobres e lindas mãos de lisboetas.

Ousamos lembrar ás organisadoras do chá do Tiro aos Pombos a opportunidade de abrir um concurso de espirito entre os campeões do *flirt*...

22 de setembro

Acabam de chegar os pardaes á Avenida. Surprehende-me que esta noticia consideravel não tenha sido logo publicada no *Carnet Mondain* das *Novidades*, tão absorventemente occupado com os *teas* do Mont'Estoril e de Cascaes, como se não fôra incomparavelmente mais im-

portante para a chronica elegante de Lisboa o regresso dos pardaes do que as chavenas de chá das mil e uma condessinhas que veraneiam á beira-mar. A chegada dos pardaes á Avenida equivale á subida do *maestro* para a cadeira de uma orchestra. A opera-comica mundana de Lisboa tem, ha muitos annos, esta mesma symphonia ensurdecedora, que hontem se principiou a executar desde o monumento da Restauração até á rua das Pretas. Os pardaes já entoam a symphonia do inverno. O inverno não tardará a principiar: este inverno de Lisboa, que não é, como o inverno da provincia, uma estação de chuvas e de inclemencias, de frios e de constipações, de rheumatismo e de semsaboria, mas um inverno de operas e discursos, de bailes e jantares, de actrizes francezas e de vestidos de velludo. A chegada do pardal precede sempre de poucos dias a abertura do Colyseu. Atrás do pardal vão chegando as lisboetas, os politicos, os frequentadores de S. Carlos, toda a *troupe* brilhante d'esse grande theatro a que se convencionou chamar a grande sociedade.

Chegaram, pois, os pardaes. Em grandes bandos compactos, n'uma chiadeira de festa, as primeiras caravanas aladas, conduzidas pelos velhos de cada tribu, principiaram a descer ante-hontem, ao cahir da tarde, sobre os arvoredos da Avenida, d'onde começam a voar,

como pequenos annuncios da *season*, as folhagens vermelhas e amarellas das acacias.

Até á primavera, alli os temos installados nos ramos, em breve despidos de folhagem, das olaias e das tilias. É necessario convir que os pardaes demonstram com a preferencia d'este poleiro elegante as maïs surprehendentes predilecções mundanas! Tinham os senhores pardaes o arvoredo da Eschola Polytechnica á sua disposição, com o espectaculo em extremo recreativo dos *flirts* das *institutrices;* o agazalho tranquillo da Tapada da Ajuda: luxuosissima estação de inverno para pardaes; os arvoredos hospitaleiros do jardim da Estrella, com musica aos domingos; a aerea hospedaria de S. Pedro de Alcantara, com lindas vistas. Installam-se, porém, na Avenida, entre a praça dos Restauradores e a praça da Alegria. E ainda na preferencia dada a esta zona resumida do grande passeio elegante da capital os pardaes revelam noções singularmente exactas sobre os habitos do *high-life* lisboeta. É, com effeito, entre o palacio do snr. marquez da Foz e a pastelaria Bijou que se acotovela ás tardes, durante os mezes de inverno, tudo o que Lisboa exhibe de mulheres bonitas vestidas em Pariz e de homens irresistiveis vestidos no Amieiro.

O pardal tomou os melhores aposentos para passar em Lisboa um inverno divertido. Empoleirado na ramaria, assiste commodamente ao

desfilar dos *coupés*, das victorias e dos *landaus* de luxo, puxados por parelhas de raça, conduzidas por cocheiros inglezes; ouve todas as conversas, surprehende todos os segredos, está na confidencia de todos os amores, de todas as vaidades e de todos os escandalos.

Empoleirado na sua acacia, o pardal está de posse de toda a chronica mundana da cidade. O que não seria uma *Carta de Lisboa* escripta por um d'esses pardaes maliciosos e omniscientes!

Ora, positivamente, o pardal alfacinha não escolhia a Avenida da Liberdade para se installar de outubro a abril se o não seduzissem os requintes do luxo e do exhibicionismo e se elle não fosse por educação e por indole a mais sociavel e a mais mundana de todas as aves da creação. Loquaz, desenvolto, buliçoso, irreverente, o pardal tem todos os pequenos vicios e todas as attrahentes graciosidades que são distinctivo e apanagio das populações das grandes cidades. É na ramaria da Avenida que os pardalitos novos, sahidos da casca na primavera, completam a sua educação. Naturalmente, o que aprendem n'essa eschola *buissonière* é um pouco frivolo e todos elles, ao chegar o mez de abril, quando partem para as suas villegiaturas nos arrabaldes, levam a nostalgia pretenciosa e o pequenino ar impertinente de quem foi creado a vêr passar os batedores da casa real, as pa-

trulhas da guarda, as folias do Entrudo e de quem sabe distinguir pela côr da farda os trintanarios da casa de Palmella e da casa O'Neill. D'ahi a falta de respeito que o pardal lisboeta tem pelas hortas e pelas eiras do saloio e a irreverencia com que pousa no chapéu alto dos espantalhos erguidos nos campos de painço.

As conversas dos janotas e os segredos das mulheres não lhe devem ter communicado grandes escrupulos de consciencia. O amor do lar, a fidelidade conjugal, as virtudes familiares, a continencia e a modestia não o distinguem nobremente entre a especie. Aventureiro e bohemio, em qualquer buraco de parede ou desvão de telhado arma o seu ninho transitorio, um verdadeiro ninho de exilado, sem luxo, sem ordem e sem conforto. A sua volubilidade amorosa é condemnavel. A sua conducta é reprehensivel. Não tem o lyrismo do rouxinol, a ternura do pombo, a constancia da andorinha, a seriedade laboriosa do pintasilgo. Estroina como um garoto, polygamo como um sultão de Marrocos, o pardal não se recommenda por nenhuma elevada qualidade moral. Mas com que endiabrada *verve*, com que animação infatigavel elle se diverte! Desde pela manhã até á noute esvoaça e brinca pela Avenida, janta com as migalhas das confeitarias, passeia pela cabeça das figuras de bronze do monumento dos Restauradores, balouça-se nos

fios de telegrapho e de telephone, passeia no tejadilho dos electricos e á tarde, em enormes assembleias ruidosas, entretem-se a fazer pirraças ás cartolas dos janotas. Roma teve os gansos do Capitolio; Veneza tem as pombas de S. Marcos; Lisboa tem os pardaes da Avenida. Pois que outro animal poderia ser mais do que este o symbolo d'esta linda capital de um povo garrulo e fatalista, aventureiro e voluptuoso, declamador e sceptico?

26 de setembro

Depois de uma semana de chuva, o céu azul reappareceu a tempo de associar-se ás festas. O dia amanheceu formosissimo, com a classica aurora côr de rosa, que os vates da Arcadia tão gentilmente cantavam em versos povoados de deusas mythologicas.

Desde as primeiras horas da madrugada, Lisboa encheu-se de animação e borborinho, com as bandeiras francezas ondulando ao vento n'esse mesmo Rocio onde, ha cento e dous annos, Junot passava em revista o seu brilhante esquadrão de hussares vistosos. No Chiado e na rua Nova do Carmo terminam-se á pressa as decorações que a revestem e com que o scenographo Augusto Pina *conseguiu* transformar em

perspectivas de palco armado para um cortejo rustico as duas ladeiras principaes da Lisboa elegante. Ás nove horas começam a formar as tropas. Já o festivo resoar metallico das bandas militares domina o borborinho. A 4.ª brigada de cavallaria posta-se na rua occidental da Avenida, desde a praça dos Restauradores, com os esquadrões da guarda municipal á frente, n'uma nuvem movediça de pennachos brancos. O corpo de alumnos da Eschola do Exercito fórma, com gentileza, aos lados norte e léste do largo de Camões, com a direita na esquina da rua do Principe, seguindo-se-lhe a vinte metros do flanco esquerdo o corpo de marinheiros, que se desenvolve pelo lado occidental do Rocio, largo da rua do Principe e rua Nova do Carmo. É depois a 2.ª brigada de infantaria, constituida pelos regimentos de infantaria 5 e 16 e batalhão de caçadores 5, com as respectivas bandas, escalonados até á praça de Camões, seguindo-se-lhes a 5.ª brigada, composta dos regimentos de infantaria 1 e 2 e batalhão de caçadores 2, que formam no largo das duas Igrejas, da Encarnação e do Loreto, até á Avenida 24 de Julho, onde se acham postados o regimento de artilharia 1 e o grupo de baterias a cavallo, com as novas peças de tiro rapido.

Por toda a parte resoam os pregões. Vendem-se retratos de Loubet, bilhetes postaes al*lusivos* á viagem do presidente, jornaes comme-

morativos das festas, medalhas, laços de fitas com as côres de França. E são vestidos francezes, chapéus francezes, livros francezes, todas as modas de Pariz, o producto da sua phantasia e do seu espirito, que as vitrines das lojas expõem, na mais eloquente homenagem ao genio creador de França, ás artes, ás sciencias e ás industrias francezas, que vestem as nossas mulheres, que influenciam a nossa litteratura, que levam aos nossos lyceus, ás nossas universidades e ás nossas academias as revelações do saber humano. Os cartazes annunciando as récitas de Susanne Desprès, de Feraudy e Leconte, as taboletas das modistas francezas, dos hoteis francezes, são o complemento d'essas decorações com que se embelleza Lisboa para receber o representante d'essa grande França, em cuja fascinada suggestão, esquecendo as inimisades e os ultrajes da historia, todos nos educamos e persistimos em viver. É assim que o snr. Loubet verificará quanto a alliada secular da Inglaterra, o paiz do tratado de Metwem e da regencia de Beresford, é profundamente influenciado pela França e quanto somos, por uma sympathia indestructivel de raça, os vassallos da sua soberania mental e os clientes fieis da sua industria.

Por isso tambem nunca Lisboa, como agora, tanto se engalanou e enfeitou. As bandeiras francezas ondulam ao vento por todas as ruas

da Baixa. Á noute, a cidade pombalina illuminará quasi toda: as ruas do Carmo, Garrett e do Ouro a luz electrica, a rua Augusta a gaz, as ruas da Prata, Fanqueiros, Nova do Amparo, praça da Figueira, Santo Antão á linda moda do Minho.

N'um contraste absoluto com os rigores da policia de Madrid, o povo circula á vontade nas praças e nas ruas. Nenhuma ameaça de attentado põe sombras de inquietação na alegria ruidosa, que a estas horas transfigura Lisboa. Para este lindo céu azul, não se elevaram ainda mãos pallidas e convulsas de revoltados, nem para os coches de gala, algum dia, os que toda a vida andaram de rastros estenderam mãos de ameaça ou maldição. Livre da escolta cerrada de couraceiros, que incessantemente, como um enxame em volta do cortiço, cercou a sua carruagem pelas *calles* de Madrid, o presidente de França poderá vêr de perto este povo laborioso e cordeal, ingenuo e pacifico, que Napoleão viu combater como um leão em Wagran e resistir, como os velhos romanos, ás intemperies da Russia.

Vindo de atravessar a França e a Hespanha, entre nuvens de policias e de soldados, o filho dos cultivadores modestos da granja de Montelimart por certo se commoverá com as saudações affectuosas e quasi familiares d'este povo meridional e garrulo, amigo do apparato como o mouro seu irmão, amigo da virtude

como o nobre romano seu antepassado. E com que olhos de maravilhada surpreza não verá elle adiantar-se, n'um fulgor de ouro, puxado a quatro parelhas de cavallos arreados de prata e enfeitados de laços de sêda, rodeado pelos moços de estribeira, de peruca empoada, o coche de D. João V, com o seu tejadilho coberto de velludo carmezim, sustentado pelas quatro cariathides, de portas pintadas por Pedro Quillard, representando a da direita Venus sahindo das ondas, recostada em delfins, a da esquerda Neptuno entre um bando de sereias!

Ei-l'os que já apontam á entrada da rua do Ouro, os sete coches sumptuosos precedidos pelos batedores de bicornio e farda de gala, com o seu estadão de moços de estribeira, lacaios de tábua, sotas, cocheiros de tricornio agaloado a ouro e perucas de rôlos, que fazem estalar o chambrié de punho de prata cinzelada sobre os frizões normandos.

São dez e meia. Já na estação do Rocio uma multidão official, empertigada nas fardas, se acotovella com as impaciencias irreprimiveis da espera. El-rei desce de uma caleche á Daumont, com o principe real. As bandas tocam o hymno. Na varanda do theatro D. Maria, sob um toldo com as côres de França, o corpo diplomatico assiste á chegada theatral e pomposa dos coches, que parecem capellas de talha, transportadas em charolas douradas. Na radiosa

manhã de outomno, os sabres da cavallaria scintillam ao sol. Foguetes estouram ao longe, annunciando a partida do comboio presidencial, de Campolide. Uma agitação maior propaga-se por toda a vasta praça do Rocio, onde os jogos de agua das duas fontes resplandecem como jactos de prata. Atordoadas pelo borborinho, as pombas bravas esvoaçam inquietas no frontão grego do theatro. Sob o arco rustico, levantado na rua Nova do Carmo e coroado por casotas de côlmo, mais apropriado a uma festa agricola do que a um cortejo de gala, a multidão ondeia e agita-se, n'um borborinho de vespeiro. Não cabe mais uma creança no immenso rectangulo da praça. Ha mulheres em todas as janellas bandeiras em todos os andares.

Os soldados, alinhados nas ruas, são mais uma decoração do que uma defeza.

Ninguem vos teme, anarchistas, n'esta cidade de quinhentas mil almas, aberta ao mundo pelas fronteiras de terra e do mar? Isso parecem perguntar, surprehendidos, os jornalistas francezes, chegados uma hora antes do presidente da Republica Franceza, e ainda contusos das coronhadas dos soldados madrilenos, libertos emfim da «etiqueta do panico», que presidiu ás festas de Hespanha. Isso parece pergunguntar agora o proprio Loubet, ao descer, á direita de el-rei, a escadaria da estação, de casaca, com a banda azul da Torre e Espada,

sorridente e singelo, com a sua barba branca de *bonhomme*, seguido pelo seu sequito militar.

Uma acclamação unisona, que vem de longe, da extremidade do Rocio, por onde já desfila o esquadrão da guarda municipal, recebe a apparição d'esse homem simples, nascido quasi do povo, que o rei de Portugal senta á sua direita no coche de D. João V e que a virtude, a intelligencia, o trabalho e a devoção civica elevaram á presidencia dos destinos da nação de Luiz XIV e de Francisco I.

Terão as multidões a nitida consciencia da grandeza do espectaculo moral, que constitue esse homem simples, n'este momento historico em que os reis de direito divino o recebem com as pompas reservadas aos soberanos? Parece que sim, pois as acclamações redobram de indescriptivel enthusiasmo, quando o cortejo sumptuoso se põe a caminho para Belem, onde uma princeza da casa de França aguarda o presidente da Republica Franceza. E até esse paço real, onde Passos Manoel fallou em nome da democracia á filha de D. Pedro IV, as salvas de palmas, os vivas, as saudações calorosissimas não esmorecem um momento.

Deve el-rei ter o orgulho de haver podido mostrar ao presidente de uma republica a sua monarchia liberal, fundada por um grande principe da sua dynastia, imperador sem imperio,

rei sem throno, que com a espada, nos campos de batalha, a conquistou e fundou como um revolucionario!

31 de setembro

O vapor desamarra do caes do Sodré ás oito horas. Está uma noute fria. Nos altos céus, empoeirados de estrellas, grandes nuvens viajam morosamente para o sul, lastradas de aguas outomnaes para a irrigação da sequiosa charneca alemtejana. O Tejo é uma grande nodoa de tinta, onde apenas scintillam algumas poucas luzes, suspensas nas antenas dos mastros, como olhos ardentes espreitando n'uma mascara de velludo.

Toda a margem da Outra Banda apparece desenhada a carvão sob o céu estrellado, desde Aldeia Gallega e a Atalaia, até ás povoações longinquas do Seixal e do Barreiro. Mas passado o pharolim do pontal de Cacilhas, o scenario torna-se menos indeciso. Nas penumbras da noute vê-se branquejar a casaria e o olhar póde ir seguindo as sinuosidades da margem até ao castello de Almada, que se recorta na luz estellar com os claros-escuros de uma pintura de Rembrandt.

Vai o vapor ganhando agora o meio do rio,

por entre cardumes de embarcações miudas, roçando quasi pela querena da velha fragata *D. Fernando*, que ao sahir de repente da treva, illuminada pelo jacto luminoso do holophote com que o vapor vai descobrindo o caminho no labyrintho do ancoradouro, mais parece, com a sua quilha alterosa e bojuda de nau, uma sobrevivente das antigas frotas bellicosas, do que os restos invalidos da esquadra inoffensiva de D. Maria II.

Dir-se-hia agora que nos achamos em pleno sonho ou que por uma allucinação visual temos na nossa frente, centenas de milhares de vezes ampliada, uma d'essas vistas de cosmorama, crivadas de furos de alfinetes, que, de encontro á luz parecem illuminadas a *giorno*.

São, no primeiro plano, o caes do Sodré, as praças do Duque da Terceira e do Marquez de Sá, a avenida marginal, a estação do caminho de ferro de Cascaes, que surgem da emoliente claridade dos globos electricos, como em pleno dia, com os americanos e os comboios, o seu formigueiro humano e o seu rumor de vida laboriosa.

Depois, como nas visualidades do theatro, a sombra succede immediatamente á luz. A casaria agglomera-se, encastellada nos outeiros das Chagas e de Santa Catharina, como sobranceiras muralhas de uma fortaleza, cuja escadaria immensa a rua do Alecrim parece vir descendo

com o seu cortejo de luzes. Á flôr de agua, os estaleiros do Arsenal, com os diques abertos, as aereas armações dos guindastes e dos mastros, lembram um *croquis* tenebroso de Gustavo Doré, não sei por que evocação inconsciente de memoria. Mas logo a seguir, o Terreiro do Paço, com as classicas lanternas dos regozijos officiaes nas varandas dos ministerios, desenvolve no confuso panorama ambiente a symetria das suas arcadas pombalinas e é, na vasta cidade de vinte seculos, onde o grego construiu templos, o romano edificou theatros, o mouro levantou mesquitas, o christão ergueu castellos, o documento intacto de uma época de magestade formalista.

Ha n'esse surprehendente scenario de luz e sombras, que quatro povos levaram mais de dous mil annos a compôr, o vestigio de civilisações as mais diversas. O monte do Castello, impresso sobre o fundo estrellado da noute, tem qualquer cousa da abside em ruinas de uma cathedral romanica, a que as muralhas servem de *gigantes*, e em frente de S. Jorge, os marmores jesuiticos de S. Vicente resplandecem, como se um invisivel luar os afagasse.

Ha ainda clarões de luz electrica ao longo do caes, até Santa Apolonia. Depois, a cidade vai pouco a pouco apagando-se, desvanecendo-se, até confundir-se na mesma nodoa de tinta que o Tejo alastra na planicie calma do mar da

Palha e onde se reflectem os astros como luminosas flôres aquaticas, boiando na mansa corrente.

A grande cidade projecta sobre as nuvens que passam em caravana o reflexo roseo de mil lumes, diluindo na atmosphera o bafo luminoso da sua fornalha colossal, alimentada pela vida dos seus quatrocentos mil habitantes.

Já o vapor accelera a marcha, desenrolando uma esparsa cabelleira de fumo negro. A cada momento o panorama maravilhoso se vai ampliando mais, com novas collinas coroadas por diademas de gaz. São agora os bairros da Lapa e de Buenos-Ayres, toucados pela mitra branca da basilica da Estrella; depois a architectura classica da Ajuda, alvejando n'uma imminencia; e outra vez os clarões dos arcos voltaicos, nos seus globos côr de leite, illuminam o paço de Belem, o monumento de Affonso de Albuquerque, a cupula rendilhada dos Jeronymos.

Da feira chegam accordes de musicas e o borborinho do povo. Já o vapor balouça mais fortemente na vaga, como um grande berço. A alamêda de Algés desfia, rez-vez da agua, o seu rosario de luzes tremulas. Depois segue-se a escuridão. Apenas, na outra margem, entre o negrume, apparece o Lazareto illuminado e logo adiante, quasi em frente ao Bugio, se descortinam entre a nevoa maritima os lumes da Trafaria. Já o Tejo se despejou no mar. Á clari-

dade, que illumina a vida nocturna dos homens, succedem os clarões vermelhos, verdes e brancos dos pharoes, que illuminam a rota nocturna dos navios. É ao longe, o pharol do Cabo Carvoeiro, no meio da barra o pharol do Bugio, á esquerda a luz encarnada do pharolim da Guia e os lanternins de S. Julião.

Agora, só o redemoinho das aguas enche a noute estrellada, que maiores nuvens escurecem. O vapor é apenas um ponto negro no vasto negrume. E, de repente, ao dobrar a fortaleza de S. Julião, como se um panno de bôca se erguesse, do meio do mar surge uma paizagem phantastica. São de luz os montes, são de luz as casas, são de luz os navios e ha luzes que parecem dansar suspensas nos ares. As povoações de Cascaes, do Monte Estoril, S. João do Estoril, Santo Antonio do Estoril, scintillam como se as tivessem enfeitado com a via-lactea. Uma fulguração immensa, composta de lume de milhares de lumes, dá a volta á bahia, como uma *rivière* de diamantes n'um collo de mulher. Sobre esse escrinio de joias, outras joias cahem do ar, como se do céu se estivessem desfolhando flôres de fogo sobre essa scenographia feerica.

Lentamente, vencendo a vaga, o vapor approxima-nos do espectaculo surprehendente. Aos poucos, aquella confusão luminosa vai tomando aspectos menos sobrenaturaes, sem perder a belleza primitiva. O monte de luz compacta é

agora um crivo de milhares de pequeninas luzes, tão juntas, que dir-se-hia que uma relva luminosa brotou milagrosamente na collina. Pelo immenso arco de circulo da bahia, a praia é toda illuminada a barricas de alcatrão. Das varandas das casas, dominantes aos areaes, pendem silvas de balões venezianos, de copinhos coloridos e de lanternas. Os holophotes dos navios de guerra, projectados sobre essa paizagem de magica, que recorda as pinturas das porcellanas japonezas, inundam de extravagantes claridades as povoações do littoral.

Na encosta do Monte Estoril, os terraços do Casino parecem expostos ao sol. A *villa*, no estylo de Pompeia, do snr. Sommer, recorta os seus telhados gregos sobre os arvoredos illuminados. O branco palacete Barahona parece um enorme socolo de marmore. Os *chalets* inglezes da snr.ª duqueza de Palmella e do snr. marquez do Fayal são, sob os jorros convergentes dos fócos electricos, nitidos como dous chromos. Os foguetes de lagrimas continuam a esfolhar as suas pétalas de fogo sobre as aguas. Ao fundo do quadro, a cidadella ergue as suas esplanadas, as suas trincheiras e reductos. Como se fôra meio dia, vêem-se esvoaçar bandeiras. De tempos a tempos, os holophotes do cruzador *D. Carlos* ou do *Vasco da Gama* despejam as suas ondas de luz branca sobre a bahia, onde estão alinhados os *yachts* brancos, apparelhados para

a proxima regata. O Casino da Praia flammeja como uma ignea architectura de lavaredas. Todos os cambiantes de luz artificial se reunem e confundem n'aquelle enorme concerto luminoso. E quando os poderosos projectores electricos cessam de derramar o seu clarão sobre a villa, quando tudo o que subsistia de realidade n'aquella feeria se dissipa na escuridão da noute, o olhar maravilhado só distingue, sob o céu recamado de astros, uma terra recamada de estrellas.

E foi ainda da mesma visão sobrenatural de uma cidade feita de luz, que á meia noute de quinta-feira os nossos olhos deslumbrados se despediram, quando, de regresso a Lisboa, o vapor passava outra vez em frente aos altos e sombrios paredões de S. Julião da Barra.

15 de outubro

Por estes dias de outomno, que as primeiras friagens do inverno proximo arrefecem, quando já se expõem nas *vitrines* os chapéus de feltro, expedidos de *chez* Virot, e recomeça nos *ateliers* das modistas a azafama de uma nova estação com suas novas modas, todo o littoral da enseada de Cascaes, em vesperas de despovoar-se, adquire um inexprimivel encanto.

Ás ventanias do verão succede uma amenidade suavissima. As aguas do mar tingem-se de um azul de claras safiras. Os poentes são agora côr de laranja e côr de violeta. Ha uma serenidade maior nas ondas, no céu e na terra. A paizagem africana, de ventania e de sol, com nuvens de poeira e scintillações metallicas, modifica-se. Os panoramas de colorido violento, com céus anis e mares verdes, empallidecem e teem agora a suavidade de aguarellas. É n'este tempo que a estrada mundana do pinhal da Guia, entre Santa Martha e a Bôca do Inferno, desdobra as suas scenographias mais surprehendentes, com a vastissima toalha de aguas, que se agita e tremeluz até aos confins do horisonte, as serras da Arrabida e de Palmella desenhadas é esquerda, no céu claro, o areal do cabo Espichel scintillando de espumas e as gaivotas brancas circulando no ar com a elegancia de vôos lentos. Para a direita é a molle granitica de Cintra, caminhando para o cabo da Rocca, elevando para as nuvens as suas denticuladas architecturas de penedia, com a renda das ameias do castello dos Mouros e as cupulas e as torres da Pena, surgindo de entre véos fluctuantes de bruma.

É á beira d'esta estrada de incomparavel belleza, com os seus dilatados panoramas maritimos e agrestes, entre serra e mar, que o snr. Jorge O'Neill *erigiu* a mais theatral *villa* de

verão, que a imaginação de um artista possa idealisar n'uma hora de inspirada phantasia, em pleno delirio de grandezas.

Quando, dobrada a ultima muralha da cidadella, passado o recinto do tiro aos pombos e a linda casa minhota do snr. conde de Arnoso, se descobre o primeiro lance de mar para a esquerda e a casa O'Neill para a direita, o mais apaixonado admirador da natureza voltará, sem hesitar, as costas ao oceano, quedando na contemplação embevecida d'esse palacio de drama historico, a cujas janellas mouriscas e eirados medievaes cuidará que vão apparecer castellãs de coifa e estola ou besteiros de loriga de ferro.

Edificada junto á velha ermida de S. Sebastião, sobre os rochedos de uma enseada, que o mar inunda, a casa do snr. Jorge O'Neill é, digamol-o sem demora, conjunctamente com o palacio do snr. marquez da Foz, em Torres Novas, um dos mais bellos, harmoniosos e pittorescos edificios que a opulencia de um fidalgo, o gosto requintadissimo de um artista e a sciencia de um architecto teem nos ultimos cincoenta annos levantado em terra portugueza. Nada se póde comparar, entre os centos de edificações pretenciosas com que se enfeitaram Cascaes e os Estoris, a esta morada de principe, theatralmente erecta na sua escarpa, e onde se vêem *reunidos* os mais originaes motivos architectoni-

cos compilados pelo allemão Albrecht Haupt no seu tratado da Renascença em Portugal.

Ha mais de trinta annos que a casa portugueza do millionario e do fidalgo se adorna interiormente com os restos da velha sumptuaria de outros seculos, enriquecendo as suas paredes com tapeçarias flamengas, brocados e damascos de Genova e de França, cobrindo os seus *parquets* com tapetes do Oriente, mobilando as suas salas com contadores italianos, armarios hollandezes, cadeiras de sola lavrada, onde se sentaram desde os contemporaneos dos descobridores do caminho da India, até aos polvilhados cortezãos de D. João V e os adamados peralvilhos do reinado de D. Maria I. Mas ainda ninguem se lembrára de harmonisar esses interiores historicos e opulentos com o edificio e reproduzir nas fachadas o reflexo d'essa arte sábia e requintada do viver moderno, que tanto se compraz na contemplação do fausto antigo.

Algumas poucas tentativas n'esse sentido realisadas resentiam-se todas da timidez e hesitação da experiencia, eram como que miniaturas, esboços vagos, de um plano apenas rudimentarmente traçado e definido. Cabe ao snr. Jorge O'Neill a honra — e porque não a gloria? — de haver tornado pela primeira vez tangivel essa attrahente phantasia e de haver ousado e sabido edificar *com solidez*, a pedra e cal, a

mais sumptuosa scenographia, com que um pintor historico, de vastos conhecimentos e de authentica cultura, poderia illustrar uma pagina da dynastia manuelina. Projecto de Villaça — um pintor, — a torre de S. Sebastião deve a esta direcção illustre, tão intelligentemente solicitada, a sua impressionavel belleza decorativa. Com a sua torrela de menagem, os seus minaretes, as suas adufas, o seu alpendre da *Sempre Noiva,* a sua varanda romanica, as suas cupulas de azulejo, os seus telhados mouriscos, as suas janellinhas de columnas geminadas, essa casa ficou sendo, miraculosamente, mais do que um edificio, uma pintura. A adaptação de estylos diversos a um mesmo conjuncto harmonico, guiada por um notabilissimo talento seleccionador, alcançou produzir, na multiplicidade, na variedade e no pittoresco, uma obra prima. Duvido que um architecto tivesse podido combinar elementos na apparencia tão heterogeneos em composição tão harmoniosamente ornamental. Para que a casa O'Neill assim resultasse bella, foi indispensavel aos auctores do projecto o libertarem-se das fórmulas consagradas á arte de construir e insurgirem-se contra os preconceitos classicos, que immobilisam a imaginação, mesmo a mais ousada, de um architecto. Sempre que um pintor deixou o pincel pelo compasso, tornou-se um innovador. A applicação de *theorias* e processos inéditos a uma arte de

evolução lenta por natureza, implica sempre uma ideia de reforma.

As architecturas dos pintores, mesmo nos seus quadros, teem originalidade. O habito de crear conduz instinctivamente o pintor a introduzir reformas, ás vezes apenas distinctas, e outras vezes capitaes, na reproducção dos edificios, influenciando por esta fórma a arte de construcção. Continuando a obra de Bramante em S. Pedro, concluindo as *loggias*, construindo os palacios *Dell'Aquila*, *Pandolfini*, *Stoppani* e a villa *Madame*, Raphael foi o mais revolucionario dos architectos da Renascença italiana, n'um periodo em que toda a evolução, depois da obra monumental de Bramante, parecia inexequivel. Mais uma vez, no projecto da *Torre de S. Sebastião*, esse facto se evidencía com eloquentes exemplos. O pintor Villaça, que já se ensaiára como architecto na casa do snr. Manoel Gomes, no Monte Estoril, conseguiu transplantar para a sua architectura as sciencias de perspectiva, de composição, de contraste, quasi os effeitos de luz, que são apanagio da pintura. Reconhece-se na propria escolha dos materiaes empregados na edificação o cuidado reflectido que um pintor emerito põe na escolha das tintas da paleta. E se das fachadas theatraes o observador passar á investigação escrupulosa do interior, a sua surpreza encantada será ainda maior e mais facil de

constatar a originalidade flagrante da ideação, a audacia revolucionaria do artista, tentando e conseguindo maravilhosamente pôr em toda a parte a belleza ao serviço da vida do lar e prevendo todos os effeitos do mobilario associado ao edificio, do conteúdo harmonisado ao continente, do detalhe adequado ao conjuncto.

Logo á entrada, o lindo claustro, de paredes guarnecidas com rodapé de azulejo hispano-arabe, no estylo das salas do paço de Cintra, com os seus lampeões de ferro forjado e colorido, a sua fonte copiada dos Jeronymos, faz-nos esquecer de que entramos n'uma casa que tem apenas cinco annos. É bem uma mansão de quietude e de repouso, em que se entra. As plantas e o limo das aguas deram já ao tanque uma *patine* secular. As lanternas encostadas á entrada suggerem nocturnos cortejos de castellãs e de pagens. No recatado silencio, o rumor da agua tem a melodia de um canto. Tufos de begonias, de folhas prateadas, vermelhas, de todos os tons do verde, fetos arboreos, trepadeiras, avencas, alimentam de uma perenne frescura o claustro branco, sobre o qual se debruçam, no alto, as adufas mouriscas dos quartos. Se não fôra os *valets de pied*, que circulam sob as arcadas, com as suas fardas agaloadas a vermelho e prata, a illusão de antiguidade seria completa. Mas o criado que nos precede abre a *porta envidraçada*, que communica com a *Sala*

dos Trevos por um pequenino vestibulo improvisado com primores de arte indiziveis. Cahe de um lado uma ampla e extensa cortina de brocado vermelho tecido a ouro, formando parede a uma teia de igreja, em pau santo, do mais sumptuoso trabalho de tôrno, e levantam-se em frente, aos lados de um espelho oriental, dous tocheiros de ferro.

É agora uma pequenina sala, cujo tecto, com pintura de trevos, — o trevo da Irlanda — reproduz o risco originalissimo do tecto da sala das Pêgas, do palacio de Cintra. Um reposteiro do mesmo tecido antigo, vermelho e ouro, de um luxo barbaro, entre sensual e lithurgico, de alcova da Renascença, cahe, resplandecente, sobre uma porta. A reproducção da chaminé da sala de conselho da torre de Belem, enriquecida de azulejos, onde se ostentam as armas dos O'Neill e Brito e Cunha, poltronas do Maple, um divan, guarnecem e mobilam esse ninho familiar com esse sabio conforto, que o homem eminentemente intellectual do seculo XIX inventou para substituir o formalismo hieratico do mobiliario do seculo XVII e o convencionalismo galante do seculo XVIII.

Nas paredes, sobre os *lambris* de azulejo, os retratos dos antigos O'Neill, principes de Tyrone e de Clen-Boy, reis da Irlanda, netos heroicos e infelizes de Niallus Magno, parecem presidir aos serões dos descendentes, como di-

vindades tutelares. Em frente, a porta envidraçada dá passagem ao salão, a que servem de adorno magnifico dous grandes quadros da antiga galeria dos duques de Aveiro, evidentemente da eschola veneziana, que ao primeiro relance lembram a factura opulenta de Veronéso, o fausto real das suas composições, a carnação voluptuosa das suas cortezãs e das suas deusas.

Sabido que os duques de Aveiro reuniram no seu palacio de Azeitão quadros preciosissimos, o espirito affeiçoa-se á persuasão de que sejam realmente de Paolo Caliari essas duas télas de prodigiosa belleza. A mulher que avantaja n'um d'elles calcando um globo, é extraordinariamente parecida com a Esther do museu do Louvre *(Evanouissement d'Esther)*. A figura de homem, semi-nú, do mesmo quadro, dir-se-hia ter sahido do mesmo pincel genial, que pintou os *Peregrinos de Emaús*. Na segunda téla vê-se um mancebo vestido de setim branco refugiando-se junto de uma grave mulher coroada de louros — a Virtude? a Honra? a Sciencia? — emquanto outra mulher, de grenha loura, inutilmente procura attrahil-o na cadeia rosea dos seus braços.

É ainda para notar, em favor da presumpção de que sejam de Veronéso as duas télas magistraes da casa O'Neill, o facto de encontrar-se, embora desenhada de dorso, a esbelta e juvenil

figura do nobre veneziano reproduzida no mesmo quadro do Louvre: *O Desmaio de Esther.*

Já, ao despedirmo-nos das duas obras primas, a luz pallida da tarde as envolve de uma mysteriosa penumbra. Mas as sumptuosas figuras parecem acompanhar-nos, descer das télas, atravessar comnosco a salinha heraldica dos Trevos e debruçarem-se, com os seus vestidos de brocado e os seus lindos braços nús, á varanda que deita para o mar. E de tal sorte o scenario lhes é apropriado, que não estranhariamos vêr sentarem-se a nosso lado, nas cadeiras de verga, as solemnes mulheres de Paolo Veronéso...

20 de outubro

Quando, ha uns quinze annos, o emprezario do Colyseu da rua Nova da Palma tomou de arrendamento o vasto circo, que uma sociedade acabava de construir nas Portas de Santo Antão, com um luxo de accessorios sensacional para Lisboa, os antigos frequentadores do circo Price e do Tivoli da rua da Flôr da Murta prophetisaram-lhe a ruína. Entretanto, já o Passeio Publico desapparecera e pela larga Avenida da Liberdade, onde o snr. marquez da Foz reconstruia, com as pompas de um principe, o palacio

que fôra dos Castello Melhor, trotavam as esplendidas parelhas das equipagens da familia Moser. A Lisboa pittoresca de D. Maria II e de D. Pedro V principiava a transformar-se na Lisboa vaidosa de hoje e os janotas da Havaneza, descendentes tristonhos e cheios de *morgue* dos joviaes janotas do Marrare, tinham de Pariz e dos *boulevards* inaugurados pelo segundo Imperio noções exactas, que os empertigavam de arrogancia e de desdem. A Lisboa, que prophetisava a fallencia ao emprezario do novo Colyseu, não era já a Lisboa do *conselheiro Accacio* e do *Benevides de Barbuda*, mas a Lisboa da Avenida, da estação do Rocio, do *Seculo*, do *bric-à-brac*, das corridas de cavallos, do Turff Club e do *Chat-Noir:* esse arremedo de Pariz, que começa na historia com a extincção do porta-machado e do tambor-mór. Lisboa, com as suas sete collinas, tinha já a esse tempo todos os seus sete theatros. Mas a construcção de uma casa de espectaculos, que podia conter cinco mil espectadores, era ainda um acontecimento que a impressionava.

O emprezario tomou conta, não sem algum terror, do temerario encargo, que devia conduzil-o, na opinião auctorisada dos entendidos, á insolvencia e á ruína. Mais de uma duzia de annos passou. Lisboa construiu mais algumas avenidas. Alguns janotas se arruinaram. Alguns milhares de frequentadores do circo Price des-

appareceram de entre os vivos. Pela pista do ruinoso Colyseu passaram centenas de cavallos amestrados, centenas de *voltigeuses* em *maillot* côr de carne e saias bordadas a lentejoulas, innumeraveis palhaços, *clowns* e *pierrots*, legiões de funambulos, de equilibristas e de gymnastas.

Toda a fauna do globo, desde os elephantes da India até ás focas do pólo, desde as araras da America até ao chimpanzé da Africa: multidões de macacos, de cães e de corseis galoparam, ladraram, saltaram na sua arena. Debaixo da sua cupula rugiram leões, cantaram primadonas, dansaram bailarinas, balouçaram trapezios. Tudo o que a paciencia e a imaginação humanas crearam de extravagante e de pasmoso, para satisfazer a paixão natural do homem pelos espectaculos da força e da destreza, se exhibiu, ao som de musicas, sob os clarões dos arcos voltaicos, no circo immenso.

Todos os exotismos e todos os phenomenos: homens que se deslocam, simios que passeiam de velocipede, chinezes que dansam em fios de arame, *fakirs* que engolem espadas, domadores que brincam com feras, passaram em revista diante do publico ruidoso do novo amphitheatro. O emprezario do Colyseu não se arruinou; prosperou. Lisboa arrancára de todas as suas viellas, alfurjas e bairros pobres espectadores para encher as archibancadas vastissimas do circo desconforme.

A sêde de prazer insaciavel, que devora a cidade, cresceu parallelamente á progressiva abundancia dos divertimentos. Centenares de contos são annualmente despejados nos *guichets* dos theatros, das praças de touros e dos circos. Com a sua população restricta e quasi na totalidade constituida de pobres, que vivem dia a dia, nenhuma cidade da Europa põe em divertir-se o mesmo enthusiasmo, a mesma pertinacia e o mesmo alvoroço.

O fatalismo, que é o fundo da nossa raça, condemna-nos a ser um povo de pobres alegres. Se o pariziense fosse como o lisboeta este mixto de romano e de mouro, capaz de viver tanto de esperanças como de pão e do heroismo de rir com os palhaços do circo sem ter jantado e sem saber o que no dia seguinte ha-de almoçar, Pariz seria uma Babylonia com mil theatros todas as noutes abertos.

O antepassado do lisboeta viu atracar á Ribeira das Naus os galeões e as caravellas da India, do Brazil e da Mina. Quando os grandes povos da Europa continental viviam ainda nas trévas, o lisboeta tinha o espectaculo gratuito das expedições que voltavam do Oriente e que desembarcavam com papagaios e araras da America, com as especiarias, as sêdas e as porcellanas da Asia, com os leões e os macaquinhos da Africa. Durante dous seculos o mundo desvendou a Lisboa a primicia dos seus

segredos. Os marinheiros e os soldados iam contar em Alfama e na Mouraria as maravilhas entrevistas em Ormuz e em Gôa. A imaginação do lisboeta foi alimentada, desde o seculo XV, pela narrativa dos navegadores. Como o romano do tempo de Augusto, o lisboeta conhecia já o elephante e a panthera quando o anglo-saxão caçava ainda o urso ás portas de Londres. Na Europa inculta e barbara elle era o civilisado por excellencia. Nos caes do Tejo elle entretinha relações com todos os povos do Occidente. Hollandezes, venezianos, francezes, bretões, genovezes, maltezes vinham commerciar com elle e trazer-lhe as noticias de toda a parte, desde as ultimas paragens do Mediterraneo até ás neves do mar do norte.

O arabe, o judeu e o africano enxameavam Lisboa. Na Ribeira fallavam-se todas as linguas. A realeza adornava-se com os dominios de áquem e de além mar, com o poderio illusorio da Ethiopia, da Persia e da India. O Ganges, o Nilo e o Zaire eram os affluentes grandiosamente ornamentaes do Tejo. N'esse espectaculo perenne de frotas, que voltavam cheias de ouro e de aljofares, carregadas de tributos e de escravos, na convivencia dos nautas que tinham bombardeado Ormuz, dobrado o Cabo das Tormentas, dansado nas praias da America com as indigenas do Brazil, que admira que o lisboeta tenha contrahido a irresistivel attracção pela novidade

e pelo exotismo? Quando, por occasião do centenario da India, alguns persas vieram a Lisboa, a convite do governo, o lisboeta parecia reconhecel-os e olhava-os, sem exaggerado pasmo, como relações de infancia. Um turbante de sêda ou um fez escarlate, apparecendo entre as cartolas e os chapéus de côco, não faz voltar a cabeça senão ao forasteiro. Mesmo na decadencia, Lisboa ficou sempre a cidade colonial e maritima, dos longinquos dominios e das aventurosas conquistas. A cada passo, na Lisboa de hoje, se encontra o preto, passeando na Avenida com a mesma confiança com que passeára na Guiné. Um opulento commerciante egypcio, que o snr. Sommer tem, n'este momento, hospedado na sua linda *villa* grega do Monte Estoril, passa despercebido nos concertos do Casino Internacional e passeia nas salas de jogo sem provocar um sussurro de surpreza e sem conseguir desviar as attenções concentradas nos tres americanos, que cobrem o panno verde da roleta com fichas de cem mil réis . .

É indispensavel recorrer á historia d'esse passado de phatasmagoria para explicar o caracter tão original e complexo do lisboeta, a sua paixão pelo espectaculo, a sua sêde de prazer levada ao paroxismo e sobretudo essa exigencia, sem exemplo, que o faz patear em Lisboa o que o allemão applaudiu em Berlim e o inglez em Londres. Dar a esse espectador difficil um

espectaculo que o enthusiasme é uma tarefa ingrata e difficil. Para constituir o elenco do Colyseu dos Recreios, não basta contratar os numeros sensacionaes dos circos estrangeiros. Um cançonetista, que faça as delicias do *Olympia*, de Pariz, será irremediavelmente assobiado em Lisboa. O lisboeta só applaude os prodigios de destreza e de força, as exhibições brilhantes, as temeridades maximas, as extravagancias monstruosas.

As suas faculdades de critica são prodigiosas. Esse espectador barulhento das galerias tem da anatomia inconscientes noções minuciosas para criticar a plastica de uma acrobata ou *écuyère* e com uma intuição surprehendente da verdade e da belleza sabe coroar de palmas tanto a elegancia de um corpo esbelto de gymnasta como a musculatura sabiamente desenvolvida de um athleta. É tempo perdido pretender mystifical-o. No circo, elle é arbitro e juiz. É no Colyseu que se póde vêr, em toda a alegria exuberante, o povo de Lisboa, desde que a tourada deixou de ser, por falta de peões e cavalleiros de prestigio, o seu divertimento favorito. Em todos os theatros de Lisboa, o povo é exilado para logares de sombra e de supplicio, d'onde impossivel lhe é associar-se amplamente ao regosijo e emoções do espectaculo. A consciencia humilhante da subalternidade em frente a uma maioria privilegiada de especta-

dores contém-no constrangido, quasi silencioso. Mas no circo elle associa-se completamente á opinião. É elle mesmo quem a dicta, tyrannicamente, sentindo-se, por sua vez, em maioria.

Ainda no sabbado ultimo, a inauguração do Colyseu revestiu-se da animação intensa de todas as festas onde o povo é soberano. Enchiam-no cinco mil pessoas. As archibancadas desappareciam sob uma pilha humana.

Por entre o borborinho, os risos e o chôro das creanças, ouviam-se desafios de phrases equivocas, que o espirito da plebe lançava de um a outro lado da arena. Ás oito e meia, não cabia mais ninguem e as portas continuavam a jorrar como fontes, n'aquelle reservatario cheio, novas ondas humanas: operarios, soldados, marujos, mulheres em cabello ou de mantilha. Os globos de luz electrica, suspensos da vasta cupula envidraçada, illuminavam aquella immensa corôa movediça de povo, d'onde se erguiam milhares de mãos applaudindo a entrada da *troupe* na arena. Das cavallariças chegam o relinchar dos cavallos de manejo e de volteio e o urro dos elephantes. A orchestra, onde predominam os metaes, toca a *Dama de Pique*, de Suppé. Um pesado cavallo branco, de largas ancas, entra na pista. Illuminadas por um jacto de luz electrica, as *voltigeuses*, vestidas de *bersaglieri*, apparecem, com esse passo e mimica de dansa, feitos de mesuras e requebros, que a tradição

impõe ás acrobatas... Durante tres horas succedem-se na pista os cavallos, as mulheres de *maillot*, os gymnastas e os equilibristas. A musica toca sempre. Ha rumores de pateada, de vez em quando, por entre o ruido das palmas. Uma outra voz de descontente grita no tumulto. Um imitador de passaros é assobiado colericamente. A excitação e o ruido são cada vez maiores. Mulheres louras e semi-núas deslocam os membros sobre um tapete oriental, de um vermelho brilhante. Os palhaços entram e sahem, n'um alarido fanhoso, com esgares comicos e cabriolas; ás gargalhadas que receberam os *clowns* seguem-se silencios unisonos durante os vôos aereos dos funambulos. Depois, outra vez, o borborinho levanta-se. Milhares de mãos applaudem. Ha uma nuvem de fumo na sala, que atordôa. O enthusiasmo vae gradualmente decrescendo; e a meio do espectaculo começa-se a sentir a impressão de que ha vinte annos que aquelles mesmos cavallos galopam na pista, aquellas mesmas mulheres louras se deslocam no tapete escarlate, aquelles mesmos elephantes fazem habilidades, aquelles mesmos homens vestidos de malha vôam de trapesio para trapesio, aquelles mesmos palhaços teem aquelles mesmos esgares hilariantes.

É bem verdade que a melhor de todas as companhias de circo que qualquer de nós tem visto, viu-a da primeira vez que, ainda pela

mão da criada, o levaram aos cavallinhos. E quando tenha sido mesmo a um barracão de feira, ficará sendo, para todo o sempre, a melhor!

5 de novembro

O homem que, n'este momento, em Lisboa, recebe mais cartas, é perseguido por maior numero de pretendentes e tem sob a alçada do seu capricho, da sua sympathia ou do seu mau humor as aspirações de maior numero de gente, é o snr. Pacini, emprezario do Real Theatro de S. Carlos.

Mal s. ex.ª desceu o estribo da carruagem do *sud-express*, em que regressava de Madrid, aonde fôra assistir á récita de gala em honra do presidente Loubet, com sua chilreante irmã Regina a cantar a parte de *Rosina* no *Barbeiro de Sevilha*, os criticos musicaes, os velhos frequentadores melomanos de S. Carlos, os amadores de choreographia, os *reporters* de dez jornaes assaltaram-o com perguntas. A todos, s. ex.ª, com aquelle seu talento argucioso e aquelle tino experiente de quem conhece de perto e ha muitos annos os perigos da indiscreção, respondeu com cousa nenhuma e a todos satisfez com esse *nada* que, fria e galantemente, entre sorrisos e

apertos de mão, lhes offereceu, até fechar a portinhola do trem, que o conduzia a casa.

Mas ahi, novos criticos de musica, novos cultores de bailarinas, novos frequentadores de S. Carlos, encanecidos em mil batalhas lyricas, novos jornalistas avidos de noticias o esperavam.

E é a custo que o snr. Pacini, distribuindo sorrisos e apêrtos de mão, consegue fugir para o quarto de banho, com o segredo intacto do seu *elenco* sensacional, para lavar o corpo precioso das poeiras importunas de Castella e das Beiras. Mas mesmo n'esse esconderijo inviolavel, emquanto mergulha consoladamente na tina, os mais impacientes o perseguem. E é através a porta, agora, que lhe chegam, quasi indistinctas pelo rumoroso pingar da agua da esponja, as perguntas anciosas:

— O' Pacini, e que nos diz v. das bailarinas?

Sem enfado, o emprezario responde, espreguiçando-se na agua morna:

— Não digo nada... Verá depois, a seu tempo, na *Aïda*...

A voz volta, mais supplicante, quasi terna:

— E quantas são? Ao menos diga quantas nos trouxe...

Pousando o sabonete, o snr. Pacini declara com dignidade:

— Impossivel! Antes de entregar o pro-

gramma a SS. MM., não posso dizer... É o costume; é a praxe... Você bem sabe.

—Mas são bonitas, ao menos? São de fazer andar a cabeça á roda?

Consolado, retomando o sabonete, o emprezario arrisca uma phrase de espirito.

—As cabeças d'ellas, com certeza, e os pés... Sobretudo os pés!

E já outra voz, essa reprehensiva, o interpella pelo buraco da fechadura:

—Pois você não trouxe o Bonci? Você commetteu o erro de não trazer o Bonci?

D'esta vez, com ligeira impaciencia, o snr. Pacini, mergulhando mais fundo na agua tépida, responde:

—Com effeito, não trouxe o Bonci.

E com que secreto gôzo, feito de uma intima vaidade e de um vago orgulho, o emprezario do Real Theatro de S. Carlos, ao embrulhar-se no confortavel roupão de banho, se reconhece o arbitro do prazer de dez mil pessoas, cujas noutes de exhibição de *toilettes*, de joias, de hombros nús, estão na dependencia soberana do seu capricho. Por um instante, o snr. Pacini procura visionar um inverno de Lisboa sem S. Carlos, com as suas noutes êrmas, cheias de tédio e bocejos, as modistas arruinadas e Cupido inactivo, e invade-o a certeza de que o inverno de Lisboa só a elle deve a belleza mundana com que se enfeita. Não é elle, de dezembro a

março, quem faz a festa de Lisboa? Não é elle quem proporciona generosamente ás mulheres o ensejo de se mostrarem e aos homens a occasião de as vêrem? Não dormiriam todo o anno as joias nos seus escrinios de setim e velludo, não passariam de moda os vestidos, se não se illuminasse annualmente S. Carlos para a revista de luxo das suas récitas?

E já o snr. Pacini, n'esta altura das suas considerações, se encontra vestido com a elegancia italiana que o distingue e se aventura a sahir do seu refugio e a affrontar as mil exigencias de Lisboa, que, até correr o panno de velludo carmezim do proscenio para o primeiro acto da *Aïda*, o vão mortificar sem clemencia e sem repouso.

O *elenco* é, finalmente, dado a conhecer á imprensa e publicado depois de submettido á approvação de el-rei e da rainha. Mas a curiosidade de Lisboa não se satisfaz com a leitura dos nomes de contraltos e sopranos desconhecidos. E outra vez os jornalistas se põem em campo, para apurar o merito de cada cantora e poderem garantir aos assignantes a excellencia das suas vozes, a sua sciencia emerita na arte de vocalisar e gorgear, quer nos *pizzicattos* de Donizetti, quer nos recitativos de Wagner.

O snr. Pacini recebe-os com a mais amavel cortezia, ouve-os com a mais escrupulosa attenção.

— Se cantam bem as *prima-donas?* Como os anjos! E, senão, vejam...

E, com um sorriso, diante da surpreza dos *reporters*, o illustre emprezario do Real Theatro de S. Carlos abre uma gaveta da secretária e exhibe os retratos de tres formosissimas mulheres.

— Quando as cantoras são assim lindas, cantam sempre bem... em Portugal!

É a esta sagaz comprehensão das cousas, a esta proveitosa experiencia dos homens, a este conhecimento nitido do meio, que o snr. Pacini deve, sobretudo, a sorte prospera da sua empreza. A sua suprema habilidade e o seu tacto inexcedivel crearam-lhe a omnipotencia. Onde outros pereceram, elle triumpha. Onde outros encontraram insuperaveis obstaculos, elle caminha em estrada lisa. O destino distribuiu-lhe a mais lucrativa e agradavel das profissões. Cousa rara, a sua prosperidade é adquirida com o prazer alheio. Os seus maiores trabalhos consistem em aturar mulheres bonitas e em attender assignantes... demasiado numerosos. Com alguns espectadores de menos, o snr. Pacini era um homem completamente feliz.

Na longa dynastia de emprezarios de S. Carlos, illustrada pelo nome do conde de Farrobo, o snr. Pacini merece, sem contestação, o epitheto de *Venturoso*. Aqui lhe fazemos d'elle *mercê em* vida, depois de passarmos em revista,

meticulosamente, os seus antecessores numerosos e de havermos procurado, em vão, outro que mais merecesse, na historia de S. Carlos, o mesmo titulo que a posteridade concedeu na historia de Portugal a D. Manoel. Não é por certo a memoria do dr. Joaquim José de Souza Baiana, emprezario em 1801, que poderá reclamar contra a nossa concessão honorifica. A tradição apenas nos diz de s. s.ª que foi homem de má fé e pessimos costumes e que resignou o officio de emprezario, pouco menos do que fallido. Em 1811, concedia o governo á empreza de S. Carlos duas loterias, consideradas indispensaveis para que o theatro podésse trabalhar «em obsequio dos officiaes e mais vassallos de S. M. britannica». D'onde se vê que no tempo de Beresford não era mais prospera do que fôra no tempo de Pina Manique a situação do emprezario, nem mais desafogada que no tempo de Junot, que tirava o cargo a Calvas para o dar a Lodi, evitando assim que os cantores e bailarinos miseravelmente morressem de fome. A empreza de Antonio Simão Mayer, apesar de amparada com subsidios, sossobrou. Os tempos revolucionarios de 1820 não consentiam ás populações as galas pacificas do theatro lyrico. Em 1822, Mayer retirava-se, ficando a dever aos cantores.

No anno seguinte, para sustentar a opera, o governo concedia ao emprezario o subsidio de

quatro corridas de touros, além dos outros rendimentos subsidiarios! E era tão pouco lucrativo o officio de emprezario lyrico, em Lisboa, que das cinco propostas entregues ao governo, em 1823, a primeira, de Hilbrath, pedia, como subsidio, o privilegio exclusivo da importação dos azeites; a segunda, de Eugenio Del Negro, exigia a introducção annual de dous navios carregados de fazenda; a terceira, de José Manoel Barão, reclamava o estabelecimento de jogos de bilhar e de banca nos salões de S. Carlos; a quarta, de Estevão Barbaris, propunha que lhe déssem, cumulativamente com a exploração do theatro, a livre importação de aguardente de França! O governo, sendo de parecer que taes concessões eram impraticaveis, adjudicava S. Carlos a Antonio Marrare, de cuja prosperidade faz fé a reclamação do ministro da Sardenha, para que se habilitassem os cantores italianos com os meios necessarios para regressarem ás suas terras! E como todos os emprezarios lyricos falliam, o miguelismo lembrou-se de experimentar uma emprezaria: Margarida Bruni. Mas, em breve, a emprezaria é conduzida á fronteira com passaporte e a sorte continúa adversa para a opera, até que o grande Farrobo, ostentosamente, fidalgamente, n'um d'aquelles impulsos magnanimos, que foram a determinante da sua ruina, toma conta do theatro e o eleva, de repente, no conceito da Europa, ao

primeiro logar entre as scenas lyricas do mundo. N'essa aventura, o Médicis do constitucionalismo perdeu quinhentos mil cruzados.

Por isso, tambem, na dynastia dos emprezarios de S. Carlos, Farrobo merece o cognome de *Magnifico*. O de *Venturoso* fica ao snr. Pacini. É que elle conhece, como nenhum dos outros, o seu negocio e os seus clientes:

— Quando as cantoras são lindas, cantam sempre bem... em Portugal!

25 de novembro

É ainda sob a impressão com que hontem sahimos do theatro D. Amelia, depois da audição inolvidavel da *Fille Elisa*, e de havermos visto, em quatro noutes successivas, Suzanne Desprès transfigurar-se na pobre *Lazarette* das *Remplaçantes*, na infeliz *Jacqueline* do *Detour*, na amargurada *Nora* da *Casa de Boneca*, encarnando tres das mais dolorosas ficções do theatro contemporaneo, padecendo, por um miraculoso prodigio de convencimento, os angustiados transes das suas heroinas; é depois de havermos visto correr em scena os prantos de *Elisa*, de termos presenceado o empallidecer progressivo da face de *Nora*, que escrevemos a carta de hoje, menos para intervir nas aprecia-

ções que a critica do Porto não deixará de fazer á sublime comediante, do que para desabafar um pouco da immensa e excessiva commoção com que os nossos nervos estão ainda vibrando a estas horas.

Tenho sobre a minha mesa de trabalho o retrato que Suzanne Desprès me deixou para maior recordação d'este intraduzivel deleite espiritual, que foi para mim, como para todos quantos gosaram a felicidade de vel-a e ouvil-a, a sua ephemera presença no palco do D. Amelia.

N'esta physionomia serena, cujo reflexo uma lente de objectiva archivou n'uma placa sensivel, o genio da inspirada mal transparece na intelligencia meiga do olhar e na sensibilidade compassiva da bôcca. O rosto de Suzanne Desprès não tem, como o da Duse, linhas dominantes e theatraes. Não é uma mascara de tragedia. É um simples rosto de mulher. Bonita? Nem mesmo bonita para quem possa analysal-o, desembaraçado da seducção poderosa da sympathia. Os olhos são pequenos, as arcadas superciliares afastadas, a bôcca grande, o mento redondo, de busto romano, como um distinctivo nobre de raça. O modelado da face é de uma grande pureza. Apenas a fadiga dos trabalhos intellectuaes assombreia a fronte d'esta melindrosa mulher, e os excessos de sensibilidade dispendida na nocturna tarefa do tablado lhe escavam e emaciam a face. Mas nem por isso,

esse nobilissimo rosto, precocemente fatigado, deixa de ser juvenil. Póde não ter viço de côres, mas illumina-o uma radiosa mocidade de coração. O pescoço, de harmoniosas linhas, que liga a um corpo debil essa cabeça inspirada, é formosissimo. Suzanne Desprès sabe-o e exhibe-o. É a sua unica vaidade feminil. D'esses hombros sem macula desce um corpo de adolescente, quasi insexual, enxuto de fórmas, de uma elegancia melindrosa de impubere, virgineo e casto, como cumpria que fosse o d'essa musa da dôr e da piedade humanas. Esse corpo delgado e virginal espiritualisa-a. É esta a mulher. Vejamos agora a actriz.

Sahindo do Conservatorio com o primeiro premio de tragedia e de comedia, Suzanne Desprès foi admittida na *Comédie Française*, onde appareceu na *Fedora*. Mas depressa a debutante comprehendeu que o palco da casa de Molière era o que menos convinha ás revelações do seu talento. No repertorio da *Comèdie* não encontrava senão excellente litteratura e Suzanne Desprès anciava por dizer mais do que phrases lindas com uma linda voz. A discipula do Conservatorio presentia que era outra a sua missão. Educada dentro das formulas litterarias do naturalismo, eram as creações de um theatro, a esse tempo ainda balbuciante, que tentavam o seu espirito impressionavel, tão excepcionalmente servido pela mais sensivel e nervosa

compleição de artista, que desde a aurora do romantismo despontava na scena franceza.

Suzanne Desprès era, com effeito, a privilegiada actriz, que o destino reservára para protagonista e heroina do theatro novo. Consagrada pela admiração de Zola, ella foi a musa acclamada do naturalismo. Durante quasi dez annos, deu vida, generosamente, a uma multidão de figuras sinistramente dolorosas e compôz uma surprehendente galeria do soffrimento humano, nobilitando com o seu genio recemnascido obras na maioria indignas do seu merito. Foi na eschola fecunda das lagrimas, dos desesperos e das angustias, trazendo para o palco, face a face de auditorios scepticos de *jouisseurs* e de elegantes, de mundanas e de frivolas, a traducção fiel e commovida da desventura, fazendo surgir no palco, como espectros, as victimas dos preconceitos e das injustiças sociaes, que o genio de Suzanne Desprès abriu as suas radiantes azas de prodigio. Interprete de um theatro eminentemente doutrinario, ella fez-se evangelista e apostola de uma religião de piedade social. De cada vez que entrava em scena, era menos para representar do que para missionar. A actriz ameaçava ser absorvida pela moralista.

Essas figuras lamentaveis de mulheres, victimadas pelo egoismo e ferocidade dos homens e das convenções, que a sublime comediante ia

encarnando, passaram a ser, ante o seu espirito, não simples ficções artisticas, mas realidades que delegavam na eloquencia da sua voz enternecedora uma missão de defeza. A tarefa de Suzanne Desprès passou então a ser a de apiedar corações. Nunca em alma de mulher se desencadearam tão formidaveis luctas de sentimento. Nunca uma voz de mulher vibrou em mais lancinantes accordes. A actriz foi descobrindo, pouco a pouco, todas as inflexões do desespero. A sua voz subiu toda a escala chromatica do soffrimento!

Foi n'esta altura da sua carreira gloriosa, que Suzanne Desprès comprehendeu os perigos que a ameaçavam, reduzida, pelos excessos doutrinarios do naturalismo, a uma vulgarisadora eloquente, mas sem individualidade propria, de um néo-socialismo litterario. E a artista emancipou-se.

Ha tres annos, quando pela primeira vez a vimos em Lisboa, ao lado de Antoine, Suzanne Desprès era ainda a mulher de genio escravisada a uma eschola e preoccupada com a missão moralista que lhe haviam distribuido. Por isso a nossa surpreza foi tamanha como a nossa emoção ao revêr, transfigurada, a amiga dilecta da Duse e ao verificar que Suzanne Desprès é ainda um espirito evolutindo para uma surprehendente obra-prima, para a mais espantosa interprete dos sentimentos humanos que porven-

tura haja existido no theatro e que a actual geração consagrará ámanhã como um prodigio!

Na Duse, todos vimos um genio no seu apogeu. Quanto mais impressionante não é vêr em Suzanne Desprès um genio em evolução progressiva, na sua maravilhosa ascensão para a gloria!

3 de dezembro

Entre as récitas de Suzanne Desprès e as de Feraudy, o leilão do snr. conselheiro João Arroyo está sendo o mais memoravel dos acontecimentos da semana. Concorrido por alguns negociantes allemães, inglezes, francezes e hollandezes, que olharam para as pinturas com sagaz desconfiança e se limitaram a licitar moderadamente n'algumas tapeçarias, porcellanas e charões, esta célebre venda está dando margem para reflectidos e opportunos commentarios sobre a *bric-à-brac*-mania portugueza.

Ninguem mais do que quem estas cartas escreve encareceu as nobres inclinações artisticas e o apurado bom gôsto do homem eminente, que reuniu n'um casarão tristonho da rua de Santo Antonio dos Capuchos tantos primores de arte. Por isso mesmo nos encontramos singularmente á vontade para dizer, sem restri-

cções — e sem pretenções — tudo quanto nos suggeriu o espectaculo, que desde domingo estamos presenceando nas salas da antiga morada do snr. conselheiro João Arroyo.

Muito do que vamos dizer, podia ter sido dito ha mais tempo. Um natural escrupulo nos impediu, porém, de confiar á publicidade modos de vêr pessoaes, a que faltavam garantias e documentação de manifesta veracidade. As apreciações sobre arte retrospectiva, sobretudo no que diz respeito á classificação nominal de auctores, épocas e escholas, são por sua natureza arbitrarias. A authenticidade é, quasi sempre, uma hypothese. Os peritos os mais competentes enganam-se a miúdo. Verdadeiros concilios de entendidos teem proferido sentenças iniquas na avaliação de obras de arte. Faltando-nos a competencia para impôr juizos temerarios, cumpria-nos o refugio sensato do silencio, emquanto, pelo menos, as nossas revelações ameaçassem lesar interesses alheios, dignos de acatamento e respeito.

Accrescia ainda que, conhecendo muito imperfeitamente as celebradas collecções, reunidas pelo snr. conselheiro João Arroyo no adorno de sua casa, as nossas impressões teriam que referir-se ao conjuncto, pela impossibilidade de descerem a descriptivos detalhados.

A casa da rua de Santo Antonio dos Capuchos estava magnificamente decorada. Mais não

nos era consentido dizer, sem incorrecção. Emquanto o martello do leiloeiro não resoasse nas suas salas, abertas ao publico, era n'uma casa particular que entravamos, por obsequiosa deferencia do seu dono. Mas desde domingo que essa casa se converteu n'um estabelecimento, invadida por todos aquelles a quem o desejo de uma acquisição ou a simples curiosidade faziam tomar o caminho da rua de Santo Antonio e subir a escadaria do taciturno palacio.

Os escrupulos não teem mais razão de existir. O meu desejo em explicar-me sobre as lacunas dos meus anteriores artigos não póde surprehender ninguem, tanto mais que, na lição eloquente d'esta venda célebre, preciso de ir buscar a justificação abundante de juizos anteriormente expendidos.

Fui publicamente accusado de haver attribuido um valor mediocre á producção artistica nacional, fóra dos dominios religiosos, e de haver peremptoriamente declarado que, á excepção de algumas joias, tapeçarias e quadros gothicos — assim erroneamente chamadas as pinturas de Vizeu, de Evora e da Misericordia do Porto, que todas se relacionam com a Renascença flamenga, — nada ou quasi nada possuiamos digno de satisfazer as grandes cobiças dos collecionadores estrangeiros. Essa é entretanto a verdade indiscutivel, que fica de pé pela falta de poderosos argumentos que a derrubem.

A não ser a mobilia Imperio, mandada executar em Lisboa para D. Pedro IV, e cujos bronzes são evidentemente de procedencia franceza ou ingleza, no leilão do snr. João Arroyo não se pôz em praça um unico objecto de arte, de valor, fabricado em Portugal! Foram a arte franceza, hollandeza, hespanhola, italiana, allemã, flamenga e oriental que contribuiram na sua totalidade para tornar valioso aquelle conjuncto de collecções.

Debalde, em mais de dez annos de pacientes buscas, no largo decurso de laboriosas acquisições, o snr. conselheiro João Arroyo se esforçou por juntar aos abundantes documentos artisticos de outros povos, um irrefragavel testemunho da nossa inspiração e engenho artisticos. Não encontrou nada! O mesmo acontecera já a outros colleccionadores de renome. Á excepção do palacio do Calhariz, onde a familia Palmella guarda a obra maxima de Domingos de Sequeira e o *S. Miguel* do Grão Vasco, por toda a parte, inclusivé no Museu Nacional de Bellas-Artes, a nossa representação artistica é, comparada á de outros povos, inferiorissima.

Pelo que respeita ao grande valor attribuido ao nosso patrimonio sumptuario, sem designação de procedencia, as nossas affirmações não são menos sustentaveis. Vieram a Lisboa alguns dez negociantes de antiguidades, chamados pelo annuncio do actual leilão. Nenhum d'elles se

dignou olhar sequer para os quadros, que figuravam no catalogo como attribuidos a Jordaens, a Teniers, a Van der Meulen, a Lucas de Leyde, a Guido Reni, a Troyon, a Salvator Rosa! Será porque esses nomes não figuram prestigiosamente na historia da pintura? Não; porque todos elles são culminantes. Um Teniers authentico vale em Pariz 100:000 francos. Como se vende, pois, em Lisboa, um Teniers *assignado* por 890$000 réis? Uma *Batalha* de Van der Meulen vale na Hollanda algumas dezenas de milhares de florins. Como se vende, pois, em Lisboa, ao snr. Oscar Blanck, um Van der Meulen por 131$500 réis? Um mau Jacob Jordaens vale na Belgica dezenas de milhares de francos. Como adquire o snr. Oscar Blanck um *excellente* Jordaens por 211$000 réis, ou sejam pouco mais de mil francos? Porque extraordinario phenomeno a obra do contemporaneo de Rubens e de Van Dyck, do discipulo de Van Noort, do pintor vigoroso e sensual do *Festim dos Reis* e da *Infancia de Jupiter*, se encontra assim de repente desvalorisada ridiculamente e se vende por um preço que o meu amigo snr. Torquato Pinheiro rejeitaria por um quadro de dimensões inferiores?

Se escolhi as tres télas de Van der Meulen, de Teniers e de Jordaens para estas considerações, é que, ao contrario do que acontece com muitas outras, o catalogo do leilão é perem-

ptorio em attribuir aos tres grandes pintores do seculo XVII a paternidade, mais do que duvidosa, d'estas obras. Certo é que eu não tenho provas materiaes em contrario, como n'este caso seriam as declarações dos verdadeiros auctores d'essas pinturas. Mas não é menos certo que só por conjecturas, e essas mesmo demasiado phantasiosas e optimistas, se procedeu, com um empyrismo exaggerado, á classificação de umas télas, sem duvida alguma apreciaveis, mas para as quaes, a despeito dos nomes patronimicos, o *expert* estrangeiro não se dignou olhar com attenção. Convidamos os actuaes possuidores d'esses thesouros a fazel-os authenticar nos muzeus da Haya e de Bruxellas, tanto mais que lhes fazemos a justiça de pensar que nenhum d'elles se considera rei de uma terra de cegos nem tão favorecido da fortuna que as obras de Teniers e de Jordaens lhes caiham do céu aos trambulhões, ao annuncio prophetico da voz do snr. Liborio.

Propositadamente, quando, com alguns mezes de antecedencia, aqui mesmo noticiamos, primeiro do que ninguem, a venda das collecções do snr. conselheiro João Arroyo, não incluimos os quadros na pequena enumeração dos objectos, que previamos seriam disputados pelos antiquarios estrangeiros.

Mas não vá alguem suppôr, a esta altura das nossas considerações, que o adorno artistico

do palacio era constituido de objectos desvaliosos, sem authenticidade e sem belleza, deshonestamente encarecidos pelo reclamo. Fique dito de uma vez para sempre que o snr. conselheiro João Arroyo reuniu nas suas salas alguns dos melhores objectos de arte, em mobiliario, louças, crystaes, tapeçarias e pinturas, que um homem de apuradissimo gôsto e opulenta fortuna póde adquirir actualmente em Portugal, depois da destruição de Lisboa pelo terremoto, das razzias dos francezes e das mil viagens de exploração methodica, que ha cincoenta annos véem fazendo pelo paiz os antiquarios allemães, belgas, hollandezes e inglezes. E d'esse facto resulta a eloquencia da lição, que está sendo para os amadores portuguezes de *bric-à-brac*, esta celebrada venda.

Exceptuando a magnifica tapeçaria flamenga, *O triumpho de Scipião*, vendida simuladamente aos snrs. Leal, dizia-se que para o francez Cambon, por 5:980$000 réis; o pequeno e nada notavel tapete persa, arrematado por 1:500$000 réis pelo allemão Bruck, que igualmente comprou por 348$000 réis a armação em velludo vermelho de Genova com galão de prata do quarto de cama Luiz XIII; algumas poucas gravuras adquiridas pelo negociante Ahrends; dous ou tres moveis Imperio e Luiz XVI, meia duzia de peças de porcellanas antigas e um relogio de charão, comprados pelos negociantes Hamburger,

Spoolmann, Hascan e Geiken, a quasi totalidade dos objectos ficou em Portugal. Quer isto signifiar explicitamente que a grandissima maioria d'esses objectos se encontrava fóra da esphera das grandes cobiças dos generosos colleccionadores americanos e europeus e foi julgada pelos antiquarios estrangeiros de avaliação superior ao seu verdadeiro valor commercial. D'onde se conclue que se estão pagando no paiz, por preço muito superior ao que lhes é attribuido no mercado artistico de Pariz, Londres, Antuerpia, Amsterdam, Hamburgo e New-York, objectos de arte, por este modo ficticiamente valorisados entre nós. É isto assumpto para reflexão, por parte d'aquelles — e são ainda muitos — que immoderadamente se entregam á paixão ruinosa do *bric-à-brac*.

— *Mais ils sont fous!* exclamavam, ao terminar o leilão de domingo, os *experts* estrangeiros, depois de haverem presenceado a venda da salinha Luiz XVI e de parte da sala *Pêle-Mêle*. E é positivo que elles tinham razão! Habituados a comprar em Portugal joias, tapeçarias, esmaltes, miniaturas, pratas e louças, os dous Hamburger assistiam attonitos ao duello ostentoso, que se feria entre uma duzia de homens, para a acquisição de objectos, diante dos quaes a sua cupidez permanecia insensivel. Qual o criterio que preside a esse torneio, que dura ha uma semana? Quasi exclusivamente o do

capricho e o da ignorancia. A este leilão se podia chamar uma feira de vaidades. Ao mesmo tempo que se via dar 310$000 réis por um vulgar contador hispano-arabe, que em Hespanha se adquire sem regatear por 100 duros, as duas lindissimas commodas semi-circulares, em marqueterie italiana, da época Luiz XVI, mantinham o preço porque haviam sido adquiridas pelo snr. conselheiro João Arroyo ao snr. Alfredo Guimarães: 100 libras. Quando os espelhos da sala Luiz XVI eram em média vendidos a 80$000 réis, o esplendido lustre de vidro de Murano, comprado no leilão de Fernando Palha por 290$000 réis e dispendiosamente mandado restaurar a Veneza pelo snr. João Arroyo, era arrematado por 400$000 réis pelo snr. José Relvas.

É de reparar que os melhores numeros do catalogo figuraram já em catalogos de leilões anteriores, como os de Fernando Palha e Zea Bermudes, mantendo, sem oscillação apreciavel, a licitação primitiva. Esses objectos adquiriram, pois, como que um valor intrinseco, publicamente sanccionado, ao passo que os restantes, abstrahindo a porcellana da India, do Japão e da China, cuja valorisação puramente convencional e exaggeradamente absurda persiste em Portugal ha muitos annos, não attingiram ainda a estabilidade de preço necessaria ás transacções do mercado artistico.

D'onde, em resumo, concluimos:

I — Que o nosso patrimonio artistico é hoje, comparado ao de outros povos, de insignificante valor.

II — Que a valorisação do objecto de arte, no paiz, não obedece, na sua maioria, a nenhum criterio racional.

III — Que não nos é consentido sahir da reserva a mais modesta no que diz respeito á nossa producção artistica, em todos os ramos das artes sumptuarias.

8 de dezembro

É ainda no theatro, que encontramos os acontecimentos da semana, quando os procuremos fóra dos dominios agitados da politica. A vida mundana de Lisboa, tão injustamente denominada «grande sociedade», não principiou ainda. A *matinée* de hontem, na legação dos Estados-Unidos, é nos fastos mundanos da capital um facto isolado, que os respeitadores do protocollo não deixarão de classificar como uma precipitação. Os bem informados segredam anticipadamente annuncios de bailes e de espectaculos de amadores. Mas será necessario arrancar ainda muita folha ao calendario, antes que os trintanarios saltem das boleias para abrir as portinholas dos trens de luxo, em frente aos vestibulos das poucas casas onde se dansará

este inverno. N'este tão lindo verão de S. Martinho, de sol e céu tão primaveris e de noutes tão suaves, emquanto el-rei caça nas tapadas senhoriaes de França, entre flocos de neve, o principe regente joga o *tennis* na *pelouse* das Necessidades com o snr. Pinto Bastos, e, nas carruagens, as senhoras abrem os guarda-sóes a caminho do Campo Grande.

Durante o dia, a lisboeta vive na rua, espanejando os vestidos novos em estylo Imperio e Luiz XVI, garrindo os chapéus modêlos de trinta mil réis, as estolas de pelle de raposa e de lontra, guarnecidas a rendas grossas de Irlanda. Já as ultimas retardatarias chegaram pelo *sud-express* de Paris e pelo *tramway* de Cascaes. Durante cinco mezes, a Lisboa que se diverte vai dissipar em mil frivolidades elegantes o coração e a fortuna, no seu delirio annual de exhibicionismo. Vêr e ser vista é, na apparencia, a unica preoccupação d'esta sociedade, ou antes, d'esta classe, sem limites definidos, que, dia a dia, se avoluma com novos adeptos e que, sem a consciencia do seu delicto, cada vez mais desmoralisa as outras classes desfavorecidas e já contagiadas pela sua impaciente febre de gôzo e de vaidade.

Em contraste com o Porto, que conserva a physionomia de uma cidade onde se trabalha, Lisboa accentua progressivamente a physionomia de uma cidade onde se goza. Gozar: eis a

aspiração unanime d'este formigueiro humano, que enxameia as ruas até ao accender do gaz e assalta as bilheteiras dos theatros, mal acaba de jantar. Ganhar para gastar; gastar para gozar. N'esta febril anciedade se fundem todas as energias e se desmoralisam todas as virtudes. E, como para viver com o minimo do trabalho se torna indispensavel obter o maximo do salario, a vida de Lisboa ameaça tornar-se, em breve, á falta de correctivos imperiosos, n'uma anarchia economica, cujo exemplo funesto irradiará lentamente pelo paiz.

Lesadas pela concorrencia das grandes lojas, que diminuem os preços, parallelamente ao augmento das vendas, os pequenos estabelecimentos vão buscar, inversamente, á exorbitante elevação dos preços a compensação da progressiva decadencia do seu negocio. Explorado n'estas condições anormaes, o pequeno commercio, de tradições tão laboriosas e honestas, vai modificando radicalmente o seu antigo caracter e adquirindo habitos de bandolismo repugnante. Por toda a parte, á honradez tradicional se substitue a mais desenfreada cupidez de lucros. Industrias ha, como a da marcenaria, que quasi succumbiram sob a acção deleteria d'este regimen. De uma parte, as exigencias absurdas do operario, desmoralisado pelo exemplo dos patrões; de outra parte, a insaciavel cupidez expoliadora dos vendedores reduziram a fabricação do

movel, com raras excepções, a um commercio subsidiario da marcenaria portuense. Póde affirmar-se que mais de 50 % do mobiliario vendido actualmente em Lisboa se fabrica no Porto. O commerciante, em vesperas de fallir, encontrou, inesperadamente, um processo facil de enriquecer. O Porto já assim trabalha para a prosperidade de Lisboa. Para que o operario lisboeta ganhe uma féria farta, vá aos touros, vá ao circo, vá ao theatro do Rato, o operario portuense levanta-se de madrugada e trabalha, como um forçado, todo o dia na officina.

De tempos a tempos, o proletariado lisboeta declara-se em crise de trabalho, e logo o Estado, solicitamente, o admitte nas obras publicas: especie de villegiatura paga á custa do paiz e de que o seguinte facto authentico dá a mais eloquente definição:

A um homem, que occupa na politica uma situação preponderante, foram recommendados da provincia, por um amigo, cinco operarios habilissimos, que se viam a braços com uma verdadeira crise de trabalho, que os forçava a emigrar, diante da ameaça da fome. E, logo, apiedado, o politico se põe em campo para lhes angariar trabalho. A occasião era má. Havia, por toda a parte, superabundancia de pessoal, recrutado, sem utilidade e sem criterio, ao serviço do Estado. Provisoriamente, os cinco operarios são admittidos nas obras a que se estáva,

n'esse momento, procedendo n'um edificio publico. «Trabalho para dous mezes, quando muito», declarára ao politico, protector dos cinco famintos, o director das obras publicas. Depois se lhes procuraria occupação de mais estabilidade...

Mas os dous mezes passam, sem que os operarios voltem a importunar o protector, e outros dous mezes decorrem, sem que elles appareçam. Surprehendido, o politico indaga do destino dos immigrantes, e um d'elles, chamado á sua presença, explica que os operarios do Estado haviam decidido prolongar as obras até ao fim do anno!

—Mas, se ellas deviam, quando muito, durar dous mezes!

—Oh! meu senhor, na minha terra, com menos gente, faziam-se em quinze dias! Os operarios é que resolveram demora-l'as mais seis mezes...

Indignado, o politico interpella então, n'estes termos, o protegido:

—Quer dizer: vocês estão agora a roubar; não estão já a trabalhar.

E o operario balbucia:

—Tivemos que fazer como os outros, para não sermos despedidos...

De onde se vê que querer trabalhar principia a ser uma pessima recommendação para quem não pretenda... morrer de fome em Lisboa!

A desproporção entre o valor racional do trabalho e o salario vem ainda aggravar a carestia absurda da vida, dando pretexto a que em todos os ramos da actividade se estabeleça a lucta encarniçada e traidora entre o consumidor e o productor. O que compra é a victima do que vende.

A expoliação começa a ser o regimen quasi normalisado de uma existencia, governada pelo arbitrio e pela aspiração preponderante do gôzo, onde ninguem pensa no dia séguinte, onde os que em vida tiveram trem não deixam, ao morrer, dinheiro para o caixão!

Mas prégar moral em Lisboa é tão inconveniente como chorar n'uma bôda. Lisboa occulta as suas miserias, sob as mais risonhas e apparatosas apparencias. Todos, com sobrehumanos esforços, se empenham em emprestar-lhe o aspecto de uma cidade de recreio.

Para não comprometter a esthetica das suas ruas, as mulheres mais pobres usam chapéu; para animar os seus espectaculos, as familias em mais precarias circumstancias vão ao theatro. Tudo quanto vive á custa do seu gôzo e da sua vaidade prospéra. E, para alimentar a sua crescente sêde de prazer, todos os dias desembarcam dos vapores mais bichos amestrados e mais gymnastas para o circo; todos os dias descem dos estribos dos comboios notabilidades estrangeiras. É hoje um pianista prodigio, ámanhã

um macaco de genio, depois um rabequista surprehendente, uma orchestra maravilhosa, uma cançonetista ou bailarina obscena.

O pão é caro? É certo. Mas a vida é alegre. Póde-se morrer de fome em Lisboa. Ninguem aqui morre de aborrecimento.

24 de dezembro

Abriu S. Carlos. Tem, finalmente, esta dessassociativa Lisboa do seculo XX onde passar as noutes, onde exhibir as suas *toilettes* e fazer resplandecer as suas joias.

A prosperidade de S. Carlos só começou quando a vida de sociedade e de côrte perdeu o seu caracter eminentemente mundano e exclusivista. Foi necessario que se apagassem os lustres dos salões de baile, que desertasse o ultimo frequentador das salas, onde ainda se cultivava a arte requintada da conversa, para que S. Carlos se enchesse com todos os transfugas dos serões aristocraticos, politicos e litterarios de Lisboa e para que os proprietarios seculares dos camarotes da opera os occupassem com regularidade. Assim, a prosperidade de S. Carlos não é mais do que a consequencia da decadencia da sociabilidade entre as altas classes. S. Carlos substitue o salão. S. Carlos é

a democratisação da grande festa mundana de outros tempos, que retinha em suas casas, fazendo as honras das suas salas, as mais nobres e espirituosas senhoras da aristocracia portugueza.

Ha trinta annos podiam reproduzir-se quasi todos os brazões heraldicos da sala dos Veados no tecto dos camarotes e das frizas de S. Carlos.

O theatro lyrico era como que uma regalia e apanagio da nobreza; o logradouro de uma casta. Na penumbra dourada da grande sala, illuminada a velas até 1849, namorava-se, conversava-se, conspirava-se e ás vezes se ouvia musica. Combatiam-se grandes batalhas na plateia pela saia de tarlatana de uma bailarina ou pelo trinado de uma contralto. Organisavam-se temerosas intrigas politicas nos camarotes, atraz dos leques de rendas francezas e pergaminho pintado. Ia-se a S. Carlos depois de um jantar diplomatico, depois de uma sessão parlamentar tumultuosa, depois de um clandestino conselho de ministros ou antes do baile do conde de Farrobo, das marquezas de Vianna ou Penafiel. Em S. Carlos estava-se em familia, sem deixar de se estar em *grande tenue*. O marquez de Niza escolhia S. Carlos para estrear as suas sensacionaes casacas do Pool. Garrett perdia uma hora ao espelho antes de ordenar ao segeiro:— *Para a opera!* Cada frisa ou camarote, como

cada igreja, tinha alli os seus fieis. Faziam-se convites para tomar neve ou chá n'um entreacto da *Norma* ou da *Semiramis* ou do *Orpheu*. Os emprezarios falliam com aquella pesada honra de receber no seu theatro a nata da grandeza de Portugal, mas, em compensação, S. Carlos dava paginas para a historia, e ir ouvir a Rossi-Cassia equivalia a um baptismo mundano.

Hoje, S. Carlos não é mais o baptisterio privilegiado da moda, nem o campo de exhibição e de parada de uma classe ciumentá e exclusivista. Seria hoje difficil ao melhor informado dos mundanos dizer com exactidão os nomes das lindas mulheres, que occupam, n'uma récita de assignatura, os camarotes da 1.ª ordem. S. Carlos deixou de pertencer a uma casta.

A especulação democratisou-o. Tendo resistido, durante um seculo, á democracia niveladora do liberalismo, só agora principiou a ser, na rigorosa accepção do termo, um espectaculo publico. Mas a verdade é que perdeu em interesse o que ganhou em brilho. Já se começa a ir a S. Carlos para ouvir musica. Se a belleza das mulheres que o frequentam declinasse, S. Carlos não tardaria em perder o pouco que ainda lhe resta do seu caracter tradicional de *rendez-vous* nocturno da elegancia.

Construido na ultima decada do seculo XVIII, quando Lisboa, herdando e mantendo as trádi-

ções de uma cultura mundana inexcedivel, tinha pelo theatro e pela musica uma idolatria partilhada pelos reis, S. Carlos foi no seu inicio, como a Opera Italiana de Pariz, uma academia musical frequentada pela nobreza. A esse tempo, a orchestra da rainha rivalisava, em musicos e cantores, com a orchestra do Papa. Glück dedicava uma opera ao duque de Lafões. A familia real fazia-se retratar no tecto da sala das audiencias do paço de Queluz, acompanhando ao cravo o maestro Marcos Portugal. Ardera com o paço da Ribeira o theatro de opera que D. João V fizera construir para recreio da côrte e viveiro de comicas e bailarinas italianas.

Mas por pouco tempo S. Carlos serviu ao gôzo delicado dos fidalgos. Poucas vezes, na penumbra dos seus camarotes, assomaram as damas ornamentaes do reinado de D. Maria I, com os seus altos toucados empoados, á Maria Antonietta e á princeza de Lamballe. Na esquadra, que se fazia de véla para o Brazil, embarcaram as primeiras figuras da côrte. Todas as perucas e todos os toucados palacianos desappareceram diante da invasão napoleonica. Desamparado pelo seu auditorio de *talon rouge*, S. Carlos passou a servir as megalomanias de Junot. De academia de musica desceu a alfobre de amores. A orchestra acompanhava mais piruetas de dansarinas que cavatinas de primadonnas. Nos camarotes, evacuados pelas damas

apparatosas do antigo regimen, surgiram os rostos maliciosos e alegres das sécias, vestidas á Directorio, com a cinturinha debaixo do seio, o cabello frizado á Tito e á Creoula, a quem os officiaes francezes faziam a côrte com as liberdades aprendidas nas galerias do Luxemburgo e nos corredores das Tulheiras. Mas, por sua vez, Junot partiu.

Beresford fez a sua apparição na tribuna. Ao governador francez succedia o governador inglez. A revolução começava a agitar ainda em silencio as suas ondas. S. Carlos viu-se transformado n'um simulacro de parlamento. A sua sala, ainda que vigiada pelo corregedor do bairro, conservava as immunidades propicias aos jacobinos: Entre um bailado e uma symphonia, os pedreiros-livres conspiravam. Em S. Carlos estava-se a salvo da espionagem da Intendencia. A presença das mulheres protegia a impunidade dos revolucionarios. S. Carlos estava no segredo da revolução de 1817. Gomes Freire, como todos os conspiradores de alto cothurno, frequentava a opera assiduamente. E assim succedeu que S. Carlos, considerado por Pina Manique como um excellente derivativo para as paixões politicas, se ia transformando no mais perigoso dos *clubs*, d'onde irradiavam o *santo e a senha* das revoltas. Ás luctas entre cantores, iniciadas pela discordia célebre entre a Catalani e o sopranista Crescentini,

succederam as luctas entre partidos. As manifestações politicas substituiram as pateadas. Os janotas do liberalismo ainda se batiam pelas cantarinas. O amor não desertára de S. Carlos. Cupido ainda lá ia desferir as suas flechas aos peitos dos estroinas romanticos. Mas a politica assentára definitivamente arraiaes no templo da Musica e da Dansa. Durante todo o seculo XIX, S. Carlos foi um dos grandes palcos da nossa historia politica. No seu camarote real cuchilou D. João VI, padeceu D. Pedro IV a affronta que lhe accelerou a morte, foram acclamadas a rainha D. Carlota Joaquina pelos realistas e a rainha D. Maria II pelos liberaes. Na sua tribuna magnifica sentaram-se os soberanos de quasi toda a Europa. E para que nada falte á sua tradição S. Carlos deu uma esposa a um rei. A narrativa de todos os successos que a elle se prendem constituiria o mais precioso commentario á vida social portugueza dos ultimos cem annos. Tudo quanto Portugal produziu de eminente na politica, nas artes, na litteratura e no mundanismo passou pelo labyrintho dos seus corredores. Quantos corações de fidalga alli palpitaram nos decotes dos vestidos! Quanta intriga alli se atou e desatou, no transcurso lento de cinco gerações!

De tudo isso S. Carlos vive. Esse esplendor de um passado liga-se ao brilho das suas grinaldas e arabescos de ouro. S. Carlos é uma

sala de espectaculos historica. Quem pela primeira vez lá entra sente-se dominado pela sua fama lendaria. No seu ambito vibraram as vozes das mais célebres cantoras, desde a Pietralia á Boccabadati, desde a Rossi-Cassia á Barili, desde a Stoltz á Alboni, desde a Castellan — a quem a snr.ª duqueza de Palmella offerecia um baile na noute do seu beneficio! — até á Tedesco — a quem fizeram versos Mendes Leal e Castilho! E quantas outras, a Bernardi, a Ferruci, a Borghi-Mamo, a Volpini, a Patti, a Sembrick, que na sonora sala desfiaram os seus trinados de rouxinoes!

Alli, d'aquella plateia agora commedida, elevaram-se as pateadas e as ovações dos *lottistas*, dos *albonistas*, dos *pasquistas*, commandadas por Antonio da Cunha Sotto-Maior, pelo marquez de Nisa, pelo Fidié, pelo Antonio Palha, pelo conde de Vimioso, por José Vaz de Carvalho! Quantas paixões romanescas, quantas loucuras, quantos golpes de Estado, quantas venturas e desventuras se teceram e atearam n'aquella sala, ao som de operas de Marcos Portugal, de Glück, de Rossini, de Bellini, de Manoel Innocencio dos Santos, de Mozart e de Verdi! A moda e o luxo de todo um seculo exhibiram-se nas cinco ordens dos seus camarotes, desde as anquinhas da princeza D. Maria Francisca Benedicta, até aos balões enfeitados de grinaldas de rosas da marqueza de Vianna.

No seu palco, onde agora evolucionam as funebres casacas pretas e o pallido espirito da *jeunesse et vieillesse dorée* de 1905, o estado-maior de Junot cortejou bailarinas, Bocage compôz a sua ode á Gafforini, Garrett disse phrases de espirito, o corregedor Semblano disse phrases grotescas, o intendente Pina Manique disse phrases rispidas. Os netos pisam alli as mesmas tábuas, puidas pelos escarpins de milhares de dansarinas, que os seus bisavós pisaram atraz da saia de tarlatana da Pontirolli e da Velluti. S. Carlos é assim um verdadeiro pantheon amoroso, a que cada grande familia de Portugal tem ligada a memoria de uma paixão. Campo de parada do janotismo de cem annos, por onde passaram desde os calções de sêda dos peraltas até ás colleantes calças côr de alecrim do romantismo, a sala de S. Carlos viu alinhada na sua plateia toda a flôr do Portugal contemporaneo. D'essa tradição secular deriva o seu prestigio. O snr. Jorge de Mello presidia ao espectaculo de segunda-feira, como governador civil, no mesmo camarote em que assomava, ha cento e dez annos, a cabelleira empoada e os bofes de renda de Pina Manique, para ouvir cantar a *Sofonisba* ou *Il trionfo di Crecia*. No camarote, que é hoje da snr.ª duqueza de Palmella, recostava-se em 1808 a condessa da Ega, vestida á grega, piscando os olhos ao duque de Abrantes. Todas essas sombras habi-

tam ainda a sala. Mas sente-se, ao recorda-l'as, que alguma cousa passou e que não volta mais. Hoje ha mais gente, os scenarios são mais brilhantes, a orchestra é mais numerosa, a empreza é mais prospera. Mas S. Carlos é apenas a expressão de uma pequena vaidade e a dissimulação de um grande tedio. O S. Carlos do marquez de Nisa é hoje o S. Carlos do snr. dr. Garrido...

1 de janeiro de 1906

Venus triumpha nas duas scenas mais mundanas de Lisboa: em S. Carlos com o *Tannhäuser;* no D. Amelia com a phantasia espectaculosa de Blumenthal. Quarta-feira, como o snr. Pacini resolvesse dar descanço aos seus cantores, ás suas bailarinas, aos seus coristas e aos seus musicos, todo o numeroso publico, que assistira na vespera á audição da magica do grande *maestro* allemão, transferiu-se para o theatro da rua do Thesouro Velho, a assistir á magica do espirituoso poeta germanico. Porque são ambas allemãs de origem, as Venus que a estas horas chamam aos dous elegantes theatros toda a Lisboa que se diverte e que se exhibe. E ambas téem da magica a fabulação maravi-

lhosa, os scenarios surprehendentes; as peripécias sobrenaturaes. A lenda d'esse poeta libertino do seculo XIII, que passa um anno nos braços de Venus, fruindo todas as divinas delicias do amor pagão, e que, como o ingrato Ulysses na ilha da deusa Calypso, se fatiga de tanto amor e tanta perfeição, voltando aos amores trabalhosos da terra, e morre, repudiando Venus e as suas voluptuosidades, junto do esquife de um anjo, que outra cousa é senão uma magica, na mais rigorosa accepção da palavra? N'essa apologia calorosa do espiritualismo, Wagner empregou ainda, como sempre, as scenographias phantasticas, os luxos excessivos, que são o unico quadro, digno, pelas suas grandiosidade e belleza, dos seus poemas e das suas partituras sublimes.

Como o snr. visconde de S. Luiz Braga viesse annunciando, desde as caniculas, essa esplendorosa Venus, que está fazendo a fortuna do seu theatro, não quiz o snr. Pacini que a mesma deusa prestigiosa do amor e da formosura passasse em S. Carlos por entre scenographias desbotadas, córos desafinados e o sussurro dos assignantes. É, pois, ainda ao emprezario do D. Amelia que devemos — quem sabe! — o inexcedivel encanto espiritual de ouvir pela primeira vez em S. Carlos, regida por um grande *maestro*, cantada por um grande barytono e um grande tenor, a partitura do *Tannhäuser*. Toda-

via, apesar dos cavallos — o snr. Pacini tem feito entrar cavallos em todas as operas d'este anno, — das matilhas de galgos, das reluzentes couraças dos guerreiros e dos *maillots* côr de carne dos pagens, a opera estonteante de Wagner está na *mise-en-scène* de S. Carlos como uma tempestade n'um céu de algodão em rama ou a ambrosia dos deuses n'uma pucara de barro. A musica sem cessar nos arrebata a imaginação para os dominios fabulosos das divindades, onde Venus, reclinada na sua concha de nacar e coroada de rosas, entre a sua côrte de nymphas e bacchantes, adormece nos braços o bardo da velha Allemanha das lendas e embriaga e sacia a sua alma voluptuosa e ardente com todos os prazeres ineffaveis do amor. Debalde, entre o esplendor da luz electrica, os nossos olhos procuram na snr.ª Lucaceska as feições harmoniosas da infiel esposa de Vulcano e complacente amiga dos mortaes. E á medida que a partitura maravilhosa, n'um crescendo de inspiração genial, vai agglomerando em evocadoras torrentes de harmonia, no nosso espirito enlevado, a visão de scenas fabulosas, com o torneio dos bardos, os regressos de peregrinos e o enterro lyrico de Isabel, a realidade vai-se afastando cada vez mais do sonho tão prodigiosamente evocado, — e só fica de pé, envolta no seu manto de brocado vermelho, com a mão na lyra e os olhos em extases, a figura de Wol-

fram, tão nobremente encarnada no barytono Renaud.

A magestade do porte, a esbelta e viril elegancia do torso, a belleza serena das attitudes, a sobriedade classica do gesto, a espiritual expressão da physionomia, a opulencia rigorosa do trajo, o sentimento e a ternura da voz, tudo n'esse homem de sessenta annos, que é, a estas horas, o barytono Renaud, concorre, se liga e harmonisa, pelos favores da natureza e pelo poder do talento, para fazer d'elle o Wolfram ideal da grandiosa opera wagneriana. Se fosse possivel conseguir que todas as restantes figuras, desde a mais modesta, assim correspondessem, no desempenho da obra sublime, ao sonho que ella evoca, e que no palco se erguesse com nitidez a visão do Olympo resoante de córos e povoado de nymphas, do valle de Wortburg, rumoroso de arvoredos centenarios, da vasta sala do castello feudal do principe Herman onde se realisa o torneio dos cantores, e por ultimo, na azulada penumbra da noute, onde scintilla e arde o fogo vivo de Venus, o acompanhamento do feretro de Isabel, entre o clamor das mulheres, o pranto dos poetas, as labaredas das tochas funerarias, o resoar das lanças dos soldados, o tropear dos cavallos dos magnates e o estridor das trompas dos arautos! Mas, ai de nós! a realidade ha-de ser sempre a sombra esvahida da miragem, o reflexo pallido e imper-

ceptivel do sonho, como affirma, no prologo sentencioso da magica de Blumenthal, o pobre narrador de lendas, ao contar aos homens scepticos, creados e alimentados pela sciencia, o nascimento de Venus, na praia d'aquella mesma embalsamada ilha de Chypre, onde um sabio se vangloria de ser o descendente do macaco.

Entre a Venus victoriosa da magica e a Venus repudiada da opera, ha, sem duvida, o insondavel abysmo, que separa dous ideaes contradictorios e inimigos. Tannhäuser, desprendendo-se dos braços de Venus e descendo á terra, attrahido pelo idealismo de que tem saudades a sua alma de poeta e que em vão a deusa tenta fazer-lhe esquecer nas realidades ineffaveis da sua belleza, proclama a victoria do amor espiritual sobre os amores sensuaes, e n'um transparente symbolo, cuja magestosa grandeza as mais celestes harmonias interpretam, põe frente a frente, n'um sublime prelio, a alma da antiguidade pagã e a alma do mundo moderno, redimido pelo espiritualismo christão. Mas Blumenthal não pretendeu fazer, como Wagner, uma obra de trascendente philosophia. Apenas uma satyra risonha. Essa Allemanha do Tannhäuser idealista, já se não desprende dos braços de Venus para se refugiar no sonho e na fé. Esquecendo o amor, perdeu tambem a redemptora crença no ideal. É a Allemanha do materialismo, a Allemanha das universidades e

dos laboratorios, desdenhosa de toda a especulação metaphysica, que o poeta satyrisa com as benevolentes ironias dos homens de espirito.

Toda a mulher allemã correu ao theatro para vêr e applaudir a obra do poeta, que, em pleno reinado do positivismo, endereçava ao amor e á belleza o seu fervoroso cantico de louvor. Vão longe, como se vê, os tempos do Tannhäuser. Ha, entretanto, entre estas duas obras, uma tão sublimemente grande, a outra tão risonhamente espirituosa, um ponto de contacto. Ambas se elevam das baixas realidades da terra e se perdem nas regiões deslumbrantes dos sonhos. Ambas, n'este tempo de analyses e de experiencias, se resolvem em devaneios.

Ainda que superficial na apparencia, a magica agora em scena no theatro D. Amelia reflecte o unanime movimento de reacção operado nas litteraturas e nas ideias contemporaneas contra o abuso da realidade. De ha muito que a humanidade soffria com impaciencia o jugo demasiado pesado do positivismo. Começou-se a comprehender que era pretenciosa a convicção de haver a sciencia afugentado o mysterio diante da sua luz. Constatou-se que para lá da realidade tangivel, fóra do alcance da observação scientifica, se alastrava um dominio immenso: o do inexplicado e do desconhecido. Por toda a parte se principiaram a ouvir os

queixumes dos sonhadores e a litteratura começou de novo a viver mais de ideal que de sciencia!

7 de janeiro

Pela primeira vez, que eu saiba, a palavra *Mamã* apparece, com fóros litterarios, em França, seu paiz de origem, n'uma das comedias de Molière. O baptismo litterario, administrou-lh'o o auctor das *Preciosas Ridiculas*, que a encontrou nas alcovas das elegantes do seu tempo, forrageada entre o abundante vocabulario com que a mulher de Pariz julgou concorrer para a gloria do reinado de Luiz XIV e para o brilho da lingua franceza.

A palavra devia parecer ridicula aos contemporaneos de Racine, de Corneille e de Bossuet, e Molière com certeza a empregou n'um sentido satyrico. Mas o tempo, que tudo modifica, nobilitou o vocabulo piégas. O seculo XVIII, com o seu culto da natureza e da pseudo simplicidade nos costumes, consagrou esse balbucio infantil e sem demora J. J. Rousseau o vulgarisou, creando, por analogia, a palavra *Papá*.

Nos ultimos annos do reinado de Luiz XVI, durante toda a Revolução, durante todo o Directorio e durante todo o Imperio, os filhos

chamaram aos paes *mamã* e *papá*. Á crueldade sanguinaria dos corações correspondia o mais dulcoroso piéguismo na linguagem. A guilhotina tragica deu o *incroyable* comico. As esposas dos generaes heroicos ciciavam. O rei de Roma chamou a Napoleão *papá*. Um sentimento de ternura apagára e substituira o sentido risivel da palavra. Só nos lares rudes dos pobres, os filhos chamavam ainda aos seus progenitores *pai* e *mãe*. A litteratura romantica sanccionava a moda decretada pelo philosopho Rousseau. Pai e mãe eram palavras mal soantes, banidas de entre as classes dirigentes, exiladas para a giria degradante dos miseraveis. Se Molière resuscitasse, a custo abafaria as gargalhadas, ao ouvir em bôcas de homens esses restos do balbucio da infancia, com que as *preciosas* do seu tempo tinham ridiculamente composto uma palavra.

E, por tal fórma se propagou a moda, como distinctivo de boa educação e de sensibilidade affectiva, que a nobreza, reagindo contra a sua demasiada vulgarisação, foi aos poucos abandonando o *papá* e a *mamã* á burguezia e resuscitou para uso dos seus filhos o velho vocabulo latino, com os seus tres mil annos de existencia.

Não é facil saber porque maneira se introduziu na linguagem portugueza, no fim do seculo XVIII, com fóros de palavra, esse duossyllabo infantil. Desde Adão e Eva que as creanças,

nos seus primeiros exercicios de vocalisação, por ventura balbuciariam *pá... pá* e *ma... mã*. Mas nunca, no transcurso millenario dos seculos, durante os periodos barbaros em que o homem ensaiava a primeira palavra, até aos gloriosos periodos em que completou e lapidou a linguagem, eternisando-a em monumentos escriptos, do berço ou do regaço das mães, de entre os vagidos das creanças, sahira para o léxico dos grammaticos similhante vocabulo. Nunca, em sete seculos que já contava quasi a nossa lingua, purificada pelos eruditos labores do classissismo, o berço collaborára na formação da nobre linguagem portugueza, filha lidima da latinidade.

De *padre* e *madre*, que, no tempo de D. Diniz, se chamavam os progenitores de toda a creatura, passaram a chamar-se *pai* e *mãe*, no tempo de Camões e de Bernardes. É necessario que o francezismo do nosso seculo XVIII nos ponha em contacto com as costureiras e os encyclopedistas de Pariz, para que Moraes, o veneravel e escrupuloso Moraes, registre no seu diccionario a palavra *papai*. E agora, em presença d'esta variante, nos quedamos perplexos, na duvida de que o novo vocabulo nos tenha chegado simultaneamente de França, por via de Rousseau, e do Brazil, por via das negras da Mina! Para quem conhece a tendencia do preto para a formação onomatopaica de palavras e

os seus processos rudimentares de expressão, não repugnará acreditar que as escravas do Brazil, embalando os filhos dos senhores, não hajam aprendido com elles, na linguagem sem significação dos seus vagidos, ao presencear os seus primeiros esforços para repetir as palavras *pai* e *mãe*, esse mesmo vocabulo, que já um seculo antes Molière satyrisára. E assim se explicaria a addição de uma vogal á exotica palavra, tão festivamente recebida como uma novidade pelas sécias e pelos peraltas do tempo de D. Maria I.

Ou pelas seges de França ou pelas naus do Brazil ella nos chegou subrepticiamente, ás occultas de Bluteau, e de toda a Academia, quando Pina Manique andava atarefado em corrigir os impudores escandalosos do vestuario e em vigiar os costumes das cantarinas e bailadeiras de S. Carlos.

Chegou e acclimou-se. Tinha a maior recommendação para pegar: era uma tolice. Por conseguinte, pegou, desenvolveu-se, nacionalisou-se. As primeiras gerações romanticas do liberalismo crearam-se com essa novidade. Durante todo o seculo XIX, os *papás* e as *mamãs* viveram, succederam-se, multiplicaram-se. Para uma tolice, é já tempo demasiado. Parece chegada a occasião de regressarmos ao uso das nobres e bellas palavras, que herdamos dos antepassados e que durante seculos a mãe portu-

gueza ensinou no berço a seus filhos. Antes de existirem *papás* e *mamãs* já se inventára o amor filial. A bôca delicada e fresca das creanças não deixou nunca de balbuciar as mais ternas caricias, antes mesmo que lhe ensinassem a articular a palavra ridicula de Molière. Milhões de mulheres ouviram embevecidas a dôce e respeitosa palavra de mãe, antes que as sécias do reinado de D. Maria I a substituissem pelo francezismo de *mamã*.

Não deixarão os cherubins de ser innocentes por exprimirem em portuguez o seu primeiro affecto. Ao ouvir os pobres anjos papaguear *mamã*, quasi se acredita que tenham vindo, com effeito, de Pariz. E a verdade é que Pariz não tem positivamente a especialidade dos anjos. Que as mulheres de lá mandem vir os vestidos e os chapéus, comprehende-se; mas que Pariz continue a ser para a innocencia o paraizo terrestre, todo rumoroso de um perenne ruflar de azas brancas, d'onde véem os anjos acondicionados entre arminhos, é uma fabula cuja conservação a Babylonia moderna não merece.

Como já foi a nobreza a primeira das classes, entre nós, a renunciar ao leite mercenario das amas e a dar o grande e benemerito exemplo á mãe burgueza da creação dos seus filhos, é ella tambem, agora, quem se está empenhando na cruzada contra o *papá* e a *mamã*. Assim o seu exemplo fructifique e que não tarde para a

creança portugueza a restituição das formosas e graves palavras—*pai* e *mãe*—de que as privaram, ha já um seculo, as mães frivolas d'essa triste geração, que assistiu, de braços cruzados, á entrada de Junot em Lisboa e á partida de D. João VI para o Brazil...

15 de janeiro

Como quer que haja actualmente em todas as grandes cidades da Europa um theatro de opera, frequentado por uma *élite* favorecida pelo nascimento ou pela fortuna, que generosamente paga os seus prazeres, a tarefa de um emprezario lyrico, n'um theatro com as tradições de S. Carlos, n'um meio relativamente pobre como Lisboa, não é das menos escabrosas e difficeis. Lisboa não consente que a arruinem e não tolera que a desconsiderem. S. Carlos é um dos seus preconceitos seculares e um dos seus divertimentos predilectos. Alli, os cantores téem de cantar invariavelmente bem e os logares de custar invariavelmente barato. Tudo o que importe o desprestigio de S. Carlos é um melindre á vaidade da capital. Para conciliar a economia dos assignantes com a exigencia dos *dilettanti* é indispensavel, da parte do emprezario, uma subtil astucia.

Depois de ter pago dez tostões por um *fauteil*, que na Grande Opera de Pariz custa vinte e cinco francos, o frequentador de S. Carlos fica de atalaia ás tradições orgulhosas de um theatro lyrico, cujo ambito sonoro já vibrou com os garganteios da Patti e que, ainda ultimamente, ouviu a voz melodiosa de Caruso. Por dzz tostões, o lisboeta exige que seja mantida a honra do seu theatro e nas suas nobilissimas abobodas resoem apenas as mais afinadas harmonias.

Depois de jantar á pressa, de vestir a casaca, de dar o nó na gravata e de calçár as luvas brancas, o assignante não ouve sem protesto uma desafinação. Na exigencia é um millionario, na retribuição é um avarento.

O snr. Pacini tem de lisonjear-lhe os prazeres e de lhe respeitar a bolsa. Mas as grandes cantoras são canarios que só se alimentam de ouro e cantam de preferencia nas gaiolas onde ha maior fartura. D'ahi, as difficuldades do emprezario em chama-l'as ao seu poleiro. De Pariz, de Londres, de New-York, de S. Petersburgo, de Vienna, de Berlim, de Bruxellas, de Buenos-Ayres, de Madrid reclamam o melhor tenor, o melhor barytono, o melhor *baixo*, o melhor contralto, o melhor soprano dramatico, o melhor soprano ligeiro.

O snr. Pacini tem assim a luctar com a concorrencia dos que pagam melhor. N'esse leilão

periodico de notabilidades lyricas forçoso lhe é arrematar apenas *elencos* modestos.

Mas o assignante, de longe, segue-lhe os passos, vigia as escripturas e se no cartaz só apparecem vozes desclassificadas, desencandeiam-se logo contra elle as cóleras dos mantenedores do prestigio de S. Carlos. O que faz o snr. Pacini, tendo de navegar entre Scylla e Carybedes, sem attentar contra a bolsa parcimoniosa do assignante e contra a hierarchia do seu theatro?

O snr. Pacini descobriu dous processos, qualquer d'elles o mais engenhoso, de venerar a dispendiosa tradição de S. Carlos com a mais estricta economia. O primeiro consiste na escriptura de celebridades em decadencia. Quando o grande Menotti ou o grande Maurice Renaud dispõem apenas de algumas notas melodiosas, o emprezario de S. Carlos convida-os a illustrarem o seu *elenco* com o nome prestigioso. E, inversamente, o snr. Pacini, que tem amigos nos Conservatorios de Italia, escriptura com as notabilidades aphonas os principiantes de voz magnifica. Não é raro vêr passar por S. Carlos um tenorito anonymo, que d'ahi a tres annos os emprezarios do mundo inteiro disputam a peso de ouro. É sabido que o tenorito não reapparecerá em S. Carlos senão com a gloria augmentada e a voz diminuida. Mas como todos os dias apparecem barytonos célebres na decadencia e

principiantes de garantido futuro, o snr. Pacini — que remedio! — lança mão de um outro expediente: o luxo da *mise-en-scène*. Á medida que os *elencos* peoram, melhoram as scenographias. Se os ouvidos padecem, os olhos rejubilam.

Este anno, o emprezario de S. Carlos ensaiou ao mesmo tempo os dous processos e colheu de imprevisto o seu publico com esplendores de scenario e guarda-roupa. Deslumbrou-o; atordoou-o. Para compensar o delicto de haver feito transitar, do Colyseu dos Recreios para S. Carlos, a snr.ª Lucaceska, o snr. Pacini mostrou ao lado d'ella, no *Tannhäuser*, o tenor Vignas, e na *Damnação de Fausto* o barytono Renaud. O estropear dos cavallos no palco cobriu as desafinações dos córos e a novidade dos *maillots* fez esquecer a velhice das bailarinas.

E assim iam decorrendo as récitas, sem que o assignante murmurasse e sem que o emprezario se arruinasse, quando na terça-feira o snr. Pacini apparece no palco, pela mão do *maestro* Mancinelli, no final do segundo acto da opera de Berlioz, para assistir ao triumpho da sua malicia. Outro emprezario teria, com antecipação, annunciado ao seu publico o maravilhoso espectaculo que lhe preparava. O snr. Pacini calou-se, esperou com discreção e sem impaciencia que chegasse a hora propicia dos applausos, vestiu a sua casaca e, depois de jantar bem — o snr. Pacini é um epicurista que

zela os creditos da sua cosinha com o mesmo escrupulo com que zela os creditos do seu theatro — entrou em S. Carlos, pela porta do palco, como Cesar nas Gallias, para «vêr e vencer».

O anno corre propicio ás magicas. Cada vez mais o espectador reclama no theatro a transfiguração das realidades pela phantasia. A humanidade parece viver cada dia com mais tristeza a sua vida. Uma civilisacão inimiga do devaneio não podia senão originar um homem saudoso da poesia. A necessidade unanime de desabafar um pouco da immensa nostalgia da belleza, de que estão soffrendo as gerações, explica, entre nós, o exito da *Venus*, em D. Amelia, e o enthusiasmo da récita de terça-feira em S. Carlos. Porque não foi propriamente a partitura sublime de Berlioz, que o publico applaudiu na primeira audição da maravilhosa opera. O que o dominou foi a exaltadora suggestão da irrealidade, pelo concerto de scenarios magnificos, de mutações phantasticas e de episodios maravilhosos. A musica apenas concorreu de uma maneira inconsciente, para não dizer secundaria, na exaltação do publico.

O que elle mais applaudiu foi, depois da marcha hungara, a dança dos Sylphos. Quando, no scenario florido dos jardins da margem do Elbe, por entre as projecções multicôres da luz electrica, as bailarinas, vestidas de fluctuantes tunicas de gaze, que tão depressa eram côr de

violeta como côr de purpura, principiaram descendo do urdimento, em lentos vôos de libellulas, abrindo como azas de phalenas os mantos transparentes, um sussurro percorreu a sala, desde as torrinhas á plateia.

Para as almas simples, aquelle prodigio scenico antecipava a visão do paraizo, com os serafins voando no ether, revolteando no espaço, como scintillantes insectos, de elictros luminosos. As bôcas abriam-se de instinctivo pasmo. As senhoras debruçavam-se nos camarotes. Os juvenis principes da Baviera applaudiam. E sempre, em redor de Fausto adormecido, por entre as altas ramarias floridas das arvores, voavam as sylphides, em espiraes harmoniosas, com a leveza aerea de phantasmas, abrindo as tunicas côr de lilaz, côr de esmeralda, côr de rosa e de turqueza.

A sala ergueu-se então n'uma acclamação unisona; Mancinelli teve de fazer executar de novo o bailado dos Sylphos; e chamado ao palco, o snr. Pacini assistiu ao triumpho do seu processo. Com alguns scenarios alugados em Italia, com uma cantora que já fôra ouvida por cinco tostões no Colyseu, com um tenor mediocre, com um barytono sem voz, elle conseguia propagar o enthusiasmo entre os seus assignantes.

Mas com que surprehendente talento, com que superior intelligencia, com que erudita philosophia esse barytono sem voz, traduziu,

para um publico, na sua maioria litterariamente inculto, incapaz de o comprehender, a cynica tristeza e o taciturno orgulho do Mephistopheles do poema de Gœthe! Devia ter sido assim que o orgulhoso Berlioz o entreviu, nas paginas sublimes da sua partitura, com o passo claudicante, as unhas aduncas, arrastando o seu manto preto, cofiando a sua barbicha ruiva, calvo e magro, sarcastico e melancolico, meditativo e sonhador, tão differente dos Mephistopheles italianos, de gorra vermelha e sorriso galanteador, que enxameiam a scena lyrica, cantando as operas de Boito e de Gounod. Ao vêl-o surgir no gabinete de Fausto, com o seu esgar desdenhôso e a gravidade sombria de um philosopho, cuidamos vêr materialisar-se a Incredulidade moderna, mixto de melancolia e de arrogancia, que a sciencia e a civilisação crearam nos paroxismos de uma fé moribunda, quando o Homem, pensando haver penetrado os segredos da Natureza, julgou a Divindade um mytho inutil.

Teriam as lindas mulheres, vestidas em Pariz e scintillantes de joias, que adornavam na noute de terça-feira, os camarotes de S. Carlos, reconhecido esse diabo cynico e desdenhoso, que tanto vive na sua intimidade, que é o conviva de todas as suas festas, a testemunha de todos os seus desfallecimentos, o inspirador de todas as suas vaidades, o parceiro de todas as suas traições?

14 de janeiro

Quanto seria surprehendente, pensava hontem — ao sahir do Instituto de Orthopedia e Mechanoterapia, que acaba de installar com um sumptuoso luxo de apparelhos, n'um primeiro andar da Avenida, o dr. Francisco Pinto de Miranda — deslocar a acção do *Fausto* para os primeiros dias do seculo XX! O velho sabio, encanecido nas laboriosas pesquizas da pedra philosophal, enclausurado no seu laboratorio de alchimista, avivando durante longos annos o fogo dos cadinhos, attento durante longos mezes ás mysteriosas reacções dos liquidos nas retortas, tentando decifrar nos hierogliphos dos magos o segredo das transmutações dos metaes e do elixir da mocidade, seria hoje um biologo experimental, um chimico eminente, socio de Academias, na posse de uma sciencia vastissima, accumulada no decurso de longos seculos, desde Archimedes a Curie, e no conhecimento de todos os systemas philosophicos coordenados pelo genio humano, dispondo do poder quasi miraculoso de liquifazer o ar, de reduzir a areia á ebulição, de vêr através os corpos opacos, de transmittir palavras de continente a continente, de fazer ouvir a sua voz nos antipodas, de medir rigorosamente as distancias dos astros,

de prevêr os phenomenos celestes, de descer aos abysmos dos oceanos, de se dirigir nos espaços aereos e de navegar por entre os cumulus das nuvens. Não adornariam o seu gabinete o planispherio, os pelicanos e mochos empalhados, os esqueletos articulados e as legendas cabalisticas do seu antepassado do seculo XVI, mas os mais engenhosos instrumentos de mechanica, os fornos electricos, os apparelhos sensibilissimos de optica, as pavorosas collecções culturaes de bacterias: todos os flagellos humanos em pequenos tubos de vidro fragil, todas as forças da natureza em pequenos machinismos transportaveis.

E como seria grandiosamente pathetico o acordar do novo Fausto, pelo madrugar de uma noute de vigilia no laboratorio, para renunciar aos gloriosos prodigios da sciencia, n'uma ancia de juventude e de amor!

Só a Margarida, no poema do seculo XX, permaneceria a mesma do poema de Gœthe, com as suas louras tranças e a sua innata malicia de mulher: a mesma do Geneses, que no Paraizo escutou a serpente e tentou o primeiro homem; a mesma que, ao presentir as cóleras do Creador, se vestiu de folhas de figueira e hoje se veste de sêdas e rendas nos *ateliers* de Paquin. Mas, áparte ella, que de mudanças e transformações nas personagens! Mephistopheles seria agora um d'esses medicos idealistas, da

imponente estatura de Metchnikoff, o sub-director do Instituto Pasteur, que perseguem, dentro da sciencia, a descoberta d'esse mesmo elixir da longevidade, que povoava as imaginações dos alchimistas medievaes. Que fabuloso poema não seria esse novo *Fausto* da época do radio, dos raios X, do telegrapho sem fios, dos phonographos, dos balões dirigiveis, dos automoveis, dos submarinos, da microbiologia, da electricidade e do hypnotismo!

E não é porque este medico juvenil e moderno, natural do Porto, formado em Coimbra e chegado de Pariz com o seu arsenal complicado de apparelhos mechanicos, tenha com o Mephistopheles do drama do grande poeta allemão outra similhança mais da que deriva da sua sciencia quasi diabolica de fazer de um Quasimodo um Apollo, que eu me deixei arrastar a estas divagações sobre o poema de Gœthe, mas porque, ao entrar na pequena salinha, forrada de resposteiros de velludo vermelho, onde já esperavam algumas senhoras, e emquanto se fallava um pouco d'esse confuso *nada,* de que sempre fallam senhoras, eu mentalmente me transportava ao consultorio de um d'aquelles famosos empyricos de ha dous seculos, contemporaneos do auctor do *Portugal Medico,* que Camillo immortalisou no romance, mixto de tragedia e de satyra, que é *O Olho de Vidro,* e me entregava á risonha tarefa de

comparar a debil sciencia d'esses Galenos, ridicularisados por Molière, com os recursos vastissimos de um medico moderno, em cuja sciencia se condensam as syntheses dos conhecimentos universaes. Qual seria o espanto de Braz Luiz de Abreu, se podésse levantar a tampa rasa da sua sepultura, no convento de franciscanos de S. Bernardino, e entrar, por este humido fim de tarde de um dia de janeiro, no Instituto Mechanoterapico do seu collega Francisco de Miranda, como elle bacharel em medicina pela Universidade de Coimbra! O seu olhar esgaseado percorreria o minusculo gabinete de entrada. Apenas as imitações de pannos de Arrás, que vedam a sala contigua, despertariam um vago sorriso a esse contemporaneo das velhas tapeçarias flamengas. Mas o proprio sorriso desdenhoso se transmudaria em assombro quando lhe disséssemos que esses pannos, com que no seu tempo qualquer fidalgote forrava as paredes da casa, valem hoje o custo da nau que os transportavam da Flandres no seculo XVII. Assim elucidado, o auctor do *Portugal Medico* limparia tremulamente o suor da fronte. Era então occasião do dr. Francisco de Miranda lhe dizer com amabilidade:

—Meu caro collega, vou ter a honra de o acompanhar n'uma rapida visita ao meu Instituto de Orthopedia e de Mechanoterapia. Como muito bem sabe, o movimento, como meio the-

rapeutico, não é uma cancepção nova. A gymnastica, conhecida em todos os tempos como meio de robustecimento e aperfeiçoamento da raça e do individuo, teve os seus adeptos nas épocas mais remotas da medicina, como agente curativo das doenças chronicas... É, porém, Tissot, em 1780, que pela primeira vez propõe, de uma maneira scientifica, a applicação do exercicio methodico á cura das doenças...

Pobre Braz Luiz de Abreu, luminar da medicina de ha dous seculos! Como a esta altura do discurso do teu collega do seculo XX, o teu espirito e as tuas faculdades estariam perturbadas! A mechanotherapia: que estranha palavra para o teu entendimento rudimentar! E resistirias tu, sem cahir em deliquio, a essa visita através as fabulosas invenções da moderna sciencia? Assistirias tu, sem enlouquecer, ao espectaculo maravilhoso dos raios X, espalhando dentro de uma esphera de vidro a sua luz phantastica, cuja côr lembra a da agua tingida pelo absintho? Verias tu, sem estremecer, illuminarem-se subitamente, ao desandar de uma manivella, as ampolas de Edison ou chammejar o modesto e anachronico gaz nas camisas tenuissimas dos bicos Auer? Não vacillariam as tuas pernas ao observar aquelle minusculo e sensibilissimo instrumento, que marca as pulsações das arterias: essas arterias que tu suppunhas simples conductos de ar e por onde circula o san-

gue? Não te imaginarias tu em plenos dominios do maravilhoso, vendo o teu proprio esqueleto projectar-se n'uma chapa de vidro fosco? E depois, nas quatro salas onde se alinham os apparelhos e se entrecruzam fios disseminando a energia electrica, os teus cabellos não se poriam em pé ao vêr sahir, de repente, da immobilidade, todos aquelles instrumentos de aço, de ferro e de madeira polida, animando-se em movimentos regulares e cadenciados, ao simples deslocar de uma alavanca? Esse medico, teu collega na Universidade, assumiria, ante os teus olhos, as proporções de uma personagem semidivina ou infernal — á tua escolha. Para ti, pobre Fausto do seculo XVIII, elle seria como o Mephistopheles da lenda germanica, que de um velho decrepito faz um namorado airoso e juvenil, e não já pelo custo asperrimo da alma, mas pelo preço modico de algumas massagens, de algumas applicações electricas ou de alguns exercicios musculares!

Tranquillisa-te, porem, illustre Braz d'Abreu, licenceado em medicina pela faculdade de Coimbra. Aprende com essas senhoras, que conversam e riem no pequenino gabinete de velludo vermelho, em redor da mesa onde ha numeros de illustrações e magazines francezes, a encarar com uma sympathia risonha os maiores prodigios da sciencia.

Não tenhas medo: o ruido que ouviste é

produzido pela trepidação de um inoffensivo automovel. Approxima-te da janella. Tem coragem. Esses vehiculos, que passam, em vertiginosa correria, como se os impellisse o vento? São simples carruagens electricas, guiadas por humildes guarda-freios, sem exame de primeiras lettras. Eu mesmo te não posso affiançar que saibam lêr. «Ainda se canta na terra», dizes para comtigo ao ouvir a melodia que se evola da janella aberta d'aquella casa visinha? É verdade. Ainda se canta. E sabes quem está cantando, n'este momento, n'aquella sala? Um tenor, que viaja a estas horas para a America do Sul! Não imagines que abuso da tua credulidade. Digo-te, com a maior singeleza, a mais verdadeira das verdades. É a voz d'esse tenor — que bem póde succeder já tenha morrido — que tu estás ouvindo, reproduzida por um apparelho engenhoso, vulgarmente conhecido por phonographo. É de lastimar que os gregos ou os romanos o não tenham, antes de nós, inventado. Poderiamos ouvir os discursos de Demosthenes e de Cicero, escutar a voz de Laïs e de Cleopatra, de Alexandre e de Nero!

Estaes agora mais sereno, licenceado? Voltai a visitar com as senhoras o consultorio. Como já por certo havereis comprehendido, dedica-se especialmente este Instituto ao tratamento das lesões e traumatismos osseos e musculares, a que vós chamaveis quebraduras e en-

torses. Mas não só a isso, mas á correcção de deformidades adquiridas ou constitucionaes. Aqui se endireitam os estropeados. Aqui se corrigem os aleijões. Começai por analysar aquelle curioso apparelho de anthropometria orthopedica. Não esquecesteis o grego, não é verdade? Sabeis, pois, que anthropometria é o estudo comparativo das proporções das diversas partes do corpo humano: do grego *antropos* + *metro*, e que orthopedia é a arte de corrigir as deformidades do corpo: do grego *orthos* + *paidos*. Com o auxilio d'este instrumento, consegue-se saber com exactidão escrupulosa a importancia da deformidade a curar. A luz verde opala dos raios X consente, pela observação directa do esqueleto, o conhecimento visual das fracturas. Como vês, supprimiu-se a hypothese. Esta substituiu-se pela evidencia. Se quebrares um braço — do que Deus te livre! — o teu collega verificará a extensão e a gravidade da fractura, antes de te applicar o apparelho, e todas aquellas machinas que tanto te assustaram destinam-se simplesmente a devolver em seguida aos teus musculos a sua energia e malleabilidade primitivas. De tudo quanto observas podes concluir que o velho aphorismo «Quem torto nasce tarde ou nunca se endireita», perdeu para nós, civilisados, o caracter de uma correspondencia exacta da verdade e que é indispensavel, agora, em Lisboa, modifical-o na seguinte

variante, cuja redacção te propômos, convencidos de que a approvarás sem reluctancia:

«Quem torto nasce, cedo ou tarde se endireita no Instituto de Orthopedia e Mechanoterapia do dr. Francisco Pinto de Miranda».

Este novo aphorismo tem ainda a vantagem de ser, para o teu collega, um excellente reclamo!

20 de janeiro

É n'uma das quietas, silenciosas ruas, que entre a calçada da Bica de Duarte Bello, em frente ao antigo palacio de Anselmo José da Cruz Sobral, e a travessa da Era, em frente do casarão monumental dos Castro-Marim, conduzem ao alto de Santa Catharina, que ha muitos annos mora, no recatado aconchêgo de um primeiro andar, um dos mais distinctos vultos femininos da contemporanea sociedade portugueza e com certeza o de mais lustre na historia da litteratura do seculo XIX, depois da nobilissima Alcipe.

Viuva de um poeta da mais alta inspiração, a auctora da *Vida do Duque de Palmella*, a correspondente litteraria do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, a amavel moralista das *Cartas a Valentina*, cujo subtil espirito de analyse

e encantador engenho de escriptora os leitores d'este jornal tão bem conhecem, representa no nosso meio o exemplo raro, o exemplo unico, para o seu seculo, de uma vida de laborioso trabalho mental, coroada pelo triumpho do mais radiante talento de mulher.

Filha de um dos homens que mais evidente logar occuparam na sociedade mundanissima de 1850 e cujas aventuras constituem um dos capitulos mais interessantes na historia dos costumes d'esse tempo, a eminente escriptora, mantendo a categoria social que herdára de seu pai, José Vaz de Carvalho, soube crear em redor do seu prestigio intellectual e das seducções da sua gentileza o ultimo nucleo mundano e litterario com que a desassociativa Lisboa do fim do seculo XIX resgatou a decadencia das suas amaveis tradições de cultura e de espirito. A sua sala, á similhança dos salões de madame Necker, de madame de Girardin e de madame Ancelot, foi o centro predilecto, onde durante annos se reuniu o que tinha de mais illustre a litteratura portugueza. Sem a *tenue* ceremoniosa do salão historico das Kruzes, onde se fazia politica em *grand decoletté* e se conspirava ás mesas do *Whist*, em casa da snr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, apenas com a ceremonia gentil que é devida a uma senhora, alguns academicos, alguns fidalgos, alguns homens de lettras vinham discorrer familiar-

mente de litteratura e praticar na convivencia da viuva de Gonçalves Crespo o luxo requintado da conversa, em que a mulher foi sempre a mestra exemplar e inexcedivel.

Os snrs. Souza Monteiro, romancista e poeta, director geral dos negocios politicos e diplomaticos, secretario da secção de litteratura na Academia Real das Sciencias; Christovão Ayres, cunhado da illustre escriptora, academico, historiador e politico; o conde de Sabugosa, poeta e amigo de Gonçalves Crespo, hoje tambem socio da Academia e mordomo-mór da casa real; o conde de Ficalho, um sabio *doublé* de um fidalgo e de um artista; José Antonio de Freitas, o traductor do *Hamlet* e do *Othello;* Antonio Candido, procurador geral da corôa, antigo ministro da justiça e principe dos oradores portuguezes; Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, eram, entre outros, dos mais assiduos n'essa côrte de respeito e de affecto. A linda e discreta sala tornára-se uma verdadeira succursal da Academia na selecção do convivio, mas uma academia onde a amabilidade substituia o officialismo e onde o maior talento não suppria a mais polida cortezia; eschola de boas maneiras, tanto como de boas lettras.

Os restos de uma sociedade captivada pela belleza e pelo espirito refugiára-se n'estas reuniões, onde se cultivava com esmero a arte de exprimir em lindas phrases nobres sentimentos.

Nunca esse grupo de epicuristas delicados pretendeu dirigir o Estado, impôr-se á opinião ou dictar leis na republica das lettras. O que fez a sua superioridade foi, indiscutivelmente, a sua abstenção em todas as luctas de escholas ou de partidos. Esse salão litterario nunca deixou de ser um salão mundano. As senhoras nunca deixaram de frequentar esse *cercle* intellectual, presidido por uma senhora.

Esses politicos, esses academicos, esses fidalgos não se entretinham a preleccionar sobre o ministerio, sobre o diccionario da Academia, sobre a arvore de costado das familias. E quando á porta da sala apparecia a ministra de França ou uma linda condessa, a recemchegada não perturbava nem interrompia nenhuma conversa transcendente, nenhuma conferencia fastidiosa.

Os homens de lettras levantavam-se, beijavam galantemente a mão á recemvinda, cediam-lhe a mais confortavel das poltronas e... a Academia não suspendia a sua sessão. Este concilio litterario, nada perdendo da sua feição mundana, estava assim fóra do dominio da publicidade e em circumstancia alguma poderá merecer aos historiadores, por analogia, o epitheto com que se decorou o salão célebre de madame de Staël. Relacionada com toda a nobreza, privando na intimidade das casas mais distinctas de Lisboa, com uma rêde de relações affectuosas, que abrange, na côrte e na politica,

as maiores influencias da nossa sociedade, a snr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho nunca pôz o prestigio do seu nome ao serviço de qualquer especie de dominação. As suas salas, por onde passou tudo quanto de evidente teve Portugal n'estes ultimos vinte annos, nunca deixaram de ser a parte accessoria de um lar. A escriptora nunca se esqueceu da senhora. Por isso tambem, na sua obra, se reflectem, a par de todos os talentos da lettrada, todas as virtudes da mulher. A sua arte é recatada sem maneirismos. O que faz a superioridade inconfundivel do seu criterio de moralista e de educadora e o grande encanto da sua arte, é o soberano bom senso, accentuadamente feminil, que preside a cada um dos seus conceitos e á associação tão nitida e tão logica das suas ideias. E foi por certo a essa encantadora feição do seu espirito que a snr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho deveu o seu permanente dominio sobre os corações das mulheres e dos homens e a assiduidade affectuosa de um generalisado culto de admiração e sympathia. Na sua convivencia, os homens mais superiores encontraram sempre o repouso de uma grande bondade e as simplicidades de uma grande distincção, alliadas á clareza viril de um sensato entendimento, ao mesmo passo que as mulheres se regozijavam com a vaidade de a comprehenderem sem esforço.

Hoje ainda, quando já a actividade da escriptora parece tender, por sua vontade, a declinar, do seu pequenino salão não desertaram os amigos fieis dos outros tempos, de quando ao seu cenaculo presidia a sua vivacidade laboriosa. Quasi todas as tardes, o snr. conde de Sabugosa vem beijar a mão a essa camarada illustre, e outros muitos, como elle, na constancia do mesmo grande culto, véem buscar á convivencia do seu espirito tão lucido e á bonhomia adoravel do seu trato esse prazer, hoje tão raro, que La Rochefoucauld prezava entre os maiores da vida, de vêr *une grand dame de grand ésprit.*

Ha sempre a certeza, ás tardes, de encontrar na sua sala, nas proximidades da sua *chaise-longue*, alguns homens illustres e algumas senhoras distinctas. Essa mão pallida, macerada como a de uma princeza, que a escriptora estende ao nosso beijo, conserva o prestigio radioso dos milhares de paginas que escreveu. E no seu rosto tão portuguez, de linhas tão suaves e de fronte tão ampla, os seus olhos rutilantes, cujas pupillas parecem scintillar com um intellectual fulgôr, logo, ao descer sobre nós, nos subjugam e attrahem. Não se esquecem mais esses olhos de intelligencia, esses olhos de penetração, esses olhos todos de luz e de bondade, que bastariam só por si para explicar o seu dominio sobre os corações.

Na sua sala, mobilada com esse conforto elegante, que é distinctivo das casas onde se vive muito — e cada vez mais difficil de encontrar, n'estes tempos em que todos vivem o menos possivel em suas casas — longe do ruido das grandes ruas, ao abrigo da banalidade triumphante, que, por toda a parte, ameaça submergir o que ainda resta de superior e de nobre nas altas classes, revive-se um pouco essa existencia delicada de outr'ora, de quando as modistas e os theatros consentiam ainda ás mulheres algumas horas de liberdade para receber os seus amigos e era moda entre as senhoras repartir com o espirito o luxo que hoje é todo, e ainda parece pouco, para os corpos.

3 de fevereiro

O baile, com que, a exemplo dos mais annos, a snr.ª condessa de Almedina festejou no penultimo dia de janeiro o anniversario de sua filha D. Alda, veio pôr em evidencia a preponderancia do estylo Imperio na moda feminina. Os poucos jornaes que em Lisboa fazem a reportagem mundana e entre os quaes se destacam, pela categoria dos chronistas, as *Novidades*, onde escreve o snr. Henrique de Vasconcellos, secretario do actual ministro dos estrangeiros, e

o *Noticias de Lisboa*, onde escreve o snr. conde de Mesquitella, official-mór da casa real, na breve descripção que fazem das *toilettes* das senhoras constatam que a maioria de entre ellas obedecia a esse estylo. Bem entendido, o Imperio das elegantes de 1906 está para o das elegantes de 1806 como o calção do duque de Richelieu ou do principe de Tayllerand está para o calção do snr. Jorge de Mendonça ou do snr. Jayme Thompson. Apenas ás reminiscencias vagas do estylo neo-classico em que se vestiram as senhoras de Tallien e de Recamier obedecem as *toilettes* de *chez* Redfern, de Paquin, do Serra, da Aline ou do *Pariz em Lisboa*, com que a belleza e a vaidade de lisboeta se enfeitaram para o baile da snr.ª condessa de Almedina.

Se uma mulher ingenua, ao lêr, na chronica de modas do seu jornal, que ao estylo Imperio obedecia o córte e os adornos dos vestidos actuaes, mandasse talhar as suas *toilletes* pelo figurino da *Josephina* de David, teria obtido um delicioso trajo para baile de mascaras, nunca um vestido para ir a S. Carlos ou para apparecer nos *teas* elegantissimos da snr.ª marqueza de Bisio, a nova ministra de Italia. Pina Manique podia voltar a Lisboa e substituir no seu cargo o snr. juiz Veiga. As modas do Imperio, agora tanto em uso, não escandalisariam o seu pudor severo de moralista e a sua penna não redigiria contra ellas um segundo edital fulmi-

natorio. Seria difficil á duqueza de Abrantes ou a *madame* Visconti descobrirem no talhe dos vestidos da mulher contemporanea, d'esta pacifica mulher do seculo XX, a imitação premeditada das modas gregas e romanas do tempo heroico de Wagran e de Austerlitz. Mas, entretanto, a intenção em copia-l'as é manifesta. A inspiração nos modêlos de Leroi — o costureiro da imperatriz Josephina — é, pelos proprios dirigentes da moda, publicamente confessada. Depois das cinturinhas de vêspa, da crinoline, da saia de balão, da manga á jardineira, da manga á Boticelli, dos corpos á Luiz XVI, dos *fichus* á Luiz XV, o que determinou o regresso ao neoclassissismo do vestuario do principio do seculo XIX?

Comprehende-se que a mulher, contemporanea do telegrapho, do phonographo, do telephone, do radio, dos raios Rœntgen, dos submarinos, dos balões dirigiveis, se vista como a sua antepassada do Directorio, da Regencia, do Consulado, da batalha de Marengo, da campanha da Austria, dos reis improvisados e das revistas das Tulherias? Se o vestuario é a expressão decorativa das tendencias e sentimentos de uma sociedade e a fixação material do espirito de uma época, é verosimil que as convidadas da snr.ª condessa de Almedina se vistam como as convidadas de *madame* de Staël? Mas ha aqui ainda uma contradicção flagrante entre

o costume da mulher moderna e o do homem contemporaneo, porque se no baile do palacio da Avenida as senhoras vestiam como a generala Junot, não se viu apparecer um só homem coberto de ouro e de diamantes como Murat.

Este contraste é tanto mais evidente, que nenhum dos valsistas emeritos, que tiveram a honra de conduzir pelo braço as mais galantes mulheres da Lisboa aristocrata, não tinham vindo, positivamente, de uma batalha como o general Berthier, ou de um assalto como o valente Ney, que os gêlos da Russia fizeram principe. D'esses homens, vestidos no Amieiro e no Nunes Correia, poucos seriam capazes de um heroismo e muito poucos seriam capazes de uma phrase de espirito. Ora o Imperio foi uma época tumultuaria de força, de exuberancia, de vertigem, de licença nos costumes e de belleza nas fórmas, onde as mulheres valiam apenas pela formosura e os homens pela temeridade.

Em que se parece, pois, com esse abrir irrequieto e brilhante do seculo XIX esta aurora pallida, formalista severa e pacifica do seculo XX? Em que se approximam d'essas suas avós licenciosas e sem escrupulos as graves e meticulosissimas bellezas profissionaes da nossa aristocracia de agora? Que ponto de contacto ha entre a turbulencia, o movimento e o espirito

de aventura da contemporanea da condessa da Ega e a devoção, a compostura, a polidez, das amigas intimas da snr.ª marqueza de Rio Maior? De que suppostas affinidades moraes resultou o vestir-se a esposa do snr. conselheiro Hintze Ribeiro no mesmo estylo em que se vestiu a esposa do ministro Tayllerand? Como se comprehende que a nossa actual ministra em Pekim use o *spencer* e a cintura curta das antigas embaixatrizes de Bonaparte, sem que o snr. conselheiro José de Azevedo se apresente com o rabicho e a casaca roxa do marechal Lannes, antigo ministro de Napoleão em Lisboa: esta especie de Pekim occidental, onde as estatisticas affirmam que se devora arroz escandalosamente?

Não; temos de concordar em que a resurreição do Imperio, apesar da bravura do ultimo pugilato em S. Carlos e da furia com que os deputados dissidentes estão aprendendo a jogar as armas, depois de terem quebrado as carteiras, é um contrasenso e significa uma contradicção absurda. Isto vem provar ainda uma vez a pobreza de inventiva dos costureiros parizienses do nosso tempo, que desde a hedionda crinoline das nossas avós, ultimo arranco creador da moda do seculo XIX, se teem limitado a resurgir e a actualisar as caracteristicas de modas velhas, desde a manga medieval, terminando em bico sobre o punho, até ao chapéu

á Gainsborough, de grandes plumas ondeantes, desde a manga tufada da Renascença até ao vestido curto á 1830, desde a estola bysanthina até ao *peplum* das elegantes do Imperio.

As senhoras que concorreram ao baile annual do lindo palacio da Avenida cumpriram o seu dever, submettendo-se á lei imperiosa da moda, que lhes determinava a cinta curta e a saia estylisada em tunica. Quem não cumpriu a sua obrigação foram os legisladores da *toilette* feminina, que nada souberam encontrar de elegante, de bello, de distincto e de novo, sem recorrer aos figurinos de Leroi, para vestir dignamente a mulher contemporanea. Depois dos chapéus á Luiz XVI, lançados o verão passado, apparece o vestido Imperio e o *fichu* á Maria Antonietta. Ámanhã, se a phantasia dos dictadores da elegancia continúa assim esteril, teremos as anquinhas, o espartilho em bico, o tacão vermelho, os penteados de 20 centimetros de altura, os signaes de tafettá e os polvilhos!

E quanto tem de ser poderosa a graça e vivo o donaire da mulher, para resistir, n'uma sociedade essencialmente prática e positiva, a esses caprichos anachronicos, com que as modistas estão antecipadamente extinguindo as ultimas originalidades de um baile *costumé!* A proseguirmos assim, quando a snr.ª condessa de Almedina se lembrar de offerecer ás suas amigas

um baile de mascaras, a lisboeta, que já usou na rua a *toilette* á Imperio, a *toilette* á Luiz XV, não encontrará outro disfarce que não seja o de um *travesti modern style!* É talvez paradoxal, mas é positivamente verdadeiro. Demais, a mulher está provando ao homem, através esta revista retrospectiva do vestuario, que se algum dos dous decahiu não foi ella, pois o seu lindo corpo se adapta ainda hoje tão bem ao *pannier* da Pompadour como á tunica de *madame* Recamier...

11 de fevereiro

Ao sinistro auto-bolide de *mademoiselle* Maurice Tiers succedem as piruetas e os *rond de jambes* de *mademoiselle* Cléo de Mérode. Ainda a celebridade de hontem geme no hospital, já a celebridade de hoje sorri aos applausos no palco do Colyseu. E é assim no circo, e é assim na vida...

Para os que falham, uma piedade ephemera. Para os que triumpham, um exito permanente. Ainda do ambito do grande circo das portas de Santo Antão se não esvahiu totalmente a vibração angustiosa do clamor com que tres mil pessoas assistiram á cambalhota tragica do auto-

movel de *mademoiselle* Tiers e já os mesmos espectadores estalam as luvas a applaudir a dansarina da Opera de Pariz, que o esculptor Falguière immortalisou n'um bronze célebre.

E não é que estes applausos de agora signifiquem o protesto do publico contra as audacias e as temeridades da vespera. As palmas vão para Cléo de Mérode e menos para os seus talentos choreographicos do que para a sua celebridade escandalosa.

O que o publico vai admirar ao Colyseu não é a dansarina emerita, mas a cortezã real, tão favorecida pelos reis caducos como gulosa de principes adolescentes... Já ninguem entra n'um circo para vêr dansar uma mulher... quando não seja sobre o gume de uma faca ou á beira de um precipicio. Habituado ao regimen enervante das grandes sensações e dos grandes perigos, o espectador do circo não se satisfaz mais com a destreza do acrobata, com o espirito do palhaço, com a elegancia da *voltigeuse.* Depois da gargalhada do *clown,* quer os riscos mortaes do *Looping the loop,* da *Fléche humaine,* do *Auto Bolide.* O cavallo amestrado e o funambulo são apenas, no programma, compassos de espera para os leões de clinas erriçadas e para o salto de vinte metros de altura. Vêr despenhar-se da cupula, sobre uma rêde, um homem em *maillot* côr de carne, vêr entrar n'uma jaula de féras uma mulher franzina como

um vime, brandindo apenas uma chibata na mão nervosa: eis o espectaculo de circo, digno do homem moderno. A victoria da paciencia e do engenho já não o surprehende. É-lhe necessaria a victoria da audacia sobre a morte, para fazer vibrar por alguns segundos o seu tédio e para o compensar da perda de alguns tostões. D'antes, ia-se ao circo para rir. Hoje, vai-se ao circo para estremer. O circo era um espectaculo jovial. Transformaram-no em um espectaculo da loucura, do delirio e da crueldade humanas.

Ao presencear o desprendimento com que se desafia e arrosta a morte, ao som da musica, a horas fixas, por algum dinheiro e algumas palmas, o respeito pela vida tende forçosamente a esmorecer. O coração endurece na familiaridade d'essas mulheres e d'esses homens, que montados sobre uma bicycleta ou amarrados a um automovel, se arrojam, com velocidades de cincoenta kilometros por hora... para a eternidade.

Esse desprezo pela vida, acclamado como uma acção heroica, á luz dos arcos voltaicos, emquanto a orchestra toca uma valsa de Metra, acaba por contaminar as imaginações mais fracas e propaga o delirio das temeridades estereis. A natureza deu á morte um aspecto repulsivo e lugubre. Enfeitar a morte, brincar com a morte, é atraiçoar a natureza e corromper a propria significação moral da vida. Entre o romano de

toga, que ia assistir á lucta dos gladiadores no Colyseu, e o janota de *smoking*, que vai assistir á lucta de uma mulher de vinte e tres annos com os perigos e eventualidades de uma terrivel experiencia de physica applicada, como o *Auto-Bolide*, a differença é mais apparente do que real. Ambos elles, o romano do tempo de Nero e o janota do seculo da electricidade, são exemplares de civilisações decadentes, em cujos organismos um excessivo consumo de sensibilidade debilitou os systemas nervosos.

Esta evolução vertiginosa do espectaculo de circo para a tragedia podia prestar-se, pelo que tem de terrivelmente revelador, a considerações abundantes e complexas. Mas não vão bem ao caracter ligeiro d'estas cartas as dissertações e as predicas sobre moral. No theatro como no circo o espectador quer divertir-se. O que seria do theatro que, durante vinte annos, durante trinta annos, durante cincoenta annos, representasse invariavelmente as mesmas peças? Ora, acontecia que o espectaculo do circo era, ha meio seculo, o mesmo. Variavam as *écuyères*, as *voltigeuses*, mas a equitação e o volteio tinham crystalisado na sua forma tradiccional, classica e já archaica. O *clown*, o funambulo, o acrobata, o hercules, o cavallo amestrado, o *jongleur* eram as notas invariaveis d'essa musica anachronica, os numeros gastos d'esse programma já insipido.

E foi então, quando a destreza, a graça e a força não podéram ir mais além no prodigio, na hilaridade e na bestialidade, que se inventou o perigo, e a temeridade entrou, ao som das musicas e por entre os esgares dos palhaços, pelos dominios da mais desenfreada loucura.

Se é certo que os espectaculos da energia e da coragem fortalecem, não é menos certo que as exhibições de certos exercicios perigosos, como o que na passada segunda-feira se desenrolou no Colyseu dos Recreios, são mais proprias para desorientar as consciencias rudimentares das maiorias do que para lhes educar o animo na intrepidez e na audacia. Quem como nós assistiu á dramatica occorrencia, não poderá esquecer tão depressa o grito agudissimo, que, de entre um fragôr de ferragens, soltou essa mulher de vinte e tres annos, ao sentir-se despenhar de uma altura de dez metros sobre a pista, manietada a uma machina de ferro. Esse grito dominou os milhares de gritos, que desde o *promenoir* á plateia milhares de pessoas aterradas, ao mesmo tempo soltaram. Para os amadores de sensações violentas, o espectaculo foi incomparavel. Como intensidade dramatica, não ha tragedia de Shakespeare que o valha. Dir-se-hia a representação ao vivo de um d'esses supplicios, no genero do pendulo, que a imaginação de Edgar Poë inventou nas espheras mais altas do horror.

Quem hoje tiver a predilecção pela tragedia, que frequente os circos, onde ha cincoenta annos os nossos avós iam rir com as infelicidades renovadas de Pierrot e as astucias seculares de Arlequim. Não lhe faltará ensejo de vêr um elephante esmagar uma domadora como uma mosca, de assistir ao sanguinolento banquete humano de um bando de leões, ao ataque apopletico de um voador, ás cambalhotas dos automoveis e das bicycletas nas pistas discontinuas do *Auto-Bolide* e da *Flèche Humaine.* Nos intervallos d'essas peripécias emocionantes, que Nero pagaria pelo preço de uma provincia, terá, é certo, de contentar-se com as habilidades fastidiosas dos *jongleurs* japonezes, que brincam com punhaes acerados como quem brinca com plumas, ou com os prodigios vulgarissimos dos hercules, que disparam canhões sobre o armão formidavel dos braços.

Mas durante a exhibição d'esses numeros banaes do programma, ser-lhe-ha permittido mostrar o seu descontentamento. E nunca faltará, para lhe merecer o applauso, um domador que entre n'uma jaula de féras irritadas ou uma mulher de vinte e tres annos que suba para um automovel desconcertado...

24 de fevereiro

Continúa a moedeira, já enervante, de uma chuvinha miúda, teimosa, que está ha uma semana convertendo as ruas em atoleiros e fechando em casa a verdadeira, a unica animação de Lisboa: a lisboeta. Só os homens se aventuram a sahir de casa para os seus deveres, para os seus prazeres, para os seus trabalhos.

Dir-se-hia que uma inundação prolongada deixou em Lisboa todos os limos e todos os lôdos do Tejo. Nos passeios, escorrega-se. No meio da rua, atolamo-nos. E é n'estas lamas e sob estas chuvas que ainda se estão plantando mastros e construindo corêtos na Avenida, na esperança de que um vento propicio varra dos céus côr de chumbo as nuvens importunas e o sol — esse sol que é uma das glorias de Lisboa — arranque da resplandecente face a nebulosa mascara para vêr o Entrudo alfacinha.

Outra cidade teria desanimado. Lisboa não desanima. Na vespera da chegada do presidente Loubet chovia... se Deus a dava. Pois nunca em dias mais soalheiros se realisaram festas mais brilhantes. O snr. Rouvier, só com o chegar a Lisboa, curou uma constipação terrivel contrahida em Madrid.

Durante a estada de Affonso XIII em Lisboa,

bastou que se annunciassem as illuminações na Avenida e na rotunda do Marquez de Pombal para que houvesse, entre as noutes desabridas, o parenthesis de uma noute primaveril. É, pois, confiadamente, que Lisboa continúa a ornamentar o carro do Rei Carnaval, a exercitar os seus grotescos batalhões e a preparar-se para assistir ao quinto dos seus Entrudos civilisados.

Como todos sabem, a inauguração d'este novo regimen do Entrudo lisboeta fez-se durante o governo do snr. Pereira e Cunha, que regulamentou o Carnaval com um radicalismo, que mereceria o applauso do intendente Pina Manique. O seu edital condemnatorio é hoje um documento historico. A sua affixação marca uma data, de ora ávante celebre na historia dos costumes lisboetas: a da abolição do Entrudo tradicional e irreverente fundado pelo liberalismo. Com o edital do snr. Pereira e Cunha acabaram os pós de gomma, acabaram as bisnagas, acabaram as seringas, acabaram as *cocottes*, acabaram os ovos de cheiro, acabaram os tremoços. O snr. Pereira e Cunha foi transferido a tempo do governo civil do Porto para o de Lisboa para poder entrar na historia como o executor do velho Carnaval alfacinha. O seu antecessor regulamentára as criadas de servir, a hora a que deviam terminar os espectaculos e o preço que devia custar a carne de vacca. O snr. Pereira e Cunha, encontrando tudo regu-

lamentado, regulamentou a unica cousa que faltava regulamentar e que todos suppunham ser por sua natureza irregulamentavel: o Entrudo.

Como todos os reformadores, o illustre governador civil de Lisboa teve de suffocar, quer pela violencia, quer pela inercia — a força dos homens fracos — as inevitaveis reacções contra o novo regimen.

Na agonia, o *chéché*, personificação do Entrudo popular, fez as maiores tropelias. O reinado do seu chavelho, do seu facalhão e do seu bicornio acabava. O velho soberano cahido não se rendeu sem batalhar. Batalhou. Jogou os ultimos tremoços contra a policia e só se entregou depois de despejadas as bisnagas e o derradeiro cartuxo azul de pó de gomma.

Mas a reacção não foi apenas popular. A nobreza quiz, n'essa hora historica, acompanhar o seu alliado e deu em S. Carlos uma batalha célebre, já aqui narrada: a batalha das *sandwiches*. Diante dos excessos dos espectadores e do sorriso ironico de El-Rei, o governador civil teve que retirar-se da sua frisa, sentindo-se impotente para debellar aquella insurreição de condessinhas decotadas e de diplomatas inconvenientes. Foi o ultimo suspiro do Carnaval romantico dos Nisas, dos Assecas, dos Carvalhaes, dos Aboins, dos Camaras-Leme, irreverente e excessivo como o Carnaval do povo, e a que as represalias politicas do miguelismo haviam im-

presso um caracter de combatividade e de violencia.

Depois d'isso, ainda na legação da Allemanha a snr.ª condessa de Tattenbach promoveu um minuete, dansado com rigorosos trajos Luiz XV, á similhança do que se dansára, dous annos antes, em casa da snr.ª condessa de Almedina. Igualmente, nas salas da snr.ª condessa de Penalva de Alva, se resuscita a dansa galantissima «*de la menue révérance*». O minuete faz moda. Dansa-se em todas as salas, com ou sem polvilhos, com ou sem *talon rouge*, entre uma valsa modernissima de Metra e uma quadrilha do Strauss. Depois do minuete, a pavana dançada no palacio historico dos *meninos de Palhavã*, n'uma *soirée* a que ainda presidiu a ultima condessa de Azambuja, vem substituir com a solemnidade pomposa das suas mesuras á Luiz XIII a frivola galanteria das reverencias á Luiz XV. E, por fim, os *pierrots*, commandados pelo endiabrado espirito de Edgar Plantier e as *pierrettes*, qual d'ellas a mais fresca e a mais bonita, invadem os salões da snr.ª condessa de Almedina, onde revive por umas horas a memoria do já esquecido baile de *pierrots* e *pierrettes* no palacio Valbom, onde triumpharam as bellezas de D. Emilia e D. Benedicta Rezende...

Mas em todas estas festas e estes bailes, é menos o Entrudo que se festeja do que o amor

do decorativo que se lisonjeia. Nas salas de Lisboa, mobiladas com cadeiras D. João V, tapetadas com pannos de Aubusson ou de Arrayolos, illuminadas com lustres de Veneza, o minuete, a pavana, o *pierrot* e a *colombina* de Watteau não parecem anachronismos. Desde que se mobilaram as casas ao estylo do seculo XVIII, não admira que n'ellas se danse ao estylo de Vestris. A mascara desappareceu. Ficou apenas, n'esses simulacros de mascaradas, a sábia reconstituição do trajo antigo. O proprio jantar de *têtes* e a *soirée* dados pelo snr. visconde de Asseca (Salvador), na segunda-feira passada, e a que assistiram Suas Altezas, não foi, na acepção rigorosa do termo, uma festa de Entrudo. Foi quasi uma festa de arte. O Carnaval desacreditou-se em Lisboa. O Domingo Gordo é quasi apenas uma ephemeride. Depois de apaziguado, esse tumulto tradicional perdeu por completo a sua feição idealista e delirante. Com o tempo, o Carnaval adquiriu uma noção mais prática da vida; industrialisou-se. O velho carro de mascaras, barulhento e aggressivo, conduzido a trote por um batedor de chapéu de aba larga, e de onde quatro estroinas de dominó negro arremessavam ovos de cheiro para as janellas, transformou-se no carro-réclame, conduzido a passo de duas mansas parelhas. Ao tremoço substituiu-se o prospecto. E assim é que a proxima batalha de

flôres, na Avenida, ameaça transformar-se n'uma batalha pacifica de annuncios.

4 de março

A commissão, que promoveu os festejos da Avenida, ainda não tornou publicas as suas contas de ganhos e perdas. Mas é de presumir que os lucros tenham sido na proporção necessaria para pagar o jornal de uma semana, ou mesmo duas, aos operarios a quem um vago esculptor incumbir a construcção do pedestal grandioso d'essa vaga estatua que deve erguer-se, n'um dia remoto, ao centro da ampla rotunda, d'onde irradiam as avenidas geometricas da nova Lisboa.

Pagava cada trem, para caminhar a passo no recinto reservado do antigo Passeio Publico, tres mil e quinhentos réis. Qualquer cousa como duas corôas por kilometro, o equivalente á viagem de Lisboa a Coimbra, em primeira classe.

Não se póde dizer que seja barato... para se transitar na via publica. Mas o Entrudo d'este anno, se não tinha familia e filhos a sustentar, como qualquer de nós, estava—justo é dizel-o—sobrecarregado com compromissos de caridade e devoção civica dos mais sagrados, perante os quaes os ultimos *chéchés* tiraram com

respeito o chapéu de dous bicos, d'onde o snr. conselheiro Pereira e Cunha mandou apagar a tempo o distico tradicional e immundo. A hilaridade não ficaria bem a um Entrudo contricto dos antigos desregramentos e que, envelhecido na tumultuosa *kermesse* de oitenta annos de excessos, procura morrer de bem com Deus, occupando os seus derradeiros dias de vida em obras de devoção e caridade.

Mas uma cousa é para notar.

Á medida que o Entrudo se civilisa e se accommoda nas ruas, retrocede e desembesta em S. Carlos.

O povo submetteu-se. O janotismo reagiu. A Mouraria pacifica acaba de dar uma sevéra lição a S. Carlos tumultuoso. Nas viellas do Bairro Alto jogou-se o Entrudo com inoffensivas fitas de papel. Nos camarotes do lyrico jogou-se o Entrudo com grãos de chumbo, com almofadas, com pasteis de nata.

A récita ruidosa de terça-feira, em S. Carlos, celebrisou-se pelo seu contraste com a pacatez bocejante da batalha de flôres, na Avenida. Só n'uma cousa se pareceram: no preço. Para deixar ouvir os *Zés Pereiras* aos lisboetas, o snr. Desforges arbitrou a tarifa do snr. Pacini.

E manda a verdade dizer-se que um cego supporia, com fundados motivos, que eram os frequentadores de S. Carlos que andavam pelas ruas e que era *a rua*, que tinha occupado a

plateia de S. Carlos, de tal maneira se inverteram os papeis do povo irreverente e da nobreza preconceituosa.

S. Carlos, no Entrudo, logrou, desde o seu primeiro baile de mascaras, tradições de galanteria espirituosa. O theatro lyrico era quasi um recinto fechado, onde só se entrava com convite. Brincava-se... de luva branca. Intrigava-se de dominó de sêda e *loupe* de velludo. Os *dillettanti* invadiam ás vezes a scena e quasi sempre os camarins, mas nunca afugentaram uma cantora do palco nem obrigaram o *maestro* a abandonar a orchestra para ir curar as contusões.

Pela primeira vez, este anno, em S. Carlos, onde durante um seculo se evaporaram todos os perfumes da moda, cheirou a acido fetido. Apenas faltou D. Miguel na tribuna, com o Paiva Raposo e o Sedvem. Se fosse Farrobo o emprezario, teria mandado fechar o theatro. O snr. Pacini terá de limitar-se a manda-l'o limpar.

A hora é de limpezas. O proprio céu ennodoado de terça-feira amanheceu hoje limpo de nuvens. Um sol de primavera veio derramar sobre Lisboa o seu resplendor e a sua alegria. Já as arvores principiam a rebentar. Parece que ainda hontem esfolhavam sobre os passeios de mosaico as suas folhas amarellecidas e já hoje os seus galhos sêccos reverdecem. Em volta de

minha casa, sobre o frontão de marmore do palacio do snr. Carlos Eugenio de Almeida, sobre os velhos telhados do palacio do marquez de Sá da Bandeira, onde se está installando a legação da China, as andorinhas traçam já as suas apertadas elypses, como pequeninos e chilreantes cometas alados, girando em volta do ninho. Algumas, mais atordoadas pela longa viagem, véem quasi bater com a tesoura melindrosa das azas nas janellas do meu gabinete. Quanto deve ser divertida a existencia accidentada d'estas *touristes* intrepidas, que o snr. Mendonça e Costa tão injustamente esqueceu na organisação da sua sociedade de Propaganda do Excursionismo, hontem installada n'uma das salas da Liga Naval! De que estranhos contrastes se reveste essa vida vagabunda, á procura de uma eterna primavera! Ha poucos dias ainda, estas mesmas andorinhas pousavam nas tendas guerreiras do Roghi e nos minaretes de Fez. Hoje, não as assusta a trepidação do automovel do senhor Infante D. Affonso, convidado pela snr.ª D. Maria do Patrocinio Barros Lima, esposa do snr. Carlos Eugenio de Almeida, para presidir á commissão organisadora do concurso hyppico, que deve realisar-se no Hippodromo de Belem, no mez de maio.

O largo de S. Sebastião da Pedreira, ha uma semana cheio com os carros que acompanharam ao cemiterio o corpo gentilissimo da

filha de Silva Graça — cuja linda voz de soprano o vento trazia ainda não ha quinze dias ao meu gabinete de trabalho — está n'este momento povoado pelas mais elegantes equipagens de Lisboa. Todas as portinholas brazonadas da cidade se alinham em frente ao palacio. Todos os trintanarios das grandes casas se acotovelam no seu apparatoso vestibulo. D'esta casa, de uma tão grande solemnidade na vastidão dos seus marmores rosados e a que os eucalyptos e os pinheiros balsamicos do parque servem de ornamental pano de fundo, nunca sahiu festa que não ficasse no florilegio da vida elegante de Lisboa. Foi d'alli que sahiu a iniciativa do célebre torneio de Belem; foi d'alli que sahiu a iniciat. da récita do anno passado, por amadores, em D. Maria. Assim podesse d'alli sahir a iniciativa para acabar com o grosseiro Entrudo S. Carlos!

11 de março

Lisboa foi outr'ora uma cidade de procissões. A festa de igreja era a sua grande festa. Mais do que para os bailes, as mulheres vestiam-se com apuro para assistir á procissão do Corpo de Deus ou á procissão do Triumpho. As casacas de mais luxo, bordadas a ouro e matiz, sahiam á rua n'esses dias solemnes e

festivos. A Quaresma era, ainda no seculo XVIII, ao invés do que hoje é, a época das grandes festividades populares. A cidade enfeitava-se para receber as santas imagens, que sahiam a passeio. Cobriam-se as ruas de hervas aromaticas. Armavam-se as janellas com damascos vermelhos. Penduravam-se nas paredes velhas tapeçarias flamengas, de assumptos classicos e mythologicos. Não ficava uma seje, liteira ou cadeirinha nas cocheiras. Ao bimbalhar de quinhentos sinos, Lisboa acordava em sobresalto n'esses dias magnos de procissões. Desde a vespera que as fidalgas se penteavam e se ataviavam. Os cabelleireiros corriam n'uma azafama, a empoar cabelleiras, a architectar toucados. Os grandes coches reaes, dourados e refulgentes como altares, desfilavam pela rua Nova. O rei, a côrte, o povo, associavam-se n'esses dias á mesma festa devota. E eram taes o luxo, o esplendor, a opulencia das procissões lisboe-s, que os ministros estrangeiros mandavam dizer para os seus paizes que o patriarchado de Lisboa podia hombrear com o pontificado de Roma em grandeza e em fausto. Mas tudo acaba, e pouco a pouco as festividades religiosas de Lisboa foram acabando, diminuindo de numero e esplendor. Apenas de tantas procissões, famosas na Europa, quatro ficaram e resistiram á incredulidade impia do seculo, porque mais fundas raizes tinham lançado na fé volu-

vel e caprichosa dos homens: as do Senhor dos Passos da Graça, a da Saude, a do Corpo de Deus. Mas ainda, para assim resistirem á inclemencia de um seculo positivo, n'uma cidade iconoclasta como a Lisboa de hoje, foi necessario que essas quatro procissões correspondessem a tradições sociaes de hierarchia e de classe. A procissão do Corpo de Deus é a procissão do rei; a da Saude é a procissão do exercito; as do Senhor dos Passos são as procissões da nobreza.

Duas vezes por anno, a *vieille roche* enverga a opa rôxa da Irmandade fidalga e acompanha, descoberta, com tochas na mão, a milagrosa imagem, desde a Graça a S. Roque e de S. Roque á Graça.

É geralmente conhecida a historia d'esta visita annual do Senhor dos Passos a S. Roque. Com ella se resolveu o pleito famoso em que andaram gracianos e jesuitas, na disputa acalorada da tôsca esculptura, a quem Lisboa attribuia portentosos milagres. Os jesuitas não venceram o pleito, mas a realeza compensou-os da estrondosa derrota, escolhendo a igreja de S. Roque, onde a imagem vem pernoutar de quinta a sexta-feira, para fazer a sua visita annual de ceremonia e devoção. Os gracianos ficaram de posse do Senhor dos Passos, mas é em S. Roque que a realeza lhe vem beijar o pé: um pé especial, fabricado exclusivamente

para os beijos dos reis, das rainhas e dos principes, e que logo se substitue por outro, para o beijo da plebe.

Á hora a que escrevemos, o Senhor dos Passos vem subindo a rua de S. Roque, em camarim fechado, ao som da marcha funebre de Chopin, escoltado por infanteria 5, conduzido aos hombros dos fidalgos. Ámanhã, por esta mesma hora, descerá a mesma rua, ao som da mesma marcha, conduzido aos hombros dos mesmos fidalgos da sua Irmandade, e regressará ao seu templo da Graça, trepando toda a ingreme ladeira da Mouraria, tal qual outro Calvario.

Não vá, porém, cuidar-se que esta simples jornada do Senhor dos Passos se faz sem um ceremonial complicado e rigoroso. Um protocollo secular e meticulosamente cumprido impende sobre os preparativos do solemne sahimento. Na vespera da visita a S. Roque, indispensavelmente se procede á lavagem e investidura da imagem veneranda.

Ás quatro horas da tarde de quarta-feira, o cardeal patriarcha desce da carruagem á porta da igreja, onde é recebido pelo prior e pela nobreza, e depois de fazer oração na capella do Santissimo, encaminha-se para a sala do despacho da Irmandade, onde o aguarda a imagem sobre o andor, coberta com uma colcha de sêda da India.

O Senhor dos Passos é então despido, entre nuvens de incenso, lavado a agua de Colonia pelo patriarcha, enxuto com uma toalha de rendas. Como á *toilette* de Luiz XIV, á *toilette* da imagem do Senhor dos Passos está adstricta uma côrte, constituida pelos fidalgos de mais nobre estirpe. Este anno coube ao marquez de Avila o segurar na bacia, ao marquez de Souza Holstein no jarro, ao conde de Sampaio na toalha. São logo após conduzidas as roupas, em bandejas de prata: a branca pelo marquez do Lavradio, a de côr pelo conde de Belem, a primeira tunica por D. Antonio de Sampaio Mello e Castro. É o momento de entrar a marqueza da Fronteira, aia do Senhor, que, auxiliada pela marqueza de Avila e D. Luiza de Mascarenhas, lhe veste a ultima tunica. Depois de terminada a *toilette*, é collocada a cruz aos hombros humildes d'esse Christo, que um patriarcha acaba de lavar com agua de Colonia e a quem uma côrte de fidalgos vestiu roupas guarnecidas a rendas preciosas de Bruxellas e bordadas a ouro e pedrarias. Então, accêsas as tochas, os irmãos entoam o *Miserere*, despem as opas e regressam de carruagem a suas casas, vestir a casaca, para irem ouvir... a *Gioconda* a S. Carlos.

A vida tem as suas necessidades e os seus deveres imperiosos, os seus contrastes e os seus ridiculos. Não vai bem, é certo, como epilogo a esta solemne ceremonia, a musica de Ponchielli,

mesmo regida pela batuta magistral de Mancinelli e cantada pela voz admiravel de Krusceniski. Mas a culpa não é dos devotos fidalgos, que tão fervorosamente assistiram á *toillete* do Senhor e, horas depois, tão enthusiasticamente applaudiram o bailado das Horas. A culpa é do tempo, que caminha sobre as tradições immoveis e dia a dia mais se distancia d'ellas. Ha um seculo, a ceremonia era a mesma, mas os homens e os costumes eram outros.

Nos fins do seculo XVIII, Lisboa era uma das mais devotas cidades do christianismo. É singular que haja bastado apenas um seculo para a transformar n'uma das cidades mais irreverentes da christandade!

1 d'abril

Já nos jornaes apparecem os primeiros annuncios de casas para alugar em Cintra. Já pelas esquinas apparecem os primeiros cartazes annunciando uma tourada no Campo Pequeno. Mas a estes impacientes symptomas de verão, com que os homens estão advertindo a Natureza de que já vai longo o inverno, os céus enublados respondem com borrifos de chuva e aragens de arripiar o menos friorento. Debalde as olaias ornamentam a Avenida com o seu docel de

flôres lilazes e os armazens Grandella expõem nas suas amplas vitrinas da rua do Ouro as novidades temporãs de uma nova estação de dias de sol. O vento frio esfolha impiedosamente as flôres delicadas das olaias e parece uma ironia que se encham as montras de percaes e zephires, quando não são de mais as rapozas, os astrakans e os velludos para agazalhar, á sahida de S. Carlos, as lindas melomanas de Lisboa.

Porque S. Carlos — cousa que ha muitos annos se não via — está ainda aberto no dia 1 de abril, d'onde resulta ter o snr. conde de Sabrosa estado apenas ausente uma temporada do seu camarote de governador civil. A Lisboa que se diverte ou simula divertir-se, tem assim ainda onde passar as noutes, onde mostrar as suas *toilettes* e as suas joias em plena Quaresma. Despedidos Saint-Saëns e Giordano, Cintra offerecerá um refugio de frescura e de sombra a toda esta população infatigavel de mundanas e janotas, que ha cinco mezes se anda a intoxicar em salas de espectaculos e jantares diplomaticos. A S. Carlos succederá então S. Bento. Ás oratorias sacras de Perosi succederão as retaliações calorosas dos partidos. O parlamento nada ficará devendo ao lyrico em numeros sensacionaes de *elenco* e de programma. Os grandes maestros vão ceder o logar aos grandes agitadores. Na Lisboa estival haverá uma tempes-

ade permanente. Já se annunciam medonhas trovoadas. Podem fechar os theatros. S. Bento vai abrir com um reportorio de melodrama.

É de esperar que as creanças não deixarão, porém, de sorrir emquanto cem homens desencadeiam tormentas politicas n'um hemicyclo de marmore, como infelizmente os pobres não cessarão de soffrer e de penar porque algumas duzias de ambiciosos promettem alarmar o paiz com as suas rixas.

Em frente a essas espectativas consideraveis, a vida de Lisboa parece, todavia, apagar-se. Nos salões, nas ruas, nos cafés, nos theatros, como na Arcada e nas antecamaras dos ministros, só se falla de politica. Não ha um acontecimento dominante, que sobrenade n'esta corrente geral de boatos e de intrigas, de murmurações e de ameaças, que submerge todos os pequenos incidentes, que são a fortuna de um chronista. Desde a indemnisação de tres mil contos, que nos é exigida pela Allemanha, até á revogação das ordens de marcha para a expedição vingadora dos cuamatas, tudo com a politica se relaciona, tudo para a politica reverte. Apenas a constituição de uma sociedade promotora de uma grande festa annual da cidade, é, n'esta crise de factos e noticias, um acontecimento de vulto, sobre que seja possivel fazer considerações de algum interesse. O que vai decidir, em concilio pleno, a direcção do Grande

Club de Lisboa? Inventar uma festa, radical-a dar-lhe uma physionomia original e bem typica de modo a que corresponda ao programma patriotico de ser, como a Semana Santa de Sevilha e o Carnaval de Nice, um chamariz de estrangeiros e uma attracção de universal renome, não se me affigura das emprezas mais faceis, attendendo a que Lisboa é hoje a menos caracteristica das cidades da peninsula e sem duvida aquella em que, com mais perseverança, de ha trinta annos a esta parte uma população mais tenha trabalhado para apagar a originalidade de costumes herdados e durante seculos mantidos.

Sem grandes monumentos de arte, sem notaveis museus, sem um opulento commercio, destituida de todos ou quasi todos os grandes progressos com que se adornam as capitaes do seculo XX, Lisboa tem apenas, para offerecer ao estrangeiro, o panorama radioso do Tejo, o bucolismo de Cintra e a *pastiche* pretenciosa dos Estoris. Afóra isso, nem prodigalidades da natureza nem arrojados commettimentos dos homens concorrem para tornal-a, com excepção do clima, um *rendez-vous* do luxo europeu e americano, ou para elegel-a em um fascinador recinto de recreio.

Para que uma festa annual possa celebrar-se dignamente, n'uma cidade hierarchicamente a primeira de um paiz, residencia de uma côrte e

capital de um reino historico, torna-se indispensavel, antes de mais nada, descobrir-lhe uma razão plausivel de existencia e que esta intimamente corresponda ás necessidades, ás tendencias, ás tradições da população que a constitue. Ora, de facto, Lisboa liquidou de ha muito o que lhe restava de tradições historicas e difficil é descobrir crença ou predilecção accentuada sobre que levantar o edificio sólido e perduravel de uma festividade.

No seculo XVIII, Lisboa tinha as suas procissões pomposas para mostrar aos estrangeiros deslumbrados. A incredulidade extinguiu-as. Em todo o seculo XIX, duas festas se déram a alternativa na vida da capital: a tourada e o Entrudo. E ambas, por sua vez, decahiram. Sem fé, sem alegria, sem grandeza, sem arte, sem pittoresco, onde ir buscar os elementos essenciaes a essa grande festa projectada? Limitar-se-ha o Grande Club a promover a restauração do Entrudo lisboeta, sobre um plano identico ao que presidiu aos recentes cortejos do Porto? Mas isto, que seria bastante para nós outros, de maneira alguma poderia constituir uma attracção para o estrangeiro, solicitado por festas similares de muito maior esplendor decorativo, em meios incomparavelmente mais favoraveis ao prazer dos millionarios e *touristes*. «Festa de Maio», ouço que vai intitular-se a festividade em projecto. E se assim fôr, em

nada lhe ficará associada a ideia de uma restauração do Carnaval, a menos que se não pretenda deslocar para o mez de maio, dando-lhe uma interpretação diversissima, esse numero do programma, constituido por cavalhadas ou cortejos, no genero dos que até hoje uma ininterrupta tradição mantém em varias cidades da Belgica.

Não ha duvida que o passado de Lisboa, que figura na historia da civilisação como uma das cinco cidades que mais contribuiram para o progresso da humanidade, se prestava excepcionalmente ás pomposas apologias de um cortejo, onde se evocassem as descobertas e as conquistas, desde a sua origem mythologica até á apotheose do seu ambicioso futuro de *caes da Europa*. Mas outros defendem e patrocinam calorosamente o plano de uma feira colossal, cujos arraiaes assentassem quer nas terras devolutas do parque Eduardo VII, quer nos terrenos longinquos do Campo Grande.

Quanto melhor se nos affigurava que a iniciativa do Grande Club de Lisboa se empregasse, abandonando por agora os planos de festas inexequiveis, em promover o desenvolvimento de uma sumptuosa estação de inverno, rival de Nice, nas margens formosissimas da mansa bahia, que o mar cava entre a fortaleza de S. Julião da Barra e a cidadella de Cascaes!

8 d'abril

Reuniu, finalmente, a assembleia geral do Grande Club de Lisboa, promotor da tão decantada festa da cidade, para resolver em que deve consistir a grande e annual festividade urbana, d'onde tão consideraveis beneficios hão-de provir para o commercio e para as industrias — sobretudo para as industrias — da capital do reino.

É positivo que dos resultados obtidos na restauração do Carnaval portuense pelos Clubs dos Fenianos e Girondinos, nasceu a ideia de constituir aqui uma sociedade identica. Mais uma vez, o Porto inspirou Lisboa; e nós só teriamos que applaudir a iniciativa dos fundadores do Grande Club, se ella se limitasse a reproduzir o programma dos clubs portuenses, aproveitando a existencia tradicional de uma festa secular — unica que nos resta — para a engrandecer e nobilitar. Mas Lisboa quiz fazer cousa nova. O Entrudo pareceu aos iniciadores do Grande Club uma festa pouco digna do seu prestigioso auxilio. De facto, para esse concilio de bons burguezes, na sua maioria, ao Entrudo faltava tudo quanto era necessario á sympathia d'essa classe omnipotente. O Entrudo constituiu sempre uma festa popular e fidalga, em que

foram protagonistas o plebeu e o nobre e eterna victima o burguez. Depois, o Entrudo tem ainda o defeito de durar apenas tres dias e tornava-se necessario que a festa projectada, como bem o accentuou um agenciador de annuncios, *dandy* e *reporter*, favorecesse, quanto possivel, o commercio e as industrias — sobretudo as industrias. Ora, em tres dias fez Deus apenas a luz, os animaes e o homem.

Como em tão mesquinho periodo de tempo haviam de beneficiar da grande festa as industrias de Lisboa? Ficou, pois, decidido, em principio, que a capital fosse dotada com uma festa de mais lucrativa duração e que o Grande Club, porque parecesse commettimento pouco condigno dos seus recursos o rejuvenescer uma velharia decahida, creasse do nada, como Jehovah, uma festa nova, sem uso e sem tradição: a Festa de Maio. Para o seu exito contavam, todavia, os organisadores com um elemento, no parecer de toda a gente, essencial: o céu azul.

Arrematado o mez de maio para a festa com o seu céu de anil, as suas flôres, as suas tardes serenas, as suas auroras radiosas e as suas noutes estrelladas, o resto facilmente se prepararia com alguns discursos inspirados e algumas phrases lindas.

As phrases encommendaram-se a Abel Botelho, um dos mais brilhantes estylistas da nossa

lingua, mestre indiscutido da fórma, que tem da linguagem todos os segredos e sabe vestir as ideias com a mesma suprema elegancia com que Paquin veste as parizienses. O auctor illustre do *Ámanhã* consentiu em emprestar o prestigio do seu nome e os primores da sua penna á sociedade auspiciosa; e não contente com esse régio presente, deu-lhe uma divisa: *En tactitia sanitas*, que logo, para comprehensão do *reporter* janota, se traduziu: «Na alegria está a saude».

Apenas faltavam os discursos. Inaugurou-os o snr. Carvalho Pessoa, dirigindo-se á assembleia, á qual, n'uma desenvolvida exposição, demonstrou a conveniencia de se promover ainda este anno uma grande festa, para iniciar, quanto mais cedo melhor, o periodo da actividade e de acção do Grande Club.

Conhecendo o seu mundo e os seus homens, muito previdentemente, antes de arriscar o seu projecto sensacional, o orador passára pelo gabinete do chefe do governo, «que o auctorisára a participar as suas disposiçees em auxiliar o intento em tudo quanto estivesse ao seu alcance governativo».

Póde causar surpreza ao Porto esta interferencia inicial do Estado na iniciativa particular de uma tão poderosa sociedade. Mas as iniciativas particulares, na capital, são sempre assim. Invariavelmente, o Estado é o seu thesoureiro

generoso. Sem a intervenção official não ha iniciativa particular que resista á avareza de Lisboa.

Tem em seguida a palavra o snr. Rozendo Carvalheira, a cujo longo tirocinio de architecto e a cujas nobres inclinações de artista já aqui mesmo prestamos em tempos o merecido louvor. E como a sua profissão seja a de executar e a sua especialidade a de executar depressa, o snr. Rozendo Carvalheira pretende pôr desde logo a questão sobre o papel e interroga a assembleia sobre o caracter que convém dar á festa de inauguração e quaes os elementos com que se póde contar para realisa-l'a com brilho. Pela sua parte, sendo de opinião que a *Festa de Lisboa* revista uma feição essencialmente typica, propõe um concurso de pyrotechnia, industria que diz ter attingido grande desenvolvimento... no Minho, e a organisação de uma feira com exhibições de costumes e dansas... regionaes.

Achamos, pela nossa parte, a ideia excellente, mas ousamos notar a flagrante confissão, que envolve esse programma, emquanto á carencia absoluta de elementos locaes para a confecção de uma festa a que não falte caracter, brilho e pitteresco. Uma *Festa de Lisboa* com foguetes do Minho, com illuminações á moda do Minho, com dansas do Minho, com lavradeiras do Minho, redundará n'uma *Festa do Minho*.

Assim proclamada a falta absoluta de elementos de que dispõe hoje Lisboa para organisar uma festividade caracteristicamente sua, o fracasso da auspiciosa iniciativa parecia-nos por demais demonstrado á saciedade. E uma unica coisa se impunha: a dissolução.

Não o entendeu assim a illustrada assembleia, obstinada em dotar Lisboa com festas rivaes das de Sevilha, e logo o snr. Carvalho Pessoa, dando o seu voto ao plano de uma revista de costumes regionaes, lembra que se aproveitem para a feira os cinco grandes talhões que compõem a parte não ajardinada da Avenida da Liberdade. Céus! É' outra vez a Feira Franca do centenario da India, com que nos ameaça o Grande Club de Lisboa! E para isso escreveu uma circular scintillante e primorosa um escriptor dos mais illustres da nossa terra. Uma feira na Avenida! Mas tanto vale propôr uma reconstituição da Avenida n'uma feira de S. Cosme. Os nossos olhos quasi se recusam a acreditar no que estão lendo. É um vereador da camara de Lisboa que propõe comprometter por algumas semanas, com scenographias de arraial, a unica extensão de terreno a que a municipalidade conseguiu, em todo o vasto termo da cidade, dar um aspecto de civilisação e de grandeza? E é n'esse scenario de palmeiras e casas de cinco andares, com passeios largos como estradas e arvores symetricamente alinhadas, que se vai tentar erguer o es-

tendal de uma feira, com varinas da Murtosa, lavradeiras de Vianna, moças da Maia e pauliteiros mirandezes a dansar o Vira, a Canninha Verde e o Malhão? Não teria sido mais razoavel que sinceramente se declarasse a impossibilidade de organisar, por ausencia de elementos tradicionaes ou pittorescos, a projectada festa, e se pozessem ao serviço de melhoramentos urbanos e do embellezamento da capital as energias e os capitaes que se vão consumir em lonas pintadas, foguetes e bandeiras?

Ainda a voz sensata de um homem prático — a do snr. Henrique Taveira — se elevou para advertir ser o tempo pouco para empreza tão grande, propondo que a festa só se realisasse no anno proximo, sendo por essa occasião inaugurada uma exposição industrial, compendiando toda a nossa actividade, iniciativa e genio creador. Mas logo o abalisado *reporter* replica defendendo a festa de junho com tão grande calor e exaltação, que eu proporia se substituisse pelo nome d'esse senhor o titulo improprio de *Festa de Lisboa,* se por acaso me fosse dada a honra insigne de pertencer a tão conspicua assembleia.

Por uma quasi unanimidade de votos a feira da Avenida foi decretada pelo concilio benemerito. D'aqui a dous mezes, os deputados da provincia consolar-se-hão no exilio forçado de Lisboa, indo vêr dansar a Canninha Verde á

rotunda do Marquez de Pombal. Uff! Já Lisboa tem uma festa para rivalisar com as de Sevilha...

3 de maio

Depois de tres dias de uma chuva branda, que regou as estradas, o sol voltou a resplandecer e a illuminar Lisboa. Das janellas de minha casa, n'este bairro de jardins onde habito, por toda a parte os meus olhos encontram alluviões de rosas, colorindo os canteiros, trepando ás paredes, enroscando-se nas grades. No jardim do snr. Carlos Eugenio de Almeida, uma mosqueteira florida enlaçou-se a um pinheiro, pendurando-lhe das ramarias verdes uma grinalda branca; nos jardins de Palhavã as rosas são tantas e a terra dos canteiros está tão coberta de pétalas, que dir-se-hia que as novas rosas nascem e crescem de entre as folhas das rosas mortas; dos viveiros da camara municipal, na pequena zona expropriada do parque Eduardo VII, entra em grandes bafejos aromaticos, pelas janellas da minha sala de jantar, o aroma suave de milhares de roseiras e o perfume capitoso de um campo de goivos brancos e rôxos. E ainda do parque magnifico do snr. Henrique Monteiro de Mendonça, dos pequenos jardins circumjacentes ao largo de S. Sebastião da Pedreira,

toda a pompa da floricultura balouça e brilha nas hastes dos arbustos, sob a radiosa luz do matinal sol de maio.

Téem estas paragens de Palhavã e S. Sebastião fama antiga de floridas. Já em maio de 1787, William Beckford, na sua visita ao palacio dos marquezes de Louriçal, então moradia dos bastardos de D. João V, e hoje pertencente aos condes de Azambuja, ramo segundo da casa de Loulé, se detinha nos jardins, na enbevecida contemplação das rosas, « dignas — na sua phrase elegante de epicurista — de juncar o leito e ornar o seio de Lais e de Aspasia ». São talvez os troncos d'essas mesmas roseiras do seculo XVIII, diante das quaes estacava Beckford, que ainda hoje, robustos e seculares, enchem de flôres e perfumes os canteiros de Palhavã.

A dous passos d'aqui ficam ainda, em Sete Rios, a quinta das Laranjeiras, onde o conde de Farrobo cultivava em 1859 as mais lindas rosas de Portugal, e em S. Domingos a nobre quinta dos Fronteiras — modêlo talvez unico entre nós de uma sumptuosa villa de recreio no gôsto italiano do seculo XVII — de que o ultimo marquez era, além do nobilissimo senhorio, o mais habil e zeloso dos jardineiros.

Lisboa tem d'estes pequenos paraizos suburbanos, em parte absorvidos hoje pela nova cidade, e em que a nobreza repartiu entre si os vergeis da antiga capital da segunda dynastia,

mas são dominios na sua maior parte fechados por altos muros, vedados ciosamente á curiosidade de quem passa; e quando a primavera envolve Lisboa no seu tepido calor, forçoso se torna aos que não téem jardim, nem quinta, nem parque, ir procurar longe da cidade sombras de arvores, rumores de fontes, aromas de flôres.

É agora que o arrabalde de Lisboa ostenta os seus campos de trigo entretecidos de papoulas e que os seus pomares ainda floridos e a obra-prima das suas hortas, que o saloio aprendeu com o mouro a cultivar, emprestam uma ephemera belleza aos desertos poeirentos, despidos de arvoredos e envoltos de muros, que se estendem, com raros oasis de permeio, para além das antigas portas da cidade. Começa para a população, com estes dias primaveris e creadores, o regresso ao culto da natureza e a irreprimivel ancia de abandonar a rua civilisada, obra do homem, pelas terras floridas, obra de Deus. Tudo parece chamal-a para fóra da cidade, convidal-a a partir, a abandonar o grande monstro de pedra, onde enxameiam as doenças e as miserias, onde só ha luctas que esfalfam e prazeres que corrompem.

Os céus enchem-se de aromas e em todo o prestigio da sua belleza, na sua adolescencia tentadora, a Primavera acena aos homens empallidecidos e fatigados, offerecendo-lhes o

reconforto das atmospheras puras e dos maravilhosos espectaculos de que é divino *emprezario* o Creador. Multiplicam-se então os comboios nas linhas de cintura. Os *tramways* de Cintra, de Cascaes, de Sacavem levam de meia em meia hora para os arrabaldes, para a Lisboa suburbana regada pelo Tejo, refrescada pelo oceano, bandos de romeiros, que a cidade á noute reabsorve na sua teia como uma aranha cupida. Mas este suburbio, aonde o lisboeta vai buscar a illusão de uma belleza bucolica, pacificadora e saudavel, parece soffrer, como os homens, da proximidade do monstro devorador de energias, que ha dez seculos reflecte nas aguas caudalosas do rio as ameias dos seus castellos mouriscos, as cruzes das suas torres christãs, as lavaredas dos seus incendios e a confusão das suas pelejas. Ao arredor de Lisboa faltam as aguas e os arvoredos, que são a maior formosura da Natureza. As suas aguas correm em viaductos e as suas arvores apodrecem nos travejamentos seculares da Mouraria e do burgo de Alfama. Foi á custa da terra que se elevou a cidade. Como um exercito de vandalos, Lisboa assolou tudo em volta. É necessario passar o Tejo, enveredar para os valles uberrimos do Sado, para os vergeis de Setubal, para as encostas verdejantes da Arrabida, para avistar de novo, em pleno triumpho exuberante, a paizagem bucolica, rumorosa de

aguas e perfumada de aromas. Mas o lisboeta quasi desconhece esse paraizo, que o grego e o mouro festejaram com enlevadas preferencias, que defenderam, como um thesouro, com inexpugnaveis castellos, e até onde os exercitos do feroz Miramolim de Marrocos penetravam ainda no reinado de D. Sancho I, ávidos de contemplarem as terras formosas a que o rei mouro de Badajoz entoára um arrebatado hymno e de que se apartára a soluçar, á frente dos rudes cavalleiros de Affonso Henriques.

Já aqui tentei um dia descrever uma das villas de recreio de maiores tradições historicas d'este valle formosissimo, tão predilecto da côrte e da nobreza durante a Renascença, quando mais se desenvolverem em Portugal, em contraste com a barbarie anterior, as predilecções do luxo, do repouso e dos demais requintes da existencia. Mas a Bacalhôa, a famigerada Villa Fresca, mandada edificar por D. Brites, filha do infante D. João, mestre de Sant'Iago, mulher do infante D. Fernando e mãe do rei D. Manoel, e comprada em 1528 pelo filho de Affonso de Albuquerque aos marquezes de Villa Real, não é o unico monumento a attestar a antiguidade de um preito com que fôra tão merecidamente distinguida a belleza d'este paraizo visinho de Lisboa, aonde, ainda ha alguns annos, já quasi moribundo, o conselheiro Marianno de Carvalho, na sua phrase ao mesmo tempo poetica e

sinistra, ia habituar-se sem horror, antes com suave encanto, á ideia de que a terra em breve devoraria o seu corpo mortal...

Deixando a alegre e arejada Setubal, tão predilecta de D. João II, e os seus viçosos laranjaes, que a enfeitam e perfumam como uma noiva, e seguindo a estrada que, em pouco mais de uma hora, conduz a Azeitão ou Villa Nogueira, o olhar embevecido do viajante logo de principio vai abrangendo os mais variados e surprehendentes panoramas de serra e de mar em que se recreou a arte poderosa de Deus.

São primeiro os castellos de S. Filippe e do Outão, dominantes ao Sado de claras areias e á ilha vulcanica de Troia e logo a seguir o convento de Brancannes, n'um contraforte da serra da Arrabida, com as suas cêrcas de arvoredo secular, mirando o valle accidentado onde pastam os rebanhos e murmuram sonoras as fontes perennes das herdades.

Descobre-se agora toda a molle grandiosa da serrania, atrás da qual o oceano desdobra a sua liquida planicie.

Como por todas as encostas e ravinas a urze, o rosmaninho, o tojo e a giesta estejam em plena floração primaveril, a athmosphera impregna-se de aromas. Terra de fidalgos e de frades, de solares, de fortalezas e conventos, em cada alto morro assoma a ameia de um castello ou a cruz de uma abbadia. A cada volta da es-

trada sinuosa o panorama modifica-se, as culturas variam, uma nova herdade surge, com o seu portão brazonado, a sua ermida pequena, as suas adegas e celleiros. São depois olivaes, terras de sobreiral e de azinheiro, e logo a estrada arborisada desce em rapidos torcicollos para o vasto, immenso e uberrimo valle, que se estende até ao cabo do Espichel e de onde se descobre o Tejo, os castellos de Cezimbra e de Almada, as serras de Cintra e Montachique, o castello de Palmella com a sua formidavel torre de menagem, e ao longe, branquejando rez-vez da tremulina scintillante do rio, Lisboa com as suas sete collinas, a torre de Belem e os bastiões denegridos de S. Jorge.

É como se um pano de theatro de repente subisse, deixando vêr uma scenographia pintada por Gustavo Doré e Ruysdael, com fortalezas e moinhos, ondas de mar e aguas de rio, vinhas e pinheiraes, cearas e vergeis. Já em plena villa, a estrada segue por entre muros e portões senhoriaes, passa em frente ao palacio arruinado dos duques de Aveiro, cujas alas desmanteladas ainda se aprumam, e em cuja dupla escadaria, por onde desceu entre esbirros o ultimo duque a caminho dos carceres da Junqueira, a herva e as ortigas crescem. Em parte alguma como diante d'este nobre edificio em ruina, que se tem de pé por um milagre de equilibrio, como se houvera herdado toda a arrogancia

dos seus donos, se sente a empolgante impressão que as evocações do passado exercem sobre o espirito.

Com as armas do seu brazão picadas, os balaustres da sua pomposa escadaria cahidos nos degraus, os telhados esbarrondados, a armação da sua cisterna senhorial comida pela ferrugem, o enorme palacio, onde campeavam a soberba e o luxo do mais opulento e orgulhoso fidalgo portuguez, que jantava em baixellas de prata buriladas por Germain e adornava as paredes dos seus salões com tapeçarias dos Gobelins e télas do Veroneso, parece ainda viver, com essa existencia mysteriosa das ruinas, aquelle passado de esplendor e de fausto, que para elle como para o duque seu senhor, para todo o sempre findou na carnificina horrenda do cadafalso de Belem. Nos bancos de pedra do terreiro, onde ha seculo e meio a criadagem do duque jogava a esquineta, vão agora fiar as velhas da villa as suas rocas de estopa. Pelas salas sumptuosas, cujo mobiliario foi enriquecer os Paços de Villa Viçosa e da Ribeira, fazem agora ninho as corujas. De tudo o que foi, resta-lhe apenas a imponencia fria, no gôsto do seculo XVII, das suas linhas architectonicas, que ainda impõem aos abundantes solares e palacios da villa a supremacia hierarchica dos seus edificadores poderosos e orgulhosissimos.

E ao olhar a radiosa paizagem que emmol-

dura o soberbo palacio ducal, diante do panorama maravilhoso que se abrange do patamar de granito da sua escadaria, irreprimivelmente o espirito evoca as horas de agonia que o regicida alli passou, em frente a esse valle radioso, nas amedrontadas ancias de vêr apontar na estrada a escolta remettida pelo marquez de Pombal para o prender no seu esconderijo, na sua villa de Azeitão, de que elle era, mais do que o duque, quasi o rei!

Tem agora o excursionista, para escolher, duas estradas: a que leva á estação maritima do Barreiro por entre infindaveis vinhas e pomares e a que conduz á villa de Palmella e ás ruinas grandiosissimas da fortaleza dos cavalleiros de S. Thiago, que hoje ainda ergue para os céus o cubo altissimo da sua torre de menagem, coroada de ameias e enfaixada de muralhas mouriscas e medievaes. Mas não ha que hesitar, e o proprio cocheiro tagarella, que desde Setubal vos conduz no *breack* ou na caleche, apontando-vos do alto da boleia, com o pingalim, as herdades e os solares, as ermidas e os conventos, será o primeiro a aconselhar-vos a visita á vetusta Palmella, aninhada como uma villoria medieva á sombra dos muros da imponente fortaleza, contra os quaes bateram, como ondas flacidas em penhascos immoveis e rijos, as arremettidas dos guerreiros mouros e dos cavalleiros hespanhoes de Henrique de Trastamara.

De Azeitão a Palmella pouco mais é de uma hora, e tereis tempo de ir jantar tranquillamente a Setubal e tomar o comboio da noute para Lisboa.

Para admirar o mais grandioso panorama de Portugal, superior, pela variedade dos aspectos, aos que se disfructam do castello da Pena, em Cintra, e das portas de Coimbra, no Bussaco, valeria a pena fazer uma longa jornada. Uma hora de carruagem por uma estrada encantadora, arborisada em todo o seu percurso, através essa mesma região paradisiaca de vinhas e vergeis, que vindes atravessando desde os laranjaes odoriferos de Setubal, bem longe de representar um sacrificio, outra cousa não é mais que o prolongamento de um prazer para o olfacto e para a vista. Logo se adivinha na conservação esmerada dos caminhos e na arborisação profusa, que a influencia de gente poderosa conquistou para este paraizo suburbano de Lisboa as solicitudes das obras publicas. N'este triangulo de Cezimbra, Setubal e Azeitão, téem quinta ou solar as mais nobres familias de Lisboa, desde a casa real, depois da acquisição da Bacalhôa, até á casa de Palmella, que na serra da Arrabida possue o seu esplendido palacio do Calhariz, célebre na historia venatoria do seculo. A cada passo o cocheiro vos dirá um nome illustre, indicando-vos as propriedades que se succedem na lenta ascensão para Pal-

mella. E para vós, gente do norte, acostumada a vêr sem horror a habitação do lavrador minhoto, será uma surpreza o contemplar os brancos casinhôlos do casaleiro extremenho, surprehender o conforto d'estes pobres, que nenhuma miseria apparente persegue e antes parecem fruir a independencia de pequenos proprietarios, ao abrigo de necessidades e trabalhos.

Mas já vão rareando, á medida que se sóbe, o pomar e a vinha. A urze, o piorno, a giesta e o tojo enfestoam as encostas. A uma volta da estrada avista-se um panno de muralha denticulando o azul do céu com as suas ameias. É depois a crista de uma torre que surje por detrás de um cabeço e, finalmente, um quarto de hora depois, a fortaleza inteira, com as suas esplanadas, o seu mosteiro, a sua igreja, os seus bastiões e fossos, erguida como uma resurreição historica sobre o plató de um dos mais elevados môrros da serra, que se estende entre os estuarios do Tejo e do Sado e vai formar, ao sul da barra de Lisboa, o cabo Espichel.

A que anno remonta a povoação de Palmella? Sabe-se apenas que, no anno 106 da éra christã, a reedificou e ampliou o pretor romano da Lusitania, Aulio Cornelio Palma. Tomada pelos arabes no seculo VIII, ia começar para a pequena villa roqueira a existencia movimentada

e dramatica dos assaltos, dos saques, dos incendios, das mortandades e dos cêrcos.

Em 1147, D. Affonso Henriques encaminha sobre ella as suas hostes de guerra, e sem cuidar de medir as difficuldades da empreza temeraria, depois de arrasado o burgo mouro, assalta furiosamente a fortaleza, que se rende aos heroicos e barbaros cavalleiros christãos. Mas por pouco tempo os conquistadores usufruem a sua magnifica conquista. Reconquistado, o formidavel castello fica em poder dos mouros até 1166. Do seu paço da Alcaçova, em Lisboa, o rei christão podia vêr do outro lado do Tejo, distante apenas seis leguas da capital do seu reino, que elle dilatára desde Guimarães n'um batalhar ininterrupto, fluctuar o estandarte mourisco ao cimo das torres de Palmella.

Durante dezenove annos, em frente de Lisboa, manteve-se aquelle desafio permanente. Represo em 24 de junho de 1166, o castello é então doado aos cavalleiros de S. Thiago para que o povoem e defendam das investidas do inimigo. Mas nem a bravura intemerata dos defensores, nem as obras consideraveis com que se dilatára a fortaleza, impedem que vinte e cinco annos depois o Miramolim de Marrocos caia sobre o castello de Palmella como uma tempestade, o saqueie e o arrase, deixando apenas sangue, cinzas e ruinas.

Por muitos annos ficou a fortaleza abandonada como uma mansão fatidica de mortandades e flagellos, até que D. Sancho I, depois de limpos o Alemtejo e a Extremadura dos derradeiros inimigos, a mandou reconstruir desde a base, reerguendo-lhe uma torre de menagem, sustentada por fortes baluartes, sobranceira ao antigo bastião mourisco, que ainda hoje, passados dez seculos, se conserva de pé.

Quando os exercitos hespanhoes, sob o reinado de D. Fernando, incendiaram a villa, o castello resistiu impavido ao embate das catapultas castelhanas. As novas obras de defeza a que D. Sancho I mandára proceder, tinham tornado o castello inexpugnavel aos assaltos mais intrepidos, assegurando-lhe por dilatados seculos, até á invenção da artilharia de assedio, a invencivel resistencia a todos os ataques. O mosteiro de freires de S. Thiago, fundado por D. Affonso Henriques dentro das suas muralhas mouras, foi reerguido e accrescentado por D. Diniz, que elevou a gran-mestre da Ordem a D. João Fernandes. E desde então, através a barbarie da idade-média e o esplendor da Renascença, o immenso castello, accrescentado em honras e fortificações, conservou a sua eminente categoria militar.

A 5 de maio de 1443 era para lá transportada definitivamente a séde da Ordem de S. Thiago, sendo seu primeiro mestre em Pal-

mella o infante D. João, filho do primeiro rei d'esse nome, fundador da dynastia de Aviz. Ao convento e á igreja foram adstrictos os paços do grão-mestre e do prior-mór. Entre cavalleiros, frades e servos, a população do castello ascendia a mil almas. No seu ambito enorme, nas suas vastas esplanadas e terreiros, cruzavam-se os mantos brancos dos cavalleiros e os habitos dos monges. Por toda a parte, nos fechos das abobadas, nas ameias das torres, nos paredões dos mirantes, nas casernas, nos refeitorios, via-se a cruz rôxa, em fórma de espada, com o punho em coração e as extremidades das guardas em flôr de liz. Ao soar dos sinos constantemente se misturava o tinido das armas. E era tão forte aquelle reducto, que é para lá que D. João II, antigo grão-mestre de S. Thiago e ultimo reedificador do primitivo mosteiro de D. Diniz, manda preso o poderoso bispo de Evora, D. Garcia de Menezes, por traidor e conjurado na rebellião do duque de Bragança. Alli se vê ainda na torre, não sem um arripio de pavor, a lobrega prisão onde morreu o bispo captivo.

Não seria de mais um volume para descrever minuciosamente as ruinas d'esta verdadeira cidade fortificada, que, tanto pela sua conservação como pela sua antiguidade remota e tradições militares, merece considerar-se como um dos mais interessantes documentos bellicos do

paiz, senão mesmo, entre todos, o primeiro. Transposta a porta forte, restaurada em 1608 pelo prior-mór D. Jorge de Mello, e subida a ingreme calçada, guarnecida e defendida de muralhas, que leva ao primeiro terreiro, depara-se com as ruinas do ultimo mosteiro, voltadas para Setubal, e com as ruinas da igreja, onde jaz sepultado D. Jorge de Alencastro, filho legitimado de D. João II e ultimo grão-mestre da ordem de S. Thiago. Ficam á direita os lanços da muralha mourisca e os destroços da primitiva igreja, fundada por D. Affonso Henriques e arrasada pelos soldados do Miramolim de Marrocos. Entra-se depois nos paços medievaes do grão-mestre, no quartel dos cavalleiros e sóbe-se por escadas puidas por sete seculos, através um labyrinto de refugios abobadados, com postigos e portas ogivaes, á temerosa torre de menagem, d'onde os olhos maravilhados alcançam e abrangem o mais extraordinario panorama que os caprichos da Natureza dispozeram em toda a linda terra de Portugal. Para o norte e noroéste avista-se Lisboa, o Tejo desde Santarem até ao oceano, as serras de Cintra, Montachique, Bucellas e Monte-Junto; para sul e sudoéste, Setubal e o claro Sado com a ilha de Troia; para oéste, as ondas inquietas do mar.

E então, diante d'este panorama sublime, subitamente se comprehende a obstinação dos mouros em retomar aos christãos o castello de

Palmella. É que aquella vista, como nenhuma outra deslumbrante, vale bem um assalto á mão armada!

11 de maio

Na linha do caminho de ferro de oéste, a uma hora de viagem de Lisboa, o comboio pára n'uma minuscula estação dominante a um pequeno valle arborisado e que tem o no[illegible] prestigioso de Mafra. São oito horas da ma[illegible] Na estrada, uma diligencia e algumas cale[illegible]s aguardam os passageiros, na sua maioria offi[illegible]s. de infantaria ou excursionistas. A villa, c[illegible] lá basilica, o seu palacio, o seu convento, os [illegible] quarteis e a sua tapada, fica ainda long[illegible] alguns kilometros para o interior, edificada [illegible] plató e na encosta de uma das muitas colli[illegible] d'esta região accidentada, que se estende até Torres Vedras — onde Gil Vicente possuia uma herdade, pelo muito que lhe lembravam Guimarães aquelles sitios.

Da estação até Mafra a viagem faz-se n'uma outra hora, por uma estrada arborisada, através terras de plantio e matto, com raras habitações disseminadas nos pequenos valles e pelas faldas suaves dos montes, onde pastam rebanhos de ovelhas já tosqueadas, pastoreadas por velhos

decrepitos ou creanças. As aragens do mar refrescam, como um perpetuo leque em movimento, estas paragens resudantes de aguas, cortadas de abundantes ribeiros, onde a vinha e a fructa se dão mal e o arvoredo cresce, alto e viçoso. Finalmente, o carro envereda por uma das ruas amplas da tapada real, sob um docel verde de ramarias, que lembra a exuberancia florestal do Bom Jesus e do Bussaco. É uma vasta avenida, ainda do tempo dos frades, com seus seteaes de pedra rentes aos muros, e d'onde olhar abrange prespectivas variadas, plantas symetricas de pinheiros, altos viveiros de alyptos e brenhas espessas de folhagem, nas gr es se acoutam os gamos velozes e medrosos pc refugiam os pequenos javalis devastadores. la a orchestra de passaros enche de trillos, geios e assobios a alta aboboda de arvoo secular, a cujas sombras propicias se acolhia, pouco antes da invasão de Junot, o triste D. João VI.

E passadas as portas da tapada, eis-nos de repente no terreiro immenso do edificio colossal, a que no primeiro instante o olhar não apprehende toda a grandiosa extensão, sabiamente disfarçada pela reentrancia das duas alas do palacio e do convento, flanqueadas pelos gigantescos torreões, macissos como fortalezas.

Alli está ennegrecido pelo tempo, com as suas trezentas cellas vasias, com os seus salões

desguarnecidos, com a sua sala de capitulo transformada em sala de armas, com a sua sala dos actos transformada em tribunal, com o seu immenso claustro transformado em caserna, com a sua basilica êrma, onde apenas vão ouvir missa, aos domingos, alguns officiaes, soldados e saloios, o formidavel monumento erigido pelo orgulho de um rei, como padrão glorioso da sua grandeza e como exemplar testemunho do seu fausto!

Para que occulta-l'o? A impressão que se sente ao encarar a monstruosa fabrica em cuja construcção dezenas de milhares de operarios ininterruptamente trabalharam durante treze annos, com a ameaça permanente da forca erguida no terreiro e sob a vigilancia de sete mil soldados, é desconsoladora e fria.

Involuntariamente evoca-se o esplendor magestoso de Versailles e reconhece-se que o emulo de Luiz XIV era quando muito um Rei Sol... para franciscanos! E dizer-se que cento e sessenta milhões de cruzados jazem alli, n'aquelle immenso mauzoléu de marmore; que durante treze annos as minas de ouro e de diamantes do Brasil foram despejadas n'aquelles caboucos; que alguns milhares de homens perderam a vida nos trabalhos d'aquella inutilidade! Poude a manha de um frade malicioso, encorajada por uma conspiração palaciana, obter da credulidade de um rei, tão libertino como beato, o

voto de construir para regalia de uma Ordem mendicante, defraudando a nação em toneladas de ouro, aquelle hirto monumento, que o seculo XIX aproveitou para uma escóla prática de infantaria!

Mas passados os primeiros instantes de decepção, caminhando ao comprido da sombria fachada de duzentos e vinte metros, contemplando as torres de sessenta e oito metros de altura, contornando os degraus vastissimos que conduzem á galilé da igreja, toda resplandecente de marmores multicôres, pouco a pouco nos vamos affeiçoando áquella grandiosidade absurda e sem encantos, dominados pela imponencia orgulhosissima das suas desconformes proporções e pela vigorosa expressão de solidez e de força que de toda ella emana. Nada, n'esse edificio desconforme, planeado por um architecto allemão contratado pelos jesuitas, que evoque a elegancia ao mesmo tempo sumptuosa e requintada do seculo XVIII, a não ser, ao de leve, na gracilidade das torres, que lembram, ao lado do zimborio, dous gigantescos tocheiros em frente a um monumental sacrario. Quiz-se talvez, com as suas linhas rigorosas, os seus contornos lineares, despidos de ornatos, dar á opulenta moradia dos frades da Arrabida a apparencia condigna á humildade da sua Ordem. Mas essa pobreza, não isenta de magestade, dissimula apenas, em prejuizo da belleza e da

arte, a mais fabulosa prodigalidade de um megalomano omnipotente. Considerado sob este ponto de vista, Mafra é o prodigioso disfarce de um orgulho de nababo sob aspectos freiraticos e humildes. Todo o talento dos architectos, dos esculptores, dos decoradores e dos artifices se esgotou ingloriamente em disfarçar o luxo asiatico de um rei com a frialdade imponente e rectilinea de uma architectura monotona e pesada. Foi necessario que D. João V morresse e que D. José, aconselhado pelo marquez de Pombal, enxotasse de Mafra os parasitarios franciscanos e os substituisse pelos eruditos conegos regrantes de Santo Agostinho, para que a arte delicada do seculo XVIII, dirigida por uma cultura copiosa, adejasse sob aquellas altas abobodas e inspirasse a famosa escola fundada por Giusti, que o grande Machado de Castro, auctor da estatua equestre do Terreiro do Paço, ia em breve immortalisar. Aos conegos de Santo Agostinho se deve a conclusão da bibliotheca ou talvez mesmo a adaptação a esse fim da enormissima sala de oitenta e oito metros, que nada parece indicar haver sido construida, entre esse convento de mendicantes illetrados e esse paço êrmo, para refugio das sciencias e das letras. Mas antes que os conegos regrantes tivessem principiado a cobrir de ouro, como fôra planeado, as estantes e balaustrada da sua bibliotheca sumptuosa, D. Maria I fazia entrar de novo os franciscanos

na posse do convento, onde se mantiveram os arrabidos até 1834, anno em que o regente D. Pedro tornou alli a collocar os conegos de Santo Agostinho.

Está ainda hoje por fazer a historia de Mafra, e comtudo, se ha edificio que a mereça, é, sem duvida, esta gigantesca fabrica de granito e marmore, eloquentissimo documento da vida portugueza, tanto palaciana e politica como ecclesiastica e civil, em todo o vasto decurso de um seculo, a principiar no capitulo da sua fundação e a terminar no quadro que nos offerece o abrir do seculo XIX, com o bisneto de D. João V a cantar cantochão no côro da igreja emquanto o exercito da Gironda atravessa a Hespanha como um cataclismo e D. Carlota Joaquina organisa merendas no *Celebrêdo* com os franciscanos!

A tradição corrente, de que os guardas de Mafra são os zelosos mantenedores, attribue a um voto de D. João V, para obter successão ao throno, o projecto e construcção do edificio. E esse parece ter sido, de facto, o alicerce d'esta enormidade.

Para haver successão, D. João V, por conselho de frei Antonio de S. José, fizera voto de erigir um convento, destinado a frades arrabidos, na villa de Mafra, onde elles possuiam já um pauperrimo hospicio. Posto que o convento fosse começado em 1717, depois do nascimento

de D. Maria Barbara, D. José, D. Carlos e D. Pedro, não implica isso invalidez á votiva intenção inicial.

Demasiadamente compensou D. João V as delongas no cumprimento do voto com os grandiosos exaggêros com que ao depois o cumpriu. Mas vejamos as differentes versões que a historia archivou de historiadores, epistolographos e chronistas coevos sobre o voto edificante de Sua Magestade Fidelissima. É por aqui que deve principiar todo aquelle que de Mafra quizer ser o historiador auctorisado ou o cicerone consciencioso.

Mafra é uma grande historia, quasi um grande romance. Vamos tentar conta-l'a sem as divagações inuteis dos romancistas e sem as considerações enfadonhas dos eruditos.

Entrava-se no anno de 1709.

O paiz pedia um principe que garantisse a successão da corôa e a estabilidade da dynastia. Os frades resavam, implorando a collaboração do céu em tão demorado lance. O assumpto das conversas, no palacio da Ribeira, era a esterilidade da rainha: a branca, loura, esvelta e magestosa D. Maria Anna, a mais formosa das tres filhas dos imperadores da Austria, Leopoldo e D. Leonor.

Costumava n'esse tempo ir ao paço pedir esmola um leigo arrabido, muito piégas, de quem se contavam milagres, e a quem um dia

o marquez de Angeja se lembrou de pedir que intercedesse junto de Santo Antonio para que tivesse filhos a rainha, a que o leigo, malicioso e interesseiro, respondeu: — Sim, os terá, mas é preciso fazer-lhe uma casa!

Logo mandou D. João V tomar medidas do sitio em que hoje se levanta o convento do Coração de Jesus, immediato ao antigo collegio dos Padres Bentos da Estrella. Mas o visconde de Villa Nova da Cerveira, D. Thomaz de Lima e Vasconcellos, houve meios de conseguir da Rainha, de quem era estribeiro-mór, que junto do seu real esposo — tal qual o frade leigo junto de Santo Antonio — se mostrasse interessada em que o convento dos arrabidos fosse de preferencia edificado em Mafra, onde o visconde tinha uma quinta.

No *Gabinete Historico*, frei Claudio da Conceição dá, porém, outra versão do episodio matrimonial que originou a edificação do monumento.

O que o manuscripto da Bibliotheca Nacional diz ter-se passado com o marquez de Angeja é attribuido por frei Claudio ao bispo capellão-mór, depois cardeal, D. Nuno da Cunha. Mas o frade espertalhão subsiste sempre em todas as variantes da pittoresca intriga palaciana. Tudo, porém, faz inclinar as presumpções para a interferencia que no caso teve o visconde de Villa Nova da Cerveira. «Já os seus antepassados

haviam tentado obter a fundação de um convento em Mafra. O visconde, que era o duodecimo do titulo e senhor de Mafra, possuia n'esta villa uma quinta, onde em 1705 recebera a visita de dous frades arrabidos. Fallou-se no assumpto, que era uma pretensão de familia. O visconde manifestou com enthusiasmo o seu desejo de fundar alli um convento, *não só para participar da visinhança dos seus frades*, diz frei Claudio da Conceição, mas para utilidade d'aquelles povos visinhos. Não deixaria de pesar no espirito do visconde a circumstancia de ficar valorisada a sua propriedade pela fundação de um convento. Não cahiu a pedra em cêsto rôto, o negocio chegou até ao desembargo do paço, que consultou desfavoravelmente: não ser conveniente a fundação pretendida por estar o reino muito onerado de conventos mendicantes. O visconde reconheceu que era mais facil abrir caminho através dos frades que dos desembargadores» (1).

O negocio fôra combinado com os arrabidos, e justamente um arrabido, frei Antonio de S. José, lançava um dia, na sala dos tudescos do paço da Ribeira, a prophecia. D. João V acceitou o voto. Por credulidade? Tudo leva a

(1) *Estudos Historicos*, do snr. Alberto Pimentel.

presumir que não. Só mais tarde, nos ultimos annos de vida, nos transes angustiosos da doença, a fé do sultão de Odivellas se afervorava na supplica de um milagre que o salvasse da paralysia e da morte. A intervenção da divindade nos seus negocios amorosos devia parecer escusada ao Salomão portuguez, a esse tempo em todo o prestigio da mocidade e da belleza. Mas ao seu permanente delirio de grandiosidade não deixava de sorrir esse pretexto que lhe offereciam para gastar dinheiro. Edificaria o convento para commemorar o divino milagre com que o rei do céu condescendera em intervir nos negocios de alcôva do rei de Portugal.

Essa historia, que fazia sorrir o seu scepticismo de libertino, não deixaria de impressionar a fé ingenua do seu povo.

A edificação do convento estava resolvida. Mas em Lisboa. D. João V entendia assim contribuir utilmente para o adorno da sua capital. Já o desembargo do paço se não oppunha á vontade omnipotente do monarcha. Agora, a unica pessoa a oppôr-se era o visconde de Villa Nova da Cerveira, que obtivera a alliança da rainha para o seu projecto ambicioso de Mafra. Quem podéra contar os episodios d'este conluio, tecido nos corredores do paço da Ribeira e que finalmente triumphava ao cabo de seis longos annos de lucta perseverante! El-rei acabára por designar para o edificio o sitio deno-

minado a *Vela*, junto a Mafra, commettendo o projecto em concurso a diversos architectos e escolhendo entre todos o de Frederico Ludovice, allemão educado em Roma e altamente protegido pelos padres da Companhia, cujas obras estava a esse tempo dirigindo em Lisboa. Ordenou o monarcha as precisas expropriações e os trabalhos começaram, abrindo-se alicerces a uma profundidade de cinco metros, depois de nivelado o extenso terreno onde ia construir-se o mais gigantesco edificio de Portugal.

A 17 de novembro de 1717 realisou-se a inauguração na presença do rei, acompanhado pela côrte e pela curia patriarchal, durando a ceremonia desde as oito da manhã ás tres da tarde. O visconde de Villa Nova da Cerveira, que hospedára a familia real na sua quinta, estava radiante. Triumphára.

No dia seguinte ao da festa, as obras continuaram com a maior actividade, sendo nomeados mestres de alvenéos e de canteiros os milanezes Carlos e Antonio Garvo e ficando a direcção dos trabalhos a cargo de Ludovice, auctor do projecto.

Treze annos decorreram na edificação colos sal, em que se empregaram, termo médio, vinte mil homens de todas as artes. Para devastar a montanha que fica ao sul do edificio e nivelar a área immensa de quarenta mil metros quadrados, davam-se diariamente mil tiros, em que se

consumiam quatrocentos kilogrammas de polvora!

Em 1727, D. João V determinára que a sagração do templo tivesse impreterivelmente logar em 22 de outubro de 1730, dia do seu anniversario, que n'esse anno coincidia com o domingo. Então os trabalhos attingem o seu auge. Ás auctoridades de todo o reino expedem-se ordens para mandarem gente para Mafra, onde. chegam a reunir-se cincoenta mil operarios! Para conter esta multidão immensa aquartelavam em Mafra sete mil e quinhentos soldados de cavallaria e infantaria.

A casa real empregava mil duzentos e setenta bois nas conducções. Os particulares eram obrigados a cedêr ainda o gado disponivel. Muitos dias houve de se encontrarem na estrada mil carros, havendo pedras a que forçoso se tornava, pelas suas enormes dimensões, engatar trinta ou quarenta juntas de bois, sem contar a pedra da varanda chamada *de benedictione* — e parece agora, collocada no seu logar, tão pequenina! — a qual durante seis dias, das pedreiras de Pero Pinheiro a Mafra, cem juntas de bois custosamente arrastaram! O numero de fornos de cal e tijolo, propositadamente construidos para o consumo das obras, não se sabe. Mas uma memoria do tempo conta que havia centenares d'elles entre Cascaes e Mafra, n'um percurso de vinte kilometros! Esta verdadeira

cidade de trabalhadores tinha os seus hospitaes, como tinha a sua forca. De 1728 a 1733, as enfermarias recebiam dezesete mil noventa e oito doentes, dos quaes sahiam curados quinze mil setecentos e sessenta, tendo a mortalidade ascendido em cinco annos a mil trezentos e trinta e oito operarios!

É depois de lidas estas cifras prodigiosas que se póde principiar a ter a noção do que é, em proporções gigantescas, este convento de Mafra, delineado por um architecto dos jesuitas para moradia de frades pedintes, e cujas oitocentas e oitenta salas vamos atravessar com a fadiga de uma extensa jornada, através rudes caminhos sem horisontes e sem bellezas...

*
* *

Das janellas da sala do pequeno hotel, onde o excursionista, chegado a Mafra ás nove horas e meia da manhã, depois de apear do trem que o conduziu da estação á villa, vai pedir de almoçar, avista-se quasi de perfil o gigantesco edificio, cujos rebrilhantes marmores o tempo tingiu com uma *patine* sombria. Não parecem mais os brancos calcareos de Pero Pinheiro, que um poeta do seculo XVIII comparou ao «jaspe radioso». Menos de dous seculos bastaram para

dar ao edificio colossal esse aspecto grandiosamente triste, que é como que o luto das construcções abandonadas.

Sem os seus trezentos frades e a sua côrte luzida, ainda que transitoria, entregue a alguns criados da casa real, com o torreão da ala direita e o grande claustro transformados em casernas, o formidavel mosteiro parece expiar, na decadencia e na solidão, o delicto de vaidade do monarcha orgulhosissimo que o ergueu em frente á pobreza da villa, para que melhor avultasse a sua grandiosidade inutil.

Como a missa aos domingos é ás onze horas, ha tempo para almoçar tranquillamente na pequena sala da hospedaria, a cujas paredes servem de decoração os retratos de el-rei D. José e das rainhas D. Maria Anna Victoria e D. Maria I. Emquanto se almoça, ao som festivo dos mais harmoniosos sinos de Portugal, no adro da basilica vão-se juntando saloios de carapuça verde e jaleca de saragoça, que constituem, com os soldados do destacamento aquartelado em Mafra e os officiaes em tirocinio na Escola Prática de Infantaria, toda a assistencia á ceremonia religiosa.

Vão longe os tempos em que no altar-mór se reuniam dous cardeaes, o patriarcha, quatro bispos e trezentos e vinte frades!

Agora o officiante, movendo-se no degrau do altar, é apenas uma pequenina mancha co-

lorida no vasto templo de marmore. Empurrada uma das portas lateraes do vestibulo, que dão accesso á igreja, tem-se a primeira e decisiva impressão da grandeza desconforme do edificio. Á hora da missa, com a officialidade, os soldados, a gente da villa, os saloios e as suas devotas — essas devotas que fazem parte do mobiliario de todas as igrejas — a immensa nave parece deserta. Debalde o visitante se preparará para contemplar um grande templo. A realidade ultrapassa toda a espectativa. O assombro ateia-se ao primeiro olhar envolvente.

Tanta sobriedade e tanta vastidão opprimem e enregelam. Com as naves lateraes communicando entre si por altos porticos de marmore preto polido, em cujas capellas sombrias, pesadamente forradas de marmores côr de rosa, branquejam as estatuas dos evangelistas, com o seu cruzeiro formado de quatro arcos romanos, que sustentam a cimalha, onde se apoia o zimborio, e os seus gigantescos candelabros de bronze amarello perfilados ao longo da nave tapetada de marmores multicôres, a igreja, pela ausencia de ouros e pinturas, lembra, no classissismo hirto do seu estylo, com a accumulação dos seus marmores, as suas columnas e pilastras de ordem composita, a profusão dos seus capiteis corinthios, um templo edificado por um imperador romano convertido ao christianismo.

Tudo alli é pagão na physionomia e no sen-

timento. A divindade, n'aquelle tabernaculo de marmores azues, cinzentos, negros, amarellos e côr de rosa, construido em arcarias romanas, sustentadas por columnas gregas, dir-se-hia que não é a mesma que habita as igrejas gothicas, tão espiritualmente delineadas pela fé ardente da Idade-Média.

Tem o templo a disposição de uma cruz latina constituida pela nave de trinta e tres metros de comprido por doze de largura, pelo cruzeiro, com uma projecção horizontal de quarenta e seis metros, e pela capella-mór, com pouco mais de dezeseis metros de profundidade. A linha vertical, tirada do eixo da aboboda, tem vinte e um metros. Toda a grande nave é lateralmente guarnecida de pilastras caneladas, de calcareo branco e de ordem composita, apoiadas em sôcos de marmore côr de rosa com veios brancos e sustentando o entablamento de onde partem os arcos que formam a aboboda. Duas naves lateraes, estendendo-se parallelamente á grande nave central, finalisando no cruzeiro, reforçam a elevação cruciforme, e no prolongamento até á capella-mór rematam em duas novas capellas. Cada uma das naves lateraes tem tres capellas communicando-se entre si por porticos de marmore preto, ornados de baixos relêvos de marmore branco de Carrara, allusivos a passagens da Escriptura. Um altar com retabulo de marmore italiano, quatro estatuas de Apostolos,

Doutores ou Evangelistas collocadas em nichos praticados nos respectivos angulos, medindo cada uma mais de dous metros de altura, uma cruz, uma lampada e dous castiçaes, dous tocheiros de bronze de dous metros, com cento e vinte kilos de peso, constituem todo o adorno opulento e frio de cada uma das seis capellas, respectivamente denominadas dos *Confessores*, das *Virgens*, dos *Martyres*, do *Santo Christo*, dos *Bispos* e do *Rosario*.

Ao tôpo da nave, os braços do espaço cruciforme abrem-se ainda em duas capellas — a do lado direito, a da *Coroação*, a do lado esquerdo, a da *Sacra Familia*, fechada a primeira por uma maravilhosa cancella flamenga de ferro com ornatos de bronze, sustentando quatro tocheiros em fórma de tripoda romana, no mesmo estylo classico do templo.

É de jaspe o retabulo de cinco metros que corôa o altar, ladeado de columnas compositas de marmore vermelho. Da aboboda, forrada de marmores cinzento e côr de rosa, pendem sete lampadas de bronze, suspensas da bôca de sete serpentes enroscadas.

Toda a arte incomparavel dos ferreiros e cinzeladores de Anvers parece ter-se empenhado em luctar victoriosamente n'essa obra admiravel com a pompa grandiosa que a envolve. E é para essa cancella de ferro, mais que para as estatuas dos esculptores de Mafra, discipulos

de Giusti, mais que para a profusão dos marmores e para a arrojada elegancia do zimborio, que vão, surprezos e encantados, os olhos dos artistas, como um protesto á solemnidade classica, arrogante e profana d'aquelle templo, erguido pela vaidade de um rei libertino, profanador de conventos.

Quatro tribunas de marmore, supportadas por columnas jonicas, servem de pedestal aos quatro immensos orgãos do cruzeiro, construidos de madeira do Brazil com ornatos de bronze, que D. João VI mandou substituir aos orgãos primitivos, desmanchando assim a soberana e equilibrada harmonia do conjuncto.

Finalmente, a capella-mór, com os seus dezeseis metros de fundo por doze de largura, é o digno coroamento da nave classica e das immensas proporções de todo o templo.

Um quadro de Trevisani encaixilhado em marmore preto, representando a Virgem, o Menino e Santo Antonio, — unica pintura que orna a igreja — eleva-se sobre o altar, debaixo do docel, do qual se ergue uma cruz enorme de jaspe, de mais de quatro metros de altura, entre dous anjos ajoelhados.

E com a sua banqueta de bronze amarello, os seus tocheiros e accessorios do mesmo metal pobre — que custaram uma fortuna — o grandioso altar-mór, como o enorme templo, quasi perdem a sua significação sagrada e nos oppri-

mem o espirito como a mais tremenda dissimulação de uma vaidade ostentosa, que se entreteve em conciliar tanta magnificencia com a austeridade de uma Ordem de frades pedintes!

10 de junho

Faz por este tempo cinco annos que conheci o mallogrado official de marinha, filho primogenito do secretario de el-rei, que tudo quanto ha de melhor em Lisboa, pelo sangue, pelo nome, pelo talento e pela hierarchia hontem acompanhou tristemente da rua de S. Domingos ao cemiterio dos Prazeres, por uma d'essas manhãs de claridade e de amena doçura, em que o desejo de viver anima o coração dos maiores desventurados.

Foi n'essa mesma casa encantadora da rua de S. Domingos, á Lapa, engrinaldada de trepadeiras, n'esse pequenino museu de arte, n'esse modêlo de conforto e de elegancia, de distincção e de belleza, que o snr. conde de Arnoso me apresentou uma noute o guarda-marinha João Pinheiro de Mello, seu filho. Tenho bem presentes as impressões d'esse primeiro encontro, como todas as d'essa noute, que tanta influencia havia de ter na intima orientação da minha vida. E, ao revêr as mesmas salinhas sumptuosas, onde ha

cinco annos passei uma noute inolvidavel, na companhia do conde de Ficalho, de Antonio Candido, de Carlos de Lima Mayer, de Luiz de Magalhães e de Ramalho Ortigão, uma tristeza maior me opprimia com a evocação d'essas horas felizes decorridas n'aquelle mesmo scenario onde agora se acotovellavam politicos, fidalgos e escriptores, vestidos de luto, aguardando a sahida dramatica do feretro, que não tardaria em descer aquella escada tão linda, a caminho do cemiterio... Invadida por uma multidão formalisada e sombria, a casa encantadora, que ha cinco annos eu encontrára cheia de luzes e de flôres, quasi parecia outra, como se as proprias cousas inanimadas resentissem e compartilhassem a dôr e a desgraça da familia. No desarranjo dos moveis, tão sabiamente dispostos outr'ora para as intimidades da vida familiar, para a recepção de visitas affectuosas, para o repouso e para o trabalho, transparecia essa mesma desorientação que caracterisa as grandes dôres, tão certo é que nos mais insensiveis objectos poderosamente se reflecte a humana infelicidade ou a ventura humana...

Foi quasi em bicos de pés, como se tivera receio de acordar aquelle morto, que lá em cima, n'um quarto do primeiro andar, dormia entre flôres e lagrimas o seu ultimo somno, vestido com o seu uniforme de tenente, que atravessei o pequeno atrio, onde todo o ministerio,

toda a côrte, toda a politica, toda a litteratura se comprimia e acotovellava em redor da mesa armada para as assignaturas... Só quem não entrou ainda n'uma casa, *onde está a morte*, n'essa hora de supremo desespero, quando param á porta os trens dos amigos e dos indifferentes, a quem os pungentes deveres do affecto ou os hypocritas deveres sociaes distribuem a missão de acompanhar um cadaver ao cemiterio, terá, se não fôr insensivel ou cego, deixado de medir com horror o egoismo do homem: essa obra prima da natureza.

É bem certo que todos nós temos as nossas dôres e os nossos infortunios para soffrer e que outra cousa mais do que uma perpetua e amargurada angustia não seria a vida, se soffressemos e compartilhassemos de todas as dôres alheias. Mas desde que o coração humano é assim feito, e todos nós, sem excepção alguma, nos reconhecemos culpados de haver conduzido um dia ao cemiterio um amigo, um protector, um homem célebre ou um simples conhecido com a meticulosa observancia de um simples dever social imposto pelos usos, porque perpetuar um costume, que a tradição reservou apenas para a piedade sincera, e que aos poucos a hypocrisia social deturpou profanadoramente n'uma quasi obrigação mundana? Toda essa gente, que falla alto, que se cumprimenta, que se adula ou se calumnía, que se volta as costas

ou se abraça, que se olha aos espelhos, que felicita os novos ministros, que commenta os artigos dos jornaes, que se entretem com os seus interesses, com os seus prazeres, com a sua vida, á mesma hora em que, n'um aposento proximo, uma familia desfigurada pela dôr se despede de um morto adorado, constitue um dos mais deprimentes espectaculos que um preconceito secular preparou á utilitaria sociedade contemporanea.

Quanto mais felizes são n'essa hora de transe os humildes e os ignorados, os que podem chorar em familia as ultimas lagrimas sobre o corpo de um filho, de uma esposa ou de uma mãe, sem que os corypheus da sua nomeada, os aduladores do seu poder ou os disfructadores do seu ouro venham n'essa hora de horror, em que o coração se despedaça na eterna despedida, profanar com a sua presença o afflictivo amargor da sua desventura!

Hontem ainda, pensava eu mais uma vez n'essa funebre comedia imposta pelas convenções, ao atravessar o pequeno jardim da casa da rua de S. Domingos, evocando a lancinante scena que lá em cima, n'um dos quartos do primeiro andar, se estava, áquella hora, desenrolando, emquanto cá em baixo uma numerosa multidão de homens, rigorosamente vestidos de luto, sem duvida alguma deplorando a desventura d'aquelle pai inconsolavel, se entretinham,

como nos entreactos de S. Carlos, a discutir politica, lettras, amor e frivolidades. Tão familiarisado está já o homem com a morte, que a vê passar a seu lado sem estremecimento? Outros não devem ser os motivos e as razões que tão profundamente separam, n'uma mesma casa, em volta da mesma tumba, as victimas e os convidados da morte. Cada um d'esses homens, ministros, officiaes-móres, banqueiros, politicos e escriptores, que a caminho do cemiterio, ao balouço dos trens, vão ruminando nas suas ambições, nas suas vaidades, nos seus interesses, nos seus prazeres ou nas suas vinganças, terão um dia um acompanhamento igual de conhecidos ou desconhecidos, maior ou menor, conforme a grandeza do seu coração ou do seu nome. É talvez essa resignada certeza de que a ninguem a morte poupará, que permitte aos corações, os mais sensiveis, essa especie de indifferença, tão frequente hoje de vêr nas ceremonias funebres, mesmo nas que como esta se revestem da enternecedora e commovente grandeza que o culto amorosissimo de um pai lhe soube communicar.

Foi n'um singelo carro de columnas, tirado por uma só parelha, sem nenhuma das pompas com que o orgulho e a vaidade dos poderosos téem por velho e condemnavel costume revestir essa ultima solemnidade prestada aos seus mortos, que fez a derradeira viagem da casa pa-

erna ao sepulcro, com a sua farda de grande gala, o moço official de marinha, João Maria Rodrigo Pinheiro de Figueira de Mello, segundo conde de Arnoso, tenente da armada real, que as febres brazileiras prostraram no seu posto, victima do seu dever militar, no decurso da longa e festiva viagem da canhoneira *Patria*.

Para conduzir esse cadaver de um filho idolatrado não quiz o pai inconsolavel que se exhibissem as pompas funebres, que mais parecem festejar a morte do que deplora-l'a. Para levar ao cemiterio os despojos corrompidos de uma vida impoluta e nobilissima, o que restava de uma mocidade e de uma grandeza, não quiz o pai desventurado engalanar espectaculosamente a tumba mortuaria, onde ia encerrado o filho que ha vinte e seis annos vira nascer, pequenino como o Menino Jesus de um oratorio, e de que o seu amor fizera aquelle homem elegante e pallido, affavel e nobre, inexplicavelmente triste e inexcedivelmente fidalgo. Assim, com o seu acompanhamento de principe, o enterro do filho primogenito do mais intimo amigo de el-rei conservou essa commovedora singeleza, que é a mais solemne expressão da dôr humana!

17 de junho

Pouco antes das nove horas, uma atroadora girandola de foguetes annuncía á multidão compacta, que se acotovella e comprime na praça de D. Pedro, no largo de Camões e em toda a extensão da Avenida até aos palanques da rotunda, por igual replectos de anciosos espectadores, a partida do cortejo nocturno. Visto das janellas do theatro de D. Maria, o aspecto do Rocio é surprehendente, com as suas arvores de gaz scintillando entre as ramarias frondosas, as janellas pombalinas illuminadas a balões venezianos, as duas fontes monumentaes jorrando agua, illuminada pelos clarões da luz electrica.

As pequenas installações de arraial, onde se vendem os tradicionaes cravos de papel, os vasos de mangerico e as alcachofras, parecem agora, alinhadas na grande praça, em redor da branca columna corynthia do monumento, pequenos mimos de arte, tão certo é que o prestigio da noute e das luzes retoca de uma enganadora belleza a propria trivialidade. O que de dia parecia mesquinho apparece de noute gracioso. Todas as minusculas barracas, illuminadas com festões de gaz e de balões, erguendo acima do mar ondulante de cabeças as suas cupulasinhas de zinco dourado, os seus tectos

brancos de lona e os seus guarda-soes de chita azul, verde e amarella, perdem no tumultuoso ambiente de festa o seu aspecto pobre, e o vasto recinto, d'onde ascende um ruido indescriptivel, composto de milhares de vozes, de gritos asperos de cornetas de barro, de assobios, de borborinho e de risos, parece converter-se no immenso adro de um santuario minhoto em noute de romaria. Faltam-lhe, é certo, os tons garridos, a côr e o pittoresco das festas do norte, com os seus ranchos de moças ornamentadas de lenços vermelhos e amarellos. É um arraial em plena cidade, com automoveis que varam lentamente através as ondas espessas da multidão, com vehiculos electricos, com illuminações a gaz, com senhoras nas janellas e policia nas ruas. Mas nunca como d'esta vez o povo de Lisboa, irreverente por educação e por indole, soube dar a uma festa este animado caracter de cordealidade e bonhomia, que nenhum incidente perturbou depois das scenas deploraveis da recepção dos Fenianos.

Quando, ás nove horas, no extremo occidental da grande praça, á bôca da rua Augusta, assomam os cavallos brancos da guarda municipal, abrindo custosamente passagem ao cortejo, um borborinho ensurdecedor, como de um colossal enxame de abelhas, enche o Rocio.

De longe, dominando o alarido, chega o ruido sonoro das palmas. O accenar dos lenços,

nas varandas e janellas, parece, á distancia, o esvoaçar atordoado de um bando de pombas brancas. Os fogos de Bengala illuminam de verde e de vermelho, como n'uma apotheose de magica, a frontaria das casas. Ha um tumulto enorme na multidão, que se precipita para as ruas lateraes, por onde o cortejo vai dar a volta, passando em frente ao perystillo grego do D. Maria.

De ha muito que o lisboeta não tinha uma festa em que a sua intervenção não fosse requestada em beneficio de interesses officiaes. Não fôra propriamente para seu recreio que se illuminára a Avenida por occasião da visita do rei de Hespanha e se illuminára o Tejo por occasião da vinda do rei de Inglaterra e se illuminára Cascaes por occasião da viagem do presidente Loubet.

N'essas festas, o povo permanecera simples espectador de pompas régias e ao seu orgulho melindroso não deixava de doer o papel modesto de comparsa que n'ellas lhe era distribuido. Festejos propriamente seus, não os tinha de ha longos annos o lisboeta. A sua proverbial indifferença e a sua innata propensão para a ironia tinham acabado por abafar um resto de tradições festivas, que a custo sobrevivera a um seculo desmoralisador por excellencia.

Do Santo Antonio restavam apenas as dansas das varinas na Ribeira Nova e os encontrões

do povoléu na praça da Figueira. Uma primeira tentativa para restaurar a tradição antonina liquidára no mais memoravel e tumultuoso dos escandalos, resultante de um conluio anti-clerical, cuja historia complicada, ainda escurecida de mysterios, serviu de thema e argumento para o regimen repressivo de que resultou a lei de 13 de fevereiro.

O Entrudo decahira e abrandára de excessivo em semsaborão. Ao contrario das alegres terras do norte, tão zelosas das suas festividades tradicionaes, a Lisboa ironica e iconoclasta acabára com todas as suas diversões populares, e fôra procurar na excitação dos comicios, na licenciosidade das revistas de feira — as andrajosas feiras de Belem, de Alcantara e Campo Grande — na anarchia das arruaças e nos perigosos desafogos da irreverencia a impura distracção dos seus dias de folga. A iniciativa do Grande Club encontrou as classes populares em plena crise de diversões e logo o seu primeiro ensaio, restaurando a tradição quasi apagada de uma festa genuinamente lisboeta, obteve a adhesão unanime da cidade.

Póde calcular-se em duzentas mil pessoas as que na noute de quarta-feira affluiram de todos os bairros e arredores ás avenidas e ruas designadas ao itinerario do cortejo.

E não foi dos espectaculos menos impressionadores pela sua grandeza, a d'essa multi-

dão, que desde o cahir da noute alagava a cidade baixa com as suas ondas ruidosas.

Para que a noute festiva de Santo Antonio renascesse, bastou que as terras do norte trouxessem á capital um pouco da sua belleza e que a provincia désse á capital o exemplo salutar de quanto póde e vale o respeito sagrado da tradição e o culto fervoroso da alegria. Porque, foi necessario ir buscar ao Porto, a Coimbra, a Penafiel, a Miranda do Douro, a Galhufe, a Ponte da Barca e á Certã os principaes elementos da festa de Lisboa... Do norte vieram os carros do cortejo, as cavalgadas historicas, os fogos de artificio, as dansas e os descantes, a animação e o pittoresco.

Lisboa limitou-se a encher de espectadores as archibancadas da rotunda, as avenidas, as praças e as ruas.

E quando a multidão bate palmas, enthusiasmada, á passagem do carro sumptuoso da cidade do Porto, arrastado por tres juntas de bois do Barroso, cobertos com xaireis de sêda, de altas e rendilhadas cangas floridas de rosas, que seis moças do norte, ageis e risonhas, adornadas de ouro como idolos, conduzem á soga, batendo na calçada a graciosa chinellinha, o que a multidão applaude é a terra do norte, a belleza do norte, a opulencia do norte, a arte do norte: — esse norte de que o alfacinha sempre fallou com desdem e que mais uma vez o

vencia, na festa como na guerra, na alegria como no trabalho, na riqueza como no dever!

Póde sem receio affirmar-se que, por maiores sacrificios que se impozesse, por maior diligencia que empregasse, o Grande Club não conseguiria, sem o concurso do norte do paiz, dar a este primeiro ensaio de festas o brilho decorativo e o accentuado caracter nacional que ellas tiveram. A collaboração importantissima que o Club dos Fenianos trouxe, com tão generoso desinteresse, á iniciativa do Grande Cub, foi para Lisboa um exemplo salutar de quanto vale e póde a acção collectiva, quando animada do desejo unanime de produzir e crear, em contraste com as colligações demolidoras em que se entretem a energia da capital. Gritar, injuriar, diffamar, arruinar e subverter custa menos do que trabalhar e produzir. Por isso os que trabalham e produzem serão sempre mais fortes do que os que subvertem e arruinam.

As recentes festas foram a triumphante apologia do culto da tradição e do trabalho.

Bom será que o lisboeta não esqueça essa symbolica figura armada de ponto em branco, modelada por um grande esculptor, que no carro do Porto, arrimada á sua lança, com o capacete encimado pelo dragão, acaba de atravessar as ruas de Lisboa, entre salvas de palmas!

24 de junho

A commissão de senhoras, que promoveu nos jardins das Laranjeiras, actualmente encorporados no morgadio do snr. conde de Burnay, uma *kermesse* em beneficio de alguns estabelecimentos de caridade, incluiu no seu programma um baile de subscripção, ao ar livre, na noute de segunda-feira. Baile campestre lhe chamaram os jornaes com flagrante impropriedade, como se devéras o facto de se dansar ao ar livre, n'uma rotunda illuminada, bastasse para apagar as tradições requintadamente mundanas d'esse recinto prestigioso, onde se déram as mais elegantes e sumptuosas festas de Lisboa no longo decurso do seculo XIX. Baile campestre se chamou a um baile ao ar livre, com senhoras vestidas nas grandes modistas, dansado no pequeno terreiro annexo á ala esquerda do palacio, sem se attender que esse *travesti* campestre não procurou sequer revestir-se dos tradicionaes aspectos de singeleza que podiam merecer-lhe esse titulo bucolico e galante, tão procurado para as festas do fim do seculo XVIII e consagrado pelos divertimentos apparentemente innocentes do Petit-Trianon, em pleno culto artificioso da Natureza.

Só a cordealidade entre os convidados —

que eram inalteravelmente os mesmos de todas as festas mundanas de Lisboa: especie de grande familia *jouisseuse*, ou antes especie de syndicato organisado para promover e concorrer a todas as *parties de plaisir* — impediu que o baile *campestre* das Laranjeiras, organisado sob tão bons auspicios, degenerasse na insipidez e no tédio. Para este insuccesso varias circumstancias concorreram. A noute estava fria, em contraste com estes dias asphyxiantes, em que Lisboa parece envolta em labaredas; o local em que se realisou o baile era deploravelmente acanhado para uma festa nocturna d'este genero; e sobretudo o prestigio do recinto forçosamente concorria para esmagar e amesquinhar este numero *soit-disant* galante do programma. Um baile campestre, de dia, com vestidos leves de musselina e chapéus de palha guarnecidos de flôres, á sombra de grandes arvores, teria tido pleno exito. Mas este baile nocturno, com resaibos de etiqueta, em frente ao palacio do conde de Farrobo, se não fôra o seu pretexto caritativo, que moralmente o embellezava, poderia parecer aos menos indulgentes uma profanação...

Demais, tal como hoje se encontra dividida e retalhada, a quinta das Laranjeiras não se presta a qualquer especie de festas ao ar livre. É como se ao Palacio de Crystal vedassem o accesso á Avenida das Tilias, aos jardins, aos

bosques, aos panoramas do rio e do mar, da cidade e de Villa Nova e assim lastimosamente o isolassem, dando-lhe apenas a avenida dos trens e o recinto lateral, em face ao antigo circo.

Adquirindo o palacio historico das Laranjeiras — historico pelas suas tradições mundanas, que synthetisam quasi meio seculo da vida galante da Lisboa contemporanea — o snr. conde de Burnay não cuidou só em satisfazer a sua vaidade, encorporando na sua opulencia próspera de banqueiro essa reliquia do prodigo Mecenas a que um dia pretendeu assimilhar-se com os seus bailes sumptuosos da Junqueira; mas como homem que sempre antepôz o bom senso á phantasia, desde logo planeou fazer fructificar esse morgadio ruidoso, e cedeu á Sociedade do Jardim Zoologico a parte mais importante da vastissima quinta, reservando-se apenas o terraço ajardinado das trazeiras do palacio, que descia por degraus de marmore á avenida do obelisco, agora vedada por altas grades de ferro. Assim privado da sua maior formosura, o palacio, restaurado, pintado de côr de rosa, ao lado das ruinas do theatro de Thalia, ficou á espera de um vago e opulento inquilino, que o arrendasse, para n'elle refugiar o seu *spleen* e a sua grandeza.

Nos espaçosos jardins onde se installou a Sociedade do Jardim Zoologico, encontraria a commissão de senhoras promotora do baile de

segunda-feira logar admiravelmente apropriado a uma grande festa diurna, com jogos, bazares e dansas ao ar livre. Mas difficilmente, no que hoje resta annexado ao palacio, seria possivel fazer vingar um baile com mil convites, onde se não andasse incommoda e incivilmente aos encontrões...

Excellente seria, porém, que essa ideia infeliz de um baile *campestre* nas Laranjeiras suggerisse ás suas illustres promotoras a implantação em Lisboa, durante a primavera, antes do exodo para Cintra, de pequenas e intimas festas diurnas ao ar livre, bem mais agradaveis e proprias do nosso clima que as formalistas recepções e os tristonhos *five-o'clock* em salas apinhadas de moveis e aquecidas de estofos. Ha ainda na capital e suas cercanias alguns jardins magnificos, sombreados de arvoredos seculares, como o das quintas do Lumiar, de Palhavã e de Fronteira, onde se podia reunir, nos dias luminosos de maio, em alegre convivio, despida de formalismos, essa sociedade brilhante, que apenas S. Carlos logra interessar, com as suas exhibições de joias e hombros nús. Este genero de festas, tão predilectas dos inglezes, e que constituem um dos mais maravilhosos aspectos da *season* aristocratica de Londres, em parte alguma melhor do que em Lisboa podia revestir-se de belleza e... de razão de ser, com este amêno clima e este céu benigno.

E se o seductor prestigio das Laranjeiras fôr mais forte do que a recordação do insucesso de segunda-feira, para que se pense ainda em aproveitar o seu recinto, lembrariamos então a organisação de um grande baile *costumé*, nos salões do palacio, obrigado rigorosamente ao trajo de 1840. Esta tentativa de uma restauração minuciosa de um serão nas Laranjeiras, no tempo do esplendor de Farrobo, seria, essa sim, uma festa surprehendente. Animar novamente aquellas salas desertas com a movimentação de um baile; acordar os eccos d'aquelles salões com o *frou-frou* das sêdas, o trinar dos risos, o borborinho das vozes, era um emprehendimento digno de tentar a mesma commissão de senhoras que, sob a presidencia da snr.ª D. Maria do Patrocinio Barros Lima de Almeida, promoveu a récita memoravel do anno passado em D. Maria.

Em plena terça-feira de Entrudo, accender-se-hiam os lustres, abrir-se-hiam as portas, e no lindo pateo illuminado *à giorno*, dos trens da nobreza e da finança sahiriam, vestidas á 1840, com os cabellos ornados de plumas de marabú, penteadas *á Polka*, *á Izabel*, *á Ingleza* ou *á D. Maria II*, pela mão dos homens envergando as casacas verdes de Sotto Maior, ostentando os colletes bordados a pérolas de Garrett, as lisboetas de 1907, netas d'essas outras lisboetas que, ha sessenta annos, desciam o estribo da caleche n'aquelle mesmo pateo das Laranjeiras,

onde Farrobo aguardava os convidados, correcto e amavel como um principe da moda. Alli, n'aquelle scenario authentico, sob o olhar d'aquellas deusas mythologicas, pintadas por Fonseca, o baile á 1840 assumiria a significação de uma solemne glorificação do prodigo e gentilissimo Mecenas, ornamento do seu seculo, que o culto da arte, da graça e da belleza levaram á decadencia e á ruina...

1 de julho

Lisboa principía a despovoar-se, e a tarefa de um chronista, a quem são interdictos os assumptos politicos, começa a ser embaraçosa. Todos os dias, por todos os comboios de todas as linhas, se ausentam os que dirigem e animam a vida da capital. Apenas a politica continúa a desenrolar as suas ridiculas ou dramaticas peripécias, dando ao noticiario dos jornaes argumentos de romance folhetim. Por estes dias de sol, tão luminosos e serenos, contrista a alma assistir á peregrinação das victimas desventuradas da legalidade, que do paço das Necessidades para o ministerio das obras publicas, da rua da Emenda para o Terreiro do Paço, andam n'uma dobadoura afflictiva, implo-

rando em vão a piedade dos que não acreditam na fome e baldadamente invocando perante a insensibilidade dos grandes o seu desespero de humildes... Mas não só de espectaculos dolorosos se compõe o variado reportorio de Lisboa n'estes preludios ardentes do verão. Emquanto na rua de S. Francisco os jornaleiros se reunem para a defeza collectiva da miseria que os ameaça, nos jardins da Estrella as tricanas de Coimbra voltam a cantar as suas dolentes cantigas. Ha lagrimas abundantes em alguns lares, mas tambem os foguetes de lagrimas espalham na escuridão das noutes tépidas as suas alegres flôres luminosas e o seu chuveiro scintillante... E estas festas annuaes do passeio da Estrella, promovidas pela Associação da Imprensa em beneficio do seu cofre de soccorros e pensões, não são as unicas que, n'este fim de junho — o mez dos dias santos — distrahem os alfacinhas.

Com o advento do snr. João Franco e da sua administração moralisadora e economica, os divertimentos e as festas multiplicam-se. São, no Velodromo de Palhavã, os *match* de Jacquelin e de Messori, que fazem correr meia Lisboa sportiva para o antigo parque do Jardim Zoologico; no Colyseu dos Recreios, o campeonato internacional de lucta, com Vervet, o campeão do mundo, o colosso Warrat, que pesa cento e trinta e quatro kilos, o negro Amalhou, de um

metro e oitenta e oito centimetros de altura, o gigante Clement e o invencivel Paul Pons; nos salões do Grande Club, os concertos nocturnos; no Real Colyseu da rua Nova da Palma, em breves dias, um casino no genero do *Olympia* e dos *Embaixadores*, com bailarinas de Malaga e cançonetistas de Montmartre...

Esta ideia de converter n'um grande café-concerto o casarão inutil da rua Nova da Palma não é de agora. Por mais de uma vez se planeou a radical transformação do antigo circo e a sua adaptação a um casino, arejando-o com abundantes communicações para os jardins circumjacentes. Mas sempre o receio justificado de um prejuizo, dada a distancia a que fica do circumscripto recinto da cidade central o velho circo, fez esmorecer as iniciativas anteriores.

É um facto averiguado que a prosperidade do actual Colyseu das Portas de Santo Antão, quasi exclusivamente é devida á sua approximação do centro de Lisboa, onde a capital se acostumou a procurar e a encontrar o seu prazer. Em nenhuma outra cidade as casas de espectaculos se amontoam em espaço tão restricto. E d'esse habito em que está o lisboeta de alli as encontrar resulta o abandono progressivo dos theatros localisados para além d'essa peripheria commodista e tradicional, a que o theatro, duas vezes secular, da rua dos Condes e as immediações de S. Roque servem de balisas.

O circo da rua da Palma, succedendo ao circo Price, não tardou em soffrer e a decahir com o abandono do publico. A nova geração quasi que o não conhece e se não fossem as lettras enormes do seu nome, ainda distinctas na fachada, em breve ninguem se lembraria que atrás d'aquelle extenso muro ha uma sala êrma, onde as creanças iam, ha quinze annos, rir com os palhaços nas *matinées* dos domingos.

Conseguirá mr. Roche — assim se chama o novo emprezario do Real Colyseu — o milagre de reconduzir o publico para o esquecido circo da rua da Palma? O seu projecto de installar alli um Casino luxuoso e confortavel, creando em Lisboa o restaurante de verão e o café-concerto, se por um lado corresponde a uma d'essas necessidades impreteriveis n'uma capital como Lisboa, por outro lado afigura-se-nos de uma implantação difficil nos costumes pelas deficiencias e inconvenientes do local escolhido.

A rua da Palma não é apenas de accesso incommodo, mas ficou sempre, apesar dos notaveis melhoramentos realisados em grande parte d'ella, uma rua de accentuado caracter popular; especie de desaguadouro dos bairros da Graça e Mouraria. D'ahi e da falta absoluta de desafogados horisontes resulta que o novo Casino, situado fóra dos limites consagrados á affluencia do publico, não offerece nenhum dos

encantos que devem exigir-se, n'uma cidade com dilatados e formosissimos panoramas, para a concorrencia de um grande restaurante e de um grande café ao ar livre, sem contar que as tentativas similares nos jardins de S. Pedro de Alcantara e no terraço do palacio Foz, á Avenida, falliram ao cabo de poucos mezes de exploração e a despeito da sua localisação excepcionalmente favoravel a emprezas d'este genero.

Todas estas considerações não excluem o nosso applauso á iniciativa do emprezario do novo Casino e os sinceros votos que formulamos pela prosperidade da sua empreza. Interrogado por um jornalista sobre o genero de espectaculos que tenciona explorar, mr. Roche respondeu que traria a Lisboa o genero ligeiro, a cançoneta franceza, o baile hespanhol, a classica *troupe* de variedades de todos os cafés-concertos do estrangeiro, projectando introduzir e pôr em voga a cançoneta local, relatando o caso picaresco da semana. O futuro não deixará de responder em breve tempo ao optimismo do emprezario pariziense, para o recompensar ou para o desilludir. Mas antecipadamente é licito suspeitar do pouco exito que obterá com o seu projecto de introduzir em Lisboa a voga da cançoneta.

A cançoneta não é mais do que uma variante do pasquim. Com a cançoneta já a França

criticava os amores de Luiz XIV, as ambições da Maintenon, os escandalos da Regencia, a licenciosidade de Luiz XV, o orgulho de Maria Antonietta, as prevaricações de Calonne e a venalidade de Mirabeau. A cançoneta foi em França a arma demolidora que mais serviu e mais preparou a Revolução.

A cançoneta vale um parlamento. É a satyra, agora sangrenta até á injuria, logo risonha até á futilidade, com que Pariz se vingou sempre dos seus tyrannos ou glorificou os seus deuses. Cantada por toda a parte, nas ruas, nos cafés, nos mercados, escripta por um cortezão despeitado ou por um jacobino, por um philosopho ou por uma mulher ciumenta, a cançoneta era a satyra anonyma, de procedencia clandestina, que a policia se esforçava em vão por prohibir e que se propagava como uma epidemia. Com este passado historico, ennobrecida por Beranger, a cançoneta passou dos motins das *Halles* para os palcos dos cafés-concertos, quando a liberdade de pensamento, consentindo ao jornalismo o livre exame de todas as cousas e de todas as pessoas, tornou inutil o uso d'essa temerosa arma irresponsavel. De terrivel que fôra, a cançoneta tornou-se galante e de sanguinaria passou a voluptuosa.

O genio francez, que a creára, manteve-a, fel-a evolutir, deu-lhe uma nobreza litteraria, accommodando-a a outras necessidades e outros

fins, conservando-lhe apenas a feição maliciosa e libertina.

A cançoneta tem em França razões historicas de existencia. Mas em Portugal, a cançoneta é uma cousa hybrida, de difficil enxerto, sob o ponto de vista especial em que pretende introduzil-a o emprezario francez do Casino da rua da Palma.

A revista do anno, que a adoptou, não conseguiu popularisal-a.

Mr. Roche enganou-se, quanto á importancia que attribuiu á cançoneta no seu programma. Mas no que o emprezario se não enganou foi na sagaz observação de quanto Lisboa é uma cidade obstinadamente occupada em divertir-se. Mr. Roche propõe-se a entreter os lisboetas durante os mezes insipidos de verão. Mr. Roche é, pois, um benemerito a quem Lisboa, se a consultassem, confiaria o governo do paiz. Este estrangeiro, que vem divertil-a, quando os que de costume a divertem se vão embora para Cintra, para Cascaes, para os Estoris, para o Bussaco, para as Pedras Salgadas e para o Bom Jesus, é uma providencia bem mais benefica e consideravel que a da concentração-liberal. A côrte partiu e chega Mr. Roche.

Os que ficam procuram consolar-se como podem. Ao mesmo tempo, Lisboa despovoa-se e anima-se. Todos os dias o snr. Luiz de Ma-

galhães tem que tomar um comboio para ir apresentar o ministro da China a um dos membros da familia real. A rainha está em Cintra; el-rei em Setubal; o senhor infante D. Affonso um pouco em toda a parte. Só a rainha viuva — que hontem encontrei, ás onze horas da noute, na avenida Fontes Pereira de Mello, passeando a pé, silenciosamente, apoiada a um pequeno bastão, acompanhada da sua dama, — permanece em Lisboa, na grandiosa clausura do seu palacio da Ajuda. Que intimos pezares absorviam o seu espirito e tinham conduzido para aquella longinqua avenida deserta, modestamente vestida de preto, com a alta gola do casaco erguida, só reconhecivel pelos seus cabellos fulvos, o *Anjo da Caridade*, n'esta hora em que o funccionalismo faminto vai aos paços implorar a piedade real e o snr. presidente do conselho recolhe, para repousar, á sua esplendida vivenda de Cintra?

8 de julho

Nenhum espectaculo mais do que a lucta romana, agora exhibida no Colyseu pela *troupe* do gigante Paul Pons, o mantenedor da cintura de ouro e campeão do mundo, lograria impôr-se com tão fervoroso enthusiasmo a um publico

meridional, que mantém a tradição do circo nas suas corridas de touros, ennobrecidas pela gentileza fidalga dos cavalleiros do seculo XVIII e para quem a força constitue sempre o mais soberbo attributo do homem.

Lisboa tinha já a lucta do moço de forcado com o touro, que os proprios hespanhoes, estripadores de cavallos, qualificam de barbara, sem attender no que ella tem de bella e corajosa na sua rudeza plebeia. Mas quanto mais sensacional não é vêr luctar um homem contra outro homem, um hercules contra outro hercules, um gigante contra outro gigante, n'uma lucta onde não corre sangue, lucta de sciencia e de musculos, onde a intelligencia e a força se harmonisam para fazer do torneio como que a apologia da virilidade triumphante, resuscitando em pleno seculo XX, intellectual e enfermo, decadente e morbido, o hellenico espectaculo dos Jogos Olympicos! Quando, ás dez horas e meia da noute de sabbado passado, no palco do Colyseu appareceram com o peito, os braços e as pernas nuas, os onze luctadores do campeonato, um borborinho enorme encheu o vasto circo replecto de espectadores até ás altas galerias do *promenoir*. E á medida que um membro do jury fazia as apresentações summarias dos campeões, o rumor de milhares de vozes crescia, de mistura com o estalar das palmas.

As senhoras, nos camarotes, assestavam os binoculos. Nas archibancadas das galerias o povo punha-se de pé para vêr melhor. O grupo de gigantes estacára no palco, em semi-circulo, ostentando os biceps monstruosos, os peitos fortes como baluartes, Paul Pons ao centro, dominando os companheiros com toda a altura da cabeça. A seu lado, Pickplang, o campeão austriaco de cento e quarenta e dois kilogrammas de peso, cuja molle enorme tombando sobre o adversario dobra os mais resistentes musculos, quasi parecia inoffensivo.

O vencedor de Apolon, de Robinet e do turco Yousouf, destaca, no meio dos gigantes, como um gigante. Com os braços cruzados, as suas mãos enormes quasi fecham nas palmas os biceps de quarenta e tres centimetros de diametro! Junto do preto Amalhou, Vàn-der-Berg, campeão da Hollanda, parece uma estatua grega, de uma elegancia de Apollo, de uma resplandecente brancura de marmore, com um pescoço que se diria cinzelado por um esculptor de Athenas, esbelto como o *Achilles* de David. É a força em todo o seu esplendor, a virilidade em toda a sua belleza prestigiosa. E o povo, habituado a admirar, á falta de melhor, as musculaturas desproporcionadas dos gymnastas, applaude a apparatosa exposição de *academias*, empolgado repentinamente pelo espectaculo nunca visto.

Os dous primeiros contendores avançam agora um para o outro. Estabelece-se um profundissimo silencio. As musculaturas retesam-se, os braços crescem de volume, as cabeças inclinam-se, e já enlaçadas as duas estatuas rolam no tapete, em attitudes academicas, luctando de vigor para a conquista dos applausos. Succedem-se os golpes, as famosas *cinturas* pela frente, por detraz, de lado e ás avessas, cruzada e em turbilhão, que atiram ao tapete um athleta de cem kilos como se fôra uma creança franzina. O publico, a principio surprehendido pela novidade do espectaculo, tem agora a comprehensão nitida d'esse jogo de destreza e de força. Todos os olhares seguem attentos e interessados as phases emocinantes da lucta, cuja clareza a tornam para os menos perspicazes intelligivel. Nada que lembre um pugilato ou um conflicto. Apenas uma força exercitando-se com outra força e revestindo as attitudes classicas transmittidas pela estatuaria greco-romana e pela ceramica de Pompeia. A dôr physica banida como meio de ataque ou defeza, os estratagemas desleaes e os golpes irresistiveis como a torsão dos dedos e o esmagamento das vertebras cervicaes prohibidos, cada corpo a corpo regulamentado, fiscalisado, a lucta assume entre contendores de robustez proporcional a serena belleza de um jogo de intelligencia e de força, como um simples brinquedo de gigantes.

Pretendem alguns que o espectaculo, como nenhum outro impressionador, da lucta romana, se torna, na sua continuidade, monotono em excesso. Mas contra essa opinião protesta eloquentemente, todas as noutes, um publico em delirio, que enche a sala vastissima do Colyseu e a anima com ovações continuadas, constituindo-se o fiscal rigoroso de cada sessão de lucta, publico sentimental e impulsivo como é sempre o dos theatros e circos peninsulares, que sem mais demora e reflexão classificou já pela sua sympathia os luctadores e se bate pelos seus favoritos com o fervor de partidos consolidados, imprecando contra o ferroz Schakman, de todas as vezes que o campeão da Allemanha entra no *ring*, e invectivando-o com ruidosa cólera sempre que o allemão, para apressar a derrota do adversario, recorre a processos menos leaes de lucta e executa sobre o contendor os seus predilectos golpes de estrangulação e asphyxia.

Ha n'esse publico ruidoso e impulsivo, ainda ignorante das leis mais elementares da lucta athletica, um ingenito culto da lealdade e uma intuitiva repulsão pelo ardil e pela traição, que só por si bastaria para ennobrecer singularmente um espectaculo que incita ao exercicio d'esses sentimentos elevados. Excedem-se ás vezes os espectadores n'essas demonstrações de protesto e já parte da imprensa severamente reprehen-

deu esses inflammados inimigos de Shackman. Quanto a mim, a reprehensão é injusta. Schackman está habituado a affrontar as antipathias e as cóleras do publico. Em Paris, os espectadores chegaram a arremessar-lhe as cadeiras e as bengalas, premiando-lhe as proezas com o titulo repulsivo de *O Estrangulador*. Inconscientemente, o terrivel allemão está servindo uma elevada obra moralisadora, prestando-se a ser o alvo das aversões populares e provocando assim a prática da justiça, radicando nos caracteres o horror pela deslealdade e pela prepotencia.

Se não fôra Schackman, as sessões do campeonato teriam perdido a animação extraordinaria que as caracterisa e que estão transformando o Colyseu dos Recreios n'uma verdadeira escóla de moral. Os applausos estrepitosos aos vencidos, que desde o primeiro dia se accentuam, são ainda uma manifestação de equidade e bondade collectivas, que honram sobremaneira esse publico, na sua maioria inculto, que todas as noutes se apinha nas archibancadas do circo das Portas de Santo Antão.

Foi talvez porque todas as attenções estão voltadas para esse torneio de athletas, que passou despercebido um outro torneio de encanto todo espiritual, em que hontem e hoje se empenharam as discipulas do curso dramatico do Conservatorio.

Não faltou quem prognosticasse de inutil a restauração de uma escóla para actores e actrizes, quando a reforma proposta pelo actual inspector do Conservatorio e um dos mais illustres escriptores portuguezes, o auctor glorioso do *Intimo*, foi ha cinco annos perfilhada pelo ministro do reino, snr. conselheiro Hintze Ribeiro — o unico protector das artes que ainda resta na politica portugueza, — e convertido em lei. E argumentavam os criticos com o exemplo dos grandes actores incultos, vindos do anonymato para a evidencia do palco, impellidos pela vocação, designando Antonio Pedro, Rosa Damasceno, Virginia e Adelina Abranches, esta ultima quasi creada na scena, educada na escola propicia — e quantas vezes funesta! — do tablado. Esqueciam-se os que prophetisavam a inutilidade do curso que se pretendia fazer reviver, de inquirir dos motivos que ha tantos annos traziam arredadas do theatro portuguez essas creanças prodigios e essas vocações ardentes, nem cuidavam de procurar remedio para a decadencia progressiva em que se abysmava, pelo desamparo de artistas valiosos, a arte de representar. Onde, depois de Lucilia, que encontrou em sua mãe um verdadeiro e incomparavel Conservatorio, a actriz que, n'estes ultimos dez annos, viesse enriquecer a scena portugueza e preparar a successão das consagradas?

Poder-se-hia encontrar n'essa erronea affir-

mativa, quando formulada, a razão pela qual cada dia mais as scenas portuguezas ficavam vasias de actrizes? A prática provava, porém, o contrario. A legião das inexperientes e das inaptas, que ao abrir de todas as épocas batiam ás portas dos theatros, foragidas de sociedades particulares, fascinadas pela evidencia da scena, augmentava em razão inversa do seu merito.

E quantas, entre ellas, que poderiam, depois de uma aprendizagem paciente, elevar-se á dignidade de successoras d'essa dymnastia fulgurante, em que brilharam Emilia das Neves, Emilia Adelaide, Manoela Rey, Rosa Damasceno, Lucinda Simões e Virginia da Silva! Quantas, entre essas repudiadas das emprezas theatraes, a quem porventura estaria destinada a gloria que lhes atormentava de commovedoras ambições os seus sonhos de humildes! Mas os emprezarios calculavam os prejuizos do lento noviciado, da demorada aprendizagem, e systematicamente, a essas infelizes ambiciosas, respondiam com a recusa de uma escriptura. Era rara a que conseguia vencer a reluctancia incredula das emprezas e mais rara a que, transposto esse primeiro obstaculo, não vinha dar razão aos que se obstinavam em despedir as aprendizes... As aulas do curso dramatico, emfim, abriram e os detractores emmudeceram. Do Conservatorio sahiam Jesuina Motilia para o

D. Maria, Etelvina Serra para o Avenida, e n'essas debutantes claramente se evidenciavam desde a primeira noute os beneficios de uma educação preparatoria, que, sobretudo, na ultima, as tornavam aptas para o desempenho, se bem que ainda claudicante, de papeis de categoria. Á falta d'esses preparatorios, que a haviam familiarisado com a sua arte, Etelvina Serra necessariamente teria entrado no palco entre o bando anonymo das coristas para conquistar com penosos esforços essa evidencia com que o seu nome brilhou no cartaz desde a primeira noute de espectaculo. E quem podéra descrever as humilhações, os transes afflictivos, os desesperos e as amarguras que a scena reserva a esses talentos incomprehendidos, a essas vocações balbuciantes, tantas vezes aniquiladas pela injustiça dos emprezarios e do publico, e que quasi sempre acabam por desviar da profissão essas tristes victimas da inexperiencia!

Mas quando mesmo das aulas do curso de arte dramatica não tivesse sahido até hoje uma esperança para o palco, bastariam os exames de quinta-feira para a brilhante demonstração da sua utilidade. O theatro portuguez póde contar desde agora com duas grandes actrizes. Os nomes de Maria da Conceição Mattos e Silva e de Dallila Mottili Assis, a quem o jury deu nos exames do 4.º anno as mais altas

classificações que lhe é licito conceder — dez valores á primeira e nove á segunda, — estão destinados a ser alguma cousa mais do que os de duas actrizes consummadas. Esses nomes representam desde hoje para o theatro e para a litteratura dramatica portugueza a garantia de um futuro, que a todos se apresentava como de incertezas e decadencias.

Quando D. Maria da Conceição Mattos e Silva fôr no theatro, para os espectadores e para a imprensa, a actriz Maria da Conceição; quando a sua voz grave e dolente, tão harmoniosa e clara, tão musical e suave, declamar em scena a prosa dos grandes estylistas e os versos dos grandes poetas; quando o seu sentimento e a sua arte, encarnando as protagonistas do theatro futuro, commoverem até ás lagrimas os auditorios d'esses futuros theatros com que se adornará a florescente Lisboa; quando esse nome, tão singello e tão portuguez, adquirir o prestigio com que o triumpho e a gloria revestem os nomes mais vulgares; quando os nossos filhos chorarem com os seus simulados prantos de actriz e rirem com os seus artificiaes sorrisos; quando os primeiros e precoces cabellos brancos brilharem discretamente entre os seus cabellos pretos; quando as primeiras e imperceptiveis rugas sulcarem a sua fronte de inspirada; quando a sua modesta timidez de agora se tiver diluido, sem deixar vestigios, na serena

consciencia do seu merito — n'esse dia, que a sua mocidade imaginará longinquo e que o esforço e o trabalho pódem singularmente abreviar, a successora de Virginia e de Manuela Rey não se recordará talvez mais do seu primeiro exame do Conservatorio.

Sobre este primeiro triumpho outros virão e cada anno maiores, que mais plenamente satisfaçam a sua crescente e immoderada ambição de grande actriz e ao mesmo tempo desvaneçam o ingenuo encanto do dia já então distante em que subiu ao palco, com um pequeno tremor nas mãositas pallidas, para recitar o soneto admiravel de Camões:

> Formoso Tejo meu quam differente
> Te vejo e vi, me vês agora e viste...

A esse tempo não será grato á sua vaidade recordar aquella rapariga singella, vestida de luto, commovida e grave, applicada e diligente, exemplar e methodica, e tão assidua ás aulas que, no espaço de um anno, a sua unica falta de discipula era communicada escrupulosamente aos professores com esta sobria e dolorosa explicação: «porque falleceu meu pai!»

Esta consciencia do dever, que n'uma rapariga póde parecer exaggerada, marca bem, como nobre distinctivo, o raro caracter d'esta mulher,

de tão cedo preparada para a emancipação e para quem o curso da actriz assume a importancia de uma sagrada garantia do futuro. Na idade em que as suas companheiras sonham com os triumphos da scena, com applausos de plateias, com esplendores de guarda-roupa, esta grave rapariga de dezeseis annos, de feições irregulares, antes feia que bonita, a quem o jury concedeu a mais alta distincção do seu curso, que nenhuma das suas antecessoras lográra ainda conquistar, parece ter do theatro e das suas seducções uma diversa ideia, que lh'o reveste perante o espirito como a satisfação de uma vocação ardente e a conquista de uma redempção libertadora. Quando as companheiras, n'esse dia de exame, que é quasi uma primeira récita, com todos os seus perigos e todas as suas emoções, capricham em enfeitar-se, ella apresenta-se com o vestido preto de todos os dias, sem uma «coqueteria» a alegrar o seu luto de orphã, e quando, findo o exame, para me fazer a vontade, D. João da Camara lhe pede para recitar o sainete de Godinet, *Oh! Senhor!* — essa aprendiz de comediante, que é já uma consummada actriz, pousa n'uma cadeira o seu chapéu modesto de escumilha e simplesmente, com a mais dôce voz que tem tido, depois de Manoela Rey e de Virginia, o theatro portuguez, diz o seu monologo, põe de novo o chapéu e vai-se embora, simplesmente, modes-

tamente, como insensivel aos cumprimentos e inaccessivel á vaidade.

Já hoje, se a discipula laureada do Conservatorio tivesse pressa em entrar para o theatro, todos os emprezarios se offereceriam para contratar a sua voz melodiosa e este inverno ainda Lisboa veria no palco a sua figura de adolescente e assistiria aos primeiros passos em scena de uma grande actriz, destinada a perpetuar a dynastia prestigiosa de que Emilia das Neves é a gloriosa fundadora. Mas a discipula do Curso de Arte Dramatica não tem pressa. Os seus tres professores, D. João da Camara, o actor Augusto de Mello e o snr. José Antonio Moniz, vel-a-hão entrar nas suas aulas em outubro, com o mesmo vestido preto, a mesma applicação assidua, a mesma simplicidade modesta. E só d'aqui a um anno, tendo completado methodicamente o seu curso e conquistado distinctamente o seu diploma, com a mesma calma talvez com que recitou n'outro dia o sainete de Godinet, ella affrontará esse publico, arbitro do seu destino, em cuja dependencia de escravidão para sempre viverá, ainda nas horas em que, rainha do palco, o dominar com a doçura da sua voz e com a inspiração do seu talento.

Este anno mais de aprendizagem, se em muito pouco fará progredir a actriz já feita, para quem o palco tem de ser a grande e decisiva escóla dos progressos, em muito concorrerá

para o desenvolvimento do seu corpo franzino, envolucro fragil de uma alma sentimental e ardente, que até hoje parece ter sido sacrificado e consumido pelo talento precoce que o espiritualisa.

Se D. Maria da Conceição Mattos e Silva é a adolescente musa da tragedia, D. Dalila Motilli de Assis é o vivo genio da comedia. Mais nova que a sua companheira, ainda a crescer como ella, nunca a cidade produziu com tanta debilidade tanta graça. Nunca n'um corpinho de anemica habitou tanta vivacidade e nunca tão cedo, n'uns olhos verdes, appareceu tanta malicia. Do mesmo curso sahem assim para o theatro portuguez as musas da elegia e do riso. Porque mysterioso acaso se reuniram n'uma predestinada camaradagem as duas actrizes, a quem o futuro reserva com certeza os mais eminentes logares na scena portugueza? Tudo parece indicar que ellas serão as rainhas rivaes, que o publico confundirá na mesma admiração, que disporão das lagrimas e dos sorrisos, cujos nomes prestigiosos se revezarão no cartaz d'esse futuro *Theatro Nacional*, que o Conselho de Arte Dramatica acaba de propôr ao governo, em substituição do actual regimen do theatro de D. Maria.

Quando Virginia se retira da scena, quando a morte para sempre calou a voz harmoniosa e fresca de Rosa Damasceno, quando Lucinda Si-

mões envelhece longe de Portugal em infelizes e trabalhosas *tournées* pelo Brazil, quando a doença ameaça ainda afastar do palco João Rosa, n'esta hora de dispersão, em que o theatro está em crise, o apparecimento d'estas actrizes juvenis vem encher de animadoras esperanças a scena portugueza.

E quando se pense no que foi a aprendizagem dolorosa de Adelina Abranches, sacrificada durante o melhor da sua vida á quasi obscuridade das scenas populares; quando se evoque a estreia de Virginia no Principe Real, a ganhar doze mil réis por mez, forçoso é reconhecer que ao Conservatorio, que acolheu estas duas vocações de grandes actrizes, impedindo-as de soffrer a exterminadora exploração dos emprezarios e salvando-as dos transes de uma lucta de que as mais fortes sahem para toda a vida magoadas e feridas, o theatro portuguez ficará devendo, mais do que uma fundada esperança em melhores dias, a garantia magnifica de uma prosperidade inesperada!

15 de julho

Quem pudéra fazer a historia pormenorisada e convincente do inenarravel tédio em que o lisboeta principia a debater-se, a estas horas!

Embora o snr. Alberto Braga corajosamente insista em affirmar que as mais frescas e divertidas praias de Portugal são as duas ruas que do Terreiro do Paço conduzem ao Rocio, os que a desventura ou o dever encarceram em Lisboa, quando a côrte está em Cintra e el-rei nas Pedras Salgadas, vivem a contar os dias que os separam do inverno, das ruas enlameadas e dos céus cinzentos, aborrecendo o sol que illumina e sumptuosamente decora as longinquas paizagens campestres, para onde os comboios diariamente conduzem os ultimos retardatarios das villegiaturas, das thermas e das praias.

Durante o verão, as ruas de Lisboa — as ruas onde se passeia mais do que se transita — adquirem uma especial physionomia. De noute, á hora dos theatros, é raro o trem que sóbe a rua do Carmo e o Chiado. Apenas uma ou outra *victoria*, com o folle descido, guiada por um dos derradeiros batedores, descendente degenerado dos cumplices das aventuras amorosas dos Vimioso e Niza, dos raptos de comicas e bailarinas italianas, faz arredar para os passeios o lisboeta vagaroso, que inutilmente procura afugentar o tédio na contemplação das obras dos armazens Grandella e de alguma montra desconhecida, diante da qual nem uma só vez parou durante o inverno.

É n'este tempo que apparece em Lisboa,

vinda de bairros excentricos ou descida de quartos andares de ruas solitarias, uma pequena população de raparigas com modos provincianos e velhos com trajes antiquados: gente timida, que o inverno assusta, se mantém enclausurada, apartada da Lisboa exhibicionista e estroina dos mezes elegantes e que só ousa mostrar-se quando abrandam os empurrões na rua do Ouro e se somem os *mirones* impertinentes do passeio occidental do Rocio.

Foi por uma d'estas tardes de calor e de vento, á hora do jantar lisboeta, quando as ruas da capital teem o transito modesto de uma villa, que em pleno largo do Loreto vi cruzarem-se, n'uma subita e rapida evocação da Lisboa de 1840, uma traquitana de enterro — que na sua mocidade devia ter conduzido muitos janotas do Marrare a S. Carlos, — e uma velhinha de mantelete, do tempo dos Cabraes e de Garrett, que na sua mocidade devia ter sabido recitar ao piano *A Comporta* e dansado a polka no Tivoli da rua da Flôr da Murta. Que acaso singular ou mysterioso destino conservou indifferente á evolução de meio seculo essa mulher de mantelete e saia de folhos, cujo vestuario parecia sahir de um museu? Que profundas e consistentes raizes prendiam aquelle coração ao passado? D'onde provinha áquella fragilidade a extraordinaria resistencia para se conservar immovel entre a corrente impetuosa

dos annos, como uma rocha no leito de um rio? Que romance, porventura agitado de dramaticos episodios, seria a vida e esconderia o passado d'aquella ruina, symbolo commovedor da fidelidade humana?

E com que serena indifferença de rainha exilada e desthronada, ella atravessava por entre os sorrisos e as troças, talvez surda para os não ouvir, talvez quasi cega para os não vêr!

Para essa antiga frequentadora do Passeio Publico, para essa antiga namorada dos janotas do tempo de D. Maria II, a vida terminára — quem sabe! — com o ultimo beijo e o ultimo suspiro de um amor ha sessenta annos extincto na traição ou na morte.

E desde esse dia longinquo, o mundo, com as suas paixões, as suas tormentas, o seu incessante tumulto de mar inquieto passára a ser para ella como um mundo creado para outras vidas dessimilhantes da sua. O panno cahira sobre o seu drama. Em diversos scenarios outros dramas principiavam onde ella nunca mais entraria... Em que velha rua, em que velha casa, entre que velhos moveis habitará essa sobrevivente do romantismo, que fazia correr os lojistas á porta para a vêr passar com a sua desbotada saia de folhos e o seu anachronico mantelete de froco, de quem as mulheres novas, vestidas no *Paris em Lisboa*, riam cruelmente, e a quem um cocheiro, á passagem, perguntava

da boleia: *Quer que a leve aos Prazeres ou ao Alto de S. João, ó menina?*

Sim; talvez ella suspire pelo dia em que a levem, fardo tão leve de cabellos brancos, ossos e pergaminho, com o seu vestido de meio seculo, a repousar no alto de S. João ou nos Prazeres, ao abrigo dos gracejos macabros dos cocheiros e dos risinhos impiedosos das mulheres vestidas pelas costureiras francezas...

Escrevendo a um amigo, ao tempo que trabalhava na sua *Historia dos Girondinos*, Lamartine exclamava com amargurada tristeza: — «É necessario resuscitar em França a poesia e o amor, que a revolução e a guerra destruiram!» E de facto elle ajudou a crear de novo, não só em França, mas em toda a Europa, essa mulher delicada e enternecida, amorosa e fiel, tão apaixonada e tão decorativa, que foi a musa do romantismo e a avó sentimental da frequentadora assidua das salas de jogo do Casino do Monte Estoril, automobilista e *flirteuse*, elegante e perfida, para quem os hygienistas inventaram, mais para a desfigurar do que para a soccorrer, o caricatural espartilho direito. Quão differentes ellas são, essa avó e esta neta, que o acaso fez encontradas no largo do Loreto, uma a caminho da modista, a outra a caminho do cemiterio, uma cortejada pelos janotas da Havaneza, a outra escarnecida pelos cocheiros da Companhia!

Quantas, como esta velhinha de mantelete,

serão, hoje, no principio d'este seculo XX, as sobreviventes do romantismo de 1840, do tempo de Passos Manoel e da liteira, dos cabellos em bandós e das casacas côr de bronze?

Uma conheço e todo o Minho fidalgo conhece, que aos setenta e oito annos, que hoje tem, usa ainda vestidos do mesmo talhe que aos quinze annos usava. Viu morrer desembargador o homem que fôra a paixão unica da sua mocidade e sobreviveu-lhe para o chorar, fiel a um amor de sessenta annos, que nem a traição do preferido amorteceu no seu coração ultrajado. Velhinha, com a imperecivel mocidade d'essa paixão, que a morte conseguiu apenas afervorar n'um culto, ella ficou menina por um milagre de amor, menina do seu tempo, resistindo á influencia devastadora dos annos, sem transigir e succumbir, alimentando de recordações a sua vida, relendo hoje os poetas predilectos dos seus dezoito annos, ultima sobrevivente de um mundo dissipado, reliquia de uma geração extincta, de que só restam cinzas e saudades.

D'essa senhora illustre se contam em todos os solares do norte as réplicas espirituosas, as singularidades de expressão e de habitos e é ao seu espirito malicioso que se attribue o epitheto de *lyrio pendente*, que acompanhou até ás maiores culminancias de uma brilhantissima carreira politica o magistrado que ella conhecera delegado do ministerio publico em Guimarães.

Esta senhora, que ainda hoje sabe de cór todas as poesias dos vates romanticos, que ainda hoje se veste como se vestiam as suas amigas das casas de Infias, da Prelada e das Hortas; para quem ainda hoje a elegancia e a turbulencia dos homens do seu tempo debalde se procuraria comparar aos *dandys* semsaborões do nosso tempo; para quem a belleza como o amor são flôres que murcharam ha sessenta annos para nunca mais revivescer; que indo um dia visitar a Coimbra um sobrinho, hoje ministro n'uma côrte da Europa, encommendava ao prior de Santa Cruz, cheia de fé romantica, uma missa por alma de D. Ignez de Castro; que heroicamente desmanchou, já noiva, o seu casamento com o homem idolatrado, porque elle deixára de cumprir uma promessa futil, e que viveu a adoral-o depois de o haver perdido; esta velhinha, que ainda hoje põe flôres no seio — comprehenderia essa outra sobrevivente do romantismo, que hontem passava no largo do Loreto, insensivel aos risos e aos gracejos, com o seu mantelete da modista Burnay e a sua sáia de folhos talhada pela Levaillant.

Quem as podésse juntar, quem as podésse ouvir! O que ellas chorariam ambas! O que ellas ririam as duas!

29 de julho

Já os telegrammas, primeiro, e a seguir as circumstanciadas noticias dos jornaes, descreveram a desordem tumultuosa em que finalisou, segunda-feira passada, o campeonato de lucta, que ha um mez se inaugurára com enthusiasmo indiscriptivel no Colyseu dos Recreios. Os espectadores, dominados pela exaltação que sempre provocam os espectaculos de força, entendeu de sua justiça arremessar as cadeiras partidas ao *ring* dos luctadores, correr os gigantes a batatas, liquidar com apupos e assobios o torneio mystificador dos athletas.

Ora, este desenlace violento, que tanto surprehendeu o emprezario e a policia, era o corolario logico, inevitavel, previsto, de quanto até então vinha succedendo no vasto Colyseu das Portas de Santo Antão.

A mentira é uma arte mais do que nenhuma outra subtil e difficil, de que é imprudente e perigoso abusar, que exige para se impôr uma criteriosa discreção, um perspicaz conhecimento da opportunidade. O espectaculo emocionante do campeonato assentava n'uma mentira.

Foi o abuso da mentira que lhe preparou a liquidação pelo fiasco.

Ninguem, desde o primeiro dia, ignorava

que os luctadores do Colyseu, com o seu aspecto feroz e inimigo de rivaes, não passavam de uma *troupe* de hercules pagos pelo gigante Paul Pons, seu emprezario, para dar nas cidades da America e da Europa espectaculos de lucta greco-romana ou «lucta de mão aberta», como desdenhosamente a designavam os gladiadores do circo de Trajano, incapazes, como os seus antepassados gregos, de avaliar a belleza esthetica de um duello de agilidade elegante e de força incruenta. Na lucta, o grego estheta do tempo de Pericles admirava, sobretudo, a exhibição de lindos corpos e applaudia na força muscular um apanagio da belleza viril. Mas já o latino, herdando as diversões do helleno, as affeiçoou ao genio violento da raça, exigindo do luctador as grandes commoções tragicas, a que o circo lhe habituára os sentidos sanguinarios. E assim foi que, mais de uma vez, na arena dos colyseus romanos, o vencedor estrangulou o vencido, lhe quebrou a columna vertebral, lhe esmagou as vertebras cervicaes, o asphyxiou ou lhe esmigalhou o craneo.

Derruidos os circos, extincta a civilisação romana, a lucta grega, desfigurada barbaramente na arena latina, morreu. Com o seu fragor de armas, a Idade Média passou sobre os ultimos vestigios do imperio dos Cesares como um segundo diluvio. Quinze seculos mais tarde, a França, a mais hellenica das nações

latinas, resuscita a lucta na sua classica feição de espectaculo de circo, corrigindo-lhe as brutalidades romanas, restituindo-lhe a belleza grega. Mas tão certo é que a civilisação de tanto seculo de arte, de poesia e de sciencia não conseguiu elevar o barbaro da Europa á dignidade humana do contemporaneo excelso de Pericles, que, irrompendo debaixo das sobrecasacas e dos fraques a mesma alma violenta que estremecera debaixo das tunicas e das togas, o latino do seculo XX reclamou dos luctadores, em Paris como em Madrid, em Madrid como em Lisboa, mais do que bellos gestos e bellas attitudes, as exterminadoras furias do combate.

E então, para satisfazer os appetites d'esse publico *civilisado*, organisaram-se as *troupes* de luctadores, educados na arte de simular o desespero e a cólera. Paul Pons, campeão do mundo, inventou Schackman. Ao terrivel allemão coube em sorte o excitar as multidões com a impulsiva animalidade dos seus ataques e o seu cynismo desafiador. Em Madrid, no Rio de Janeiro, em Buenos-Aires, Schackman foi o heroe odioso dos torneios, contra quem os espectadores imprecavam; especie de Lucifer da *troupe*, que o publico considerava como uma féra indomesticavel e terrivel e que os companheiros a occultas estimavam como o mais dedicado e generoso dos camaradas! Foi Schackman quem animou, durante trinta sessões

consecutivas, o torneio de Lisboa. O publico, que pateava Schackman, que praguejava contra Schackman, enchia todas as noutes o Colyseu na esperança de vêr Schackman vencido. O allemão, que desde o primeiro dia o emprezario tivera o cuidado de *recommendar* aos espectadores com o epitheto terrivelmente prestigioso de *Estrangulador*, expondo-o á animadversão contagiosa das multidões, conseguiu emprestar ao torneio as apparencias emocionantes de encarniçados combates, de temerosos conflictos entre gigantes Golias e hercules de Farnesio, como se fosse crivel que uma duzia de homens pacificos periodicamente se aggredissem, sem contemplações e sem indulgencia, impiedosos e desvairados, para entretenimento dos brigões de Lisboa. O facto é que o publico tomou as luctas a sério e se suppôz em breve com direito, porque pagára cinco tostões na bilheteira, a que lhe servissem todas as noutes, com regularidade, cinco ou seis pugilatos a valer. O resultado estava previsto. O abuso da mentira acabou por despertar desconfianças nos mais credulos. A reacção dos illudidos contra a mentira, de que eram os unicos culpados e instigadores, explodiu finalmente n'um *charivari* medonho de protestos.

Seriamos injustos se accusassemos o emprezario da *troupe* de haver servido ao publico, embora falsificado, o espectaculo que o publico

lhe exigia para seu recreio. O abuso da mentira perdeu-o. A indignada celeuma de segunda-feira foi o castigo da sua falta de tacto na mentira. Abusar da mentira é mais perigoso que abusar do vinho. A mentira tem os seus segredos como a musica. Nem qualquer a executa e poucos sabem compôl-a. Ha mentiras de genio como ha compositores geniaes. A mentira tem os seus Mozart e os seus Wagner. A virtuosidade da mentira só se adquire difficilmente, quando não é um talento natural, que a educação e o tempo desenvolvem. Os Chopin e Rubinstein da mentira são exemplares raros, espiritos excessivamente civilisados, dotados de faculdades especiaes de subtileza, de audacia, de persuasão e de brilho.

Que outra cousa é a imaginação mais que uma mentira?

Um grande critico inglez declarava, ainda não ha muito, que uma das causas principaes da banalidade de quasi toda a litteratura actual se deve á decadencia da mentira — considerada como arte, como sciencia e como prazer social! A ideia vulgar de que a mentira é um vicio degradante do caracter só póde acceitar-se no que respeita aos mentirosos sem elevação moral. Como todas as artes, a mentira tem os seus cultores indignos, destituidos de elevação e de talento. Os mentirosos de officio degradaram a mentira, como os mercenarios degradaram a

guerra, como as cortezãs degradaram o amor. Dante, evocando o inferno, foi um mentiroso sublime. O director da *Cocarde*, inventando e explorando a calumnia, é um mentiroso ignobil.

Houve na historia contemporanea de Portugal um homem de talento e coragem, com valentias de heroe e gentilezas de fidalgo, idolo do povo e favorito da côrte, dispondo de uma multiplicidade quasi inverosimil de aptidões, que lhe davam a capacidade multiforme de governar sabiamente uma provincia, de discursar fluentemente nas camaras, de fascinar gentilmente uma mulher, de arrostar intrepidamente com o perigo, de dominar as multidões e seduzir os sabios, homem galante como poucos, brilhante como nenhum, excessivo e imaginoso como um espadachim de Calderon ou Tirso de Molina, que com a mesma elegancia atravessava a Africa e uma sala de baile, com o mesmo gesto commandava uma batalha e um *cotillon*, homem dos mais singulares que o Portugal do seculo XIX tem produzido, e que, no consenso unanime de quantos o conheceram, foi, para em tudo ser sempre o primeiro, tambem o mais intrepido e phantasista mentiroso do seu tempo!

Esse homem era Serpa Pinto.

Dotado de uma fecundissima imaginação de novellista, especie de Alexandre Dumas desaproveitado para a litteratura, Serpa Pinto era um mentiroso á maneira de Bocaccio, Walter Scott

ou Julio Verne, cuja singularidade consistia em narrar ficções deliciosas sob a fórma de factos, ao inverso dos homens que não mentem e se entretéem a descrever factos estupidos á maneira de ficções.

Assim, por exemplo, estando em Mafra com el-rei e dizendo-lhe n'uma manhã de caçada um seu amigo, que igualmente fazia parte da comitiva régia, não saber como elle conseguira atravessar a Africa quando lhe parecia um tremendo sacrificio a simples travessia da tapada de Mafra, o célebre explorador, com imperturbavel seriedade, respondeu:

—Eu te explico... É uma cousa que nunca disse a ninguem. É que eu atravessei a Africa... com estes chinellos!

Attonito, o camarista de el-rei D. Carlos senta-se na cama para vêr melhor.

Os chinellos de Serpa Pinto eram novos!

E n'esse mesmo dia, ao jantar, como a rainha se felicitasse por vêr a Legião de Honra no peito de um official portuguez, Serpa Pinto, que fôra condecorado pela republica franceza, no regresso da sua famosa exploração, explica *in continenti*:

—Foi o proprio imperador que me condecorou depois de Sédan, na guerra de 70, onde tive a honra de me bater pela França!

E, com espanto geral, diante do rei, da rainha e das comitivas, Serpa Pinto conta com o bri-

lho de um romancista emerito, o que fôra essa batalha de Sédan... onde nunca estivera!

Depois da mentira, elle ficava como um soldado valente depois do fogo: imperturbavelmente sereno; ou como um escriptor depois de haver escripto uma pagina feliz: radiosamente satisfeito.

Uma só vez Serpa Pinto ficou desconcertado. Tinham-lhe apresentado um filho do conde de Mafra, e passados momentos, Serpa Pinto, em pleno delirio imaginativo, narrava as cousas mais extraordinarias, exaltando os talentos e as virtudes consideraveis do seu criado de quarto.

E como todos, em redor, lhe invejassem esse creado-modelo, Serpa Pinto, com um sumptuoso gesto, conclue:

—Tambem não admira... O meu criado é irmão do marquez de Ficalho!

—Então é o meu pai!—diz do lado D. Francisco de Mello Breyner, estupefacto.

Este mentiroso inconsciente pagava ás vezes generosamente o seu desvairado luxo de phantasista incorrigivel, como um principe que não regateia o preço dos seus prazeres.

Juntára-se a colonia portugueza do Brazil para dar ao heroico explorador um presente magnifico, por occasião da sua ida ao Rio de Janeiro. E de tal maneira a subscripção se avolumára, que a colonia decidira entregar ao

heroe, que todos sabiam pobre, um cheque de cem contos.

Serpa Pinto sabia-o. Mas o seu vicio de imaginativo pôde mais que o seu interesse, e durante o banquete que lhe offerecera a colonia, foram taes as riquezas e castellos e herdades que descreveu régiamente como seu patrimonio, que a commissão promotora da subscripção, julgando o presente mesquinho para homem tão rico, não se atreveu a entregar-lhe, com receio de uma recusa, o modesto cheque de cem contos!

Como se vê, Serpa Pinto comprou caro o direito de ser respeitado... mesmo na mentira!

19 d'agosto

A historia conhecida de um estudante de Coimbra, representante de uma das mais illustres familias portuguezas, que uma noute, depois de uma ceia alegre, diante dos amigos estupefactos, se atirou do alto da ponte ao Mondego a fim de provar que era descendente de Vasco da Gama, acode-me á lembrança, depois de lêr o artigo fatigante e laborioso de um bacharel, que saudosamente se despede da Universidade e nos denuncia a falta de graça e de espirito da

sua geração para nos provar... que ella reatou brilhantemente a tradição espirituosa do passado! Como o authentico descendente de Vasco da Gama, que se despenha sobre um areal para convencer os condiscipulos incredulos de que o mesmo sangue do épico navegador lhe corria nas veias, o panegyrista do espirito contemporaneo de Coimbra, depois de mil esforços e mil subtilezas, apenas consegue provar-nos que se a graça coimbrã ainda não desertou das margens do Mondego, não é entre os episodios do seu curso que os investigadores de espirito alheio por certo a encontrariam.

E comtudo, ao contrario do que pretendem os que nada sabem e presumem tudo saber, o portuguez está longe de ser uma creatura desfavorecida d'esse dom eminentemente subtil e espontaneo, que é a graça, e a que o general principe de Richelieu concedia as honras exaggeradas da «mais brilhante prerogativa do homem». O chronista feliz que hoje conseguisse reunir com paciencia na tradição oral os dictos de espirito e as acções espirituosas dos seus contemporaneos, teria rehabilitado com uma obra singularmente interessante pelo imprevisto e pelo assumpto a genuina graça portugueza. E não seria só a graça intelligente, composta de ironia e de malicia, do homem superior, que deveria archivar-se como um documento inestimavel para a historia graciosa do espirito, mas

a propria graça apparentemente resultante da asneira e que, muitas vezes, tem o valor historico de uma biographia. Assim, as anecdotas do conde de Santa Maria são para o historiador o mais seguro documento analytico d'essa tão interessante individualidade, como as anecdotas do marquez de Penalva representam o que de mais eloquente um biographo teria para dizer sobre esse ultimo e perfeito representante, no seculo XIX, da nossa nobreza do fim do seculo anterior.

Nada ha que mais ao vivo desenhe um caracter do que um bom dito. A decadencia do espirito sobreveio com a decadencia da individualidade. O temor da opinião, que é uma das pusilanimes caracteristicas da sociedade contemporanea, destruindo a originalidade, quasi aboliu o espirito. Este tornou-se uma expressão combativa da ironia, uma especie de privilegio dos caricaturistas e dos criticos.

Foi n'uma obra de combate — *As Farpas* — que Eça e Ramalho resuscitaram o exercicio do espirito na litteratura lamurienta de 1870 e n'uma obra de combate — *O Antonio Maria* — que Raphael renovou a graça na Lisboa piegas da *Regeneração*. Ao espirito foram então restituidas todas as honras de que o haviam despojado. O espirito reappareceu na politica e espreitou á porta dos salões. A ironia caustica de Marçal Pacheco e a satyra maliciosa de Marianno

de Carvalho triumpharam da eloquencia ramalhuda do parlamento, em que decahira a graça petulante de Sotto Maior e as arremettidas violentas do conde da Taipa.

O romantismo — o romantismo da Revolução, que principia em Portugal com o movimento de 20 e desce o seculo até 1850, entre guerras e conflictos, — fôra ainda, pelo seu proprio caracter de combatividade, o reinado da turbulencia e do espirito, dos grandes tribunos e dos grandes janotas, das aventuras memoraveis e das paixões arrebatadas. Mas com a degenerescencia do romantismo, a audacia e o espirito decahiram. Póde dizer-se que em 1870 só havia em Portugal um homem de espirituoso talento. Era Camillo. A sua *vis* comica, servida por uma admiravel sciencia de ironia, perpetuava entre as gerações accommodaticias o temeroso espirito do romantismo *puro sangue*. Mas a sua graça mordente de pamphletario soava isolada, como um clarim de guerra que se obstina no campo de batalha deserto. Já o espirito se tornára um recurso suspeito, de que só usavam os escriptores da provincia e os jornalistas sem clientela.

Na sociedade, ter espirito não era, como d'antes, uma recommendação favoravel. Era uma prevenção perigosa. Ao sahir de Coimbra, Eça de Queiroz — que foi o mais notavel cultor do espirito no fim do seculo XIX em Portugal

—encontrou em toda a sociedade portugueza esse preconceito do homem espirituoso, que caracterisava o triumpho burguez do utilitarismo.

Quando appareceram *As Farpas*, houve um movimento unanime de panico. Foi um escandalo! O tom iconoclasta, demolidor e desdenhoso, d'essas paginas de critica, que pela elegancia da phrase e pela crueldade do conceito pareciam escriptas por dous principes, feriu a susceptibilidade portugueza como uma impertinencia digna de castigo. E assim é que essa resurreição do espirito e a sua consequente libertação das formulas preconceituosas e do exaggerado e supersticioso receio da opinião, ameaçavam ficar enclausuradas nas fronteiras da pequena republica das lettras, quando um acontecimento mundano lhe veio abrir as portas dos salões. Esse acontecimento é a constituição do famoso grupo dos *Vencidos da Vida*, que, approximando alguns homens de lettras de alguns homens de côrte, restituiu por algum tempo ao espirito a sua realeza romantica.

A historia veridica dos *Vencidos da Vida* está ainda por fazer. Desfigurada ao sabor das conveniencias, é necessario quanto antes corrigil-a, para a não deixar na tradição com os additamentos falsos que lhe introduziram. Como todos sabem, d'esse grupo célebre faziam parte os condes de Ficalho, de Sabugosa e de Arnoso,

Luiz de Soveral, hoje marquez e ministro de Portugal em Londres, Carlos Mayer, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antonio Candido, Carlos Lobo de Avila, Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão: a flôr da intellectualidade, do janotismo e da nobreza.

Para que se constituira esse grupo de amigos n'uma especie de associação sem estatutos e sem regulamentos? Para triumphar? Para dominar? Para intrigar? Apenas para estreitar relações affectuosas e para poder, n'um meio hostil ao espirito, cultivar o espirito! Nenhuma influencia teve na politica, na litteratura e na côrte o grupo dos *Vencidos da Vida* além da influencia pessoal de que cada um d'elles dispunha. Não foi a colligação que promoveu Luiz de Soveral a ministro em Londres, o conde de Ficalho a mordomo-mór, Carlos Lobo de Avila e Oliveira Martins a ministros, o conde de Arnoso a secretario de el-rei, Eça de Queiroz a consul em Paris, Ramalho Ortigão a bibliothecario da Ajuda. O papel politico do grupo foi nenhum. Dos jantares dos *Vencidos da Vida* nunca sahiram conspirações. Independentemente da influencia de uma maioria palaciana, Guerra Junqueiro filiava-se n'um partido politico avançado. Se alguma cousa podia reverter do prestigio do grupo sobre os seus membros, esse alguma cousa só podia ser, n'um meio como Lisboa, um prejuizo para as ambi-

ções dos *Vencidos da Vida*. Elles irritavam Lisboa. Pelos seus escandalos? Não. Pela sua harmonia. O monoculo de Eça enervava. A frisa de S. Carlos — a frisa dos *Vencidos* — era um desafio a toda a Lisboa. Tornou-se necessario evacual-a. Quando n'ella assomava ou o esbelto perfil de Bernardo Pindella ou o sorriso satyrico de Carlos Mayer, todos os binoculos convergiam para elles, desconfiados e interrogativos.

Que faziam, que planeavam, que preparavam aquelles homens inseparaveis? Aquelles homens estimavam-se. Aquelles homens divertiam-se. E o que Lisboa não queria comprehender era que só d'ella, da sua insignificancia, do seu horror intellectual, da sua ausencia de cultivo, da sua falta de espirito e de maneiras provinha a união d'aquelles homens, a quem uma mesma superioridade isolára da restante gente, sentindo-se repellidos pela mesma mediocridade dominante.

O grupo dos *Vencidos da Vida* foi a resultante de uma selecção intellectual, muito mais que um proposito altivo de isolamento entre uma sociedade governada pelo politico, pelo financeiro e pelo tolo. E Lisboa só comprehendeu esta verdade quando uma noute viu entrar nas salas do conde de Valbom, onde estava reunida toda a politica, toda a finança e toda a asneira lisboeta, aquelles homens célebres para cantar, com musica da *Rosa tyranna*, cada um

d'elles, uma quadra improvisada ao jantar! O espanto lavrou pelos salões da rua das Chagas como um incendio. Os conselheiros de Estado, os pares do reino, os deputados deixaram as mesas do bridge para vir espreitar ás portas, boquiabertos! Nunca se vira um escandalo assim! Aquelles homens, diplomatas, lentes, camaristas do paço, historiadores, consules e medicos, de casaca, a cantarem a meio de uma sala de baile, era um espectaculo proprio para escandalisar a Lisboa preconceituosa do conselheiro Accacio.

Foi esta a mais memoravel campanha dos *Vencidos da Vida* e a mais arriscada batalha que o espirito offereceu n'um salão aos preconceitos de uma sociedade governada pela semsaboria e pelo tédio!

26 d'agosto

Quem, percorrendo um jornal, verificar que apenas um theatro — o da Avenida — dos onze que tem Lisboa, está aberto, não deixará de lastimar os desventurados lisboetas, que uma sorte adversa mantém nos calores suffocantes de uma capital quasi deserta e mais ainda no tédio inenarravel de uma capital sem distracções.

De facto, sobre o lisboeta, que fica em Lisboa no verão, obstina-se um fado adverso. Mas o engenhoso e fecundo alfacinha responde-lhe sempre victoriosamente com os recursos de uma inventiva que as privações mais aviventam. Quando, ha dous mezes, lhe faltou a agua, Lisboa lembrou-se de que D. João V, o rei magnifico, fizera construir um viaducto — monumento fabuloso e quasi archeologico, só conhecido dos estrangeiros — e logo Lisboa resuscitou o gallego aguadeiro de 1840 e fez a sua sôpa, coseu o seu arroz, tomou o seu banho, lavou as suas mãos na agua dos chafarizes. Em Paris, em Madrid, em Berlim a falta de agua teria sido uma calamidade. Em Lisboa foi apenas uma peripécia. Durante os dias em que o Alviella cortou as suas relações com Lisboa, philosophicamente, resignadamente, a capital comprou a sua agua aos canecos e as donas de casa podéram verificar que o banho diario de uma marqueza de Vianna ou de um visconde de Almeida Garrett custavam annualmente, só em agua, cerca de setenta mil réis, culculo de que resultou uma melhor apreciação dos confortos e das commo didades da vida contemporanea.

Passados dias, a agua jorrou de novo dos contadores. As bicas de bronze dos chafarizes de El-Rei e do Carmo continuaram desperdiçando a sua fonte perenne, canalisada pelo mais prodigo dos reis em alterosos viaductos de mar-

more. O gallego pousou outra vez o caneco, encostou-se novamente ás esquinas.

Com a mesma resignada philosophia com que substituiu o Alviella, Lisboa substituiu o theatro. Sem um protesto, Lisboa assistiu á partida dos seus actores predilectos, das suas actrizes favoritas. E, quando o ultimo theatro fechou, quando a ultima companhia se dissolveu, resignadamente Lisboa foi passar as noutes para a feira do Campo Grande. Os bailados *flamencos* de uma hespanhola substituiram vantajosamente as attitudes classicas de Brazão. O publico do D. Amelia vai passar as noutes ao *Moulin-Rouge*. Os espectadores do Colyseu invadiram os animatographos. Emquanto Angela Pinto representa o *Hamlet*, em *travesti*, no Rio de Janeiro, Lisboa applaude o *grand écarté* da Mariucha, n'um barracão do Campo Grande.

Quando se suppunha Lisboa condemnada a passear durante tres mezes na Avenida ás escuras, Lisboa improvisa um passatempo. Fecham-se cinco theatros entre o Rocio e S. Roque? Abrem-se logo cinco theatros no Campo Grande. De uma feira ignobil, illuminada a azeite infecto, Lisboa faz uma feira decente, illuminada a electricidade!

E quem póde prevêr até que ponto esta transformação inesperada influirá nos habitos e nas predilecções do lisboeta? As ferias dos theatros, durante os mezes de verão, a princi-

pio parciaes e agora absolutas, obrigaram Lisboa a procurar n'um genero diverso de espectaculos o seu divertimento.

O lisboeta, habitando na sua grande maioria uma casa sem conforto, onde os prazeres da vida domestica são quasi impraticaveis, procurou sempre no theatro as distracções que lhe faltavam no lar. As condições precarias em que vegetam no Porto as emprezas theatraes provéem de que no Porto se pratíca ainda a vida de familia e o lar conserva todo o seu prestigio tradicional. A casa é a grande inimiga do theatro. Ora, na realidade, o lisboeta não tem casa. Tem uma habitação, tem um andar — lado direito ou lado esquerdo! — onde almoça, onde janta, onde dorme. Tem, em resumo, uma morada. Mas não tem casa. A casa repelle-o, não o attrahe. Um chôro de creança enche-a toda. No verão é um forno. No inverno é um poço. Desde pequeno, o lisboeta vai-se habituando a andar fóra de casa. No Porto, as criadas levam as creanças a brincar para o jardim. Em Lisboa, as creanças vão brincar para a Avenida, para S. Pedro de Alcantara, para a praça do Principe Real. Finalmente — e isto vale um tratado de sociologia e de moral, — a noute do anno em que os theatros mais dinheiro ganham em Lisboa é a noute do Natal. N'essa noute, os theatros do Porto estão vasios. N'essa noute, o Porto está

em casa. N'essa noute, Lisboa está nos cavallinhos.

Posto isto, que sufficientemente explica a existencia dos onze theatros da capital, é facil presumir o quanto deve affectar a vida de Lisboa o encerramento simultaneo de dez das suas onze casas de espectaculo. Até 1840, S. Carlos conservava-se aberto durante parte do verão. A côrte deslocava-se pouco. Não havia caminhos de ferro. As viagens faziam-se de sege, liteira ou malaposta. Eram dispendiosas, eram longas, eram incommodas. Só os doentes se aventuravam, com prescripção comminatoria do medico, a ir tomar banhos á Ericeira ou a ir tomar as aguas ao Gerez. Até que os caminhos de ferro viessem facilitar e apressar as communicações e crear o habito todo contemporaneo da viagem, o verão succedia ao inverno sem que os habitos de Lisboa se alterassem ou a sua população se depreciasse. Com as noutes quentes principiavam as festas nocturnas no Passeio Publico. Mas os theatros não fechavam, ou só fechavam alguns e esses por pouco tempo. É de ha vinte annos para cá que a deserção se accentua, attingindo no instante actual quasi o aspecto de um despovoamento. E foi então, diante d'esse exodo sempre crescente, que os theatros principiaram fechando as suas portas, como medida de previdencia, até ao completo esquecimento de que

ainda havia em Lisboa quinhentos mil lisboetas no mez de agosto.

A febre das *tournées* ao Brazil, que tantos emprezarios têm arruinado e tantos actores e actrizes nos tem arrebatado — agora ainda a desventurada Carolina Falco! — propagou-se das grandes ás pequenas companhias. Por uma linda noute de verão, o lisboeta encontrou-se de repente sem theatros. E foi n'essa hora de privações, que o lisboeta ouviu badalar as campainhas das barracas de feira, quebrando o grande silencio que se fizera nas orchestras dos theatros. O anno passado, as feiras de Belem e de Alcantara, onde a antiga *ecuyère* Maestrick montára um circo, tiveram uma concorrencia inesperada. Era um regresso aos bons tempos de prosperidade, quando a Lisboa da saia de balão e das calças côr de flôr de alecrim ia toda vêr os fantoches mechanicos, a collecção de féras e o *carroussel.* A noticia alastrou, entrou por Hespanha: a terra das grandes feiras e das companhias ambulantes. As actrizes de Lisboa teimavam em partir para o Brazil? Vieram então as bailarinas hespanholas para Lisboa.

Para substituir os theatros, que fechavam, abriram-se os theatros provisorios, construidos de folha de zinco.

Para substituir o cheiro nauseante do azeite, caracteristico de todas as barracas de feira,

esses emprezarios ambulantes não hesitaram em fazer installações de luz electrica.

Pelas esquinas, sobre os velhos cartazes do D. Maria, do D. Amelia, do Gymnasio, da Rua dos Condes, do Colyseu, da Trindade, appareceram os cartazes dos theatros do Campo Grande.

Foram lá primeiro as criadas de servir, os guardas municipaes e os operarios. Começou a correr que havia mulheres bonitas n'um café-concerto, ao ar livre. Os homens arriscaram-se a ir espreitar. Dentro de quinze dias toda Lisboa ia vêr dansar a Mariucha. Nas plateias d'esses theatros improvisados começaram a apparecer chapéus de senhora.

Vieram então mais bailarinas de Hespanha, mais cançonetistas de França. O espectaculo no genero das *Folies-Bergères* e do *Moulin-Rouge*, de que Paris e Madrid vivem todo o verão, creou uma voga rapidissima. O lisboeta comprehendeu que, por um preço modico, podia ter um espectaculo divertido, que não lhe exigia o supplicio de permanecer uma noute inteira n'uma sala suffocante de theatro, na incommoda immobilidade de uma cadeira ou na cella sombria de um camarote. O lisboeta tinha descoberto o café-concerto, esse concorrente perigoso do theatro! *Ceci tuera cela.* Podem voltar pressurosamente os emprezarios. A crise do theatro, preparada pela sua imprevidencia, não tardará a declarar-se. Já na Avenida, sob

a *garage* Beauvalet, nos annexos do palacio Foz, funcciona com enorme concorrencia um *music-hall.* A toda a pressa, nos antigos e vastos salões de venda da Empreza Liquidadora da Avenida, um outro café-concerto se está já concluindo, com os luxos de quem tem assegurada, de antemão, uma victoria.

Dentro de dous mezes, onde eccoava a voz do leiloeiro, soará a vozita gaiata de uma franceza a cantar *couplets,* e onde o sr. Liborio expunha os seus moveis antigos um emprezario exhibirá lindas mulheres novas, dansando a *petenera* e o *can-can.* O *bric-à-brac* acabou. Vão principiar as *folies-bergères.*

Á mingua dos theatros, Lisboa fez uma conspiração contra os theatros. D'onde se vê que Lisboa não fica ociosa no verão.

2 de setembro

Não me consente a indole d'estas cartas, mais anecdoticas do que sentenciosas, uma intervenção — ainda que de caracter humoristico — na peleja em que andam empenhadas, para conquista do terrapleno da Alfandega, a direcção da Associação Commercial e a administração dos caminhos de ferro do Estado.

O snr. conselheiro Carvalho Pessoa, que accumula as funcções de presidente da direcção do festivo Grande Club de Lisboa com as de presidente da sisuda e omnipotente Associação Commercial, e que, tão depressa na calçada da Gloria organisa concertos como no Terreiro do Paço redige representações, póde reclamar para si a gloria — não vejo inconveniente em que se lhe chame assim — de haver exuberantemente provado com as festas de junho a incapacidade de Lisboa em organisar festas, e a de ter resuscitado, com a sua imperiosa opposição aos projectos de uma das mais doutas repartições do Estado, a questão esquecida da ponte sobre o Tejo, actualisando assim, sobre este thema sensacional, o prôblema, que urge resolver, de preparar Lisboa, sem mais demora, para os graves compromissos do futuro.

Lisboa — digamol-o nós, visto que ninguem parece animado a confessal-o, — podendo ser, pela sua situação esplendida, pela sua topographia pittoresca e pelo seu clima incomparavel, uma das mais bellas cidades do mundo — *Lisbon, the Fair!* como a baptisou um americano impressionavel, — é, com excepção da parte nova (praça dos Restauradores para o norte, até á avenida Ressano Garcia), e do delineamento magestoso da *urbis* pombalina, uma cidade indigna da sua categoria de capital e da sua pretensão orgulhosa de *Caes da Europa.*

Vedem a Lisboa o panorama grandioso do Tejo, velem no céu a luz que a doura e transfigura, e o que resta é uma cidade feia, ingreme, insalubre, com quinhentas ruas tortuosas, estreitas, canalisadas entre edificios irregulares e execraveis.

O seu recente desenvolvimento para o norte, se o notabilisam as largas e arejadas avenidas, o seu traçado geometrico e a sua nobre amplidão, não basta para lhe modificar o caracter accentuadamente anachronico e improgressivo, que lhe imprimiu o mau gosto dos habitantes, o desleixo da edilidade e a indifferença criminosa do Estado.

A Lisboa nova é uma Lisboa excentrica, especie de bairro de luxo, a que a viação electrica deu um accesso relativamente facil, mas que está condemnada a permanecer, com mais ou menos luxo de palacios, com mais ou menos arvoredos de jardins, uma cidade suburbana, sem vida propria.

A Lisboa commercial, a Lisboa maritima, a Lisboa do trabalho e do prazer, para onde conflue a vida agitada de quinhentas mil almas, principia na praça dos Restauradores, a que servem de adorno o palacio Foz e o Hotel Internacional, segue pelo largo de Camões, onde só a estação do Rocio e o theatro D. Maria põem uma nota de apparato, entra na praça de D. Pedro IV, a que não falta uma

certa grandiosidade — de agradecer exclusivamente ao genio e á soberba de Pombal — e espraia-se pelas tres grandes arterias pombalinas, que ligam o Rocio ao Terreiro do Paço, obliquando depois para o funil da rua do Arsenal até ao Aterro e do largo do Pelourinho até ao das Duas Igrejas e praça de Camões, com seu desaguadouro, pelo ingreme Chiado e confluencia das feias ruas do Carmo e do Almada.

É n'este recinto acanhado que estão os ministerios, os theatros, os tribunaes, os grandes estabelecimentos, as lojas da moda, os clubs do *high-life*, os Bancos, os jornaes, os cafés, os restaurantes... e a praça da Figueira! Exceptuando a meia duzia de construcções monumentaes já indicadas, apenas, n'esta reduzida cidade, com oito seculos de vida christã e outros tantos de civilisação arabe e romana, a velha *Felicitas Julia*, a séde de uma das côrtes outr'ora mais opulentas do christianismo, capital de um reino que conquistou a India e povoou o Brazil, o olhar do estrangeiro logrará destacar, de entre a uniforme frialdade e pobreza de edificios, a camara municipal, no Pelourinho, o Banco Lisboa e Açores, em construcção na rua do Ouro, e a fachada dos Armazens Grandella, prestes a concluir-se, na rua do Almada.

A edificação restante é ainda a mesma que

o marquez de Pombal fez construir depois do terremoto, uma edificação sem elegancia, destituida por completo de belleza, destinada a cobrir, no menor espaço de tempo possivel, a maior área de escombros e de ruinas.

Não havia tempo, em 1755, para desperdiçar em luxos architectonicos incompativeis com a brevidade imposta pela necessidade de fazer resurgir, como a Fenix das cinzas, a soberba capital destruida. Para disfarçar a nudez dos casarões impôz-se aos proprietarios a regularidade symetrica dos edificios, que viria a produzir visualmente o desejado conjuncto de grandeza.

E são ainda, seculo e meio andados, esses mesmos sólidos casarões antiestheticos e sombrios, que guarnecem toda a cidade pombalina, desde o Rocio ao Terreiro do Paço, desde a rua do Carmo ao Calhariz. Quando todas as capitaes da Europa se reconstruiram desde os alicerces nos ultimos quarenta annos, Lisboa é ainda a cidade anachronica do terremoto, onde o marquez de Pombal, resuscitado, encontraria facilmente o antigo caminho para o seu palacio da rua Formosa! E não se póde sequer levar á conta de um fetichismo tradicionalista ou de uma invencivel predilecção pelo pittoresco essa immobilidade constructiva, essa negação obstinada do espirito de reforma, pois que a unica grandeza da casa pombalina a mutilou e comprometteu o proprietario, substituindo por novos

andares as tristégas ou mansardas uniformes da edificação do Rocio, de onde o haverem-lhe immediatamente despido esse apparato historico de uma praça authentica do seculo XVIII, que era a sua unica belleza.

Pois, se em seculo e meio Lisboa construiu apenas, na categoria dos grandes edificios, a estação do Rocio, o Hotel Internacional, o theatro de D. Maria, a Camara Municipal, a Escóla Medica, os Armazens Grandella e o Banco Lisboa e Açores, não terá a capital provado em demasia a sua inercia, a sua falta de alvoroços progressivos, a sua mesquinhez e a sua pobreza, a sua indifferença e a sua indolencia? E é esta a cidade a quem, estando geographicamente reservados os mais esplendidos destinos commerciaes, meia duzia de idealistas querem sem demora entregar o sceptro de rainha do Atlantico? Ao menos, antes da ceremonia da coroação, procure-se lavar essa princeza decrepitada das suas maculas maiores e escondam-lhe os farrapos sob as prégas do manto.

Uma Lisboa que tem uma taberna na Avenida da Liberdade, um mercado indigno de um logarejo de Africa em pleno Aterro, no seu caes orgulhoso; a Lisboa da estação do Caes do Sodré, junto da qual a mais modesta estação da linha da Povoa é um monumento; a Lisboa medieval da Mouraria e de Alfama, a Lis-

boa napolitana dos embandeiramentos de roupa branca a seccar ao sol, a Lisboa dos gatos vadios e dos fadistas, tem que implorar da Providencia um novo terremoto ou acordar definitivamente da sua dormencia de seculo e meio para que lancem ancora no Tejo as almejadas frotas da sua opulencia.

Urge que se trace um plano definitivo da Lisboa central e maritima, como se traçou para a nova Lisboa a norte da Avenida. Urge que se estudem e resolvam todos os complexos problemas, que n'um futuro proximo se hão-de impôr á municipalidade e ao Estado, para que lhes não difficultem a execução quaesquer intercorrentes circumstancias.

A imperiosa necessidade de elaborar de prompto o plano dos melhoramentos de Lisboa faz-se sentir todos os dias em conflictos imminentes entre os interesses transitorios e os caprichos obstinados dos homens de hoje e as exigencias sagradas do futuro. É assim que, se esse plano á hora presente existisse, não veriamos a direcção da Associação Commercial disputar á Administração dos Caminhos de Ferro do Estado a posse de um terreno em que uma quer fazer construir armazens alfandegarios e desembarcadouros fluctuantes, sacrificando, ao que parece, a avenida marginal do Tejo, e onde a outra pretende fundar a estação terminal de todo o transito das provincias do Alem-

tejo e do Algarve — porque de antemão se saberia, consultando esse plano que não existe, qual a sentença que n'este pleito o governo teria que lavrar.

9 de setembro

Quando, ha dous annos, n'uma d'estas cartas quasi familiares pelo estylo, a que desde o principio tivemos o proposito de despir todas as pretenções litterarias e eruditas, contentando-nos com o merito que ellas porventura possam um dia vir a ter de exprimirem os aspectos — quantas vezes transitorios! — da sociedade portugueza contemporanea, descreviamos o palacio de Santo Amaro, residencia secular da nobilissima familia Sabugosa, detivemo-nos no enlevado descriptivo da sala de jantar da esplendida casa, cujas paredes e tectos em aboboda um pintor de raro talento decorativo scenographicamente ornamentou com o simulacro de uma floresta por onde esvoaçam aves de plumagem colorida e cabriolam, de palmeira a palmeira, os saguís. E do enlêvo derivou naturalmente, pelo pendor que tem todo o homem de penna em generalisar impressões pessoaes e em dar a consistencia de doutrinas a simples presumpções litterarias, o devaneio da evocação

de uma época para caracterisar o estylo da sala surprehendente, sob a evidente influencia dos costumes e da natureza ultramarinos.

E sem receio de cahirmos em erro, attribuimos ao seculo XVIII a paternidade d'essa obra galante, original e preciosa, apresentando-a como um exemplar unico no genero.

A nossa surpreza foi grande quando, domingo passado, n'uma matinal visita ao Ramalhão, a snr.ª viscondessa de Valmôr nos fez entrar na antiga sala de jantar do palacio da rainha Carlota Joaquina e os nossos olhos admirados contemplaram a reproducção ou antes o modêlo da sala de jantar da casa de Santo Amaro. Mais uma vez verificamos quanto é difficil em arte formular opiniões e de quanto escrupulo tem de usar o escriptor antes de lançar a publico a mais insignificante interpretação de factos ou a mais logica versão de um acontecimento.

Conduzia-nos ao Ramalhão, em companhia do snr. D. Luiz de Castro — um dos mais fidalgos espiritos de artista que honram a politica portugueza — a curiosidade em verificar se com as descripções de Beckford condiziam a topographia e os panoramas do famoso palacio dos Arriagas e se a natureza trazia um argumento convincente á affirmativa de que, não em Monserrate, mas na quinta do Ramalhão, se devia localisar a morada do auctor da *Historia do Califa Veteck.*

Consultando o archivo da sua casa, na qual estivera encorporada até ao principio do seculo XIX a quinta de Monserrate, o snr. D. Luiz de Castro foi assaltado pela desconfiança de que a tradição vinha perpetuando um erro, ao transmittir como um facto incontroverso a lenda, consagrada por Byron, de haver o amigo de Pitt, o celebre William Beckford, alli vivido em 1787, no decurso da sua viagem memoravel a Portugal. Essa desconfiança, a principio vaga, fôra-se avolumando á medida que o seu espirito sagaz avançára na investigação do problema e se ampliára na comparação de textos e confronto de datas. O assumpto era de molde a captivar uma requintada intelligencia de artista e de erudito. Tratava-se, nada menos, de inutilisar uma lenda centenaria, intimamente ligada ao mais importante documento litterario que nos resta da vida portugueza do reinado de D. Maria I. Estavamos no segredo d'essa investigação benedictina e já quasi descriamos de que o snr. D. Luiz de Castro conseguisse apurar as suspeitas em convicções, quando da quinta principesca do Duche nos chegou uma tarde, com uma singella carta, de que um escriptor de profissão teria feito uma orgulhosa proclamação de triumpho, a monographia sobre Beckford, na qual, com os mais indiscutiveis argumentos, se pulverisava a lenda de Mon-

serrate. Lêmos e relêmos, embevecidos, a prosa scintillante, em que tão impressivamente se evocava a passagem de Beckford pela serra de Cintra, e accedemos jubilosos ao convite de uma visita ao Ramalhão, que a snr.ª viscondessa de Valmôr amabilissimamente nos franqueava.

Agora, depois do trabalho paciente do investigador, quando já nenhuma duvida nos ficára sobre a identificação do palacio dos Arriagas com os animados descriptivos das cartas de Beckford, a nossa surpreza era de que tivessem sido necessarios cem annos para definitivamente constatar a correspondencia exacta dos minimos detalhes entre a realidade subsistente e o memoravel texto, e que ainda nenhum leitor reflectido tivesse contraposto ás phantasias dos devaneadores litterarios, desde Byron a Vilhena Barbosa — para só fallar dos mais antigos, — estes simples periodos de uma das cartas de Beckford, datada de 9 de julho de 1787: «*Poucos minutos depois das dez apeavamo-nos no Ramalhão, uma villa, na encosta dos rochedos pyramidaes de Cintra, que o snr. Street Arriaga teve a amabilidade de me emprestar*», e este outro, datado de 19 de outubro do mesmo anno: «*cansado e exhausto, apenas cheguei ao Ramalhão atirei-me para cima do sophá...*»

Não é verdade que a descoberta do

snr. D. Luiz de Castro parece assim singularmente reduzir-se a ter sabido lêr attentamente o que os historiadores tinham lido com a mais censuravel distracção?

Mas não foi sobre estes dados, aliás peremptorios, que o illustre investigador levantou todo o sólido edificio da sua dialectica convincente, abonada por irrecusaveis documentos.

As referencias de Beckford ao Ramalhão eram apenas, na sua these magistral, um testemunho de facto depois de instaurado o processo. Quando ellas mesmo não existissem, nem por isso o edificio ameaçaria ruina, de tal maneira o raciocinio e a logica lhe davam estabilidade. A prova real d'essa laboriosa operação iamos nós tiral-a agora, com esta matinal visita ao antigo palacio dos Arriagas.

E nenhum de nós, ao atravessar o vasto terreiro senhorial, edificado pela rainha D. Carlota Joaquina, — e que deu uma amplidão de paço á primitiva *villa* de recreio dos Arriagas, — duvidava que fosse encontrar a plena justificação a uma these tão esplendida e solidamente urdida. Foi assim, como se de ha muito o conhecessemos, que entramos no salão do palacio: o mais vasto que ainda temos visto em Portugal. Dir-se-hia uma avenida. A sua extensão bastava para justificar os receios de Beckford — um inglez! — de alli sentir frio em pleno ardor do mez de julho.

Faltam hoje ao *salão asiatico* de Beckford os divans orientaes, as cortinas transparentes e os opulentos reposteiros, que aqui interceptavam a luz e alli a derramavam em claridade suave sobre os sophás e as esteiras, os grandes espelhos multiplicando a profusão dos cortinados e o mobiliario com que a ostentação pomposa do Cresus sybarita adornára a sua mansão de delicias. Mas n'aquella nudez de estuques, despidos de ornamentos, n'aquella vastidão fria, ainda hoje, sem nenhum esforço imaginativo, nos suppômos, como os convidados de Beckford, «*admittidos a espreitar um labyrintho de salões encantados.*» Como Beckford podiamos repetir: «*o aspecto do vasto salão, o seu ar de clausura e o seu silencio parecem restituir ao nosso espirito uma momentanea tranquillidade.*» Quando nos acercamos da varanda são ainda as proprias palavras de Beckford que admiravelmente descrevem o que os nossos olhos deslumbrados avistam: «*para além da copa das arvores da quinta uma grande extensão de terra, limitada pelas planicies do oceano e pelos nublados promontorios!*» Em baixo é o mesmo burbulhar de aguas vivas nos tanques, o mesmo capitoso aroma de flôres, o mesmo brando ciciar das folhagens, a mesma dansa das borboletas sobre os canteiros, a mesma orchestra de passaros no arvoredo! Cento e vinte annos não conseguiram transformar aquelle paraizo e quasi

cuidamos ir vêr surgir de repente, á entrada de uma das ruas do parque, ou o imponente Marialva, ou o alegre Verdeil ou o complacente Guildermester!

Mas a surpreza que me reservava o Ramalhão ia ser, d'ahi a instantes, quando a snr.ª viscondessa de Valmôr nos abria as portas pintadas da sala de jantar de D. Carlota Joaquina. A minha convicção de que a sala do palacio de Santo Amaro era exemplar unico do genero em Portugal, subitamente desapparecia. Alli a tinha reproduzida, com o seu arvoredo entrelaçado, onde a flora da America se misturava á flora da Europa, com as suas aves tropicaes esvoaçando por entre os freixos e as palmeiras, a sua architectonica disposição circular e o seu tecto em aboboda. Não sendo a sala do tempo de Beckford, que não deixaria de fazer-lhe minuciosa referencia, tendo ainda, a authenticar-lhe a éra e a procedencia, as tulipas de crystal das serpentinas, com as armas reaes pintadas entre grinaldas estylisadas de flôres, não ha receio de cahir em erro fixando-lhe a construcção na mesma data em que D. Carlota Joaquina, entrando na posse da quinta, a accrescentou com as importantes dependencias que ainda hoje lhe perpetuam a memoria nas iniciaes do seu nome pouco venerando, pintadas no tecto da capella e de algumas salas. Poder-se-hia objectar que na duvida de ser a sala pintada no fim do se-

culo XVIII — entre a retirada de Beckford para Inglaterra e a fuga da familia real para o Brazil, — ella bem póde ser contemporanea do regresso de D. Carlota Joaquina a Portugal e do seu exilio politico no Ramalhão, se o seu proprio estylo pretenciosamente rustico e as cascatas que lhe servem de ornamento no vão das janellas não bastassem para caracterisar, com o maximo rigor, a época immediatamente anterior á revolução franceza, antes da invasão do neoclassicismo.

Mas a conclusão teria pouco interesse e nenhum merecimento se assim a limitassemos. Não basta a coincidencia de serem iguaes na concepção as duas salas de jantar dos palacios do Ramalhão e de Santo Amaro para as poder attribuir á mesma época.

Ha ainda um facto, que inconsideradamente desprezei ao tratar da casa de Santo Amaro e que se relaciona talvez muito de perto com as duas formosissimas salas de jantar. É a existencia de uma terceira sala, a do pavilhão do palacio dos Marialvas, em Seteaes, desenhado por Pillement (1), «representando um caramanchel formado pelos ramos entrelaçados de phantas-

---

(1) *Carta XII de lord Beckford:* «...fomos para a *villa* do marquez — uma edificação recente, que lhe tem custado muitas mil libras esterlinas. Era, ha cinco annos, um monte agreste juncado de calhaus e fragmentos de rocha, mas

ticas arvores indianas, deixando entrevêr a trechos o azul estivo do céu. Da bôca de um dragão alado pende um magnifico lustre de cincoenta lumes, ornado de festões de crystaes lapidados, scintillando como fios de diamantes.»

A decoração é evidentemente a mesma e nem falta, para as confundir, na sala da princeza D. Carlota Joaquina, o mesmo dragão alado no remate da aboboda para suspender o lustre.

A conclusão a que chego — depois de haver erroneamente affirmado que a sala do palacio Sabugosa era um exemplar unico no paiz — é de que foi o mesmo pintor, entre os annos de 1786 e 1790, que decorou as tres salas: de Seteaes, de Santo Amaro e do Ramalhão. Tudo parece indical-o: o mesmo colorido, o mesmo desenho, a mesma intenção ornamental, a mesma interpretação do assumpto, a representação da mesma flora.

Não me levará a mal o meu amigo snr. D. Luiz de Castro de eu ter tambem feito uma descoberta — embora de importancia modesta — na nossa matinal visita ao Ramalhão!

---

hoje encontraes alli um vistoso pavilhão, desenhado por Pillement, e elegantemente decorado», etc.

É de notar que Beckford igualmente denominava pavilhão a sua vasta sala e por vezes, tomando a parte pelo todo, o seu palacio.

16 de setembro

«*A mais bella casa do universo é aquella em que a familia é mais unida e onde é mais permanente a paz domestica.*» Assim a define sir John Lubbock, par de Inglaterra, naturalista eminente e philosopho notavel, no seu livro *A Felicidade de Viver*, onde se encontram condensadas as mais sublimes e as mais fortes qualidades do caracter inglez, desde o seu candido optimismo, a sua *cheerfulness*, a sua austera moralidade, até ao seu bom senso incomparavel e ao seu inegualavel senso prático.

Poucas vezes essa sentença moralista do *baronnet* inglez, que eu quizera vêr inscripta á porta de todos os lares, desde os mais sumptuosos aos mais modestos, me acudiu com mais propriedade ao espirito, como por uma d'estas tardes luminosas e brandas de setembro, em uma varanda de Cascaes, voltada ao mar.

Oh! a linda varanda, com seu alpendre de passal minhoto erguido sobre as cinco columnas de pedra, a ramada a beijar o parapeito, as suas cadeiras de verga, pintadas de vermelho, com almofadas de chitas claras, o seu canapé monastico, a sua rêde preguiçosa, os seus *panneaux* de ingenuos azulejos, para os quaes

um pintor inculto trasladou tres encantadoras aguarellas de el-rei!

Edificada ao sul da cidadella, nas suas dependencias militares, tendo de um lado o pharolim de Santa Martha, que toda a noute crava no Oceano a sua pupilla vermelha, e do outro lado o recinto elegante do *Tiro aos Pombos*, quasi debruçada sobre o mar, que nas marés vivas de novembro lhe vem orvalhar de espuma o parapeito como a uma predilecta, sem outro horisonte que não seja a planicie ondulosa das aguas e a scenographia colorida dos poentes, essa varanda de alpendre teria dado assumpto á mais bella carta de Beckford, se elle a tivesse encontrado em Portugal nas suas visitas de etiqueta ou nas suas peregrinações incessantes de artista.

Mas Beckford veio a Cascaes n'uma tarde de outubro de 1787 — vão prefazer justamente cento e dezenove annos! — e a casa da linda varanda de alpendre pouco mais tem de doze annos: uma infancia, mesmo para uma casa de praia. N'ella teria encontrado o amigo dos Marialvas uma sociedade, que em vão procurou n'essa remota Lisboa do seculo XVIII. N'essa varanda teria tido occasião o philosopho de commentar systemas philosophicos, o litterato de *fazer* litteratura, o historiador de discursar sobre historia, o politico de dissertar sobre politica, o mundano de praticar a «scien-

cia subtil — maxima para o seu tempo! — de fallar gentilmente e espirituosamente», o cortezão de fazer a côrte a um monarcha! Porque, no curto espaço de doze ou quatorze annos, nas cadeiras de verga d'essa varanda de passal minhoto, tão surprehendentemente transportada para a paizagem mourisca do sul, se téem sentado com familiaridade os reis, os politicos, os diplomatas, os philosophos e os artistas.

Depois que da banda de lá da estrada principiou a elevar-se nos seus alicerces de rocha a scenographica architectura da casa do snr. Jorge O'Neill, logo da banda de cá a pequenina casa minhota, com as suas janellinhas de adufa, os seus poiaes para os craveiros, os seus telhados de quatro aguas, o seu escadoriosinho alpendrado, no resguardo dos seus muros baixos, foi progressivamente parecendo mais modesta, a ponto de totalmente lhe haver restituido aquella visinhança apparatosa a exacta e intencional *physionomia* de um quasi tugurio familiar, de uma mansão de repouso e de paz, de costas voltadas para a exhibição elegante da estrada — por onde nas tardes de outomno passa todo Cascaes mundano, — e confiadamente aberta ás solidões inquietas e murmurantes do mar, apenas frequentadas pelas azas cinzentas das gaivotas e pelas vélas açafroadas das catraias.

A principio, aquella casa modesta, que o

proprietario confessava, com orgulho, não lhe haver custado mais de quatro contos e quinhentos mil réis com a mobilia, pareceu irritantemente pretenciosa, na sua simplicidade rustica, aos edificadores megalomanos dos palacios de *papier maché* dos Estoris.

Quasi se discutiu se a uma personagem proeminente na côrte, um *dandy*, que dava leis na moda, secretario e amigo de el-rei, parente de toda a nobreza e socio do *Turff*, assistia o direito de edificar em Cascaes — no Cascaes do janotismo! — uma casa minhota, que faria quando muito as delicias de um conego da Sé de Braga. E depois, a casa até tinha um poço rustico e um pombal!

Para que um poço sem agua? Para que um pombal? Foi um escandalo, sabido que Cascaes só bebe agua de Cintra e só recónhece aos pombos uma utilidade: a de servirem de alvo nas carreiras de tiro.

E de tal sorte a casa de S. Bernardo — como depois foi solemnemente baptisada — tinha na sua simplicidade deliciosa um authentico caracter, em contraste com os *chalets* suissos e os castellos Renascença em que ao tempo se esgotava a imaginação dos architectos e o dinheiro dos *parvenus*, que um dia Antonio Ennes, tendo ido com Oliveira Martins a vêr as obras, pouco enthusiasmado com o aspecto geral da construcção confessára parecer-lhe absurdo aproveitar

uma feia casa velha, quando melhor seria e menos dispendioso edificar-lhe sobre as ruinas um formoso *chalet!*

Oliveira Martins, então morando em Cascaes, já enfermo, e cujo passeio quotidiano, consentido pelos medicos, era a visita *á obra*, ficou por um instante interdicto ao ouvir a opinião de Antonio Ennes. Aquella casa, que elle vira crescer desde os alicerces, a que fôra creando um apaixonado amor, que tanto evocava ás suas saudades da terra natalicia a habitação tradicional e classica do norte, aquella casa que elle quasi se habituára a considerar como sua, á força de a namorar, de a vigiar, de a percorrer, e que devia ser uma das derradeiras predilecções do seu grande espirito, prestes a apagar-se, era já para elle a mais bella casa, a mais bella obra que se estava construindo em Portugal! O desdem citadino de Antonio Ennes indignou-o. Pois pensava que de um velho pardieiro nascera aquella flôr? Não; tudo aquillo era novo, tudo aquillo era original, tudo aquillo era inédito; tudo aquillo iria assombrar Lisboa, quando concluido! E o auctor do *Portugal contemporaneo* calorosamente explicava ao auctor dos *Lazaristas* o paraizo que ia ser aquella gaiola de pinho e pedra, a que desdenhosamente chamava uma casa velha.

Quando, finalmente, o ultimo carpinteiro e o ultimo caiador abalaram com a ferramenta, o

proprietario e architecto da casa de S. Bernardo installou-se no seu *paraiso* e inaugurou-o com uma festa minhota, onde não faltaram o vinho verde, o pão de ló de Margaride, os descantes, um dia luminoso e propicio de sol e uma noute protectora e polvilhada de estrellas. Sem lhe comprometter o caracter original de uma casa aldeã, o talento do fidalgo minhoto que a habitava adornára-a com esse luxo incomparavel que é o bom gôsto, dando-lhe os confortos de um palacio compativeis com a intencional modestia de um refugio campestre. Dir-se-hia a casa de um principe no exilio, onde as cretones brilhavam como sêdas, onde os vidros scintillavam como crystaes. E toda aquella modestia alegre e franca rescendia uma tão venturosa paz e uma tão acalmadora suavidade, na sua abstinencia de pompas exhibicionistas, que os que faziam villegiaturas em casas tapetadas, com poltronas de damasco e reposteiros de velludo, não hesitariam em trocar os seus palacetes de *staff* por aquelle casinholo de quatro contos e quinhentos! Com os seus tectos de maceira, o seu rodapé de azulejo azul e branco, a sua mobilia franciscana, copiada do mobiliario monastico de Mafra, com as suas portas envidraçadas, de caixilhos miúdos, como os armarios joaninos, parecia, ao entrar na casa, que se entrava em Portugal!

Mais de doze annos passaram sobre essa

ceremonia festiva da inauguração. Todos os annos, aos primeiros calores de julho, as janellas d'essa morada de paz abrem-se aos aromas iodados do mar. Ás vezes, el-rei desce da cidadella, pelo passadiço que communica o seu paço real com a modesta casa minhota, e vem sentar-se á varanda alpendrada. Durante doze annos, por essa varanda aberta ao mar, passou tudo o que a nossa terra tem de illustre no sangue, na politica e nas artes.

E não é só o affecto que para alli conduz assiduamente os fidalgos, os ministros, os escriptores, os politicos e os artistas; mas, com o affecto, essa ancia de repouso, essa profunda aspiração de paz, que murmura no fundo de todos os corações agitados por uma vida de lucta e que alli encontram o lenitivo e o apaziguamento.

E assim esta casa — que o leitor já comprehendeu ser a do snr. conde de Arnoso, em Cascaes — é, de accordo com a definição de sir John Lubbock, uma das mais bellas casas do universo!

23 de setembro

A recepção enthusiastica com que a valorosa e soldadesca cidade de Chaves acolheu el-rei na sua recente visita, recepção que tanto sensibili-

sou S. M. e que tão eloquentemente provou o poder resistente da tradição aos abalos illusorios dos demolidores insoffridos, vem ainda uma vez relembrar aos dedicados amigos da realeza a pergunta secular, a que só o infante D. Miguel respondeu com a sua ephemera e forçada côrte de Braga:

—Porque não mantéem os reis portuguezes mais estreitas relações com as provincias do norte?

Quando na Extremadura, no Alemtejo e até no Algarve, el-rei é uma personagem quasi familiar ás populações, tantas são as vezes que elle visita as suas cidades e villas, quer como chefe supremo do exercito para assistir a exercicios militares, quer como lavrador para atravessar os vastos dominios da casa de Bragança e percorrer as suas herdades, quer como homem de sciencia, desembarcando do *yacht D. Amelia* no decurso de uma exploração oceanographica, quer como principe affeiçoado ás diversões viris do *sport;* quando para o alemtejano o monarcha é ainda, com perduravel prestigio, o poderoso senhor da casa de Villa Viçosa; quando em todo o paiz do sul o rei de Portugal é um conhecido—n'uma cidade como Chaves, com a sua heroica historia militar, e onde o primeiro duque de Bragança tem o seu tumulo, el-rei entrou ha dias pela primeira vez, surprehendido de encontrar n'uma população desconhecida,

para quem elle era quasi uma personagem lendaria, inaccessivel e sagrada, encerrada no seu grande palacio, dentro da sua grande capital, o enthusiasmo caloroso, espontaneo e unanime, que o seguiu através as estradas e o acompanhou através as velhas ruas.

N'um pequeno paiz como o nosso, que em menos de vinte horas se atravessa em caminho de ferro do extremo norte ao extremo sul, n'um paiz onde todos se conhecem, mal se comprehende o divorcio quasi absoluto dos soberanos de tres das mais populosas provincias do seu reino, provincias que, mais que nenhumas outras, téem a sua historia ligada intimamente á fundação da monarchia, provincias que guardam ainda, com as ruinas dos solares da primeira nobreza de Portugal, os restos abandonados das primeiras moradas senhoriaes da familia reinante, provincias que foram sempre o baluarte onde se quebraram as arremettidas das invasões inimigas, provincias que representam, sem desdouro para as suas irmãs mais novas, o morgadio territorial da nacionalidade portugueza, provincias onde se feriram as primeiras grandes batalhas em que esvoaçaram as bandeiras das quinas, provincias d'onde sahiu, como de mães augustas, a prole heroica dos conquistadores da Extremadura, do Alemtejo e dos Algarves.

Se as circumstancias varias de um destino,

que difficil seria ajuizar se de benefico ou nefasto, conduziram a côrte dos reis portuguezes para a foz esplendida do Tejo, transmudando em navegador um povo de agricultores, nunca como agora se impôz com tão imperiosa e motivada razão de Estado um reatamento de relações entre a realeza e o norte do paiz.

Até meados do seculo XIV, antes que a casa de Aviz tivesse reunido na corôa portugueza, com a gloria das aventuras maritimas, os dominios da India, da Africa e da America, os reis de Portugal andavam de continuo pelo seu reino, administrando justiça, dirigindo expedições militares, visitando as igrejas e abbadias. Todos elles, como senhores, magistrados e guerreiros, conheciam o seu territorio e o seu povo e com elle mantinham relações permanentes. D. João I, após Aljubarrota, jornadeia para Guimarães com as suas hostes, a cumprir um voto á Senhora da Oliveira, e no Porto, já depois de casado, tem o seu paço, onde a rainha dá á luz o infante D. Henrique.

É só depois, quando á faina rude da conquista do territorio e da expulsão do mouro succede a aventura ultramarina, e o povo de lavradores e guerreiros começa a sua pirataria heroica pelos mares da Asia, que definitivamente as provincias do norte deixam de intervir de uma maneira decisiva nos destinos da nação. Se nas aguas do Douro se tinha baptisado a

nação agricola nascida no castello de Guimarães, o Tejo ia chrismal-a em nação navegadora e para sempre os seus fados iam derivar da sorte duvidosa das esquadras, perdidas na immensidade dos oceanos, entre o infinito céu e o vasto mar.

Foi necessario que o seculo XIX nascesse com a sua tragica aurora de sangue para que, do esquecimento o norte resurgisse, manancial fecundo e inexgotavel das energias da raça, para amparar na decadencia a nação já prestes a succumbir. Na hora de perigo, quando os exercitos francezes se preparavam para conquistar o reino sem rei, contrastando com Lisboa, que se rende sem disparar um tiro, é necessaria uma hecatombe para dominar por alguns dias o Porto.

O norte vem então em soccorro do sul. As provincias repudiadas salvam as provincias palatinas, e D. João VI, regressando ao reino, não tem nas suas cocheiras da Ajuda uma seje ou liteira que o transporte ao Minho, ao Douro, a Traz-os-Montes, a essas provincias longinquas aonde D. João I ia a cavallo, depois de uma batalha, para cumprimento de um voto, e a cujo heroico valor o ultimo dos reis absolutos devia a manutenção do seu throno.

Mas o norte cumprira o seu dever e nem a ingratidão do seu rei o fez arrepender de o haver cumprido. E assim, quando o filho d'esse

rei ingrato debalde procura na patria um porto ou uma praia hospitaleira onde desembarcar com os seus generosos sonhos de visionario, é ainda o norte que acolhe D. Pedro IV e a Liberdade, é ainda o norte que dicta a lei ao sul, são ainda as provincias do norte, devastadas pela guerra, que salvam as provincias do sul, favoritas seculares do throno e da corôa.

Mais de setenta annos passaram depois que o duque de Bragança desembarcou na praia do Mindello e hoje ainda o norte continúa privado da presença do seu rei, que a côrte detém zelosamente em Lisboa...

Não será de uma grande opportunidade politica, quando el-rei acaba de verificar mais uma vez quanto lhe é fiel esse grande paiz esquecido pelos reis, relembrar o quanto seria justo que o soberano de Portugal todos os annos o honrasse com a sua presença, indo observar de perto a justiça das suas reclamações, a realidade dos seus infortunios, a grandeza do seu esforço, o prodigio laborioso da sua actividade e o motivo dos seus murmurios?

30 de setembro

Só em meados de setembro, quando já o sol demora menos no céu e o calor vai apazi-

guando para as branduras deliciosas do outomno, a Lisboa elegante se transfere definitivamente para Cascaes.

É lá que está a côrte. Ainda por vinte dias, Cintra fará *a chuva e o bom tempo* na elegancia, até que os primeiros nevoeiros comecem a enxotar das suas humidas encostas as melindrosas mulheres vestidas de *linon* e os janotas de calça branca. Ao jogo da malha, em Seteaes, succederá o jogo do *tennis* no Sporting-Club. Ao *pic-nic* succederá o baile. Ao retrahimento de classe em que vive a Cintra aristocratica, succederá a franqueza indulgente, a cordealidade despreconceituosa de Cascaes.

Porque Cintra — nunca será de mais accentual-o — conserva inalteravelmente o seu velho regimen de villegiatura da nobreza. Cintra é, com raras excepções, apanagio de uma casta. Alugar casa na villa de Cintra para passar o verão, é ficar a mil leguas de Cintra. Cascaes é um logradouro publico. O mar e a praia pertencem indifferentemente á côrte e á burguezia.

Mas Cintra é, hereditariamente, uma propriedade particular. A vida de Cintra é ainda uma vida senhorial, uma vida de quinta, ao abrigo dos muros heraldicos, enverdecidos de musgos, na sombra de arvores seculares, em solares antigos, com tradicções que véem desde D. João de Castro plantando e semeando os pinheiraes da Penha Verde, até Beckford de-

corando Monserrate, até D. Carlota Joaquina recolhendo ao exilio real do Ramalhão.

Em Cascaes nada resta que lembre o passado. Em Cintra, por toda a parte, á exuberancia da natureza corresponde a exuberancia da archeologia e da historia. O ambiente, em Cintra, é caracterisadamente aristocratico. Todas as dynastias alli deixaram vestigios da sua passagem na terra.

Onde melhor se póde ainda estudar a vida da nobreza lisboeta do seculo XVIII é em Cintra, onde se conservam de pé, entre as suas quintas, os palacios das principaes personagens da côrte de D. Maria I.

O terremoto de 1755 e tanto como elle o terremoto da civilisação contemporanea demoliram em Lisboa quasi tudo o que era casa senhorial e armoriada. Principiou-se por abrir ruas nos seus pretenciosos jardins á Le Nôtre, como aconteceu no Porto á casa de Rezende — exemplar notabilissimo de um solar urbano, de que felizmente resta no museu de S. Lazaro uma pintura fiel, ainda que ingenua, figurando o palacio com os seus jardins geometricos, — e acabou-se, por imperiosas exigencias do progresso, por demolir os nobres casarões estorvadores, quando os não transformaram em albergues de operarios, como aconteceu ao edificio senhorial dos condes de Redondo, hoje pertencente á senhora condessa de Arnoso.

Cintra escapou á demolição geral e em mais parte alguma, no paiz, se póde ainda vêr de pé, com seus muros authenticos, com parte das suas decorações primitivas, um paço real das primeiras dynastias. O palacio de Cintra é o unico sobrevivente de quantas moradas teve a realeza em sete seculos de predominio e de fausto. De entre o montão formidavel de escombros, que atulham esses sete seculos de historia, o paço de Cintra ergue ainda as duas chaminés dos seus fornos medievaes e conserva debruçados para a serra, toucada de ameias, os seus miradouros sarracenos. Com leves accrescentos vêmol-o hoje como o desenhou em 1507 Duarte de Armas. Habitado de lendas, cheio das tradições de um milenario, tendo visto no seu jardim de Lindaraya as favoritas dos walis banharem-se nas fontes de marmore, tendo ouvido o beijo galanteador de D. João I, tendo visto morrer D. Affonso V, tendo assistido ás recitas de Gil Vicente, ás dissertações da Sigeia, aos improvisos amorosos de Bernardim Ribeiro; tendo escutado, durante annos, os passos lentos de D. Affonso VI, gastando os ladrilhos do carecere, esse palacio, unico no mundo pela sua esplendida velhice, parece exercer ainda na villa de Cintra e por toda a serra a influencia poderosa da tradição.

Não a vêem os olhos do forasteiro, que por uma manhã de verão desembarca em Cintra e

depois dos passeios classicos pela estrada dos Pisões, á Pena, a Monserrate ou a Collares, sob o toldo hospitaleiro das ramarias, acompanhado pelo sussurro das fontes, perseguido pelo aroma dos jardins, leva a impressão inolvidavel de ter atravessado um paraizo, onde os anjos andassem vestidos pelos figurinos de Paris, montassem cavallos inglezes, jogassem o *tennis* e a malha e lêssem, recostados em cadeiras de verga, nas varandas dos *chalets*, os romances de Bourget.

O que é um palacio velho — ainda que deslumbrante de estylo, — o que são algumas casas fidalgas, com brazões de armas nos portões, n'aquelle agglomerado de arvoredos e de flôres, *cottages* e de *villas*? Não é todo aquelle conjuncto radioso um bem de todos, um bem de toda a gente? Demore-se o forasteiro em Cintra uma semana e verificará que só as estradas lhe pertencem n'esse paraizo tão enlevadamente cantado pelo grande Byron. Para o seu bucolismo: as estradas. Para a sua gulodice: as queijadas da Sapa. É tudo quanto Cintra tem para lhe dar. O resto é propriedade da côrte, da diplomacia e da alta finança. Cintra é uma casa particular, onde só entram as relações dos senhorios: uma casa que só se mostra quando os donos estão ausentes.

Mas essa grande familia mundana, que habita Cintra de julho a setembro, dando-se o luxo de um exclusivismo, que está longe de manter

d'ahi por diante em Cascaes, essa pequena sociedade elegante e formalista, que faz escóla de boas maneiras, não é, a bem dizer, uma nata fidalga, que se retrahe á convivencia do intruso com receio de desmerecer na sua nobreza inaccessivel. É que Cintra conservou-se, pela sua natureza topographica, uma villegiatura de proprietarios. Os seus hoteis dão apenas de almoçar aos lisboetas nos domingos e quasi só hospedam inglezes. Não ha uma praia, um parque, um casino, um club, que favoreça a reunião de elementos heterogeneos, que se combinem e misturem pela convivencia. As relações são de casa para casa. Para passar em Cintra, agradavelmente, tres mezes de verão, é necessario ter uma casa. E nem quem quer tem essa casa. Porque não é ter casa alugar um predio na villa, mobilado, por um trimestre. Ter casa em Cintra subentende ter uma quinta. E para possuir uma quinta é indispensavel compral-a ou herdal-a. Mas ter a quinta ainda não é tudo. Para se não morrer de solidão e de tédio n'essa quinta, é preciso dar jantares, dar *soirées*, dar *five-o'-clock* e organisar partidas semanaes de *bridge* e de *tennis*. E para que os jantares tenham commensaes, para que as *soirées* tenham concorrencia, para que as partidas de *bridge* tenham parceiros, é indispensavel dispôr de relações. Ora, em Cintra não se criam relações. Ás vezes rompem-se as antigas. Raro se adquirem novas.

O bilhete de visita é uma inutilidade em Cintra. Em Cintra as visitas abrem o portão, entram na quinta ou no jardim e gritam para a varanda:

— Ó Maria! Ó Jorge!

E logo Maria ou Jorge abre a janella, sahe á varanda, manda subir a visita, com a familiar simplicidade de quem se encontrou na vespera, á noute, no *raout* do snr. conde de Sabrosa, de manhã na estrada dos Pisões e voltará a encontrar-se d'ahi a horas no *rendez-vous* elegante de Seteaes ou na partida de *bridge* do snr. Carlos Moser.

E é este o maior encanto da vida de Cintra. A ausencia de casinos, de clubs, de theatros, obriga a um intenso exercicio d'essa arte delicada da vida, que é a sociabilidade. Por todas as quintas fidalgas vai, desde manhã á tarde, uma animação saudavel, uma animação á ingleza, com chás servidos debaixo das ramarias dos castanheiros centenarios, com o saltar das bolas de camurça nas *raquettes* do *tennis*. Só em Cintra a lisboeta de S. Carlos gasta as suas saias *troteuses;* só em Cintra — n'essa Cintra hermeticamente fechada aos intrusos — se pratíca essa vida de *sport*, de hygiene e de ar livre, que remoça as mulheres fatigadas por cem noutes de theatro e de baile, de recepções e jantares, e lhes restitue a frescura do rosto e a luz do olhar. Cintra não é apenas uma ville-

giatura elegante, a que a predilecção da rainha, educada á ingleza, mantém o prestigio mundano. Cintra é como que o saudavel e milagroso sanatorio onde annualmente a lisboeta vai retemperar os seus nervos, concertar o seu estomago, tonificar o seu sangue para a grande batalha elegante do inverno, para os *raids* extenuantes do *flirt*, da exhibição, da dansa e da *toilette*.

7 de outubro

Ha oito dias que os jornaes de maior circulação da capital publicavam este annuncio, tão inedito para a imprensa portugueza, onde elle quasi destoava, como uma transcripção do *Sans Gêne* ou do *Indiscret*:

Raparigas

«*São convidadas a apresentarem-se a madame Zambelli, no Grande Casino de Paris, Avenida da Liberdade, 28 a 48, hoje, ás 10 horas da manhã, as raparigas de 18 a 25 annos, formosas e de boa plastica, que queiram contratar-se para trabalhos scenicos no referido Casino.*»

Ora, eu não sei, ainda que seja do meu dever de chronista o averigual-o, se ao convite

de madame Zambelli responderam com a sua presença no Grande Casino de Paris muitas raparigas formosas e de boa plastica, nunca com mais de vinte e cinco annos — o que deixaria de ser conveniente! — e nunca com menos de dezoito — o que seria perigoso! — a solicitar contratos para trabalhos scenicos.

Ha pouco mais de um mez me apressei a dar a noticia de que o snr. Liborio, proprietario dos salões de venda de objectos antigos da Avenida, ultimava a transferencia das commodas Luiz XV, dos galantes leitos de espinheiro, dos bahús da Renascença, dos contadores hispano-arabes, das pinturas, das louças, das armas, dos crystaes, das miniaturas, dos *bibelots*, para installação mais em harmonia com o lucro do *bric-à-brac*, agora em plena crise, e deixava o campo livre ás piruetas das cançonetistas e ás malicias do café-concerto.

Quando o ultimo Sèvres sahiu dos vastos salões desertos, entraram sem demora os pedreiros, os carpinteiros, os estucadores, os pintores... e madame Zambelli. De *bric-à-braquista*, o snr. Liborio passa a emprezario. E quem tantos annos negociou em moveis antigos, com a mesma finura intelligente e o mesmo scepticismo sagaz, escriptura agora mulheres novas, com dezoito a vinte e cinco annos de limite de idade!

Ao snr. Liborio coube a honra insigne de

liquidar as mais célebres collecções de Arte que o bom gôsto dos homens de talento e de fortuna lograram reunir n'estes ultimos quarenta annos em Portugal, desde as collecções Zea Bermudes e Fernando Palha até ás collecções Foz e Arroyo. Pelas suas mãos passaram as maximas maravilhas ornamentaes da casa portugueza, verdadeiros thesouros sumptuarios, legados pelos seculos de poderio e grandeza a este seculo de utilitarismo e decadencia. O snr. Liborio viu passar pelas suas salas, decoradas pelo grande Raphael Bordallo, o recheio de cincoenta palacios e, mais como um director de museu do que como um negociante, recebeu a visita de reis e principes, de banqueiros e diplomatas, de excursionistas millionarios e de artistas illustres. Durante annos, á sua porta apearam-se das boleias dos *huit-ressorts* os mais correctos trintanarios para abrir a portinhola ás mais lindas mulheres. O seu *Salão de Vendas* era quasi um salão mundano. E tudo isso: esse luxo de relações, essa constante intimidade com obras bellas, a honra de ser o detentor quasi exclusivo das obras de arte que os Hamburger ainda não tinham transportado para França ou para a Hollanda, o prazer ineffavel de ouvir todos os dias os amadores eruditos dizer asneiras, toda essa celebridade, toda essa gloria, toda essa ventura a sacrifica o snr. Liborio aos lucros problematicos do Grande Casino de Paris.

Não é de agora a estreia do snr. Liborio como emprezario. E, sem fallar de varias emprezas theatraes a que esteve ligado, a elle se deveu a experiencia infeliz de um theatro infantil; uma boceta encantadora, que foi durante um anno a alegria dos bébés e que as mamãs alfacinhas deixaram morrer depressa á mingua de recursos. Era tambem na Avenida o theatro. Pequenino, porque para pequeninos espectadores o haviam preparado, decorado como uma caixa de *bonbons*, cheio de lampadas de luz electrica, esse theatro para anjos tinha, uma tarde em que lá levei minha filha, a tristeza de um jazigo! Se uma creança ria ou batia as palmas, logo o *schiu* severo da mamã ou o olhar reprehensivo da criada a emmudecia, n'uma compostura grave, n'uma quietação de supplicio. Nunca, depois d'essa tarde, lá voltei. Quando, mezes depois, fallando com o emprezario, lhe perguntava pelo theatro, Liborio encolheu os hombros.

—Fechado. Que quer? Em Lisboa não ha creanças. Um theatro infantil em Lisboa é uma empreza similhante á de uma casa de modas no deserto...

A phrase é só em parte verdadeira. Em Lisboa, de facto, ainda ha creanças. Mas para essas creanças, o theatro infantil da Avenida era demasiado ingenuo. Eu me explico. Toda a creança de Lisboa, com excepção das muito pobres e das muito ricas, principia a ir ao

theatro aos seis mezes. Aos seis annos, toda a creança alfacinha, digna d'este nome, viu representar o *Hamlet* pelo actor Brazão, viu cantar o *Boccacio* pela atriz Palmira Bastos, viu dansar o *cancan* a Mercedes Blasco ou cantar *La bonne chair* a Ciniria Polonio. Aos seis annos, a creança de Lisboa tem, em questão de theatros, uma opinião. E foi a essa espectadora exigente, já um pouco *blasée* da tragedia, da comedia, da revista, da magica e da opereta, que o snr. Liborio offerecera a *Gata Borralheira.*

Esta psychologia da creança lisboeta ainda mais uma vez a surprehendi hontem no Colyseu dos Recreios, a uma familia numerosa, que occupava um camarote visinho ao meu e para onde se fizera acompanhar de tres creanças.

Tinha a mais velha, de aspecto, uns sete annos: mas os sete annos reflexivos e experientes da creança alfacinha, já habituada a tresnoutar em camarotes de theatro, a ouvir lêr os jornaes e arrostar intrepidamente com os apertos em dias de procissão ou de visitas régias. Tinha a segunda cinco annos e uns grandes olhos azues, candidos e ternos, que lhe illuminavam a facesita anemica, de uma brancura de leite, a que os caracoes do cabello faziam uma moldura de ouro. A terceira era ainda um anjo a que tinham acabado de cortar as azas e, já não podendo voar, apenas se ensaiava para engatinhar. Ás dez horas da noute, a pequena dos olhos azues

dormia, o anjo mamava avidamente o seio da mãe e só a mais velha, debruçada no camarote, sem pestanejar de somno, continuava a applaudir intrepidamente os acrobatas, os *jongleurs*, os equilibristas, os funambulos e os palhaços.

Mas quasi ao bater da meia noute, a mãe sacudiu e acordou a adormecida. Chegára o numero sensacional do programma. *Mademoiselle* Marguerite ia entrar na jaula dos leões. A pequena esfregou os olhos, depressa esperta. Esse sussurro, que precede no theatro as grandes situações, espalhava-se no vasto circo, desde *promonoir* até á pista. Já trinta homens arrastavam sobre quelhas de madeira a enorme gaiola de ferro, onde as quatro feras, insensiveis ao ruido e ás luzes, dormitavam. Eram tres leões de Africa, com a juba aparada, como *canniches*, de uma melancholia de prisioneiros perpetuos, e uma leôa somnolenta e preguiçosa.

A jaula foi trazida para o meio da arena. Rompeu a musica na orchestra. Um dos leões ergueu-se, abriu as fauces n'um bocejo, rugiu de tédio e deitou-se outra vez com a monstruosa pata, de garras aparadas, pendente das grades de ferro.

O fartum das feras empestava a atmosphera pesada. E no profundo silencio de espectativa que se fizera em todo o circo, a domadora appareceu, com um vestido de rainha de tragedia, o collo nu, uma chibata na mão direita, a

que — pormenor terrivel — falta o dedo indicador.

Então, no camarote, a creança de ternos olhos azues, agita-se, sacode, n'um movimento airoso, a cabelleira de oiro, e diz, com um vivo fulgor no olhar:

— Mamã, se agora os leões comessem a mulher!?

A mãe sorri, enbevecida, revendo-se n'aquelles olhos azues e ternos de anjo, que dissimulam um coraçãosinho cruel, de uma dureza de esmeril.

— Dize, mamã, e se os leões comessem a mulher? — insiste a creança, afogueada, palpitante, seguindo com o olhar cada gesto da domadora, que entrava na jaula, de chibata erguida, e levantava as feras somnolentas com chibatadas sibilantes.

E como a mãe, arripiada de emoção, se calasse, a irmã mais velha, com um beicinho sceptico, responde:

— Não comem, não, Lolotte. Já são feitos para aquillo. São leões a fingir. Não prestam para nada!

Era a estas creanças que o snr. Liborio pretendia divertir com a *Gata Borralheira*, no seu lindo theatro infantil, pequenino como uma boceta de *bonbons*. Por isso, o theatro acabou.

É de crêr que não aconteça o mesmo ao Grande Casino de Paris. Madame Zambelli sabe

do seu officio. Com raparigas de dezoito a vinte e cinco annos, formosas e de boa plastica, não ha prosperidade que não bafeje um Casino, em Lisboa.

15 de outubro

Chegam os primeiros frios: nascem as modas novas. Está a findar o reinado da saia *trotteuse*. Vai começar o reinado da saia de cauda. Ainda por uns quinze dias, na luz já fria d'estes dias maravilhosos de outomno, cujos poentes accendem nos céus as mais deslumbrantes apotheoses de magica, a população elegante dos Estoris e de Cascaes mantém intrepidamente o chapéu Panamá, a calça de flanella branca e o *canotier* de palha guarnecido a pennas de gaivota.

Por todas as praias da *enseada azul* — como a baptisou um chronista *atitré* das elegancias, — uma sociedade pretenciosa e garrula parece desafiar o inverno com os seus guarda-soes claros de verão. E emquanto a rainha sahir para o mar no seu *yacht Maris Stella*, de brancas vélas enfunadas; emquanto el-rei, todas as manhãs, der o seu passeio a cavallo pelos Estoris, com um cravo vermelho na botoeira e um sorriso de bonhomia na bôca tão vermelha

como o seu cravo — um madrigal! — não terá soado no carrilhão da Moda a hora de principiar a comedia movimentada do inverno *smart.*

Mas, se para a ociosidade magnifica da côrte, da diplomacia e da finança o outomno reserva ainda dias de uma serenidade primaveril em frente ao azul cobalto e explendente do mar, para os que a cidade encarcera com sentenças perpetuas de trabalho o inverno já officialmente principiou. Não o inverno dos elementos, o inverno das chuvas, das ventanias e das lamas, mas o inverno das modas. Com os primeiros arrepios matinaes apparecem os primeiros velludos. O tempo está uma primavera; o calendario marca outomno; mas as montras das lojas corrigem a Natureza. Nas *vitrines* do Chiado é já inverno. Nos chapéus, como nos jardins, a flôr morre. A pluma impera, enche as montras das modistas com a antiga sumptuosidade dos feltros da Renascença ou com a graça airosa, toda Watteau e Greuse, das *aigrettes.* E, quando ainda as folhas das arvores não começaram a tapetar os mosaicos da Avenida, já nas *vitrines* das lojas as pelles de raposa e de marta tentam as mulheres com as promessas das suas voluptuosas e mornas caricias.

Todos os dias, de Paris e de Londres, pelos vapores de Southampton e do Havre e pelo *Sud-express,* os chapéus de Virot e de Puyanne, os velludos e as sêdas chegam a Lisboa com a

inauguração do cambio ao par, para enfeitar a lisboeta e arruinar os maridos.

E sob esta periodica maré salutar de elegancia franceza, sob esta invasão annual da moda, do gôsto e da arte da França, Lisboa acorda da sua somnolencia... para se vestir. A influencia do vestuario sobre a civilisação de um pequeno paiz retrogrado e sequestrado mais ou menos do mundo como Portugal, é por tal maneira um facto evidente, que me surprehende o constatar que ainda não tivesse havido um politico, um economista ou um homem de lettras que reivindicasse para a moda as honras de um factor progressivo importantissimo.

É á Moda, essa nova musa de uma arte creada pelas civilisações modernas, que Portugal mais deve o ter-se approximado da Europa central — a maravilhosa officina do progresso humano.

Atraz dos novos modêlos de chapéus e de vestidos, todos os annos uma multidão de homens e mulheres, commerciantes e modistas, sóbem para os comboios, viajam dous mil kilometros e durante duas ou tres semanas misturam-se e baralham-se no torvelinho dos grandes povos. E o que elles trazem para Portugal não são apenas os chapéus *à chasseur d'Italie* e *à Niniche* — a grande moda! — e os modêlos de um novo espartilho, lançado por um novo medico hygienista com o concurso de

uma modista da *rue de la Paix*, mas principalmente as impressões novas, as noções novas, as ideias novas provocadas pela imagem de uma vida em pleno paroxismo de ininterrupta evolução progressiva.

Todos esses excursionistas do negocio regressam a Portugal contagiados pela febre excitante dos melhoramentos e das reformas. Como a sua esphera de acção se restringe á loja, eil-os a ampliar, a embellezar o estabelecimento — beneficios que recahem quasi sempre em propriedade alheia, — e não tanto para attrahir novos clientes, como principalmente para obedecer a essa voz de incentivo que n'elles acordou diante das *étalages* sumptuosas dos estabelecimentos de Paris.

Póde sem receio affirmar-se que em todos os ramos da actividade, aquelle em que mais ousadamente se revela, entre nós, o espirito progressivo, é no commercio da Moda.

É a moda que nos traz, com mais pontualidade e solicitude, um pouco — e porque não muito? — da atmosphera espiritual em que se move a vida estrangeira. Os livreiros e as modistas, os intermediarios da casa Hachette e da casa Paquin, são os mais laboriosos e infatigaveis agentes da civilisação contemporanea no nosso paiz. É nas suas lojas e nos seus *ateliers* que o portuguez e a portugueza, quer folheando o ultimo livro de Anatole France, quer esco-

lhendo um chapéu, se encontram em contacto com os *aspectos* intellectuaes, intimos, e com os *aspectos* decorativos, exteriores, do mundo moderno. Póde a administração publica, todo o organismo politico, toda a doutrina scientifica estar atrazada meio seculo. Com o romance e com a moda estamos sempre em dia. As psychologias de Bourget e os modêlos de Rouff chegam-nos por todos os correios; dão-se mesmo o dispendioso luxo de vir no *Sud-express*, como o snr. conde de Burnay. E, se compararmos, sem quaesquer affectações litterarias, o valor artistico, representado em phantasia, em surprehendentes combinações de novidade, em engenhosa elegancia de estylo, da obra de Lotti, de Bourget, de Paul Adam, de Maurice Donnay, de Lavedan e de Hervieu com a obra de Jacques Doucet, de Jean Worth, de Redfern, de Paquin, de Caroline Reboux e de Dœuillet, averigua-se que a aristocracia da costura se não mostra inferior á aristocracia das lettras!

Mas tambem, que poderosos e esplendidos artistas, esses *costureiros*, principes absolutos da Moda, de quem são subditas obedientes todas as lindas mulheres dos cinco continentes, desde as actrizes de Paris ás gran-duquezas de S. Petersburgo, desde as millionarias de New-York ás elegantes de Buenos-Aires, desde as diplomatas de Tanger ás *misses* de Cape-Town, desde as consulezas de Hong-Kong ás bellezas pro-

fissionaes de Melburno! A um capricho de Doucet ou Paquin, a mulher vestiria ámanhã, sem hesitar, a monstruosa crinolina. D'elles depende discrecionariamente a belleza decorativa da parte mais linda do genero humano. Foram elles que crearam essa mulher *nouveau jeu*, toda graciosidade requinte e artificialismo, preparada para as exigencias da vida contemporanea, para o *sport* e para o *flirt*, para todas as excentricidades e todas as audacias, com quem o homem moderno joga o *tennis* e o *bridge*, discute arte e politica: essa mulher prodigio que, com o mesmo desembaraço e a mesma graciosidade, guia um automovel, monta a cavallo, faz as honras de um baile, falla nos *meetings*, atravessa o Mediterraneo n'um barco a gazolina, expõe no *Salon* e escreve romances. Esse concilio de homens, que vestem as rainhas e as actrizes, as millionarias e as diplomatas, merece bem as attenções do historiador. Ao sabor da sua phantasia, a Moda — que é o guarda-roupa da Historia — todos os dias se renova, incessantemente veste de aspectos novos a vida. Ás vezes, esses soberanos divertem-se em resuscitar, em pleno seculo XX, a esthetica da mulher do Primeiro Imperio, como o moço e já glorioso Dœuillet, de onde, n'um baile do Elyseu, no consulado do snr. Fallières, poderem vêr-se mulheres vestidas como as generalas da côrte de Napoleão. De outras vezes, é o costureiro

Beer, o fornecedor do almanach Gotha, o principe da moda da praça Vendôme, que se lembra de vestir a imperatriz da Russia *á Maria Antonietta*, fazendo assim o seu *pied-de-nez* á historia e permittindo-se a liberdade soberba de fazer pagar ás rainhas, por cinco mil francos, satyras inclementes... guarnecidas a rendas de Bruxellas.

Frequentemente os jornaes descrevem as moradas dos principes das lettras, as villegiaturas de Rostand ou de Sardou, as viagens de Bourget, as collecções dos Goncourt e de Loti, e ignora-se em Portugal o fausto em que vivem esses potentados da Moda, que téem cavallos de corridas como Paquin, que possum quadros de Latour como Doucet, que téem *yachts* como Redfern!

E entretanto, cada modêlo de Paquin tem mais *edições* que a *Sapho* de Daudet e muitas vezes um vestido tem mais influencia na vida de um homem que a philosophia de um Augusto Comte ou de um Herbert Spencer!...

23 de outubro

N'esta Lisboa vaidosa e exhibicionista, onde a propria miseria se adorna e dissimula com as apparencias falsas da prosperidade e da ventura,

um dos mais salutares exemplos, digno da apologia de um moralista, de quanto a modestia é uma *grandeza* humana, dá-o o snr. Ramalho Ortigão vivendo na sua mansarda da rua dos Caetanos, recebendo n'ella, ha vinte e cinco annos, toda a aristocracia do talento, e contemplando, glorioso e feliz, bondoso e alegre — e tudo elle mereceu de Deus e dos homens: a gloria, a felicidade, a bondade e a alegria, — da sua mansarda de escriptor, a opulencia de seu filho e a riqueza em que nasceram todos os seus netos.

Muito se tem escripto e dito do auctor eminente de *A Hollanda* e de *As Farpas*, do homem que hoje melhor representa em Portugal, com os seus setenta annos, a honra intellectual, em toda a sua nobreza, em toda a sua influencia benefica, em todo o seu prestigio emanente. O grande mestre do *humour* e do estylo, o artista consummado e o despretencioso erudito, que ha trinta annos mantém, sem uma violencia, sem uma inimisade, sem uma contestação, a supremacia litteraria de um consagrado, impõe a qualquer biographo, que um dia tente descrevel-o para a posteridade n'um estudo definitivo, uma das mais complexas tarefas de investigação social e litteraria, que a figura de um homem de lettras, porventura, até hoje tem no nosso paiz reclamado. A influencia da obra e da vida d'este homem de inexcedido talento e

de inexcediveis virtudes nas tres gerações de que elle foi o amigo e o amavel mentor, é quasi inverosimil de extensão e de importancia, a pontos de exigir, para a sua comprehensão nitida e integral, o estudo parallelo, minucioso e completo do meio em que essa prodigiosa e attrahente influencia se exerceu.

Ao subir hoje os tres lances de escadas conventuaes, onde o esmorecer da tarde mais adensava a penumbra, da casa já hoje célebre da calçada dos Caetanos, onde vive o auctor primorosissimo do *Culto da Arte em Portugal*, eu mentalmente formulava a sentida queixa de que até agora se não tenha dado começo a essa biographia — que nenhum homem de ámanhã poderá jámais realisar com a expressão exacta de verdade, que só um contemporaneo, dispondo de notaveis faculdades de historiador e de analysta, conseguiria laboriosamente attingir com escrupulosa consciencia. Lendo a sua obra, constatando a sua prodigiosa agitação de ideias novas, a obstinada e ardente aspiração educativa que, sem nunca cahir na banalidade didactica, a superiorisa e anima, póde ter-se a noção de um reformador amavel, captivado da Arte, da elegancia, da saude e da belleza, procurando, não sem vaidade algumas vezes, fazer n'um paiz enredado de convenções anachronicas e prejuizos ridiculos, immobilisado pela preguiça e estragado pelos dirigentes, a animada catechese

do progresso. Desde a phase critica das *Farpas* até ao admiravel e revoltoso protesto contra a profanação da Belleza, que é o *Culto da Arte em Portugal*, o biographo poderia acompanhar quasi sempre, através a obra do artista, o incomparavel talento do educador, deleitando-se na apologia enthusiastica do grande artista, que preferiu sempre, a ser um grande sabio, o ser o mais seductor dos divulgadores de sentimentos e de ideias, que illustraram o Portugal do seculo XIX.

O snr. Ramalho Ortigão nasceu quando ainda dominava a geração emprehendedora e reformista dos exilados. Os velhos da sua mocidade, na sua terra natal, tinham sido, quasi todos, emigrados. A revolução tivera isso de optimo: pozéra em contacto com as grandes civilisações do norte da Europa, e principalmente com a Inglaterra, os perseguidos da reacção absolutista.

A poderosa burguezia portuense — o snr. Ramalho Ortigão nasceu no Porto — trouxera da Inglaterra, para onde a tinham levado as irreprimiveis affeições pela liberdade, o culto do conforto, o prazer da viagem e a noção britannica do *home*. O contacto permanente com a numerosa classe ingleza do *Vinho do Porto* não fez senão desenvolver essas nascentes aptidões aprendidas nas ilhas da Gran-Bretanha pela burguezia liberal da emigração. Hoje ainda, a vida

portuense resente-se beneficamente da longinqua lição do exilio e do prolongado contacto com os socios da Feitoria Ingleza. O snr. Ramalho Ortigão é a excepcional resultante, como artista, da influencia incontestavel d'esse meio. Não podia o auctor de *A Hollanda* ser senão portuense, tão accentuadas apparecem na estructura intima do homem, quer moral, quer physicamente, as qualidades preponderantes d'essa burguezia liberal d'onde sahiram Passos Manoel para a politica e Garrett para a litteratura.

Nunca ninguem se lembrou de comparar o auctor das *Viagens na minha terra* ao auctor de *As Farpas*. E, entretanto, a similitude apparece-nos flagrante, descontadas as differenciações de épocas e as fataes determinantes dos acontecimentos. É, em ambos, o mesmo culto da fórma, a mesma capacidade de ironia, o mesmo vicio galante do preciosismo, o mesmo esmero pessoal, a mesma attracção pelo progresso, o mesmo enthusiasmo pela Natureza, alliado á mesma predilecção mundana pela sociabilidade. Em ambos, o amor carinhoso da patria não exclue, antes intimamente se allia, a essa exaltação do estrangeiro, tão caracteristica á obra dos dous portuenses gloriosos. E como esse caracter profundamente se harmonisa com o aspecto da cidade natalicia, com os seus vapores inglezes ancorados no Douro e os seus biblicos carros de bois encalhados na Ri-

beira! Rapidamente, ao contacto da civilisação e á influencia do cosmopolismo, Lisboa descaracterisou-se, emquanto que o Porto, soffrendo toda a influencia da emigração e tendo sido a grande forja d'onde sahiram as radicaes reformas politicas do paiz, manteve, inalteravel, o seu aspecto tradicional e pittoresco. A revolução passou na sua alma forte sem lhe desfigurar as feições.

Se o tempo para isso nos chegasse e fosse projecto nosso lançar aqui as bases para uma desenvolvida monographia sobre a vida portuense do seculo findo, tão necessaria á decifração do sentido historico d'estes cem annos da vida nacional, facil nos parece que deveria ser a tarefa de correlacionar, depois d'esse dispendio enorme e laboriosissimo de investigação e de exegese, o caracter e a obra do grande escriptor com o meio moral que o produziu.

Tendo vivido, desde ha quarenta annos, na intimidade da nossa maior aristocracia do talento e do sangue, tendo viajado toda a Europa, tendo misturado a sua vida á agitação de todas as grandes cidades, tendo estado em contacto com todos os grandes povos, tendo entrado em todos os museus, o snr. Ramalho Ortigão, funccionario do paço como bibliothecario da Ajuda, homem de sociedade, frequentador de salões como o seu conterraneo Garrett, *globe-trotter* enthusiasta e incorrigivel, para quem é supremo deleite o vêr, admirar e gozar a vida em toda

a plenitude complexa dos seus aspectos, tão apto para os prazeres intellectuaes e requintados da Arte, como para a comprehensão erudita da archeologia e da historia; para cuja capacidade emotiva tudo é pretexto de espiritual regozijo e que abundantemente, plethoricamente, hauriu do espectaculo da vida milhões de sensações variadissimas, — esse homem tão moderno e tão completo, tão esplendidamente juvenil na sua velhice gloriosa, ficou sendo, na sua subestructura moral, um bom burguez portuense.

O phenomeno apenas á primeira vista póde surprehender quem se não detenha um instante a examinal-o. Esse anceio de reforma, de *revolução*, tão saliente na obra do auctor de *As Farpas*, não é senão a deslocação, para a litteratura, d'essa mesma capacidade reformadora e d'essa mesma *vis* revolucionaria com que a burguezia do Porto decisivamente interveio nos destinos politicos da nação. Mas, se não bastasse este considerando para convencer os duvidosos e lhes parecesse inutil analysar em favor d'esta proposição o bom-senso inalteravel que domina e resplandece em toda a obra sadia do grande artista; se desvalioso lhes parecesse o constatar o quanto no seu fervorosissimo amor da Natureza, o escriptor ficou sendo, irreductivelmente, um provinciano — sem deixar de ser, superiorissimamente, um artista e um *gentleman* — res-

tava-lhes subir os tres andares da casa da calçada dos Caetanos e bater á cancella d'esse lar aconchegado, tranquillo e virtuoso, onde a Arte não comprometteu o arranjo methodico, nem dissimulou a modestia e os habitos singelos e as faceis exigencias do burguez á Renan e á Flaubert que o habita. De todas as viagens ha alli recordações innumeras, de todas as predilecções do artista ha alli vestigios abundantes. Os olhos prendem-se na contemplação de muitas cousas bellas. Mas esses proprios thesouros de Arte parecem desvalorisar-se perante aquella paz, mais preciosa que todos os thesouros, que emana do coração e da consciencia d'aquelle casal amoravel, que ha cincoenta annos se namorou nas grades do convento de Santa Clara!

2 de novembro

Chego agora de casa do snr. conselheiro João Arroyo: essa mesma casa tão conhecida dos leitores d'estas cartas, onde, faz justamente um anno por este tempo, a voz de um leiloeiro dispersou a melhor parte de uma das mais esplendidas collecções de Arte que as inclinações faustosas de um artista lográra reunir em annos de pesquizas e acquisições laboriosas. Mas, embora desguarnecido em parte do seu osten-

toso mobiliario, desde que, realisado o leilão, o snr. conselheiro João Arroyo lhe preferiu o conforto e a tranquillidade campestre da sua magnifica quinta do Casal, em Almoçageme, nunca como hoje o tristonho palacio da rua de Santo Antonio dos Capuchos me pareceu tão digno de fixar as attenções do historiador e do chronista. A morada luxuosa do antigo ministro dos negocios estrangeiros, onde, ha quatro annos, em *raouts* célebres na chronica mundana de Lisboa, se reunia, *en grand decolleté*, o corpo diplomatico, recebia hoje as visitas de alguns criticos de Arte, politicos, musicos e amigos familiares, chamados á audição da opera composta pelo orador eloquentissimo, cuja palavra imaginosa e vehemente tem, todas as vezes que se ergue na camara dos pares, um auditorio que faria a fortuna de um emprezario.

Não era esta a primeira vez que o snr. conselheiro João Arroyo fazia ouvir a alguns amigos predilectos e artistas affeiçoados a sua partitura. Já a critica musical, convidada a essas audições intimas, tentára elucidar o publico sobre a magistral obra de Arte, que o estadista eminente tivera tempo de compôr entre a agitação da sua vida de politico combativo, cioso de manter ao seu excepcional talento a hierarchia conquistada em uma das carreiras mais brilhantes da contemporanea politica portugueza. E justamente esse phenomeno de desdobramento intellectual,

surprehendente em toda a parte, e entre nós mais que em parte alguma, de um grande politico militante ser simultaneamente um artista prodigioso, continha incredulos, sem grande fé no successo do musico, todos aquelles que tinham pelo orador extraordinario a incondicional e enthusiastica admiração a que ninguem, até hoje, pôde subtrahir-se, depois de escutar a flaminea eloquencia, feita de éstos oratorios e de imaginosa exuberancia, onde as ironias de um Chamfort se misturam ás truculencias meridionaes e romanticas de um Hugo, onde o espirito de Sotto-Maior se veste com os primores de estylo de um Garrett, que é o d'esse artista da palavra, d'esse *compositor* magistral de discursos e d'esse *improvisador eloquente* de operas.

E entretanto, é agora, depois de ouvir, trespassado de emoção até ao mais profundo da minha sensibilidade, a partitura do *Amor de Perdição*, que eu claramente comprehendo — sem poder ainda reduzir a essa linguagem aphoristica tão indispensavel á propagação das ideias e das doutrinas, o meu raciocinio mental — todo esse apparente mysterio de uma supposta contradicção entre a fecunda phantasia do artista e a actividade dominadora do politico.

O snr. conselheiro João Arroyo é, fundamentalmente, por temperamento e por hereditariedade, um artista, na mais ampla e elevada significação da palavra. A sua capacidade mu-

sical constitue um dom de familia, herdado, mantido e sublimado pelo genio. Desde Coimbra que o grande compositor de agora se revelára perante toda a Academia um orador impetuoso e um musico de excepcionaes recursos de creação e de interpretação. Refere um seu contemporaneo que essa vocação de compositor tivera as precocidades particulares aos grandes talentos musicaes. Aos doze annos, o snr. João Arroyo compunha melodias, sonatas, *berceuses*, rondós, hymnos coraes e romanzas, e ao matricular-se, muito novo, na Universidade, escrevera já uma opera em dous actos, *La Fiancée de Abydos* e principiara o *Martim Vaz*. A esse estudante de direito, que organisára o Orpheon Academico, se devem as primeiras tentativas da divulgação de Wagner em Portugal. O seu enthusiasmo caloroso e suggestivo fizera o milagre de propagar aos companheiros esse culto fervoroso pela musica, em que, desde creança, predestinadamente se absorviam os seus balbuciantes delirios imaginativos.

Mas, um dia, atirada fóra a capa e a batina, o organisador do Orpheon Academico, o compositor do *Martim Vaz* entra na vida com a impetuosidade ambiciosa de um Lidador, decidido a vencer e esplendidamente preparado para o triumpho.

O artista desapparece então para o grande publico, definitivamente transfigurado no poli-

tico. E é uma surpreza geral no parlamento quando, pela primeira vez, ao deputado é concedida a palavra e a sua voz, maravilhoso instrumento musical, que a ideia e a phantasia sensibilisam nas mais subtis *nuances* de intenção, resôa, n'uma complexa symphonia de attica elegancia e de scintillante espirito! Essa surpreza, que ainda hoje se não desvaneceu, antes se renova de todas as vezes que o extraordinario orador se levanta para fallar, provém do caracter singular da sua eloquencia. A psychologia, de mãos dadas com a physiologia, explicou pormenorisadamente as condições d'onde resulta o phenomeno cerebral da eloquencia.

Não é eloquente quem quer. A eloquencia é a resultante de uma organisação mental e sensacional particularissima, e nada mais prodigiosamente diverso do que a elaboração de pensamentos e sentimentos escriptos da sua elaboração oral. A ideia nasce e multiplica-se no orador gerada pela palavra. É o som que a acorda e põe em marcha, em contraste com a ideia do escriptor, a quem são indispensaveis o recolhimento e o silencio para a sua fixação graphica. Numerosas observações téem demonstrado que a surdez compromette e não raras vezes abole e extingue o dom da eloquencia.

O orador é, physiologicamente, um auditivo, e intellectualmente um espontaneo. Tanto é

commum no escriptor — e Camillo é d'isso um exemplo notavel — a insensibilidade á musica, quanto ella é rara no pequeno ou no grande orador. O politico é maioria em S. Carlos.

Quasi todos os tenores, barytonos e baixos de S. Bento, os que mais estropiam a grammatica e o bom senso n'essa orgia oratoria para que annualmente os convida a Carta Constitucional, trocariam sem hesitar a leitura de uma pagina de Balzac pelo prazer vulgar de ouvir uma aria da *Traviata* n'um realejo.

Assim é que, extraordinariamente dotado por uma das mais perfeitas compleições auditivas que a natureza se tem aprazido em crear, dispondo de uma cultura litteraria excepcional para o seu meio, o snr. João Arroyo facilmente pôz a sua arte ao serviço do seu verbo e conseguiu encontrar um meio de exercitar o seu talento creador, substituindo a nota pela palavra. E é porque detraz do grande orador estava o grande artista, que os seus discursos tinham sobre o auditorio um poder de suggestão irreprimivel e de todas as vezes o deixavam surprehendido. A sua eloquencia continuamente se renovava, cada dia ostentava novos cambiantes, novas cadencias, novos rithmos, novas combinações de côr e fórma. A sua palavra era como uma orchestra que elle regia, orchestra de cujo reportorio infinito era ao mesmo tempo o compositor e o *maestro*.

E foi essa mesma eloquencia calorosa, essa mesma phantasia exuberante, essa mesma scintillação inexcedivel, esse mesmo poder de suggestão que eu hontem encontrei n'aquelle turbilhão de harmonias, que os dedos nervosos do compositor arrancavam ao grande *Erard* de cauda, diante de um pequeno auditorio commovido.

Seria difficil n'esta hora, em que nos meus tympanos parece ainda vibrar aquella sonora explosão de genio, decompôr em pensamentos nitidos as impressões que ainda confusamente me agitam. Absolutamente incompetente para avaliar e analysar, sob o ponto de vista musical, a obra de Arte impressionadora, que tão intensamente me suggeriu, em successivas imagens visuaes, o drama de amor e desesperança que pretendeu traduzir na sua divina linguagem de melodias, eu não me arrecearia de a considerar como um summo prodigio de sciencia e de technica, desde que tão penetrantemente, com seus arrebatamentos e doçuras, os seus trovões e os seus amavios, ella me sensibilisou e commoveu até ás lagrimas. Para que uma opera, tocada n'um piano, tendo por unico interprete o seu compositor, despida de toda a sua grandeza orchestral, de todo o seu apparato scenico, assim consiga impressionar um auditorio na maior parte constituido por incompetencias musicaes, forçosamente haveria de dispôr, como

o affirmava o *maestro* Codivilla, das grandes e magistraes qualidades de perfeição estructural, sem a qual a noção da belleza e o seu contagio e=motivo não existem.

Ignoro até que ponto os competentes para avaliarem o complexo organismo musical que é uma opera, podéram fruir mais do que eu os prazeres d'esta audição memoravel. D'esses, Antonio de Andrade, o grande tenor portuguez, a quem uma enfermidade atalhou uma carreira victoriosa, no momento em que principiavam para elle as honras triumphantes da consagração, dizia-me, com as lagrimas nos olhos, que a sua maior tristeza desde esse dia funesto era a de não poder participar, como interprete, da gloria que estava reservada, immortalmente, ao auctor do *Amor de Perdição.*

Pacini, friamente, como homem que está habituado a avaliar na Arte o seu negocio, sorria. Creio que era o unico que sorria. Mas os seus sorrisos valiam bem a nossa commoção irreprimivel. A surpreza do *maestro* Codivilla, que enlevadamente voltava as paginas á partitura, na estante do *Erard,* era de que um politico, um ministro, soubesse tanta musica!

Saber tanta musica! Como isso importa pouco á nossa ignorancia! Porventura foi essa sciencia consideravel que abrazou a alma vehemente do compositor n'essa creação prodigiosa? Ou antes, não foi o seu genio de inspirado,

mais do que a sua sciencia de *virtuose*, que encheu de beijos e soluços, de idyllios e rancores, de desesperos e devaneios, de fatalidade e de angustia esses tres actos do poema lyrico, desde o dueto de amor do primeiro acto até ao lancinante desfecho da tragedia amorosa? Mas não é só o inexcedivel talento do compositor que ha para admirar na sua obra magistral, mas o talento do dramaturgo, que soube prodigiosamente condensar em tres actos de maxima intensidade dramatica a acção integral do romance de Camillo. E com que impetuosa paixão, com que arrebatamento romanesco, com que vehemencia irresistivel, n'um grandioso crescendo de desesperação excitada e de amor ferido, se desenrola o drama! E como elle, o grande artista, nol-o soube evocar, arrancando-o palpitante das cordas do seu piano de concerto, fazendo surgir perante o nosso espirito os scenarios e as personagens, patenteando-nos as almas alanceadas dos amantes n'esse desenlace patetico para que o seu genio encontrou a phrase sublime, tenebrosa e suave ao mesmo tempo, phrase que é quasi um lamento humano, mixto de imprecação e de prece, suspiro de agonia e gemido de amor, phrase para que caminhava, desde o primeiro accorde, aquelle longo poema de harmonia!

D'aqui a quatro mezes — o *Amor de Perdição* cantar-se-ha em S. Carlos entre 16 e 28 de feve-

reiro — o publico conhecerá a opera do snr. conselheiro João Arroyo e podel-a-ha livremente apreciar. As suas até hoje invioladas bellezas orchestraes serão patenteadas. D'esse mundo sonoro de notas outro mundo de harmonias surgirá, com as vibrações dos violinos, dos violoncellos e das harpas, com o gemido das flautas, os concertos coraes, a alliança dos harpejos e das vozes. Mas o que o espectador não verá, n'essa noute de gala para o theatro lyrico portuguez, é o compositor ao piano, como eu acabo de vêr, presidindo a imaginarias orchestras, e n'uma transfiguração cujo poder só o genio confere aos eleitos, animar com a vida phenomenal da convicção e do enthusiasmo aquelles para mim indecifraveis cadernos de garatujas pretas, a que o *maestro* Codivilla, como um acolyto reverente, voltava as paginas na estante de ébano do *Erard!*

Todas estas chronicas foram sem alteração publicadas no *Commercio do Porto*, para o qual foram escriptas.

Nota dos Editores.